Expedição Centenária Roosevelt-Rondon - Parte I

HIRAM REIS E SILVA

A presente obra sobre a 7ª Fase do "*Projeto-Aventura Desafiando o Rio-Mar" – Expedição Centenária Roosevelt-Rondon – Parte I*, em três tomos, reverencia dois ícones da história da humanidade que gravaram para sempre seus nomes dentre os mais corajosos desbravadores de todos os tempos, ao sulcar as tumultuárias águas de um Rio inóspito, enfrentando a fome, os Saltos, as Cachoeiras, os Rápidos e toda a sorte de adversidades impostas pela densa floresta tropical e seus habitantes.

Dedicamos esta obra a um personagem quase desconhecido – o Sargento Manoel Vicente da Paixão –, do 5° Batalhão de Engenharia, um veterano que participou com destaque dos trabalhos da Comissão das Linhas Telegráficas, enfrentando as adversidades do Sertão no planalto dos Paresí. Como Cabo, foi nomeado, por Rondon, para comandar um Posto Militar instalado no Juína, local que serviria de ponto de apoio à Comissão de Rondon. Nesse Posto ele recebeu, em 1911, a visita de um grupo de índios Nhambiquara tendo o mérito de lhes conquistar a confiança e o prestígio.

Prefácio

Por Marc André Meyers

Quando cerrei a última página do livro de Candice Millard, "*The River of Doubt*", a cerca de dois anos, uma ideia me veio à mente: seguir as pegadas da Expedição Científica Roosevelt-Rondon, de 1913-1914, usando, tanto quanto possíveis, meios semelhantes de transporte. Esta ideia ressoou com velhos sonhos, que eu carregava dentro de mim desde 1969, quando participei do Projeto Rondon, nas profundezas da Amazônia, no Rio Purus. Mas a semente nasceu mesmo antes, com histórias fantásticas trazidas por turmas de pescadores que deixaram minha cidade de Monlevade e se aventuraram mais e mais para dentro da Bacia Amazônica. Poraquês elétricos, peixes com dentes gigantescos, piranhas sedentas de sangue. Então, me juntei a eles uma vez, em 1964, e passei 48 horas na carroceria de um caminhão Fenêmê [FNM], atravessando o planalto Brasileiro a 40 km/h, suportando o frio mais amargo de toda a minha vida quando, às três da madrugada, a friagem da noite juntava-se ao vento do caminhão aberto para nos torturar. Nós finalmente chegamos, depois de sermos salvos de um atoleiro nos pântanos perto do Rio, por seis juntas de bois. A pesca foi extremamente pobre, uma vez que atingimos o Rio Javaé, que estava quase seco, em vez do lendário Rio Araguaia.

Mas meu entusiasmo destemido e curiosidade continuaram ao olhar hipnotizado as figuras de um livro que tínhamos em nossa casa com o nome "*Tupari*" mostrando uma tribo em seu estado natural. O etnólogo alemão documentou a vida diária desta tribo e as fotografias ainda estão gravadas em minha mente.

Então, a ideia de que se apossou de mim foi a concretização de um sonho ao longo da vida. No entanto, há uma enorme distância entre o sonho e a realidade, e eu não sabia por onde começar. Minhas tentativas de despertar o interesse e a participação do Exército Brasileiro para reviver os acontecimentos importantes falharam.

No entanto, no turbilhão de uma atividade aleatória houve um evento fantástico, protagonizado por meu ex-aluno e colega Coronel Luís Henrique Leme Louro. Em uma mensagem eletrônica, ele relatou-me que tinha ouvido falar de um oficial brasileiro lendário que tinha percorrido mais de 11.000 km na Amazônia em um caiaque, sendo o primeiro a descer vários destes Rios. Minha esperança transformou-se em emoção quando o Coronel Hiram Reis e Silva respondeu seu e-mail e apoiou o projeto com entusiasmo. Eis as suas palavras, a 14.02.2014, dirigidas ao Cel Louro:

> Caro amigo estamos "*De Pé e à Ordem*".
>
> Este ano, em princípio tenho mais três Expedições a realizar:
>
> 1ª Travessia da Laguna dos Patos de Porto Alegre a Rio Grande pela Margem Oriental;
>
> 2ª Fechando minhas jornadas pelos amazônicos caudais (11.400 km) – 7ª Expedição: Santarém – Macapá – 01.08.2014;
>
> 3ª Circunavegação da Lagoa Mirim – 17.09.2014.
>
> Nada que não possa ser reagendado caso o Dr. Marc Meyers deseje que eu participe, com meu caiaque oceânico, de sua Expedição pelo Rio Roosevelt. Seria mais uma oportunidade de homenagear a figura humana que considero mais importante e carismática de toda nossa história.

> Envio uma cópia do meu livro Descendo o Rio Negro onde presto reverência especial a Rondon – meu Farol como desbravador. Agradeço sua deferência e coloco-me, como pesquisador do DECEx, inteiramente à disposição do Dr. Marc Meyers.

Tinha o Cel Hiram três importantes atividades programadas, mas, imediatamente, transformou em realidade a Expedição Centenária Roosevelt-Rondon. A partir deste momento as minhas esperanças foram fortalecendo-se.

Ele me guiou através do processo já que eu sou, em comparação a ele, um neófito em canoagem. Minha experiência mais longa é de remar 8 horas consecutivas. Uma infinidade de outros assuntos foram tratados e tratativas foram exploradas desde a seleção de equipamento até a estratégia da Expedição.

A descida não foi fácil. Na verdade, ela colocou desafios às vezes intransponíveis, mas o Cel Hiram, assim como seu predecessor Rondon, usou prudência sempre que necessário e ousadia quando não havia outra opção. Algumas vezes eu fiz uma pequena oração e, como os cavaleiros de outrora, entreguei minha alma ao "*Mais Alto*" antes de descer uma corredeira.

Com paciência, ele me salvou da água três vezes e devo-lhe, portanto, um agradecimento especial. Tivemos três vantagens sobre a Expedição Original de 1914:

1ª Época. Chegamos um pouco antes do início da temporada das chuvas, quando o Rio estava em seu nível mais baixo, enquanto que a Expedição de 1914, que desceu no período fevereiro-março, devido aos muitos atrasos provocados por Roosevelt. Enfrentaram um verdadeiro inferno provocado pelas águas revoltas e insetos.

2ª Embarcações. O Cel Hiram conhece muito bem os Rios da Amazônia e recomendou os caiaques oceânicos. Isto provou ser uma escolha sábia. Nós complementamos estes com uma canoa desmon-

tável feita de uma estrutura de alumínio coberta por lona. Apesar de mais lenta, com dois remadores foi mais rápida do que eu no meu caiaque. Esta canoa permitiu que levássemos nosso equipamento. Rondon tinha à sua disposição canoas pesadas, construídas pelos nativos, e algumas delas foram perdidas.

3ª Número de membros e equipamentos. A Expedição original tinha 22 membros, dos quais 14 se encarregaram da maior parte do remo, carregamento, e fainas do acampamento. Ela também tinha quase 300 caixas de equipamentos e suprimentos. Tivemos quatro pessoas e um mínimo de equipamento e material, cerca de 300 kg.

Descrevo aqui um dia típico. De madrugada, ele era o primeiro a despertar e, com disciplina espartana, saia à frente em sua missão de reconhecimento. Seus mapas meticulosos continham as informações essenciais para o nosso progresso e as rotas propostas para superar as cachoeiras e corredeiras.

O Coronel Hiram não é apenas um explorador talentoso, mas também um historiador, e este livro detalha não somente a nossa Expedição, mas compara-a com a Expedição Científica Roosevelt-Rondon. Procurou as fontes primárias importantes para definir o cenário e, desta forma, ele desempenhou o papel de Rondon.

Eu também tenho de reconhecer no Cel Angonese um oficial Brasileiro de grande coragem com vasta experiência na selva. O seu entusiasmo e energia indomável motivaram todos nós.

Representando os EUA, Jeffrey Lehmann documentou toda a Expedição e demonstrando uma grande resistência e capacidade de remar.

Esta descida do Rio Roosevelt não poderia ter ocorrido e, mais importante, teria falhado se o Cel Hiram não tivesse usado todo o seu conhecimento e energia para nos liderar.

Sua admiração por Rondon, que também era um Coronel na época da Expedição histórica e trágica, transpareceu nas diversas discussões em que me informou sobre a complexa interação entre a história e aventura que convergiram para a Expedição de 1913-1914 e para conquista subsequente desta região da Amazônia.

Esta foi uma aventura inesquecível, uma vez que representa não só uma experiência pessoal, mas também uma avaliação dos aspectos históricos, que são de grande importância.

O Coronel Hiram trata estes dois aspectos de uma forma admirável neste livro, e sinto-me honrado por ter sido escolhido para escrever o seu prefácio.

O Nadador
(Castro Alves)

Ei-lo que ao Rio arroja-se.
As vagas bipartiram-se;
Mas rijas contraíram-se
Por sobre o nadador...
Depois se entreabre lúgubre
Um círculo simbólico...
É o riso diabólico
Do pego zombador!

Mas não! Do abismo – indômito
Surge-me um rosto pálido,
Como o Netuno esquálido,
Que amaina a crina ao mar;
Fita o batel longínquo
Na sombra do crepúsculo...
Rasga com férreo músculo
O rio par a par,

Vagas! Curvai-vos tímidas!
Abri fileiras pávidas ([1])
Às mãos possantes, ávidas
Do nadador audaz! ...
Belo, de força olímpica
– Soltos cabelos úmidos –
Braços hercúleos, túmidos... ([2])
O rei dos vendavais!

Mas ai! Lá ruge próxima
A correnteza hórrida,
Como da zona tórrida
A boicininga ([3]) a urrar... [...]

---

[1] Pávidas: tímidas.
[2] Túmidos: grossos.
[3] Boicininga: cascavel.

Agradecimentos

A Vanessa, Danielle e João Paulo, meus filhos queridos que, mesmo diante de todas as dificuldades pelas quais estamos passando com o problema de saúde de minha esposa inválida e consequentes dificuldades financeiras, sempre me apoiaram e incentivaram;

Ao meus irmãos, Luiz Carlos Reis e Silva e Carlos Henrique Reis e Silva, amigos de todas as horas, o apoio irrestrito e oportuno à minha família;

Ao General-de-Exército Edson Leal Pujol – Comandante do Comando Militar do Sul (CMS) e ao Cel Eng Rogério Cetrim de Siqueira, meu chefe imediato, que sancionam nossas pesquisas em todo o território nacional.

Ao General-de-Exército José Luiz Dias Freitas – Comandante do Comando Militar do Oeste (CMO), ao Tenente-Coronel Inf Ricardo Kleber Lopes Coelho, Cmt do 2° B Fron, Cáceres, MT, ao Tenente-Coronel Inf Niller André de Campos, Cmt do 17° B Fron, Corumbá, MS, e a cada um de seus subalternos pelo apoio irrestrito e amigo ao nosso projeto.

Ao Dr. Marc Meyers, mentor intelectual da Expedição Centenária, e seu irmão Pedro Meyers patrocinador solitário e solidário de nossas jornadas.

Aos caros escudeiros e amigos da "*Calypso*" formada pelo Sargento Andrade, seu Comandante, seus escudeiros e piloteiros Elierd e Amazonas e o Masterchef "*bicudo*" pela sua atenção, competência profissional e dedicação.

A meu amigo, irmão e mestre Cristian *Mairesse* Cavalheiro meu primeiro e mais fiel colaborador que continua apoiando nossas jornadas;

Ao querido amigo e Ir∴ Coronel Leonardo Roberto Carvalho de *Araújo*, esteio fundamental na divulgação do Projeto e conselheiro, criterioso, nas minhas entrevistas e artigos;

Aos Professores *Sérgio* Pedrinho Minúscoli e Major R/1 *Eneida* Aparecida Mader, do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA), que realizaram uma criteriosa revisão deste livro.

À minha querida parceira *Rosângela* Maria de Vargas Schardosim, de Bagé, artífice do Blog "*desafiandooriomar.blogspot.com*", que incansavelmente contribuiu nas pesquisas, sugestões, divulgação de artigos relativos ao Projeto–aventura e a questões amazônicas em diversos periódicos nacionais, além de assessorar no planejamento e coordenação da captação de recursos;

E a todos os que, de uma forma ou de outra me apoiaram antes, durante ou mesmo depois da execução do empreendimento. Estejam certos de que vossa contribuição foi um patriótico investimento.

Mensagens

Coronel Gélio Augusto Barbosa Fregapani

Com tristeza reconheço que esta é a realidade. Sei que uma andorinha só não caracteriza o verão, mas agradeço a Deus por termos um oficial como Você, Coronel Hiram. Apesar de tudo, avante heroico navegador. Seu espírito indomável jamais se dobrará perante a mesquinhez. Talvez tudo isto seja ignorado, como era por mim até agora, mas os que tomarem conhecimento, oferecerão a Você, um herói, uma reconhecida continência, como o faço agora.

Coronel Manoel Soriano Neto

Caríssimo amigo e acendrado patriota Hiram!

Muitas palmas para o seu novo livro! Que o excepcional lavor de sua nova obra, de forte conteúdo cívico-patriótico, sirva de bom luzeiro àqueles que amam, de fato, a Terra em que nasceram! Quando eu tive o privilégio de escrever as abas de seu livro "*Desafiando o Rio-Mar – Descendo o Solimões*", afirmei e agora reitero: "*Tal como Orellana e Pedro Teixeira, no heroico pretérito, o Coronel Hiram, pela epopeia há pouco realizada [a singradura do Rio Solimões], acaba de consagrar, galhardamente, o seu ilustre nome em nossa historiografia, "ad perpetuam rei memoriam*".

As belezas e lições atemporais entesouradas em seu magnífico e mais recente escrito têm o condão de robustecer, de forma superlativa, o sentimento de brasilidade, o apreço à nossa Soberania e a relembrança de nossos avoengos lusitanos – "*De nada a brava gente se temia*" – mote que se adapta,

à perfeição, à saga por você empreendida, desta feita ao longo do Rio Roosevelt, prenhe de audácia e coragem...

Insista, persista e não desista, destemido argonauta de nossa Amazônia! E nos momentos de descrença, pois, desgraçadamente, eles vêm e nos atordoam, lhe transmito, para reflexão, um importante pensamento de autoria do notável escritor Jacob August Riis:

> Quando nada parece ajudar, eu vou e olho o cortador de pedras martelando sua rocha talvez cem vezes, sem que nenhuma só rachadura apareça. No entanto, na centésima primeira martelada, a pedra se abre em duas e eu sei que não foi aquela a que conseguiu isso, mas TODAS AS OUTRAS QUE VIERAM ANTES!

"***Ex toto corde***" ("*De todo o coração*"), o mais amigo dos abraços deste seu sempre admirador, Soriano.

Coronel Aguinaldo da Silva Ribeiro

Caro Coronel Hiram,

Tenho a absoluta certeza de que o senhor concluirá com êxito mais essa tarefa, em que pese todos os tipos de obstáculos. É oportuno destacar que a "*árvore da adversidade também dá fruto doce*", sendo assim, as remadas continuadas e vigorosas nos Rios amazônicos que o Comandante costuma executar, vencerão não só as marolas, mas também os pessimistas e a desconfianças dos descrentes.

Pessoalmente, pude acompanhar e saudar, nas águas do Tapajós, mais um dos seus feitos. Foi naquela oportunidade que engajei o "*Batalhão Rondon*".

A colaboração foi com o barco regional "*Piquiatuba*" e com os nossos valorosos homens dos Rios. Jovens caboclos que de maneira desinteressada cooperaram, seja com ou sem luminosidade, sob Sol ou chuva, com vento ou sem vento, o acompanharam até a sua chegada na Pérola do Tapajós.

Sua amizade com aquela tropa se consolidou e tenha certeza que há um respeito mútuo pela camaradagem, liderança, determinação, humildade, tenacidade, confiança, exemplo, entre outros atributos, que tive o privilégio de vivenciar e de ter como referência pessoal. Dessa forma, busquei retribuir ao meu Comandante de Pelotão um pouco dos ensinamentos e do apoio recebidos durante o período acadêmico.

Lembro também do caso que o senhor destacou e que resultou na sua punição. Até para os companheiros de turma esse fato é pouco comentado ou desconhecido. A forma como foi disparado, envolvendo um dos seus Cadetes, aquele que inclusive lhe fez acordar mais cedo, nas férias, para cuidar do carro dele e, creio que, com a filha no colo. Recordo, ainda, da sua chegada em Aquidauana, quando eu o encontrei preparando a casa para receber a sua família. O tempo passa, mas esse infortúnio parece não ser esquecido, nem relevado, tampouco desconsiderado, apesar de destacar que lhe trouxe coisas boas. Todavia, já que não se consegue apagar totalmente esses rastros do passado, é importante que as explicações e o relato dos fatos sejam do conhecimento de mais e mais almas.

"*Tâmo*" junto Comandante e torço por mais um sucesso e, como dizia o Marechal RONDON, "*Pra frente, custe o que custar*".

Boas remadas e fique com Deus. Seeeelva!!!

Coronel Luiz Carlos Carneiro de Paula

Hiram, bom dia

Mais uma vez, meus parabéns e o meu abraço. Lembre-se que "*uns querem e não podem, outros podem e não querem, nós, que queremos e podemos, agradecemos a Deus!*".

Carneiro

Coronel Flávio André Teixeira

Prezado Amigo e Ir∴ Hiram,

Inicialmente quero te parabenizar pelo êxito da Expedição Rondon. Não vi muita coisa ainda, mas o que vi, me deixou bem impressionado. Para variar o caminho percorrido não foi fácil, como sempre. As tuas aventuras realmente tem de ser "*aventuras*". Fico feliz que o Angonese foi teu parceiro, assim ficou mais fácil tua jornada e dividiu os obstáculos e infortúnios momentâneos. Aproveito e te questiono da nova jornada: Oriximiná – Macapá. Se já sabes quais são as tuas datas para esta nova aventura, pois, se não surgir nenhum contratempo, e você permitir, pretendo te acompanhar neste percurso final do "*Desafiando o Rio Amazonas II*". Fico no aguardo de teu retorno.

Meu fraternal abraço.

SELVA!!!

Flavio A. Teixeira∴

Sumário

Índice de Imagens

Índice de Poesias

A Noite

(Gonçalves Dias)

Eu amo a noite solitária e muda,
Quando no vasto céu fitando os olhos,
Além do escuro, que lhe tinge a face,
Alcanço deslumbrado
Milhões de sóis a divagar no espaço,
Como em salas de esplêndido banquete
Mil tochas aromáticas ardendo
Entre nuvens d'incenso!

Eu amo a noite taciturna e queda!
Amo a doce mudez que ela derrama,
E a fresca aragem pelas densas folhas
Do bosque murmurando:
Então, malgrado o véu que envolve a terra,
A vista, do que vela enxerga mundos,
E apesar do silêncio, o ouvido escuta
Notas de etéreas harpas.

Eu amo a noite taciturna e queda!
Então parece que da vida as fontes
Mais fáceis correm, mais sonoras soam,
Mais fundas se abrem;
Então parece que mais pura a brisa
Corre, – que então mais funda e leve a fonte
Mana, – e que os sons então mais doce e triste
Da música se espargem. [...]

A Saga de um Notável Desbravador

Meu Velho

(José e Piero – Versão Nazareno de Brito)

Eu o estudo desde longe
Porque somos diferentes
Ele cresceu com os tempos
Do respeito e dos mais crentes
Velho, meu querido velho
Agora caminha lento
Como perdoando o vento
Eu sou teu sangue meu velho
Teu silêncio e o teu tempo [...]

Desde a tenra idade tive um ser humano que foi meu Modelo, Mestre, Amigo, meu Norte e meu Farol para toda a vida – meu querido Pai Cassiano. Ele me ensinou tudo que sei. O amor à natureza, às coisas simples, a tratar a todos com o mesmo respeito, a não me apegar às coisas materiais. Eu o acompanhava, fascinado, pelas coxilhas, nas caçadas de perdizes, ouvindo suas histórias e aprendendo a identificar os bandos de aves quando estes ainda apontavam no longínquo horizonte, analisando sua formação, batida das asas e velocidade. Nas pescarias eu brincava alegremente nas margens dos açudes e aprendia a fazer "*esperas*" para traíras e a tarrafear lambaris para o espinhel. Fui criado a campo, sem limites a estorvar meus passos, com ele aprendi a valorizar os livros, que devorava empoleirado nos galhos mais altos das árvores. Meu querido velho tem-me acompanhado a cada remada pelos Amazônicos Caudais, Pantanal, Guaíba ou Lagunas Litorâneas, sinto sua presença nos meus momentos mais felizes ou de intensa dor, sinto sua mão a me amparar e a me estimular quando vacilo.

"*Viejo mi querido Viejo*", serás eternamente meu Herói, meu Mestre e meu melhor Amigo e, embora trilhemos hoje dimensões diversas sei que estarás sempre comigo me ensinando a amar e decifrar os mistérios do universo, da natureza e das gentes. Cada vez que ouço a música "*Meu Velho*" meus olhos marejam e sinto sua mão pousar carinhosamente no meu ombro. Seu exemplo de disciplina, amor ao trabalho, dignidade, honestidade, compaixão marcou-me eternamente e ainda hoje procuro imitar seus passos.

Outro Modelo que cultuo, como explorador, é o de Rondon um ícone tão magnífico que a história resolveu materializar sua grandeza emprestando seu nome a um estado brasileiro – Rondônia. Vejamos a sinopse de sua vida nesta reportagem de Ivan Lins:

Boletim Geográfico Volume XXIV, n° 187

Rio de Janeiro, RJ – Julho-agosto de 1965

A Obra de Rondon ([4])
(Ivan Lins)

Muito se fala em Rondon, mas poucos são os que, em nosso país, realmente conhecem o que foi a sua obra de desbravamento dos nossos sertões. Ao desvendar tão grande trato desconhecido de nossa pátria – escreve o professor Fernando de Azevedo:

---

4 Transcrito do Jornal do Commércio n° 176, de 1 e 2 de maio de 1965. (N.A. = Nota do Autor)

> de tal forma cuidou das investigações científicas que, no julgamento autorizado de Artur Neiva, seu nome, como propulsor das ciências naturais no Brasil dos tempos modernos, vem logo depois do de Osvaldo Cruz. ([5])

Se tivermos, de fato, em vista. – comenta ainda o professor Fernando de Azevedo:

> o que tanto em botânica [oito mil números colecionados, muitos pelo próprio Rondon], como em zoologia [seis mil exemplares] representam as sessenta e seis publicações da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, podemos concluir com Artur Neiva "*que nenhuma expedição científica brasileira concorreu com tão alto contingente para o ·desenvolvimento da história natural entre nós e nenhuma exaltou mais no estrangeiro o nome de nossa pátria*". ([6])

Desejando Rondon filiar-se à Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, abandonou, em 1892, de acordo com as bases da mesma Igreja, o lugar de professor substituto de Astronomia e repetidor de Mecânica Racional da Escola Militar do Rio de Janeiro, lugar para o qual fora nomeado por Benjamin Constant.

A exigência de não pertencerem os membros do Apostolado às Congregações oficiais de ensino muito estorvou entre nós a expansão do Positivismo, cujo campo de ação é exatamente o pedagógico e foi através dele que principalmente se difundiu entre nós. No caso, porém, de Rondon, foi essa proibição, inserta nas Bases do Apostolado Positivista, que o encaminhou para a carreira de sertanista.

---

[5] Vide Artur Neiva: "*Esboço histórico sobre a zoologia no Brasil*", apud Fernando de Azevedo: "*A Cultura Brasileira – Introdução ao estudo da cultura no Brasil*", pág. 235, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1943. (N.A.)

[6] Ibidem, pág. 236 (N.A.)

Conduzindo-o à glória, pode-se dizer que não é só "*Deus quem escreve certo por linhas tortas*", porquanto também o fez, a propósito do grande desbravador, a Igreja e Apostolado Positivista do Brasil. Ao desistir de ser professor de um estabelecimento oficial de ensino, foi Rondon levado, através do Serviço de Fronteiras e Linhas Telegráficas, a penetrar o nosso "*hinterland*" e a proteger os nossos indígenas.

Em fins de 1906, regressara ao Rio de Janeiro por haver terminado a construção da rede telegráfica alcançando as fronteiras com o Paraguai e a Bolívia. E, projetando, no ano seguinte, o Presidente Afonso Pena uma série de medidas tendentes a completar e assegurar a recente incorporação dos territórios do Acre, do Alto Purus e do Alto Juruá, foi a Rondon que confiou a construção da rede telegráfica destinada a ligar esses territórios e os do Amazonas à capital do país.

Tinha em vista o Presidente Afonso Pena [que foi, no dizer de Rondon, "*o precursor da Marcha para o Oeste*"] tornar possível exercer-se sobre esses territórios, com a regularidade exigida pelos interesses nacionais, a ação do Governo.

Ao aceitar o difícil encargo, por muitos tido como irrealizável, assentou Rondon, desde logo, com o Presidente da República, que a nova Comissão se encarregaria, não só da construção, mas ainda de todos os trabalhos que se prendessem ao completo conhecimento da região que se ia atravessar. Devia esta ser estudada quer sob os aspectos geográfico, botânico e mineralógico, quer quanto às características das populações indígenas que lá vivessem, as quais ficariam sob os cuidados da Comissão, no intuito de resguardá-las e evitar-lhes os flagelos e cruezas de que haviam sido vítimas os habitantes de

outras regiões por ocasião de empreendimentos análogos. ([7])

Estava Rondon acostumado em todas as suas expedições, a conduzir equipamentos científicos de que se servia para determinar coordenadas, colher dados geológicos, antropológicos e etnográficos, assumindo assim, em suas mãos, comissões de objetivo originariamente estratégico, o caráter de empreendimentos de larga envergadura científica, civilizadora e política.

Foi o que já havia revelado na incumbência que, em 1900, lhe confiara o então ministro da Guerra, Marechal Mallet, vale dizer, encerrar os principais pontos estratégicos dos confins do Brasil com o Paraguai e a Bolívia, nas malhas de uma rede telegráfica, cujos fios enfeixando-se em Cuiabá, permitissem ao Governo Central e à Nação comunicarem-se permanentemente com aquelas longínquas paragens, sobre elas exercendo ativa vigilância.

No desempenho dessa importante comissão em que construiu, de 1900 a 1906, uma rede de 1.746 quilômetros, servindo 17 estações, não se limitou Rondon a executar as obras indispensáveis à já de si dificultosíssima instalação dos serviços telegráficos.

---

[7] Vide "*Missão Rondon, Apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas sob a direção do Coronel de Engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon de 1907 a 1915*", publicados em artigos do Jornal do Commercio do Rio de Janeiro em 1915 [Tipografia do Jornal do Commercio, 1915, págs. 62 a 63].
Os artigos contidos na coletânea que vem de ser citada são da lavra do professor Luís Bueno Horta Barbosa, catedrático de matemática do Ginásio de Campinas, o qual, desejando filiar-se à Igreja Positivista, abandonou aquela cátedra para ingressar em 1911, no Serviço de Proteção aos índios, consolidando, em colaboração com Manuel Miranda, a pacificação dos Caingangues. (N.A.)

Desdobrando prodigiosa atividade, realizou enorme série de explorações tendentes a desvendar os segredos dos pantanais, executou estudos geográficos e fez a determinação precisa das coordenadas de pontos que poderiam servir de base a futuras operações geodésicas. Tornou-se, depois disso, a vastíssima região sul-mato-grossense uma das mais bem conhecidas de todo o território nacional, não só do ponto de vista cartográfico, mas também dos atinentes a população, riquezas naturais do solo, capacidade de produção, recursos atuais, vias de comunicação e outros elementos necessários para facilitar qualquer ação posterior do Governo. Dos dados que Rondon colheu, serviu-se vantajosamente o Barão Homem de Melo para o traçado do mapa de Mato Grosso em seu Atlas do Brasil. ([8])

E, assim, imprimiu, na observação do professor Luís Bueno Horta Barbosa, um sentido novo ao título de geógrafos, realçando-o com a sua figura humaníssima, porque, geógrafo dos mais eminentes, quando profundamente estudava uma região selvática, também o fazia pelo amor que consagrava às populações que a habitavam, e pelos meios de que assim ficava o Governo armado para melhor servi-las e beneficiá-las.

Com esse vastíssimo programa executou a obra grandiosa de que resultaram o descobrimento e início da assimilação de imensas regiões, inteiramente incultas e bravias, até então sem outro significado, no conjunto do território brasileiro, do que o de uma misteriosa incógnita geográfica, como as que só eram designadas, pelos antigos cartógrafos, através dos animais que nelas imaginavam existir:

---

[8] Vide "*Missão Rondon*", pág. 42. (N.A.)

> “*hic sunt leones; haec et psittacorum regio*”. ([9])

Só uma vontade superior, guiada pela máxima de César.

> “*Nil actum reputans si quid superesset agendum*”. ([10])

Seria capaz de levar a termo, em tão curto tempo, um empreendimento de tamanhas proporções como o da construção das linhas telegráficas do Amazonas e do Acre, por entre imensos tropeços. Eram estes suscitados, a cada instante, pela deficiência dos meios de transporte, pelas canseiras das viagens, pelos cuidados incessantemente empregados para não deixar perecer os animais e evitar o ataque de índios, ainda não pacificados, e do atroz impaludismo, que nessas regiões grassava como em nenhuma outra do Brasil. Havia ainda os embaraços imprevistos e imprevisíveis que surgiam, nos sertões mais do que alhures, ameaçando aniquilar, de uma hora para outra, os serviços mais bem planejados, e conduzidos, ora sob aguaceiros diluvianos, ora sob a inclemência de um Sol abrasador, com as noites mal dormidas, quase sempre ao relento. ([11])

Basta considerar quanto custa, na mata virgem, derrubar uma árvore a fim de transformá-la em poste, para avaliar o que foi a realização de Rondon. E que não representou de esforço o transporte, através dos sertões de Mato Grosso e das florestas do Amazonas e do Acre, do material imprescindível, pesando cada isolador de porcelana e o respectivo braço de ferro três quilos e cerca de quilo e meio cada segmento de cem metros de fio de ferro zincado?

---

[9] “*Aqui existem leões; esta é a região dos papagaios*”. (Hiram Reis)

[10] “*Não considerando nada por concluído, se existe, ainda, algo a ser feito*”. (Hiram Reis)

[11] Vide “*Missão Rondon*”, páginas 44, 219 e 220. (N.A.)

Ademais, na seção do Norte, na parte da linha tronco, que se estendia de Santo Antônio até à estação do Rio de Janeiro, e no ramal que, partindo também de Santo Antônio, ia subindo o Madeira e depois o Guaporé, até atingir o Guajará-Mirim, na fronteira boliviana, não pôde Rondon aproveitar os recursos da mata, porquanto a extração de postes exigia boiadas e a falta absoluta de campos e pastagens impedia mantê-las nas florestas amazônicas.

Nestas condições, era imprescindível recorrer aos postes de ferro, porquanto, divididos em três partes, podiam ser transportados por muares, para os quais havia, entretanto a necessidade de atentamente providenciar as forragens.

E assim, removendo obstáculo de toda ordem, plantou Rondon nada menos de três mil postes de ferro. Quem quer que conhece às dificuldades de transporte ainda hoje existentes em zonas relativamente prósperas do país, imagina facilmente o que foi a sua epopeia nos sertões mato-grossenses e nas florestas amazônicas, no começo do século, quando nem aviões, nem as comunicações hertzianas haviam ainda surgido.

Tão árduo era o empreendimento que mais de uma vez se disse haver sido conseguida a construção da linha telegráfica à custa de tantas vidas que a cada poste erguido correspondia um homem morto. Todavia, graças aos cuidados de Rondon e ao seu conhecimento dos sertões, as obras do ramal de Mato Grosso, efetuadas numa das zonas mais insalubres do território nacional, foram concluídas apenas com 15 baixas, das quais várias por moléstias como a varíola, a tuberculose e outras, contraídas, não nos sertões, mas já levadas das cidades e arraiais.

De 1915 e 1919, última fase de sua grande campanha sertanista, inaugurada com o descobrimento do Rio Juruena, consagrou Rondon seus esforços ao levantamento geográfico de pontos e regiões importantes de Mato Grosso, estudando o vale do Araguaia com travessia para o Xingu e o vale do Tapajós com transposição para o Sucunduri e Canuman. Completou então o levantamento dos vales do Madeira e do Paraguai, traçando o divisor das águas do Paraná com o Taquari e o Aquidauana. Fez também o levantamento das cabeceiras dos Rios Correntes, Itiquira, Garças, São Lourenço, Arinos e Teles Pires [antigo São Manuel], e delineou os divisores destes Rios e do Xingu com o Cuiabá e o Rio das Mortes.

Voltou ao setor compreendido entre o Ji-Paraná, o Guaporé e o Madeira para levantar o divisor do Machadinho com o Anari; deste com o Jaru; deste com o Urupá e seus respectivos cursos. Realizou ainda o levantamento das cabeceiras dos Rios Branco e Preto do Jamari; Preto do Ji-Paraná; Juruazinho; Jamari; Canaan, Pardo, Quatro Cachoeiras, Urupá, Cautário, Cautarinho, São Miguel, Ricardo Franco, assinalando, neste último trecho, o divisor do Ji-Paraná com o Guaporé.

Caracterizou, então, as diferentes serras desses divisores e a extremidade norte da cordilheira dos Parecis, determinando, por intersecção, a ponta oriental da Serra Pacaá-Novo, que define a grande garganta dos campos dos Urupás, nódulo geográfico relevante, do qual promanam águas que vão para o Ji-Paraná, Madeira e Guaporé. Mais para o sul, patenteou importantes contrafortes daquela cordilheira, aos quais denominou: Uopiane, Aleixo Garcia, Pires de Campos, Pascoal Moreira e Antunes Maciel regiões habitadas pelos índios Cabixis do Norte, Uômos Aruás, Purus-Borás e Macurapes.

Com esses estudos orográficos completou Rondon a descoberta de 1908 e 1909, da origem da Serra do Norte, onde nasceu os Rios Nhambiquaras, 12 de Outubro e Iquê, contribuintes do Camararé, e onde vivem os Nhambiquaras-anunzês.

De 1920 a 1922, finalmente, retificou os levantamentos realizados no divisor do Arinos e Paranatinga com o Cuiabá e explorou o Culuene, formador do Xingu.

Estudou a cabeceira principal do Paraguai e o varadouro que liga a estação telegráfica de Vilhena à foz do Cabixi, cujo levantamento realizou, estabelecendo a navegação deste Rio, através do qual começou a prover o alto sertão do Noroeste mato-grossense com víveres e mercadorias importados de Manaus e Guaporé.

Construiu ainda a linha telegráfica de Aquidauana a Ponta-Porã, passando por Campo Grande, Campos de Vacaria, Brilhante e Caiuás, com o desenvolvimento de 508 quilômetros de linha assentada, completando, assim, o estabelecimento de linhas telegráficas nas fronteiras de Mato Grosso.

Para aproveitar o imenso cabedal topográfico, astronômico e corográfico, acumulado desde o advento da primeira Comissão Telegráfica, instalou Rondon, no Rio, um escritório central com uma Seção de Cartografia e Desenho, cujos trabalhos, orientados pelo então Coronel Francisco Jaguaribe Gomes de Matos, se resumem com eloquência em numerosos e importantes mapas, além de diferentes cartas para ilustrar as monografias de Botânica, Zoologia, Geologia, Mineralogia e Etnografia dos cientistas que, em sua companhia, se encarregaram dessas pesquisas.

Entre os resultados econômicos de suas investigações, destacam-se a revelação das minas de sulfureto de ferro nas cabeceiras do Rio São Lourenço; o descobrimento das de ouro e diamantes nas cabeceiras do Cabixi e Corumbiara; de jazidas de mercúrio metálico na floresta do Rio Gi; de manganês nas origens do Rio Manuel Correia na serra Pires de Campos e no Vale do Rio Sacre; de gipsita nas cabeceiras do Cautário; de mica no Córrego do Campo, contribuinte do Pimenta Bueno; de ferro no vale do Baixo Garças.

Também verificou a existência abundante de ipeca cinzenta ([12]) no vale do Pimenta Bueno e margens do Ji-Paraná até Urupá, do Cautário e do São Miguel, muito ao norte da região onde essa rubiácea foi primeiramente conhecida e industrialmente explorada, na célebre Mata da Poaia do Alto Paraguai. Determinou, finalmente, as regiões em que a. "*Hevea*", a "*Bertholetia*", e a "*Castilloa*" vivem em grandes associações ao norte do paralelo de Diamantino, entre os Rios Araguaia e Guaporé.

Contavam os contemporâneos de Rondon na Escola Militar que ainda estudante, frequentemente ele se referia a um ideal alimentado desde tenra infância: o de retalhar o seu estado natal por uma rede telegráfica que lhe ligasse todos os povoados, ainda os mais longínquos, à capital.

A sua realização entretanto, ultrapassou os seus sonhos juvenis; não só cobriu o território mato-grossense de linhas telegráficas, como ainda o ligou

---

[12] A ipeca (ou ipecacuanha – Psychotria ipecacuanha, Stokes), pertence à família Rubiaceae, natural da Amazônia, tem um porte rasteiro (de 30 a 40 cm de altura), e ciclo de vida perene. As folhas são oval-lanceoladas, as flores de coloração branca e frutos de cor avermelhada e formato ovoide. (Hiram Reis)

ao resto do Brasil e – o que é mais "*escalou os sertões ínvios desde as remotas plagas do Bororos aos domínios dos Mundurucus, sendo o primeiro a rasgar as misteriosas matas em cujas ásperas dificuldades cinco expedições anteriores se haviam malogrado. De um só passo, estabeleceu uma união territorial, até então tida por inatingível e povoou os ermos que, por centenas de léguas, se estendiam indefinidos, mostrando o alto valor da energia humana, quando guiada por um ideal superior. Para tal, desenvolveu durante mais de seis lustros inconcebível atividade física, curtindo por vezes, as torturas da fome e da sede; palmilhando frequentemente léguas e léguas, com o peso de sua própria bagagem, tremendo de febre sob a influência de um acesso palustre: ausentes todos os carinhos e confortos do lar; privado, não por dias, mas por anos e anos, do convívio da família e da sociedade; e só através das nuvens de saudades infindas entrevendo as imagens queridas da esposa e dos filhos*". ([13])

> *"Qu'est-ce qu'une grande vie?" ([14])*

Pergunta o cantor de "*Eloá*" e responde:

> *"Une pensée de la jeunesse exécutée par l'âge mur." ([11])*

Perante esta definição, que terá sido a vida de Rondon, se foi além, muito além de seus sonhos de moço?

E, realmente não só apresentou opiniões novas sobre o procedimento dos civilizados relativamente aos indígenas, mas ainda pôs em prática essas opiniões,

---

[13] Vide "*Missão Rondon*", páginas 6, 7, 44 e 47. (N.A.)

[14] O poeta Alfred Vigny perguntou a si mesmo: "*O que é uma grande vida?*" E ele mesmo responde: "*Um sonho juvenil concretizado na maturidade*". (Hiram Reis)

das quais decorria uma nova política a ser adotada nas relações com os últimos autóctones de nossa Pátria.

Essa política pode resumir-se no princípio: "*só penetrar no sertão com a paz e jamais com a guerra*". Não consentiu, pois, ao ser flechado no descobrimento do Juruena, exercessem os seus companheiros represálias contra os selvagens, que, atacando-o, usavam do mais natural e legítimo direito de defesa, pois lhes invadia os territórios sem que soubessem quais as suas intensões, que assim como eram boas também podiam ser péssimas, como quatro séculos de martírio haviam evidenciado.

Declarou, por isto, aos seus companheiros que queriam reagir, não haver ido à conquista de índios, mas sim, levar até o Juruena o reconhecimento indispensável à construção da linha telegráfica. Nada restava, pois, fazer, à vista da animosidade dos indígenas, senão retroceder, até que, pacificados lhe permitissem livre trânsito.

E afirmava com inabalável convicção:

> Eu, acima de tudo coloco o sentimento de justiça, encarando, com meditada reflexão, os deveres morais impostos pela causa dos aborígenes brasileiros, os quais há quatro séculos, vivem· espicaçados pelo aguilhão do mais requintado egoísmo nosso e dos nossos antepassados. ([15])

Tomou, por isto, como divisa inflexível: "*Afrontar todos os perigos até a morte; matar – nunca*!" Ecoava lugubremente aos seus ouvidos – nas palavras de Alípio Bandeira um de seus colaboradores:

---

[15] Vide "*Missão Rondon*", página 111. (N.A.)

> a voz estrangulada de doze gerações de mártires, bradando contra quatrocentos anos de extermínio. Voz de infortúnio e desespero, vinha das selvas desconhecidas, vinha dos descampados longínquos, das brenhas misteriosas dos nossos sertões, e falava como uma trompa apocalíptica, do sacrifício de alguns milhões de índios que, em vez de terem sido chamados ao convívio da civilização, foram barbaramente imolados aos ditames da ganância, da fereza e até – força é dizê-lo! – da cobardia. Voz sagrada e tempestuosa de vítimas. Clamores de mães, cujos filhos ceifou na infância a crueldade monstruosa; recriminações de esposas que viram os maridos fortes tombar fulminados pela bala do aventureiro; imprecações, queixas e súplicas de velhos, mulheres e crianças trucidados, muitas vezes inutilmente, pelo crime de defenderem a liberdade e a terra sua e de seus avós. ([16])

Desprezando os conselhos de Maquiavel, como indignos de quem se consagra ao bem comum. Rondon empregou, só e exclusivamente, o altruísmo, como força política. E conseguiu assim deter a marcha assoladora de injustiças seculares ao reerguer diversos povos que já haviam entrado na fase da agonia que precede a extinção total, ·abrangendo, numa obra toda de paz conciliação e bondade, onze populações diferentes, nitidamente separadas umas das outras, pelos costumes, idiomas e ritos. Várias tinham-nos por inimigos tradicionais e intransitáveis e de outras nem apenas suspeitávamos a existência.

Transformou, assim, Rondon, em amigas, as nações do gênio belicoso dos Nhambiquaras, Barbados, Quepiqueriuats, Pauatês, Tecuatêps, Ipotiuats, Urunis e Ariquemes como já o havia feito, em 1893,

---

[16] Vide Alípio Bandeira: "*Coletânea Indígena*", pág. 5, Rio, Tipografia do Jornal do Commercio, 1929. (N.A.)

em relação aos Bororos do Rio das Garças. E implantou, no coração dos Parecis, Bacaeris, Jarus, Urupás e Caripunas a inabalável confiança na lisura e desinteresse de seus propósitos. Tem destarte, o Serviço de Proteção aos Índios que decorreu da Comissão de Linhas Telegráficas, chamado ao campo de sua ação benfazeja, numerosas tribos, umas ainda mais guerreiras, outras já pacíficas. Dos seus nomes, muitos ainda ressoavam, no começo do século, como notas de clarim e clamores de batalha. Os Caingangs, os Botucudos, os Parintins, e tantos outros, lembravam, nas palavras de Rondon:

> "*fulgores de vastos incêndios de duração secular ainda mal extintos*".

De todos os casos, porém, comprovativos da excelência e do acerto do método de pacificação praticado pelo Serviço de Proteção aos Índios, é característico o dos Caingangs de São Paulo, em que Rondon foi coadjuvado pelos então Tenentes Pedro Dantas e Manuel Rabelo, e por Manuel Miranda e Luís Bueno Horta Barbosa. A luta impiedosa, entre Caingangs e civilizados vinha já desde os albores do século passado, e como salienta o professor Horta Barbosa quanto mais durava, mais se amiudavam, de um lado e de outro, os assaltos, e os morticínios, acompanhados de crueldades cada vez maiores.

Em vão colocara o Governo de São Paulo suas esperanças na catequese [subvencionado desde 1903], a cargo dos frades capuchinhos de Campos Novos do Paranapanema. A situação piorava de ano para ano. O reconhecimento e levantamento dos Rios Feio, Aguapeí e Peixe, pela Comissão Geológica do Estado, teve de fazer-se à mão armada, e, ·ainda assim, não se conseguiu evitar o sacrifício de vidas em ambos os campos.

A construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, correndo pelo divisor das águas do Feio e Tietê, constituiu nova fonte de hostilidades. Às batidas dos bugreiros sucediam-se os assaltos, cada vez mais violentos, dos índios contra os trabalhadores da estrada, imperando o pavor por todo o sertão, onde ninguém se encontrava sem uma carabina de repetição, de que usava dia e noite em descargas a esmo, para afugentar o "*bugre*". Em 1910 [quando apenas Rondon começa a organizar o Serviço de Proteção aos Índios] tão premente era a situação da Noroeste que o empreito oficiava ao Ministro da Viação avisando-o:

> estar na iminência de suspender as obras de construção da estrada pela impossibilidade de conter os silvícolas e fazer parar-lhes as correrias.

Foi quando, depois dos reconhecimentos preliminares dos Tenentes Pedro Dantas e Manuel Rabelo, Rondon resolveu partir para o vale do Aguapeí a fim de estudar a questão em suas fontes diretas e traçar o rumo que conviria seguir de modo a conquistar a amizade dos temidos Caingangs, estabelecendo a paz e a ordem naquele vasto e fértil sertão. Estudada a região, Rondon assentou o plano de pacificação e dele encarregou o então Tenente Manuel Rabelo, tendo como principais auxiliares Tenentes Cândido Sobrinho e Sampaio. Com seis meses de trabalho o Tenente Rabelo deixava o programa de pacificação dos Caingangs, antes tidos como irredutíveis, nitidamente encaminhado para o feliz desfecho, logo após levado a termo por Manuel Miranda e Luís Bueno Horta Barbosa. O que foi o alcance dessa pacificação na imensa zona do estado de São Paulo despovoada em consequência da presença dos Caingangs é fácil avaliar pela respectiva valorização das terras numa época em que não havia inflação. Enquanto, em 1910, dois anos antes da pacificação,

o alqueire valia 13$000 em 1914, um biênio depois já valia 100$000, e, em 1919, isto é, apenas 7 anos mais tarde, 200$000. Não se enganava o Ministro Rodolfo Miranda quando, em março de 1910 escrevia, ao convidar Rondon para chefiar e organizar o Serviço de Proteção aos Índios:

> A espontaneidade da escolha do vosso nome é a consagração formal da conduta humanitária e generosa, que tanto vos recomendou à confiança indígena, na longa e heroica jornada que realizastes por zonas até então vedadas aos mais audaciosos exploradores. Quem, denodadamente e com rara abnegação, sacrificou a sua quietude, a calma de seu lar, a sua própria vida, por bem servir à Nação; quem pode fazer do indígena - na plenitude de seu domínio no seio das florestas, defendido dos artifícios da civilização pelas asperezas da vida inculta – um amigo, um guia cuidadoso, reúne, sem dúvida, os requisitos de vontade e altruísmo, que devem caracterizar a campanha que há de redimir do abandono os nossos silvícolas e integrá-los na posse de seus direitos. ([17])

Nada menos estranhável, pois, haja sido a obra de Rondon mais de uma vez calorosamente exaltada na Europa, encontrando imensa repercussão e irrestritos aplausos no Congresso Internacional das Raças, reunido em Londres em 1913.Na América do Norte, era conhecido como "*O William Penn ([18]) do Brasil" e a sua obra era apontada "como um exemplo a ser imitado para honra da civilização universal*".

---

[17] Vide "*Rumo ao Oeste*", volume avulso da Biblioteca Militar, pág. 60, Rio, 1942. (N.A.)

[18] O escritor William Penn (1644/1718) foi um dos primeiros membros da "*Sociedade Religiosa dos Amigos*" (Quakers) e um dos pioneiros a defender os ideais democráticos e a liberdade religiosa e notabilizou-se por promover harmônicas e exitosas relações e tratados com os nativos americanos. (Hiram Reis)

Em 1923, o "*National Geographic Magazine*", de Washington, assim se expressava sobre ele:

> Durante 23 anos o General Rondon trabalhou no longínquo sertão... Mas, o seu serviço mais meritório foi, sem dúvida, o que ele realizou, como diretor do Serviço de Proteção aos Índios do Brasil, cargo no qual a sua política de não hostilizar os índios, nem mesmo em represálias, e de usar com eles de brandura, lhes captou a amizade, preservando-lhes a civilização e constituindo o que se pode chamar a maior conservação de aborígene realizada no Novo Mundo de nossos dias.

Vejamos o que sobre ele escreveu Nordenskjold ([19]):

> Rondon realizou uma obra tão importante e grandiosa que dentro destes 50 anos vindouros será única: o meu trabalho bem como o de Rooseevelt são apenas seus complementares.

O Presidente Theodore Roosevelt, na longa e íntima convivência que teve com Rondon, de 11.12.1913 a 07.05.1914, partindo da Foz do Rio Apa penetrando no sertão do Norte pelo Rio da Dúvida [hoje Roosevelt] e saindo em Manaus pelo Amazonas num percurso de mais de 3.000 quilômetros, pode, não só admirar de perto a grandeza da realização de Rondon em nossos sertões, mas ainda ver confirmada a verdade do que, sobre ele, escreveu Roquette Pinto:

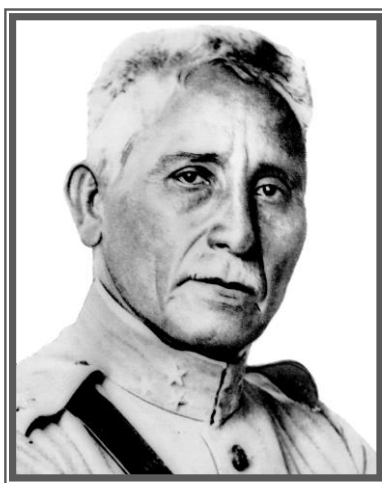
> Há homens que diminuem à medida que deles nos aproximamos; outros de longe, brilham como estrelas e quando nos chegamos, vemos que são mundos ainda maiores de sentimento e de caráter. ([20])

---

[19] Nils Otto Gustaf Nordenskjöld (1869/1928): geólogo sueco conhecido universalmente pela expedição que fez à Antártida em 1902 com o navio "*Antartic*". (Hiram Reis)

[20] Roquette Pinto: "*Rondônia*', pág. 108 da 3.a edição, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1935. (N.A.)

Contribuição importante de Rondon à vida pública brasileira foi ainda a missão de Letícia. Quando, em 1934, a Colômbia e o Peru apelaram para o Brasil a fim de lhes demarcar as fronteiras em litígio, foi Rondon aos setenta anos o homem para o qual todos se voltaram. Era uma rude tarefa, mesmo para um sertanista como ele, pois ia, idoso e cansado, para um lugar desprovido de quaisquer recursos, onde passaria mais de quatros anos, e, acometido de glaucoma, perderia uma das vistas, ficando com a outra seriamente comprometida.

Estava, porém, em perigo a paz sul-americana. Não vacilou, e, atendendo ao apelo de Afrânio de Mello Franco, deu desempenho à missão de Letícia, acrescentando mais uma página de glória à cintilante fé de ofício de uma longa vida toda consagrada ao bem público. Contribuiu, assim, de conformidade com seus princípios positivistas, como verdadeiro cidadão do mundo, para o advento desse futuro em que, para um só globo, "*tornando em patrimônio universal e em lar comum, haja também uma só Humanidade, uma só grei!*" (BOLETIM GEOGRÁFICO VOLUME N° 187)

Hino dos Bandeirantes
(Guilherme de Almeida)

Paulista, para um só instante
Dos teus quatro séculos ante
A tua terra sem fronteiras,
O teu São Paulo das "bandeiras"!

Deixa atrás o presente:
Olha o passado à frente!

Vem com Martim Afonso a São Vicente!
Galga a Serra do Mar! Além, lá no alto,
Bartira sonha sossegadamente
Na sua rede virgem do Planalto.
Espreita-a entre a folhagem de esmeralda;
Beija-lhe a Cruz de Estrelas da grinalda!
Agora, escuta! Aí vem, moendo o cascalho,
Botas-de-nove-léguas, João Ramalho.
Serra-acima, dos baixos da restinga,
Vem subindo a roupeta
De Nóbrega e de Anchieta.

Contempla os Campos de Piratininga!
Este é o Colégio. Adiante está o sertão.
Vai! Segue a "entrada"! Enfrenta!
Avança! Investe!

Norte – Sul – Este – Oeste,
Em "bandeira" ou "monção",
Doma os índios bravios.

Rompe a selva, abre minas, vara rios;
No leito da jazida
Acorda a pedraria adormecida;
Retorce os braços rijos
E tira o ouro dos seus esconderijos!

Coronel Amílcar Botelho

Expedição Scientifica Roosevelt-Rondon

ANNEXO N.º 5

RELATORIO

APRESENTADO AO

Sr. Coronel Candido Mariano da Silva Rondon

Chefe da Commissão Brasileira

PELO

Capitão Amilcar Armando Botelho de Magalhães

Ajudante da Expedição

RIO DE JANEIRO

1916

Cel. AMILCAR A. BOTELHO DE MAGALHÃES

IMPRESSÕES DA COMISSÃO RONDON

5.ª EDIÇÃO ILUSTRADA, ATUALIZADA E AUMENTADA

Serie 5.ª BRASILIANA Vol. 211

Biblioteca Pedagogica Brasileira

Imagem 01 – Anexo n° 5 e Impressões da C. Rondon

Padrões de Heroísmo

Neste momento de terror, de discórdia universal, não vejo referência mais oportuna do que às "*Impressões da Comissão Rondon*", a que chamarei, sem favor, Bíblia do Patriotismo Brasileiro.

Escrita com singeleza e com sinceridade de apóstolo, por um dos arrojados da civilização brasílica – Major Botelho de Magalhães – conforta pelos exemplos de energia e resignação; deleita pela variedade interessante dos episódios; comove até as lágrimas pelo altruísmo sem par desses soldados catequistas, que, embora armados e municiados, mostram a mais sublime das coragens – da imolação ao nobilíssimo ideal a que se votaram, matando no próprio peito o orgulho militar das façanhas cruentas!

Como cada capítulo sugira, consoante à natureza dos anotadores, um comentário novo, visto que em todos eles há matéria capaz das mais elevadas considerações de ordem moral, religiosa, social e política, escolho para as reflexões aquele que alude às humildes mulheres, cujas covas ondulam o deserto, como se fossem leirões ([21]) de onde brotaram as negras e tristes árvores do sacrifício – as cruzes – que o luar dos ermos torna ainda mais tristes...

Se é verdade que estes lúgubres madeiros fazem a solidão bem mais melancólica, não é menos certo que os seus braços hirtos ali ficam para orientar os viajores, que ousadamente se aventuram às imensidades dos rincões agrestes.

Não sou dos que exalçam ([22]) as vantagens da existência do sertanejo, porque não creio em que seja menos branda que a do campino a vida dum tecelão ou dum foguista: um, curvado sobre as meadas, atento ao risco dos matizes, horas a fio; outro, à boca rubra duma fornalha, os olhos sempre fitos nessa visão do inferno, que o leva pouco a pouco à cegueira.

Nem sei que menos árdua seja a existência dum cavouqueiro ([23]), pendente da rocha a pique, sob a soalheira brava, da que a dum pastor ou vaqueano que respire livremente os ares puros dos alcantis e as brisas frescas dos campos gerais. O povo é resistente, sóbrio e resignado, tanto no centro quanto no litoral. [...]

Goulart de Andrade.

---

[21] Leirões: sepulturas.
[22] Exalçam: exaltam.
[23] Cavouqueiro: indivíduo que trabalha em minas ou pedreiras.

Expedição Roosevelt
Considerações

[...] O Governo brasileiro, atendendo aos desejos manifestados pelo notável e saudoso estadista da América do Norte, organizou uma Comissão Brasileira para o acompanhar na arrojada travessia do Sertão de nossa Pátria e escolheu para chefiar essa Comissão "*the right man to the right place*" – o então Coronel Rondon. À larga visão de um jovem estadista – o Sr. Lauro Müller – Ministro das Relações Exteriores nessa época, devem-se os extraordinários benefícios que advieram para o nosso país, com a acolhida de tal iniciativa, não só pelo reconhecimento geográfico de uma região até aí desconhecida e pelos estudos de história natural realizados na zona percorrida, como também pelo valor da propaganda do Brasil no estrangeiro, especialmente na América do Norte, através do livro que Roosevelt publicou sob o título "*Through the Brasilian Wilderness*", livro que ele foi escrevendo no decorrer da própria Expedição.

Esta publicação pertence ao raro número das que se cingem à estrita verdade dos fatos narrados e que revelam da parte do autor qualidades de uma justa observação dos homens e das coisas. Na generalidade dos casos os narradores de expedições, quando não inventam situações para sobrelevar as suas qualidades pessoais, como os "*Savages Landor*" ([24]),

---

[24] Savages Landor: O Sr. Roosevelt [...] relatou ao Cel Rondon o seguinte episódio: Quando ele exercia a presidência dos Estados Unidos, foi o Sr. Savage Landor às Filipinas. Os oficiais do exército de ocupação receberam o visitante com as maiores considerações e proporcionaram-lhe os meios de realizar uma viagem segura pelo interior das ilhas. Pois a imaginação do fecundo explorador não precisou mais do que isso, para vir relatar à Europa embasbacada que havia realizado arriscadíssimas expedições, no decurso das quais descobrira, entre outras coisas espantosas, uma tribo de índios brancos! (SENADO FEDERAL – V. 8)

contam os fatos com parcialidade acentuada, sendo exceção os que se podem relacionar entre aqueles que observam e julgam com exatidão. Roosevelt, porém, era um narrador imparcial e exato, como devem ser os historiadores que bem mereçam o qualificativo.

Logo que Lauro Müller transmitiu o convite a Rondon, este acedeu imediatamente ao apelo do Governo, ponderando em todo o caso que estaria pronto para o desempenho da Comissão certo de que não se tratava de um mero passeio de "*sport*", mais ou menos perigoso, mas que o Governo ligaria aos intuitos de uma travessia pelo Sertão, objetivos científicos de utilidade para nossa Pátria. [...]

Na verdade, depois que Roosevelt fez a sua Expedição à África, a presunção geral era de que o arrastavam exclusivamente preocupações cinegéticas. No decorrer da Expedição Roosevelt, adquirimos a convicção de que o seu espírito superior e a sua coragem individual, só estavam ao serviço das caçadas com o nobre objetivo de obter espécimes destinados ao Museu de New York e com os desejos de ser ele próprio o caçador dos animais de maior porte e de aquisição mais perigosa.

A Expedição durou quase cinco meses, desde que Roosevelt se encontrou com a Comissão Brasileira, em 12.12.1913, na Foz do Rio Apa, limite do Brasil com o Paraguai, até fins de abril de 1914. Durante dois meses Roosevelt, Rondon e o pequeno grupo de expedicionários que desceram o "*Rio da Dúvida*", atravessaram uma região inteiramente virgem e sentiram as sensações das surpresas do desconhecido e as emoções inesquecíveis das verdadeiras explorações, que se caracterizam pelas incertezas de seu êxito e da sobrevivência dos exploradores...

Roosevelt "*Versus*" Savage Tertius Gaudet ([25])

Quando no Pará e antes de embarcar para os Estados Unidos, o Sr. Roosevelt prometeu que iria contestar todas as patranhas e lorotas que o explorador Savage Landor tem dito sobre o grande sertão norte do Brasil. Sabedor disso, o Sr. Savage Landor já desafiou o Sr. Roosevelt a que realizasse tal ameaça.

Imagem 02 – Fon Fon, n° 609, 16.05.1914

Roosevelt:– Engole! Engole todos canarás que tua fantasia esquentada tem produzido. Você é um explorador de meia tigela!

Savage Landor:– E Você acha que é melhor do que um sapo?

Zé Povo:– Hein, seu Lauro Isto é o diabo! Que me diz a esse futuro bate-barbas?

Lauro Muller:– Digo-te que tudo quanto o diabo faz, também é para melhor. Nesse próximo duelo de explorações sairá vencedor o Brasil explorado, que ficará mais conhecido.

---

[25] Tertius Gaudet: o Terceiro se beneficia.

Trabalhos Realizados

[...] A parte geográfica compreendeu o levantamento dos Rios da Dúvida, Papagaio, trechos do Taquari, do Comemoração de Floriano e Ji-Paraná. Todas as cadernetas desses levantamentos e os desenhos correspondentes foram incorporados ao acervo da Comissão Rondon e estão sendo aproveitados para a remodelação da Carta Geográfica do Estado de Mato Grosso.

Revelações Geográficas

A Expedição identificou o Rio da Dúvida ao Alto-Castanha, resolvendo simultaneamente duas incógnitas: uma apresentada pela Comissão Rondon, quando, pela primeira vez, em 1909, cortou esse curso de água que, pela direção, poderia ser afluente do Aripuanã, ou do Ji-Paraná [donde o nome de Rio da Dúvida]; outra quanto à posição até então desconhecida das cabeceiras do Rio Castanha verificou que se tratava do mesmo Rio e o locou definitivamente no Mapa do Brasil, dando-lhe o nome de Rio Roosevelt, desde suas cabeceiras até sua Foz no Madeira e considerando o Rio Aripuanã como seu afluente da margem esquerda, além da homenagem prestada ao estrangeiro ilustre, a Comissão Rondon, atribuindo ao antigo Rio Castanha o papel de principal, modelou o acidente geográfico lançado ao Mapa, segundo as mais modernas teorias, que fazem prevalecer como principal, não o Rio de maior volume de água, mas o que se apresenta na direção geral do vale, relegando ao segundo plano a condicional da descarga. É evidente que essa descoberta só foi realizada graças à ideia de Roosevelt atravessar o nosso Sertão e que só este duplo resultado seria atingido com a exploração e o levantamento a que se procedeu, percorrendo a parte desconhecida e nunca penetrada desse Rio.

Outra descoberta de ordem geográfica é a que se refere ao Rio Papagaio. Quando a Comissão Rondon, sob a iniciativa de seu ilustre chefe, começou a apagar das velhas cartas existentes a indicação de desconhecido que cobria larga faixa do Noroeste do Brasil, ao interceptar com a linha telegráfica e com as suas explorações o vasto leque formador do Rio Tapajós, ainda formulara a princípio a hipótese de que o Rio Papagaio iria lançar-se no Sacuruiná [Xacuruiná em certos mapas] logo abaixo da confluência deste com o Rio do Sangue. A Expedição Roosevelt, destacando uma turma de exploração que desceu e levantou o Rio Papagaio, determinou o seu verdadeiro curso, desde o passo da linha telegráfica [Estação Telegráfica de Utiariti, onde se encontra o belo e potente salto do mesmo nome] até a Foz no Rio Juruena. Assim o Rio Papagaio, depois de confluir com o Sacre, recebe o Buriti pela margem esquerda; reune-se-lhe a jusante ainda e pela mesma margem o Saueuiná [nome Paresí do Papagaio] indo afinal lançar-se no Juruena pela margem direita. O Rio do Sangue [Zutiaharuiná em língua Paresí], depois da confluência com o Sacuruiná, recebe sucessivamente de montante para jusante o Membeca, o Treze de Maio e o Cravari, descendo depois a desaguar no Juruena pela margem direita, abaixo do Papagaio.

A publicação número 26 da Comissão Rondon [3° volume do relatório geral do Chefe] traz apenso um Mapa do Rio Juruena, organizado segundo os últimos trabalhos e que qualquer curioso poderá confrontar com as cartas anteriores, para verificar a profunda modificação decorrente do serviço geográfico realiza-do nessa zona, mesmo comparando-se o que ali está com o que se encontra na segunda edição [1913] do Mapa do Brasil, editado pelo Jornal do Brasil, onde já entraram correções geográficas provenientes dos nossos trabalhos.

Minha Colaboração

[...] Ao concluir os serviços de campo, fui nomeado, em maio de 1914, Chefe do escritório central da Comissão Rondon, cargo que me honro de desempenhar até a presente data ([26]). Já empossado destas funções, coube-me o trabalho de encerrar as contas da Expedição, visto que o então Cel Rondon, despedindo-se de Roosevelt, em Belém do Pará, regressara ao insano labor do Sertão, na árdua tarefa de concluir a Linha Telegráfica de Cuiabá a Santo Antônio do Madeira, inaugurada em 1915. Além disto, cumulativamente ao afanoso encargo que assumira, superintendi os trabalhos de publicação dos Relatórios da Expedição Roosevelt. A este propósito cumpre salientar que nem todos os nossos homens de Governo compreendem o alcance que representa a impressão dos mapas e dos trabalhos de história natural! O Sr. Lauro Müller, porém, manifestava-se de acordo com o nosso ponto de vista: "*sem publicar, tudo se perde nos arquivos, além de representar um capital inativo, à falta de circulação*". [...]

Frases de Roosevelt – Observações de Roosevelt sobre o Brasil e os Brasileiros

Roosevelt era espirituoso e alegre, não parecendo incomodar-se muito com os enxames de abelhas e de mosquitos, que, às vezes, lhe cobriam as mãos, enquanto, impassível, escrevia as suas impressões e a sua correspondência ([27]) durante as refeições e ao terminá-las, detinha-se a palestrar conosco, em francês, e distinguia com evidente simpatia o admirável palestrador que é também o Comandante Heitor Xavier Pereira da Cunha, distintíssimo oficial da

[26] Presente data: 1921.

[27] O "*The Outlook*", um dos grandes diários de New York, pagava-lhe os artigos à razão de um dólar por palavra!

Marinha de Guerra, hoje reformado, nosso companheiro durante o começo da Expedição. Pereira da Cunha deleitava-nos com a sua verve ([28]), ao mesmo tempo em que provocava inteligentemente as opiniões de Roosevelt, mas sempre correto e gentil, como um homem de fina educação que é.

Em uma dessas palestras, a propósito dos japoneses, Roosevelt declarou formalmente condenar a emigração desse povo para o seu país, porque lhes observara as tendências acentuadas para a absorção e para o predomínio sobre o elemento nacional. Por condenar as violências de seus patrícios, para repelir e expulsar os japoneses da América do Norte, estes interpretaram os seus atos como respeito aos japoneses, que eram formidáveis! Esta arrogância teve como resposta ao pé da letra o celebérrimo "*raid*" ([29]) da esquadra norte-americana, com passagem obrigatória pela Ásia. (MAGALHÃES, 1942)

Vamos reproduzir, a seguir, parte do Anexo 5 – Relatório apresentado ao Sr. Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon pelo Capitão Amílcar Armando Botelho de Magalhães, Ajudante da Expedição Científica Roosevelt-Rondon, publicado em 1916:

Capítulo 1

Sob a Vossa Chefia imediata

02 a 05.12.1913: Em **2** de dezembro desse mesmo ano, obedecendo a tão honrosa indicação, parti em vossa companhia pelo noturno de luxo, às 21h30. No dia **3** chegamos a S. Paulo, com um atraso de 02h20 e às 20h13 partimos pela Estrada de Ferro Sorocabana.

[28] Verve: oratória.
[29] Raid: ataque.

Às 10h30 do dia **4** chegamos à estação Bauru, onde nos aguardava um trem especial, posto a vossa disposição; às 11h50 partimos de Bauru e às 21h00 desembarcamos em Araçatuba, onde pernoitamos, visto não estar em certo trecho consolidada a linha, de modo a permitir que se viajasse à noite. Em caminho para Araçatuba, fez-se uma pequena parada na estação provisória "*Heitor Legrue*", onde os índios Kaingangs, esses mesmos considerados ferozes e cuja pacificação foi feita pessoalmente por vós, em época bem recente, vieram documentar vivamente a injustiça de que eram vítimas, festejando a vossa passagem pelas suas terras.

Às 03h00 do dia **5** partimos para Itapurá onde apenas demoramos 20 minutos; às 09h00, desembarcamos na estação provisória de Jupiá. Às 12h00 desatracou o "*ferry-boat*" conduzindo-nos para a margem direita do Rio Paraná, o que vale dizer, transportando-nos do Estado de S. Paulo para o de Mato Grosso. Reorganizado o trem sobre os trilhos da outra margem, partimos às 14h00 para Três Lagoas onde almoçamos às 14h30. Às 15h30 retornamos ao trem e às 20h30 desembarcamos na estação do Rio Verde, última estação inaugurada nesse trecho e na qual fizemos a nossa segunda refeição.

06 a 09.12.1913: Às 05h00 de **6** partimos para a ponta dos trilhos; às 08h00 saltamos do "*wagon*" e às 09h30 partimos montados, da ponta dos trilhos, com destino ao Rio Pardo, onde apeamos às 16h05 ([30]) em Rio Pardo, onde às 19h00 fizemos a única refeição desse dia, aguardamos a chegada da tropa, que só apareceu às 22h00, recebendo ordem vossa de prosseguir viagem, substituindo-se alguns animais cargueiros que davam mostras de cansaço.

---

[30] Tínhamos feito, nessa primeira marcha a cavalo, vinte léguas ou 120 quilômetros, contados pelos marcos da estrada quilometrada! (MAGALHÃES, 1942)

Às 02h00 do dia **7** iniciamos a nova marcha, aproveitando a claridade das estrelas e, às 10h15, apeamos junto ao Córrego Campo Alegre, onde tomamos a única refeição desse dia; às 16h10 prosseguimos viagem. No dia **8** às 02h30 apeamos em um sítio pertencente ao Cel Sebastião de Lima, a uma légua de Campo Grande, aí pernoitando. Às 08h35 do mesmo dia oito, chegamos à Vila de Campo Grande onde aguardamos a vinda dos cargueiros que conduziam nossa bagagem, o que só se deu às 13h00. Nesse mesmo dia partimos às 18h00 e à 01h00 do dia **9** chegamos ao acampamento da construção do outro trecho da Estrada de Ferro Noroeste. Ainda a **9**, às 06h15 partiu o trem especial posto à vossa disposição para vos conduzir a Porto Esperança. Adiante da vila de Aquidauana o trem parou alguns minutos, junto à estação provisória "*Visconde de Taunay*", onde um numeroso grupo de índios "*Terenas*", soltando foguetes e cantando na sua língua, dava mostras do quanto os alegrava a vossa presença entre eles. Não me posso furtar ao dever de citar episódios como esse, visto envolver o assunto de tão grande interesse para a nossa Pátria, ferindo o grande problema das relações do homem civilizado com o homem que habita as selvas. É curioso assinalar, como nota probatória do prestígio em que é tida a vossa pessoa entre eles, o fato de trazerem as mães, de muito longe, os seus filhinhos recém-nascidos, para receberem o ósculo afetuoso que lhes imprimíeis, fato a que também se liga o sentimento afetivo do índio. Desembarcamos às 22h00, em Porto Esperança ([31]), passando-nos com as bagagens para bordo do paquete "*Nyoac*", onde afinal a urgência da marcha permitiu que fosse tomada uma refeição nesse dia. Às 23h30 partia o "*Nyoac*", Rio Paraguai abaixo, com destino à foz do Apa.

---

[31] Porto Esperança: 19°36'35,71" S / 57°27'22,98" O.

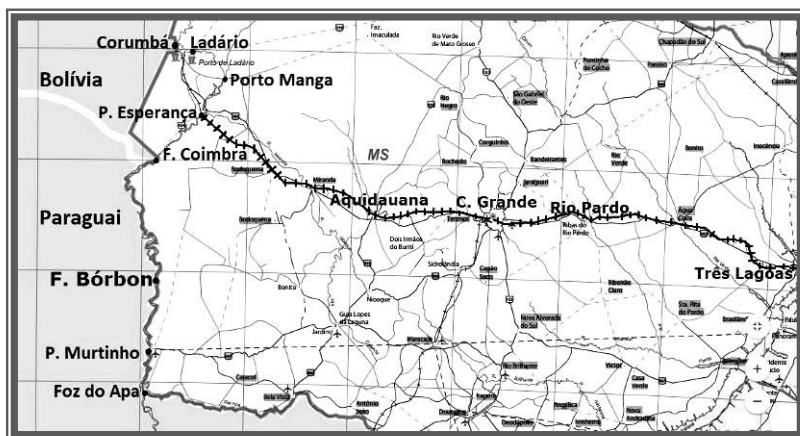



Imagem 03 – Mapa de Três Lagoas até Foz do Apa (DNIT)

10 a 11.12.1913: No dia **10**, às 04h00, paramos defronte ao nosso legendário Forte de Coimbra ([32]), glorioso baluarte da honra nacional, teatro de um choque armado da bravura paraguaia contra a bravura brasileira e onde se imortalizaram Portocarrero e o pequeno grupo de obscuros, mas heroicos defensores da nossa Pátria. Às 05h30, prosseguimos viagem a bordo do "*Nyoac*" e no dia **11**, 05h30, arriamos ferro em frente a Porto Murtinho ([33]), pequeno povoado mato-grossense da margem esquerda do Rio Paraguai. De Porto Murtinho partimos às 08h05 e às 09h50 encontramos navegando contra nós o paquete "*Brasil*" de cujo bordo retiramos as nossas malas de fardamento fino, embarcadas no Rio de Janeiro conjuntamente com a carga destinada à Expedição, fazendo-nos ao largo novamente às 10h30. Ancoramos às 13h30 do dia **11**, defronte embocadura do Rio Apa onde aguardamos a chegada do Sr. Roosevelt, olhando simultaneamente as terras brasileiras da sua margem direita e as terras paraguaias de sua margem esquerda. Nessa expectativa passamos a noite do dia **11**, estabelecendo o serviço

[32] Forte de Coimbra: 19°55'13,35" S / 57°47'31,70" O.
[33] Porto Murtinho: 21°41'55,10" S / 57°53'22,57" O.

de vigilância e conservando-nos de "*prontidão*" segundo a terminologia militar.

12.12.1913: No dia **12** às 10h40 foi assinalada, a jusante, a fumaça de um navio no extremo do estirão ([34]) em que nos encontrávamos e às 11h10 ([35]) ancorava a bombordo a canhoneira paraguaia "*Adolpho Requielme*", em que viajava o Sr. Roosevelt. Após os cumprimentos de estilo, levados a bordo da "*Riquielme*", partimos às 12h10 comboiando com o "*Nyoac*" aquele navio de guerra ([36]). (MAGALHÃES, 1916)

---

[34] Na página seguinte podemos notar que o processo de assoreamento da Foz do Rio Apa, em decorrência da remoção da vegetação ciliar da sua Bacia, projetou a margem esquerda sobre a ilha frontal à boca eliminando-a, numa extensão de mais de 2 km rumo Oeste e os sedimentos foram carreados, na maior parte, para SO em virtude da corrente do Paraguai. O desvio do talvegue do Rio, em consequência, dirigiu a torrente contra a margem direita que foi paulatinamente solapada ampliando a curva à direita que já existia. Podemos afirmar, então, que o encontro dos expedicionários deu-se, aproximadamente, nas coordenadas 22°05'24,48"S/57°58'21,01"O, pois a lógica nos leva a considerar que os nautas abrigar-se-iam da correnteza ancorando a embarcação ao Sul da margem direita do Boca do Apa ao mesmo tempo que esta localização facilitava a visão do Estirão que se alongava no sentido SSE (Susudeste). As cartas antigas mostram uma ilha, ou banco de areia, na vazante, na Boca do Apa que com o passar dos anos foi progressivamente incorporada ao continente pelos sedimentos.

[35] Há uma diferença de 7 minutos entre os cronômetros do Cap Amílcar (11h10) e do Telegrama enviado pelo Cel Rondon (11h17) ao Ministro Lauro Müller. Nas suas Conferências no Teatro Fênix, por sua vez, Rondon afirma que: às 11h30, a "*Riquielme*" estava a bombordo do "*Nyoac*". O que nos leva a poder considerar que o "*Riquielme*" ancorou, portanto, após as 11h00 à bombordo do "*Nyoac*".

[36] Telegrama do Cel Rondon publicado, no Jornal "*O Paiz*":
Porto Murtinho, 14.12.1913 – Participo a V. Exª termos chegado, no dia 11, às 13h30, e ancorado na Foz do Rio Apa, onde aguardamos a passagem do Coronel Roosevelt, e sua comitiva. Às 11h17 do dia 12, ancorou a nosso bombordo a canhoneira Adolpho Requielme, a cujo bordo veio o ilustre Ex-presidente norte-americano. Após cumprimentos, levados pela Comissão Brasileira, a bordo do navio paraguaio, levantamos ferro Rio acima, comboiando aquela embarcação. (O PAIZ, n° 10.662)

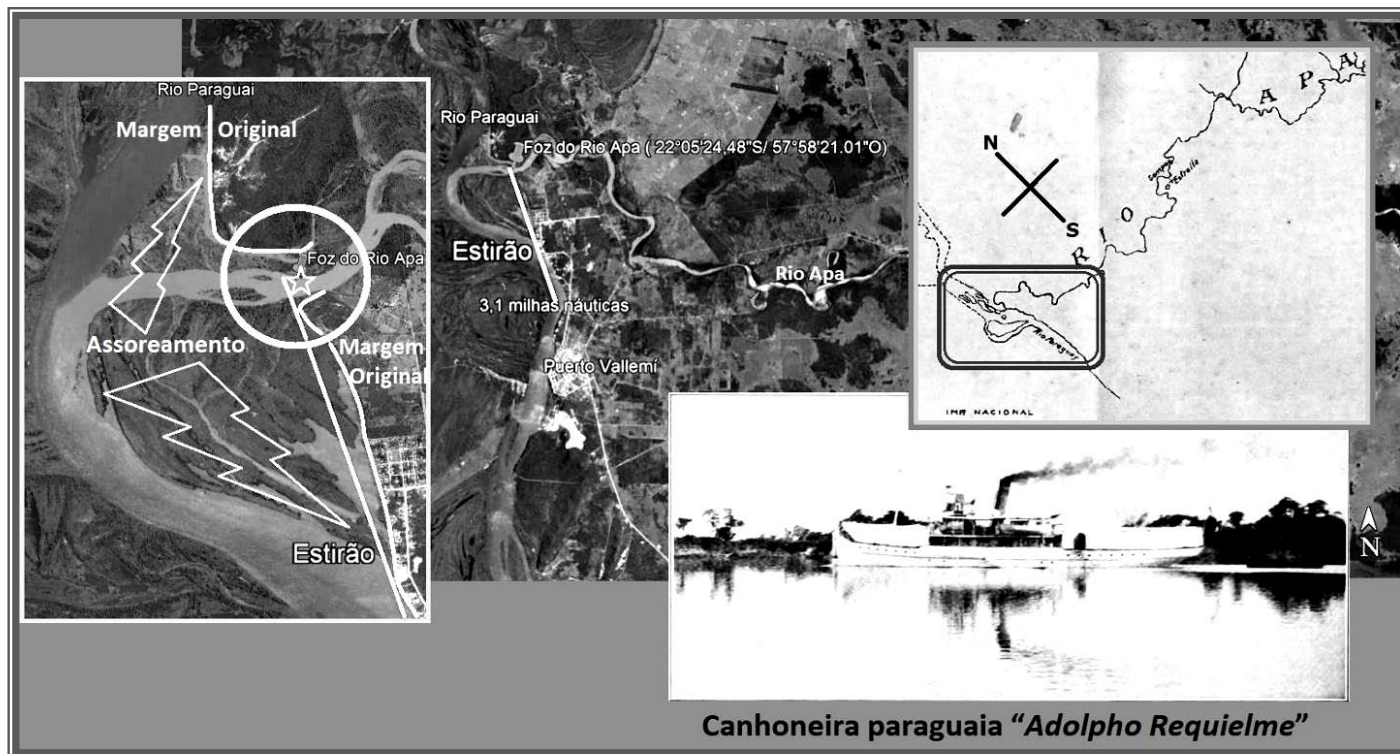



Imagem 04 – Localização da Foz do Apa, em 1913

Coronel Rondon

CONFERENCIAS

REALIZADAS NOS DIAS 5, 7 E 9 DE OUTUBRO DE 1915

PELO

Sr. Coronel Candido Mariano da Silva Rondon

NO THEATRO PHENIX DO RIO DE JANEIRO SOBRE TRABALHOS DA

EXPEDIÇÃO ROOSEVELT

E DA

COMMISSÃO TELEGRAPHICA

RIO DE JANEIRO

TYP. DO "JORNAL DO COMMERCIO", DE RODRIGUES & C.

1916

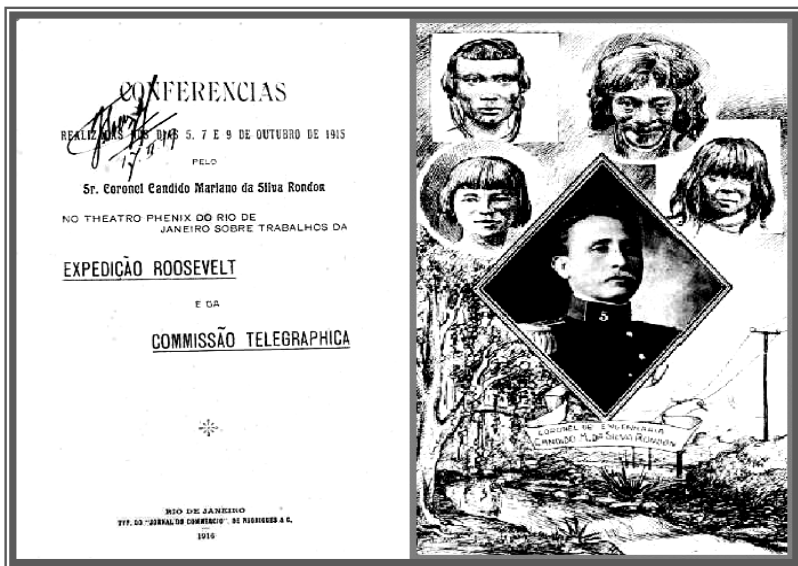



Imagem 05 – Conferências Realizadas no Teatro Fênix

A Expedição Científica Roosevelt-Rondon

No dia 04.10.1913, chegava eu à estação de Barão de Melgaço, vindo da Barra dos Bugres, ponto extremo Meridional das Linhas Telegráficas de Mato Grosso ao Amazonas, cujas obras e serviços inspecionara, quando recebi do Sr. Ministro das Relações Exteriores, Dr. Lauro Müller, um telegrama, convidando-me para acompanhar o Ex-presidente dos EUA, Sr. Cel Theodoro Roosevelt, na viagem que projetava realizar pelo interior do Brasil, até alcançar o território de Venezuela. Respondi, aceitando o honroso encargo; e no mesmo dia, segui em demanda do Rio Comemoração de Floriano, que desci, servindo-me dos meios de transporte criados pela Comissão das Linhas Telegráficas; entrei no Pimenta Bueno e em seguida no Ji-Paraná, em cuja foz encontrei o aviso "*Cidade de Manaus*", que me levou à Capital do Amazonas.

Atendendo à urgência que havia, de providenciar sobre a organização de elementos indispensáveis à travessia da Expedição, tomei desde logo algumas medidas que seriam aproveitáveis qualquer que viesse a ser o itinerário finalmente escolhido pelo eminente estadista americano, para sair do Maciço Central do Brasil na Bacia Amazônica.

De todos os caminhos que se poderiam seguir, pareceu-me preferível um dos oferecidos pelos cursos do Arinos, Juruena, Papagaio e Dúvida; por esse motivo, mandei preparar canoas à margem de cada um desses quatro Rios, em pontos de fácil acesso para expedicionários que penetrassem no Chapadão dos Paresí, vindos das cabeceiras do Paraguai.

Durante a minha viagem para Manaus, recebi comunicação de que o projeto do Sr. Roosevelt era entrar no Amazonas pelo Tapajós e neste pelo Arinos.

Mas, evidentemente, tal percurso, de novo, pouco poderia proporcionar a uma Expedição que visava desvendar aspectos ainda desconhecidos dos nossos Sertões. Decidi, pois, submeter à apreciação do nosso ilustre hóspede outros itinerários, que poderiam com mais vantagem ser seguidos pela sua comitiva, e para esse fim telegrafei de Manaus para o Rio de Janeiro, ao Chefe da Seção de Desenho da Comissão Telegráfica, 1° Tenente Jaguaribe de Mattos, que lhe apresentasse, por intermédio do Ministério do Exterior, as cartas geográficas traçadas no escritório técnico com os elementos fornecidos pelas nossas explorações, indicando os seguintes percursos:

a) De S. Luiz do Cáceres ou de Cuiabá, seguir pela estrada da Comissão das Linhas Telegráficas até a estação "*Barão de Melgaço*", e aí embarcar em batelões para descer os Rios Comemoração de Floriano, Ji-Paraná e Madeira;

b) Seguir o mesmo itinerário até a estação "*José Bonifácio*", anterior à de "*Barão de Melgaço*", e daí, ganhando o passo da Linha sobre o <u>Dúvida</u>, <u>descer</u> <u>e</u> <u>explorar</u> <u>este</u> <u>Rio</u>, que provavelmente levaria a comitiva ao Madeira;

c) Ganhar o Tapajós, descendo o Juruena, e não o Arinos, que é caminho conhecido há mais de um século, a ponto de ter servido por largo tempo de via comercial entre Pará e Mato Grosso;

d) De S. Luiz de Cáceres passar para o vale do Guaporé; descer em lancha, a partir da Cidade de Mato Grosso, este Rio e o Mamoré, até a cachoeira de Guajará Mirim; tomar aí a estrada de ferro Madeira-Mamoré, para chegar à cidade de Santo Antônio do Madeira;

e) Finalmente, alcançar, pela estrada da Linha Telegráfica, o Rio Papagaio, na estação de Utiariti, e por ele entrar no Tapajós.

Destas cinco propostas, a que encerrava maiores dificuldades e imprevistos, era <u>a</u> <u>relativa</u> <u>ao</u> <u>Rio</u> <u>da</u> <u>Dúvida</u>; <u>foi</u> <u>a</u> <u>escolhida</u> <u>pelo</u> <u>Sr</u>. <u>Roosevelt</u>.

Ainda em viagem de Manaus para o Rio de Janeiro, onde cheguei a **11** de novembro, organizei o quadro da Comissão Brasileira, escolhendo profissionais que se pudessem encarregar, com o maior aproveitamento possível para o País, dos serviços de astronomia e determinação de coordenadas geográficas, de topografia, botânica, zoologia e geologia, além dos relativos à administração.

Destes meus dedicados auxiliares, os que se achavam no Rio de Janeiro seguiram, em turmas sucessivas, de **22** de novembro a **05** de dezembro, para Montevidéu, afim de dali subirem o Paraguai, em demanda de Corumbá e de outros pontos em que deveriam aguardar a chegada da Expedição, aprestando os serviços de que se achavam encarregados.

Quanto a mim, obrigado a demorar-me na Capital da República, para atender às últimas necessidades do aparelhamento dos meios indispensáveis ao bom êxito da Comissão que me fora confiada, seguiria por terra o mais tarde possível, mas ainda a tempo de descer o Paraguai e ir esperar a entrada do Sr. Roosevelt no território da nossa Pátria; para me acompanharem nessa viagem retive comigo o Capitão Amílcar Magalhães e o Dr. Euzébio de Oliveira, respectivamente ajudante e geólogo da Expedição. Todos os volumes de material e bagagens seguiram também por água, via Montevidéu.

A **28** de novembro comunicou-me o Ministério do Exterior que o Sr. Roosevelt partiria de Buenos Aires para Assunção, no dia **04** ou **05** de dezembro, e três dias depois continuaria a subir o Paraguai, em demanda de Corumbá. De posse desse aviso, saí do Rio de Janeiro para S. Paulo, no trem da noite de **02** de dezembro, tendo antes tomado as providências necessárias para poder viajar ininterruptamente pelas estradas de ferro Central do Brasil, Sorocabana, Noroeste e Itapurá a Corumbá.

Ao anoitecer do dia **05**, chegávamos à ponta dos trilhos da estrada Itapurá a Corumbá, que se achava com a construção um pouco além do Rio Verde, e isso mesmo tendo alguns quilômetros ainda não consolidados e só trafegados por trens de lastro. Aí organizamos a nossa marcha a cavalo, para alcançarmos o extremo da linha que se vinha construindo de Porto Esperança para Itapurá. Percorremos, assim, 168 quilômetros, até Campo Grande, onde chegamos às 06h00 do dia **09**. Três horas depois saíamos de Campo Grande em trem especial, que nos levou a Porto Esperança, situado a 2.248 quilômetros do Rio de Janeiro, e onde desembarcamos às 23h00.

Imagem 06 – Vapor Nyoac

Passamo-nos imediatamente para bordo do vapor "*Nyoac*", do Lloyd Brasileiro, que, por ordem do Sr. Ministro do Exterior, aguardava, de fornalhas acesas, a nossa chegada, e demos ordem de zarpar ainda antes de começar a madrugada do dia **10**. Pouco depois de uma hora da tarde de **11**, ancorávamos defronte da Foz do Rio Apa, onde nos cumpria ficar à espera do Sr. Roosevelt e da sua comitiva.

No fim de duas horas, descobrimos a silhueta de um vapor, que vinha subindo a toda velocidade; corremos a fazer os últimos aprestos para a recepção, que julgávamos dever realizar-se daí a pouco. No tombadilho do "*Nyoac*" já envergando o uniforme branco designado para essa ocasião, não desprendíamos a vista da embarcação, que, novo Protheus, se nos afigurava mudar de forma a cada instante, ora confirmando as nossas esperanças, ora desenganando-nos. Afinal, acabamos reconhecendo não ser o tão desejado "*Riquielme*", mas sim um rebocador carregado de índios Chamacocos, que passavam para algum estabelecimento industrial das margens do Paraguai e lá iam continuar o triste fadário de semi-escravizados de uma sociedade de estranhos, que transformaram as suas livres florestas numa Pátria madrasta, desafeituosa e dura.

Imagem 07 – Roosevelt e Rondon à bordo do “Nyoac”

Assim passamos o dia e a noite de **11** de dezembro. A manhã imediata já nos encontrou a postos, inspecionando o caminho de Assunção. As horas escoaram-se lentamente até às 10h00, e já iam prosseguindo na sua marcha fatal, quando todos nos alvorotamos, vendo aparecer ao <u>fundo</u> <u>do</u> <u>estirão</u>, um navio. Em breve descobrimos o pavilhão que tremulava no mastro de popa e por ele reconhecemos a canhoneira paraguaia.

Às 11h30, a "*Riquielme*" estava a bombordo do "*Nyoac*", e do seu portaló o Sr. Roosevelt correspondia aos acenos de antecipadas saudações que íamos levar a bordo, com os oferecimentos de afetuosa hospedagem que o Governo do meu País lhe mandava oferecer. Ainda a âncora paraguaia não havia mordido o fundo do Rio, e já eu, com os meus auxiliares, me dirigia para o navio, cujo tombadilho ia servir de palco às cerimônias das primeiras apresentações que se tinham de fazer entre um estadista iniciado nos altos segredos ao protocolo da diplomacia europeia e um homem que, havia perto de 25 anos, vivia internado nos Sertões, frequentando as chancelarias Bororos, Paresí e Nhambiquaras e aprimorando-se na etiqueta das respectivas cortes. Contudo, não me atormentavam os calafrios da estreia, porque, afinal, o conjunto das circunstâncias exteriores, que formam o meio em que temos de agir, nos amparam e ajudam a encontrar os gestos adequados ao momento que atravessamos; e se, quando nos cumprimentamos em Bororo, logo nos dispomos a sentir o odor acre de corpos nus, pintados de urucum, em compensação, quando trocamos amabilidades na língua de Corneille e de Molière, insensivelmente somos arrastados para os domínios das gentilezas e da graça, e sem esforço reencontramos as encantadoras filigranas de que se entretece a vida dos nossos salões.

Eis-me, pois, no tombadilho do navio de guerra paraguaio cumprimentando o Sr. Roosevelt em nome do Governo Brasileiro, reiterando-lhe o oferecimento da nossa hospitalidade e apresentando-lhe os membros da Comissão Brasileira, que, desde aquele momento, ficavam às suas ordens. O Sr. Roosevelt respondeu às nossas palavras, não só com a distinção característica do seu grande espírito e alta cultura, mas também com a afabilidade de um verdadeiro amigo da nossa terra e da nossa gente.

Era pensamento do Governo Brasileiro que ali mesmo, na Foz do Apa, recebêssemos a bordo do "*Nyoac*" a Comissão Americana; mas, ao aludirmos a esta parte do nosso programa, vi que a oficialidade paraguaia passaria por verdadeira decepção se fosse privada da honra de transportar o Ex-presidente dos Estados Unidos até Corumbá. Como o desejo de todos colimava acordemente o mesmo objetivo, que era prestar homenagem ao nosso hóspede, cedi o passo aos paraguaios, satisfeito de que o Destino tivesse sido tão benévolo para comigo a ponto de me proporcionar, logo da primeira vez que me encontrava em caráter oficial nesse País, ocasião de manifestar os meus sentimentos de fraternidade para com o povo de fundo mais genuinamente americano dentre todos os que se formaram nestas terras de Colombo. Resolvido isto, pouco depois do meio-dia a "*Riquielme*" continuou a subir o Rio, em direção ao Brasil, e o "*Nyoac*" seguiu-a de perto, comboiando-a.

Imagem 08 – Fon Fon, n° 594, 31.01.1914

Imagem 09 – Fon Fon, n° 608, 09.05.1914

Pagmejera – O Grande Chefe
(Cel Eng Antônio Lara Rondon)

Envolvido neste "SONHO VARONIL" reflito e revejo, no passado, um olhar ameno e sonhador. Um ser tenro, tez acaboclada que brinca e corre pelos campos de Mimoso.

O ser cresce, vigor e formosura
Entrelaçam-se, juntos permanecem, forjando a Têmpera do Desbravador que o Brasil jamais esquece.

Mergulhando impávido nas selvas brasileiras, levando no coração lição de paz e amor deixaste para as gerações o exemplo nobre do Estadista, Humanista, Benfeitor.
Conheceste o âmago da solidão aprendendo desde cedo a viver de saudade, contudo, nada esmoreceu a bravura e o ideal do jovem mimoseano.

E, nesta saga de ideais sinais telegráficos até então desconhecidos alcançaram os mais remotos rincões da Amazônia, percorrendo a imensidão do solo pátrio, pés, que mais terras tropicais percorreram, deixando para o mundo a imensidão da obra, concretizada no mais rude cerrado e floresta virgem, desafio vencido graças ao trabalho, tenacidade e pioneirismo de uma plêiade brilhante de jovens oficiais e praças.

Silêncio! A selva pressente o inevitável, o nambu chora a falta da companheira, árvores frondosas escondem o perigo iminente, dorsos nus curvados pelo esforço do arco guerreiro, logo o silêncio é cortado pelo zumbido da flecha defensora.

A montaria assusta-se movimentos bruscos e agressivos partem dos companheiros de aventura e, no entanto, a Índole Pura impede o massacre, no lugar do troar do fuzil, ecoa no vazio da floresta a palavra do verdadeiro altruísta – MORRER, SE PRECISO FOR; MATAR, NUNCA! [...]

Theodore Roosevelt

The Daily Telegraph

No. 18,381.] LONDON, SATURDAY, MARCH 21, 1914. [TWENTY-TWO PAGES, ONE PENNY.

IN THE BRAZILIAN WILDERNESS

By THEODORE ROOSEVELT.

1.—THE START OF THE EXPEDITION.

Strictly Copyright.

ROOSEVELT'S EXPLORATIONS.

Colonel Roosevelt's Route up the Paraguay into the Brazilian Wilderness

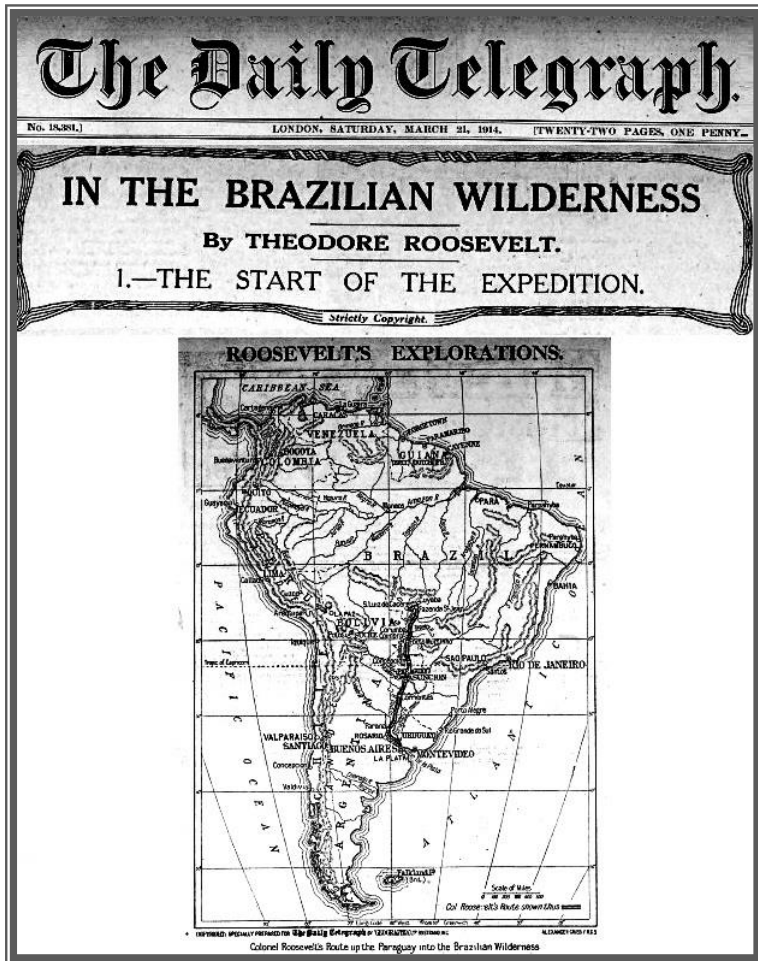



Imagem 10 – In The Brazilian Wilderness – Th. Roosevelt

Voltemos agora nosso olhar para um dos personagens formidáveis e, considerado por alguns controvertido, dessa epopeica jornada. Vamos reportar suas impressões, seu pensamento para que o leitor possa julgar por si só esta personalidade marcante cujas ações alteraram profundamente os destinos da humanidade no alvorecer do século XX.

No seu livro "*Nas Selvas do Brasil*" o Ex-presidente Theodore Roosevelt faz um relato pormenorizado de Expedição Científica Roosevelt Rondon:

Dedicatória

A S. Exª Lauro Müller

Ministro das Relações Exteriores do Brasil e a seus colegas de Governo.

Ao Coronel Rondon

Distinto oficial do exército, homem de alta envergadura mental e moral, explorador intrépido e a seus auxiliares Capitão Amílcar, Tenente Lira, Tenente Melo, Tenente Lauriano, Dr. Cajazeiras, do Exército Brasileiro e Eusébio de Oliveira, nossos companheiros no trabalho científico e na Expedição aos Sertões.

Este livro lhes é dedicado com estima, consideração e afeto, pelo seu amigo

Theodore Roosevelt

Capítulo I

A Partida

Certo dia, em 1908, ao findar meu mandato presidencial, o Padre Zahm ([37]), sacerdote de minhas relações, veio procurar-me. Fôramos camaradas por algum tempo; éramos, ambos, admiradores de Dante e gostávamos de história e ciências. Eu costumava recomendar aos teólogos o seu livro "*Evolução e Dogma*".

---

[37] Zahm: John Augustine Zahm.

Colonel Roosevelt and Colonel Rondon at Navaite on the River of Doubt.

From a photograph by Cherrie.

THROUGH THE BRAZILIAN WILDERNESS

BY

THEODORE ROOSEVELT

NEW YORK
CHARLES SCRIBNER'S SONS
1925

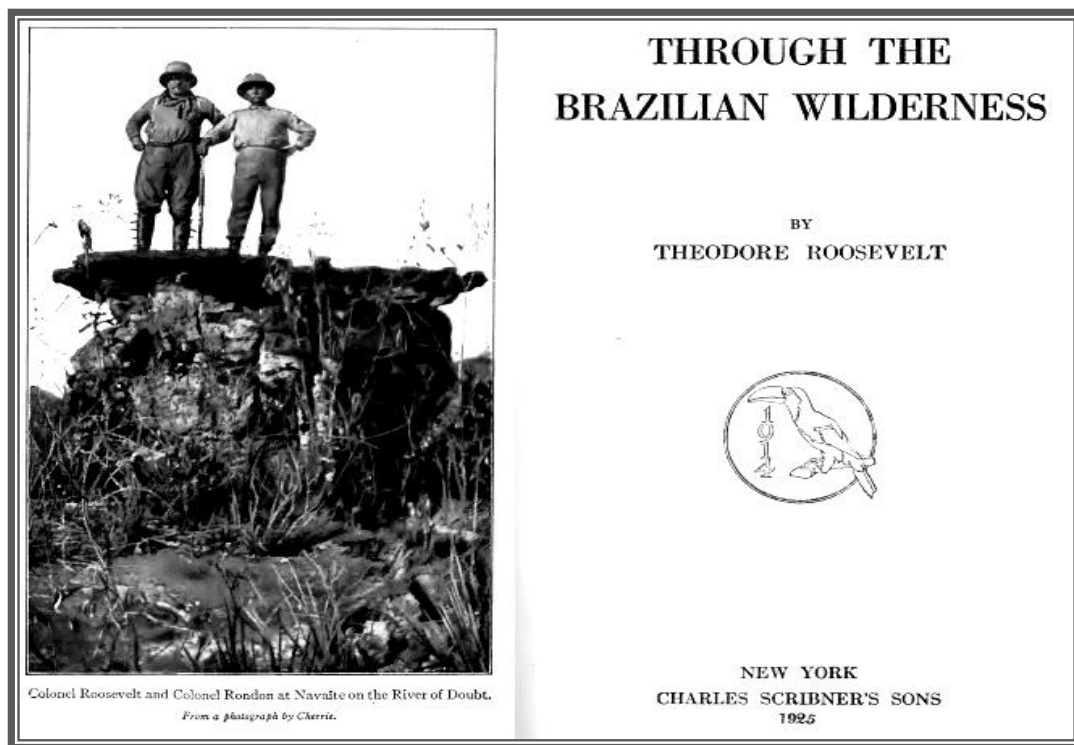



Imagem 11 – Through the Brazilian Wilderness

COPYRIGHT, 1914, BY
CHARLES SCRIBNER'S SONS

All rights reserved, including that of translation into foreign languages, including the Scandinavian

Printed in the United States of America

TO

H. E. LAURO MULLER

SECRETARY OF FOREIGN AFFAIRS FOR BRAZIL, AND TO HIS GOVERNMENTAL COLLEAGUES

AND TO

COLONEL RONDON

GALLANT OFFICER, HIGH-MINDED GENTLEMAN, AND INTREPID EXPLORER

AND TO HIS ASSISTANTS

CAPTAIN AMILCAR, LIEUTENANT LYRA, LIEUTENANT MELLO, LIEUTENANT LAURIADÓ, AND DOCTOR CAJAZEIRA, OF THE BRAZILIAN ARMY, AND EUSEBIO OLIVEIRA

OUR COMPANIONS IN SCIENTIFIC WORK AND IN THE EXPLORATION OF THE WILDERNESS

THIS BOOK

IS INSCRIBED, WITH ESTEEM, REGARD, AND AFFECTION BY THEIR FRIEND

THEODORE ROOSEVELT

Imagem 12 – Through the Brazilian Wilderness

Natural de Ohio, aprendera as primeiras letras à velha maneira americana, numa pequena escola de madeira, onde, por sinal, era também aluno Januarius Aloysius MacGahan, mais tarde famoso correspondente de guerra e amigo de Skobeloff. O Padre Zahm me contou que, já naquele tempo, MacGahan acrescentava à sua extremada intrepidez uma cavalheiresca simpatia pelos fracos: era sempre o defensor de qualquer menino maltratado por outro mais forte. Mais tarde, o Padre Zahm frequentou a Universidade de Notre Dame, em Indiana, juntamente com Maurício Egan, que eu nomeei para Ministro na Dinamarca, quando ocupei a presidência. Por ocasião de sua visita, o Padre Zahm acabava de regressar de uma viagem pelos Andes, havendo descido em seguida o Amazonas, e viera propor-me que, terminado o período presidencial, fôssemos juntos subir o Paraguai, atingindo os Sertões da América do Sul. Naquela ocasião, meu desejo era ir à África; e, assim, o assunto ficou de lado. Mas, de vez em quando, voltávamos a tratar do assunto.

Cinco anos depois, no verão de 1913, aceitei os convites que me foram dirigidos pelos Governos do Brasil e Argentina, para pronunciar Conferências em determinadas associações desses países. Ocorreu-me então que, em vez de fazer uma viagem convencional de turista, unicamente por Mar, em torno da América do Sul, eu poderia vir para o Norte, depois de acabar minhas Conferências, pelo centro do continente, até o Vale do Amazonas.

Resolvi escrever ao Padre Zahm, revelando meus projetos. Antes, porém, queria avistar-me com os diretores do Museu Americano de História Natural, de Nova York, para verificar se lhes interessaria eu levar comigo dois naturalistas ao interior do Brasil e realizar, durante a viagem, coleta de espécimes para o Museu.

Escrevi a Frank Chapman, Chefe da Seção de ornitologia do Museu, e aceitei seu convite para almoçar no Museu num determinado dia em começos de junho. Além de vários naturalistas, também encontrei no almoço, com grande surpresa, o Padre Zahm. Disse-lhe então que pretendia realizar a viagem à América do Sul. Também ele resolvera empreendê-la e fora procurar o Sr. Chapman para ver se este podia recomendar um naturalista para acompanhá-lo. Desde logo declarou que iria comigo. Chapman ficou muito satisfeito quando soube que nós pretendíamos subir o Paraguai e atravessar o Sertão até o vale do Amazonas, porque grande parte da área que teríamos de atravessar ainda não fora explorada com o fim de se obterem espécimes para coleções.

Entendeu-se com Henry Fairfield Osborn, Presidente do Museu, que me escreveu dizendo que o Museu teria satisfação em comissionar, sob minha direção, dois naturalistas que Chapman escolheria com a minha aprovação. Os homens que Chapman recomendou foram os Srs. George Kruck Cherrie e Leo Edward Miller. Aceitei-os com prazer. O primeiro teria de atender, sobretudo, à ornitologia e o segundo à mamalogia ([38]) da Expedição, mas ambos deveriam auxiliar-se mutuamente.

Seria impossível encontrar dois homens melhores para uma Expedição dessa natureza. Eram ambos veteranos das florestas tropicais americanas.

O jovem Miller, natural de Indiana, era um naturalista entusiasta, e com aptidão literária e científica. Achava-se, na ocasião, nas florestas da Guiana, e reuniu-se a nós em Barbados.

---

[38] Mamalogia ou Mastozoologia: ramo da zoologia que se ocupa do estudo dos mamíferos.

Cherrie, mais idoso, natural de Iowa, era então fazendeiro em Vermont. Tinha esposa e seis filhos. A senhora Cherrie acompanhara-o por dois ou três anos, nos primeiros tempos de casados, em suas viagens de coleta pelo Orenoco. O segundo filho do casal nascera num acampamento duas centenas de milhas distante de homens e mulheres brancos. Em uma noite, poucas semanas depois, foram obrigados a abandonar o local onde pretendiam pernoitar, porque a criança estava impertinente, e com seu choro atraiu uma onça que se pôs a rondar o acampamento, ao escurecer, e cada vez mais próximo, até que o casal julgou mais seguro voltar ao Rio e buscar outro lugar para dormir. Cherrie passara cerca de 22 anos colhendo materiais nos trópicos americanos. Tal como a maioria dos naturalistas de campo que tenho conhecido, era ele um homem excepcionalmente destemido e eficiente; por vontade própria ou por força das circunstâncias, vira-se obrigado a mudar de profissão várias vezes, chegando a tomar parte em revoluções.

Por duas vezes esteve preso em consequência dessas atividades; passou três meses no cárcere de um país Sul-americano, esperando a cada momento ser fuzilado. Em outro país, como interlúdio às suas ocupações ornitológicas, tomou o partido de um aventureiro político, levando 2,5 anos nessas atividades entrecortadas de imprevistos. O “*chefete*” revolucionário, a cuja sorte ele se ligou, subiu ao poder e Cherrie imortalizou-o dando seu nome a uma nova espécie de tordo papa-formigas – detalhe delicioso, por associar duas atividades que raramente vivem juntas: a ornitologia e as guerrilhas.

Em Anthony Fiala, que fora explorador ártico, encontramos um homem excelente para cuidar da organização do equipamento e do embarque. Além dos seus quatro anos de região ártica, Anthony Fiala

servira na esquadrilha de Nova York em Porto Rico, durante a guerra com a Espanha, e nessa ocasião conheceu sua gentil esposa, que era de Tennessee. Ela veio com os quatro filhos do casal para as despedidas no cais.

Meu secretário, o Sr. Frank Harper, seguiu conosco. Jacob Sigg, que servira três anos no Exército dos Estados Unidos, e que era ao mesmo tempo enfermeiro e cozinheiro, com inclinação natural para aventuras, ia como assistente pessoal do Padre Zahm.

No Sul do Brasil, meu filho Kermitt reuniu-se a mim. Trabalhava na montagem de uma ponte e, dois meses antes, quando estava numa enorme viga de aço suspensa por um guindaste, esta falseou e ele caiu com a ferragem sobre o leito de pedras. Escapou com duas costelas quebradas, dois dentes arrancados e um joelho em parte deslocado, mas já estava praticamente restabelecido quando partiu conosco.

Em sua composição, a nossa Expedição era tipicamente americana. Kermitt e eu éramos de velha cepa revolucionária, correndo em nossas veias um pouco de todas as espécies de sangue que existiam neste lado do oceano nos tempos coloniais. O pai de Cherrie nascera na Irlanda e sua mãe na Escócia; vieram muito jovens para os Estados Unidos e seu pai serviu durante toda a guerra civil num regimento de cavalaria de Iowa. Sua mulher era de velha estirpe revolucionária. O pai do Padre Zahm era um imigrante alsaciano e sua mãe, filha de escocês e americana, descendia de uma sobrinha do General Braddock. O pai de Miller viera da Alemanha e sua mãe, da França. Os pais de Anthony Fiala eram tchecos da Boêmia. O pai servira quatro anos na guerra civil, no Exército da União. Sua mulher, natural de Tennessee, descendia de revolucionários.

Harper era natural da Inglaterra e Sigg da Suíça. Éramos tão diferentes em matéria de credo religioso, quanto em origens étnicas. O padre Zahm e Miller eram católicos, Kermitt e Harper episcopais, Cherrie presbiteriano, Fiala batista, Sigg luterano e, quanto a mim, pertencia à igreja protestante holandesa.

Como armamento, os naturalistas levavam espingardas de dois canos calibre 16, das quais uma, a de Cherrie, tinha um terceiro cano, estriado, sob os outros dois. As armas de fogo para o resto da Expedição foram fornecidas por Kermitt e por mim, inclusive a minha carabina Springfield, duas carabinas Winchester de Kermitt, uma de calibre 405 e 30-40, a espingarda Fox calibre 12 e outra calibre 16 e dois revólveres, um Colt e um Smith and Wesson.

Levamos de Nova York duas canoas de lona, barracas, mosquiteiros, bastante filó, inclusive redes para chapéus, e camas de vento e redes leves. Levamos cordas e roldanas que nos foram muito úteis em nossa viagem de canoa. Cada qual se vestiu segundo suas preferências. Minhas roupas eram de pano cáqui, como as que usei na África, com duas camisas de flanela do Exército americano e duas camisas de seda; um par de sapatos ferrados e perneiras e um par de botas de couro, com atacadores, que me subiam até os joelhos. Os dois naturalistas me haviam prevenido de que convinha usar ou perneiras ou botas altas como proteção contra cobras; levei também luvas por causa dos pernilongos e mutucas. Pretendíamos, sempre que possível, alimentar-nos com o que pudéssemos encontrar, mas levamos algumas rações de emergência, das que se usam no Exército, e também 90 latas, cada uma com provisões diárias para cinco homens, preparadas por Anthony Fiala. [...]

Imagem 13 – Roosevelt e Lauro Müller no Rio de Janeiro

Meu plano exato de operações teria de ser, necessariamente, um tanto indefinido. Mas, chegando ao Rio de Janeiro, o Ministro Lauro Müller, que com a maior gentileza manifestara grande interesse pessoal pela minha Expedição, informou-me de que havia arranjado as coisas de modo que no Alto Paraguai, na cidade mato-grossense de Cáceres, eu me encontrasse com um Coronel do Exército Brasileiro quase índio pelo sangue. O Cel Rondon tem sido durante um quarto de século o mais destemido explorador do "*hinterland*" brasileiro. Naquela ocasião estava em Manaus, mas seus subordinados se encontravam em Cáceres e foram avisados de nossa chegada.

O Sr. Lauro Müller, que, além de eminente homem público, é também um espírito dotado de grande cultura, possuindo traços que me faziam lembrar John Hay, se propôs a me auxiliar no sentido de dar a minha viagem muito maior alcance do que eu havia a princípio planejado. Tomado de vivo interesse na exploração e desenvolvimento do interior do Brasil, convenceu-se de que minha Expedição podia ser utilizada para <u>difundir</u> <u>no</u> <u>estrangeiro</u> <u>um</u> <u>conhecimento</u> <u>mais</u> <u>geral</u> <u>do</u> <u>país</u>.

> Declarou-me que cooperaria comigo de todas as maneiras, se eu quisesse chefiar uma Expedição que, entrando pela área inexplorada do Oeste de Mato Grosso, tentasse descer um Rio que corria para rumo desconhecido, mas que exploradores bem informados, acreditavam ser um Rio caudaloso inteiramente desconhecido pelos geógrafos. Pressuroso e satisfeito, aceitei a proposta, pois senti que com esse apoio a Expedição podia ter alto valor científico e trazer uma contribuição considerável ao conhecimento geográfico de uma das regiões menos conhecidas regiões da América do Sul. De acordo com o nosso entendimento, ficou assentado que o Cel Rondon e alguns de seus auxiliares me encontrariam em Corumbá ou em outro local Rio abaixo, e que juntos tentaríamos a descida do tal Rio cujas cabeceiras eles já haviam atravessado.
>
> Eu precisava viajar pelo Brasil, Uruguai, Argentina e Chile, durante seis semanas, a fim de cumprir meus compromissos, fazendo Conferências. Quanto a Fiala, Cherrie, Miller e Sigg, eles se separaram de mim no Rio de Janeiro, prosseguindo para Buenos Aires no navio em que viéramos de Nova York. De Buenos Aires, subiram o Paraguai para Corumbá, onde ficaram esperando por mim. Os dois naturalistas seguiram na frente, a fim de começarem a colheita de material; Fiala e Sigg viajaram com mais vagar, levando a bagagem pesada. (ROOSEVELT, 1976)

Roosevelt foi recebido e aclamado no Brasil como grande estadista que era em função de suas memoráveis intervenções facilitando o equacionamento da Questão Acreana agravada com a criação do Bolivian Syndicate e mediando com ponderação e acerto os termos do Tratado de Portsmouth.

O reconhecimento mundial pelos seus esforços e determinante atuação em prol da assinatura do Tratado de Portsmouth, conciliando interesses tão antagônicos, entre a Rússia e o Japão, foi materializado através da concessão do prêmio Nobel da Paz de 1906, tornando-se o primeiro norte-americano a receber tal distinção. O Jornal "*O Paiz*", RJ, publicou uma série de reportagens à respeito da vinda de Roosevelt ao Brasil:

O Paiz, n° 10.594 – Rio de Janeiro, RJ
Quinta-feira, 09.10.1913

A Vinda do Sr. Roosevelt

Está em viagem para o Brasil o Sr. Theodore Roosevelt, que deve ser acolhido aqui com manifestações excepcionais de apreço, tanto pela radiação do seu nome notável no domínio do pensamento, como na arte de governar, e pelo que a sua personalidade tem de intensamente representativa da civilização americana. "*Deve ser*" não significa uma deliberação já assente por parte das autoridades ou dos centros intelectuais da metrópole brasileira, mas a obrigação em que uns e outros se acham de manifestar ao grande estadista e vigoroso escritor o alto conceito em que tem a sua obra de democrata, a sua capacidade de diretor da política de uma grande nação, o seu talento de publicista possante e original.

É tempo de se pensar na melhor maneira por que se há de acolher o Ex-presidente dos Estados Unidos, espírito de renome e influência universal, e que tão particulares testemunhos de interesse mostrou pelo progresso da nossa República.

São visitas desta ordem, espontâneas, ditadas pela curiosidade intelectual por um visível sentimento de simpatia, que nos devem lisonjear. O Sr. Roosevelt tem um grande público que admira a sua independência de caráter, a justeza das suas observações, a superioridade do seu critério, e, assim, o que da sua pena sair sobre a situação da nossa terra, sobre os problemas que o preocupam, sobre os traços especiais da nossa evolução social, política e econômica, sobre o pitoresco das nossas paisagens e dos nossos costumes, há de atrair para o Brasil uma larga atenção, produtora mais tarde de excelentes frutos.

Não é por esse lado somente que a sua vinda deve ser apreciada, embora não fique mal a nenhum povo, como a nenhum indivíduo, pensar nos proveitos nobres que pode colher de um incidente, para o qual não concorreu, mas que, inteligentemente aproveitado, lhe pode determinar resultados utilíssimos.

O que acima de tudo, é claro, nos impõe o grato encargo de festejar o advento do Sr. Roosevelt é a compreensão que todos temos da grandeza da sua ação política, do seu amor à paz universal, do seu empenho pela concórdia e pela prosperidade americana. Os Estados Unidos devem ao grande homem monumentos de verdadeiro orgulho patriótico, tão brilhante foi o concurso que trouxe ao acréscimo do seu prestigio internacional.

Ao gênio político de Roosevelt deve a poderosa República grande parte da influência de que dispõe no concerto das potências e o ambiente de confiança e admiração com que nos principais países do continente passaram a ser, julgadas as suas ideias e tendências em relação às Repúblicas latinas, por cuja integridade ela sempre zelou, fiel ao compromisso tradicional de Monroe.

O período da sua administração constitui uma das páginas mais vibrantes e gloriosas da história daquele admirável país. A paz entre a Rússia e o Japão, trabalho do Presidente daquela República, bastaria para dar à sua individualidade uma fulguração imorredoura. Não há, nos últimos tempos, exemplo de uma tão grande autoridade envolta em tão larga, carinhosa e entusiástica estima, como aquela de que gozou o eminente democrata durante os anos de sua fecundíssima presidência. O cortejo que algumas monarquias poderosas fizeram ao chefe dessa deslumbrante democracia, disputando-lhe as graças e enaltecendo-lhe o valor, dá a medida do êxito dessa administração inolvidável.

Este artigo não visa, porém, a reconstituição dos serviços que, em escala espantosa, prestou ao progresso do seu país e ao aumento da civilização universal. Não chegou ainda a hora do cumprimento desse dever; o que se quer é simplesmente relembrar a imponência desse vulto, que, fora do poder, e por ele tão nobilitado, ainda exerce sobre os espírito dos governantes e dos povos a fascinação do talento, como condutor perspicaz que foi das energias e das aspirações da sua vigorosa e liberalíssima nacionalidade.

O Sr. Roosevelt, dissemos atrás, mostrou sempre pelo Brasil um grande interesse, acompanhando os seus progressos e prestando-lhe até o auxílio da sua boa vontade na solução das dificuldades que para o problema do Acre criara a fundação do Bolivian Syndicate.

Sem a intervenção do Governo Americano, esse grupo financeiro não teria aberto mão dos seus direitos ao verdadeiro domínio do território em que se instalara, escudado numa "*Carta*" do gênero das grandes companhias exploradoras dos Sertões africanos.

A solicitude com que a Chancelaria da grande República, interpretando os sentimentos de cordialidade do Sr. Roosevelt com o nosso país, procurou obter a acomodação da empresa aos desejos de Rio Branco, recomendou logo o grande estadista ao apreço nacional.

A viagem de Elihu Root ao Brasil, para assistir à inauguração da Conferência Pan-Americana, obedeceu ao pensamento do Chefe do Estado que se esforçava por manifestar à opinião Sul-americana o seu espírito de amizade sincera, dissipando velhos e desarrazoados preconceitos sobre o caráter autoritário e imperialista da política dos Estados Unidos, em relação aos povos latinos do continente. Se o Sr Root percorreu diversas Repúblicas, não há negar que só pensou nessa visita depois de resolvida a viagem à metrópole brasileira.

Era claro que essa audição a uma República Sul-americana, motivada pelo fato da reunião da Conferência Internacional, devia ser tomada pelas outras como uma prova da perfeita amizade que os Estados Unidos lhes votavam, alheados por completo de qualquer ideia de preponderância, num futuro mais ou menos próximo. O Sr. Root quis, porém, ser gentil com as principiais, para que não houvesse entre elas motivo para ciúmes, e prolongou a sua excursão de proveitosa e inteligente confraternidade.

O Brasil não pôde esquecer, porém, o empenho que o Governo de Roosevelt pôs em lhe patentear o seu afeto por essa ocasião, delicadeza que o povo compreendeu naturalmente emocionado, festejando por forma verdadeiramente entusiástica o seu eminente auxiliar de Governo. Além do dever em que nos achamos, como sociedade culta, de demonstrar a nossa admiração por um dos espíritos mais notáveis do tempo, com uma bela folha de serviços à liber-

dade, à paz, à civilização, ilustre nas letras, grande na política, soldado heroico e pensador profundo, há ainda a consideração especial do reconhecimento que nos cumpre prestar pelas suas provas de estima, tão sinceras como úteis. [...] (O PAIZ, n° 10.594)

O Paiz, n° 10.602 – Rio de Janeiro, RJ
Sexta-feira, 17.10.1913

Roosevelt
A Sua Próxima Chegada a Esta Capital

A próxima visita do Sr. Theodore Roosevelt, o brilhante estadista "*yankee*" e antigo Presidente da grande República do Setentrião, vai ser, dentro de uma semana, a nota sensacional da vida brasileira. Além de se tratar de um homem notável por todos os títulos, político, pensador e tribuno, "*sportman*" consumado e perfeito "*gentleman*" em toda a extensão do vocábulo, hoje de nomeada mundial, conquistada vitoriosamente desde o seu vigoroso Governo nos Estados Unidos até as suas múltiplas excursões pelos diversos continentes, em cujo coração se há entranhado em curiosos e interessantes estudos, tem ainda para nós um outro encanto – é haver sido sempre um grande amigo da nossa Pátria.

O Governo, em nome do Brasil, vai recebê-lo com todas as honras, se bem que a sua vinda ao nosso pais se revista de caráter puramente particular, tendo mesmo, por principal escopo, estudar o nosso meio e as nossas coisas, como tem feito em outros países, o que exige uma certa tranquilidade de ânimo e, para que não dizer logo, requer, acima de tudo, uma justificada liberdade de ação.

Seria assim insensato que se pretendesse entre nós, quer pelo mundo oficial, quer pelas outras classes da nossa sociedade, tomar-lhe o tempo inteiro; de que dispõe, e que não é muito, com festas sobre festas e intermináveis homenagens, transformando-o em um simples prisioneiro de Exagerados carinhos privando-o de satisfazer a natural curiosidade científica que o atrai principalmente às nossas plagas.

Não há dúvida que é dever nosso cercá-lo do grande afeto, de que fez jus por mais de uma ocasião, quer como simples cidadão, quer como chefe supremo de seu país, dando-nos constantes e evidentes provas de alta estima e consideração, e concorrendo com isso a reafirmar as cordiais e fecundas relações que sempre ligaram as duas maiores potências da América, desde que ambas se tornaram independentes das respectivas metrópoles. [...]

Tudo isto justifica a satisfação com que o Governo da República e os brasileiros em geral receberão tão ilustre e prezado hóspede; estamos certos de que o acolhimento que terá de todos será tanto mais sincero e expressivo, quanto não se revestirá de excessivas exibições, que não estão mais ao nível de nossa cultura, e que nos reduziriam, diante do seu olhar perscrutador de sociólogo e cientista, às ridículas proporções de certos povos que, conto mesmo nos descreve, teve ensejo de visitar em algumas regiões pouco civilizadas.

Se o Governo brasileiro adotar para a recepção do grande estadista o protocolo "*Yankee*" se não servilmente, ao menos em suas linhas gerais, em se tratando de um ex-chefe de Estado, o seu desembarque se deverá realizar no Arsenal de Marinha, onde, em sala especial, receberá os cumprimentos do representante do Presidente da República, Ministros das diversas pastas, Presidentes do Senado

e da Câmara, com as respectivas comissões de diplomacia; embaixador americano e seus secretários; diplomatas estrangeiros que o desejem cumprimentar; altos funcionários da República; Presidente e demais diretores do Instituto Histórico, no qual vem especialmente fazer uma conferência e delegados de outras instituições de ciência, letras e comércio. [...]

Além da recepção em que, naturalmente, deverá apresentá-lo à sociedade brasileira o Sr. Edwin Morgan, e das festas promovidas pela colônia norte-americana, é possível que o Sr. Ministro das Relações Exteriores lhe ofereça um "*garden-party*" em um dos nossos soberbos parques, e as Comissões de diplomacia do Senado e da Câmara lhe deem um grande baile.

O ilustre estadista terá assim ensejo de se achar em contato com a nossa sociedade culta durante alguns dias; e, depois de fazer a sua Conferência no Instituto Histórico, é possível que passe a visitar, além do Instituto Oswaldo Cruz, alguns dos nossos grandes estabelecimentos fabris, para fazer ideia do progresso real das nossas indústrias, seguindo a percorrer um dos Institutos de instrução agrícola, fundados pelo Ministério da Agricultura, e uma ou duas das nossas colossais fazendas de café.

A sua demora nesta cidade será agora curta, partindo depois para S. Paulo, onde passará alguns dias, e visitando talvez Minas Gerais.

Deixando sua ilustre família em companhia de seu filho, em S. Paulo, o Sr. Roosevelt irá por terra, através do Paraná, S. Catarina e Rio Grande do Sul, até Montevidéu, passando-se daí para Buenos Aires e seguindo, finalmente, até ao Chile.

Daquela República, onde ficará uma semana talvez, regressará ao Brasil, onde virá encontrar-se com o Coronel Rondon, com este empreendendo uma longa excursão pelos nossos Sertões, devendo percorrer zonas até hoje jamais transitadas por estrangeiros, sendo possível que com o seu intrépido companheiro faça a exploração de um Rio que nunca foi estudado.

Essa viagem será para Roosevelt talvez a mais bela página das suas ousadas aventuras pelas florestas.

Chamado pelo Governo, é provável que chegue hoje a Manaus o Coronel Rondon dali partindo hoje mesmo em um dos paquetes do Lloyd, devendo aqui aportar poucos dias depois daquele ilustre viajante. [...] Seja bem-vindo o grande amigo do Brasil. (O PAIZ, n° 10.602)

O Paiz, n° 10.604 – Rio de Janeiro, RJ
Domingo, 19.10.1913

Roosevelt
A Sua Visita ao Brasil

O programa da recepção nesta capital ainda não está definitivamente assentado – Telegrama do Sr. Ministro do Exterior para a Bahia – Em vez de três dias, espera-se que Roosevelt demore-se uma semana no Rio de Janeiro – Excursão com Senadores e Deputados à Tijuca e à Gávea – Chegada do eminente estadista à Bahia – O povo o recebe com entusiasmo – Discursos de Roosevelt – Últimas notas.

Imagem 14 – Roosevelt e Edwin Morgan no Rio de Janeiro

[...] Constando que era, intenção do ilustre estadista "*Yankee*" demorar-se apenas três dias entre nós, seguindo logo depois para S. Paulo, somos informados de que o Sr. Ministro das Relações Exteriores telegrafou para a Bahia, perguntando-lhe se não seria possível dilatar esse prazo, aqui ficando uma semana. Se a resposta do ilustre viajante for favorável, é possível que tenha ensejo de poder apreciar com mais segurança os nossos progressos materiais e econômicos e o grau de elevação da nossa cultura intelectual no convívio dos nossos homens mais notáveis nas ciências, nas letras e na política.

É assim provável que, no mesmo dia em que o Sr. Lauro Müller oferecer ao Sr. Roosevelt, em nome do Governo, uma "*Garden Party*" no Jardim Botânico, faça S. Ex., em companhia de diversos Senadores e Deputados, uma pitoresca excursão pela Tijuca e pela Gávea. [...]

Os excursionistas almoçarão no Alto da Tijuca e depois de passearem os pontos mais dignos de admiração dessa deliciosa serra, descerão pela estrada da Gávea até ao Jardim Botânico, onde encontrarão já reunida toda a alta sociedade carioca. [...]

Como se verá do telegrama que abaixo publicamos, o Sr. Roosevelt foi condignamente recebido na Bahia, associando-se todas as classes sociais às demonstrações de apreço promovidas pelos poderes públicos do Estado. [...]

S. SALVADOR, 18.12.1913

Chegou hoje, a bordo do paquete "*Van Dyck*", que amanheceu no porto desta cidade, o Coronel Theodore Roosevelt, Ex-presidente dos Estados Unidos da América do Norte, acompanhado de sua comitiva.

Às 07h00, a bordo do iate "*Dois de Julho*", dirigiram-se a bordo daquele paquete o Dr. J. J. Seabra, Governador do Estado; representantes do mundo oficial e o cônsul americano nesta cidade, apresentando as boas-vindas ao ilustre viajante e sua comitiva. Após os primeiros cumprimentos, os ilustres excursionistas transportaram-se para bordo do iate "*Dois de Julho*", tomando este a direção do Arsenal de Marinha, onde se efetuou o desembarque. Todos os navios surtos ([39]) neste porto embandeiraram em arco ([40]). Apesar da hora, o Arsenal de Marinha e suas circunvizinhanças achavam-se repletos de povo, desembarcando o Sr. Roosevelt e sua comitiva, às 08h00.

---

[39] Surtos: atracados.
[40] As bandeiras são içadas pelos cabos quase até ao topo dos mastros, indo um dos seus extremos para a proa e outro para a popa.

Por essa ocasião prestou continências ao eminente estadista o 3° Corpo de Polícia, tendo o povo prorrompido ([41]) em aplausos e aclamações ao Sr. Roosevelt. Foi, então, organizado um imponente cortejo de 40 automóveis, que tomaram direção do Palácio do Governo. O Sr. Roosevelt seguiu em "*landau*" ([42]), do Estado, em companhia do Dr. J. J. Seabra, Governador do Estado; Dr. Júlio Brandão, Intendente e do representante do General João José da Luz, Inspetor da 7° Região Militar, com sede nesta capital, sendo o "*landau*" escoltado por um Esquadrão de Cavalaria. Durante o trajeto, o Sr. Roosevelt foi constantemente aclamado. Em, frente ao Palácio do Governo prestou continências ao ilustre Ex-chefe de Estado o 1° Corpo de Polícia. Após um pequeno descanso, foram servidos doces e chocolate aos ilustres hóspedes, organizando-se, em seguida, um cortejo, que percorreu as obras da Avenida 7 de Setembro, indo até o arrabalde da Graça, voltando depois à cidade, visitando o Sr. Roosevelt e sua comitiva a igreja de S. Francisco e a Faculdade de Medicina. Este último estabelecimento, cujas dependências foram detalhadamente percorridas pelo Sr. Roosevelt, recebeu de S. Exª calorosas referências, dizendo S. Exª ser, no gênero, um dos melhores do mundo.

Sempre acompanhado do Dr. J. J. Seabra, do Dr. Júlio Brandão e de outra autoridades estaduais e municipais, dirigiu-se o Sr. Roosevelt ao edifício do Conselho Municipal, onde assistiu à sessão solene, realizada em sua honra. Nesse estabelecimento achavam-se representantes de todas as classes sociais, da imprensa e diversas famílias da elite baiana, sendo o Sr. Roosevelt muito aclamado à sua

---

[41] Prorrompido: manifestou-se.

[42] "*Landau*" ("*landô*"): carruagem de quatro rodas cuja dupla capota pode ser removida, se for o caso.

chegada. [...] Agradecendo, disse o Sr. Roosevelt lamentar não conhecer a língua portuguesa, a fim de dirigir palavras ao povo baiano manifestando a sua gratidão pelo feliz acolhimento que aqui teve, e também por parte do Governo do Estado, sentindo-se ainda penhorado pela saudação que lhe dirigiu o Dr. Francisco de Castro Rebello, devendo confessar que em toda a sua vida político social tem encontrado todo o auxílio por parte da classe médica. Em seguida, S. Exª fez referências à Bahia, salientando a sua remodelação, dizendo que este Estado, que conhece agora, pessoalmente, já o conhecia de nome, pelas suas riquezas, fazendo, referências, também ao seu Governo e terminando em dirigir uma saudação ao Estado da Bahia, nas pessoas do Dr. Seabra, seu Governador, e do Dr. Júlio Brandão, Intendente de S. Salvador. Ao terminar o seu brilhante discurso, o ilustre excursionista foi delirantemente aclamado pela numerosa e seleta assistência.

Após a sessão solene do Conselho Municipal, em bonde especial, acompanhado de mais seis bondes repletos de povo, dirigiu-se o eminente estadista, em companhia de todas as autoridades estaduais e municipais, ao edifício do Instituto Normal, onde tomou parte no banquete de 200 talheres, oferecido em sua honra. [...] (O PAIZ, n° 10.604)

O Paiz, n° 10.605 – Rio de Janeiro, RJ
Segunda-feira, 20.10.1913

A Sua Chegada Hoje ao Rio de Janeiro
Welcome Sir Theodore Roosevelt

SÉDE SOCIAL
Avenida Rio Branco
128, 130, 132

O PAIZ

ASSIGNATURA
Doze mezes . . 30$000
Seis mezes . . 16$000
Um mez . . . 3$000
NUMERO AVULSO 100 RS.

ANNO XXIX — N. 10.605

RIO DE JANEIRO, SEGUNDA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO DE 1913

China e Portugal

ECHOS E FACTOS

ROOSEVELT

A SUA CHEGADA HOJE AO RIO DE JANEIRO

WELCOME SIR THEODOR ROOSEVELT

Imagem 15 – O Paiz, n° 10.605 – Roosevelt

O Rio de Janeiro vai ter hoje a honra de hospedar o Sr. Theodore Roosevelt. Raros homens de Estado têm sido mais discutidos e atacados do que o Ex-presidente dos Estados Unidos.

A sua nomeada, hoje mundial, é em boa parte devida ao grande ruído que muitas vezes se há feito em torno de sua personalidade, quer como político eminentemente ousado e franco em suas ações e modos de pensar e sentir quer como sociólogo e cientista, um tanto original nos seus conceitos e nos seus escritos, quer pessoalmente, como simples cavalheiro, dotado de qualidades muito distintas e recomendáveis de coração e de caráter.

O Brasil político e o Brasil intelectual vão agora apreciá-lo de perto; e, estamos certos, a impressão que há de deixar entre nós, bom amigo que se tem mostrado sempre do nosso País, há de ser a mais agradável e auspiciosa, consolidando ainda mais a velha simpatia que nos liga à sua gloriosa Pátria.

Como uma amostra do grande valor moral e intelectual do ilustre estadista que nos vai honrar com a sua visita, publicamos hoje o mais famoso de seus discursos. Essa notável peça oratória, seguida, meses depois das memoráveis mensagens que dirigiu ao Congresso Norte-Americano, em 04.01.1904 e 06.12.1904, provocou os mais calorosos e variegados ([43]) comentários por parte dos grandes órgãos da imprensa europeia e alguns da sul-americana, tendo também levantado acesas polêmicas no próprio jornalismo "*Yankee*". À 30.04.1903, escreve um dos seus mais impenitentes adversários, ao se inaugurar a Exposição S. Luiz, o Sr. Roosevelt pronunciou um discurso, que não pôde passar sem os mais severos e meditados comentários.

Nenhuma das suas numerosas orações, como Presidente dos Estados Unidos, indica com mais propriedade o estado de espírito atual do povo americano. Nenhuma sintetiza mais completamente o seu orgulho do passado e a sua confiança no futuro. Nenhuma poderia mais fielmente fazer compreender as tendências do Presidente e as da grande Nação, de que era, ao mesmo tempo, o eleito, o representante mais autorizado, a personificação mais absoluta! Na verdade, o que querem demais a mais os Estados Unidos é se tornarem uma das maiores potências e, talvez mesmo, a maior potência do Universo. E para alcançar esse fim, estão prontos a tudo arriscar; e, contra aqueles que se insurgem contra os seus planos, o Sr. Roosevelt está sempre disposto a responder que a expansão continua é uma lei natural de todo o organismo vivo, e que, seguir essa lei, é dar prova de uma sabedoria maior que a maior sabedoria daqueles que julgam ser mais sábios, mostrando-se menos ousados.

[43] Variegados: diversos.

É ele ainda quem nos afirma que não é só a audácia que o povo americano deve os seus sucessos passados, e deverá, sem dúvida, os futuros no seu incessante trabalho de expansão territorial; mas, à excelência das suas instituições, que são aos olhos dos americanos, como afirma Hanser, as melhores que se possam sonhar, instituições que seria até legítimo e caridoso impor ao mundo inteiro, impondo-lhe com o mesmo golpe, como meio de alcançar a felicidade completa, *"a dominação americana!"* Eis a famosa peça oratória do Ex-presidente, ao abrir a exposição de S. Luiz, peça em que, desde as primeiras palavras, se sente o vibrar incessante do mais intenso amor à sua grande e gloriosa Pátria:

> Nós estamos reunidos aqui para celebrar o centésimo aniversário do acontecimento capital, que, mais do que nenhum outro, desde a fundação deste Governo [abstração feita, bem entendido, das lutas pela sua conservação], determinou o caráter da nossa vida nacional, determinou que seríamos uma grande potência sempre em expansão, em lugar de um País relativamente pequeno e estacionado. Não foi, na verdade, com a aquisição da Luisiana, que começou a nossa carreira de expansão. Em meio da guerra, da Revolução, a região de Illinois, que compreende os Estados atuais de Illinois e de Indiana, foi acrescentada ao nosso domínio pela força das armas e consequência da expansão aventurosa de George Rogers Clark e de seus mosqueteiros da fronteira. Os Tratados de Jay e de Pinckney, mais tarde, estenderam de uma maneira importante os novos domínios para o Oeste. Mas, nenhum destes acontecimentos teve um caráter muito notável para ferir a imaginação popular.
>
> As antigas Treze Colônias tinham sempre reclamado o direito de se estender para lado de Oeste, em direção ao Mississipi, e por mais vagas que fossem essas pretensões, até que a conquista a ocupação e a diplomacia as tivessem feito boas, não contribuíram menos para dar impressão de que os

movimentos do nosso povo para o Oeste não eram mais do que uma maneira muito natural de preencher um domínio nacional já existente. Mas, não podia haver nenhuma ilusão relativamente a aquisição do vasto território, que, além do Mississipi, se estendia naquele rumo, e que era já então conhecido pelo nome de Luisiana. Nenhum de nós tinha em tempo algum reivindicado dele um só polegar. A sua aquisição não podia, de modo algum, ser considerada como cumprimento de reivindicações já existentes.

Quando fizemos demonstrar, da maneira a mais evidente, que, uma vez por todas e de propósito deliberado, teríamos de embarcar em uma carreira de expansão, e que tínhamos tomado de todo um lugar entre essas nações empreendedoras e ousadas que sabem arriscar muito com a esperança e o desejo de ocupar um posto importante entre as grandes potências do Universo. E, como acontece muitas vezes, na natureza, a lei desenvolvimento natural de todo o organismo vivo se afirmou por seu turno na própria obra, provando que ela era mais sábia que a sabedoria dos mais sábios... Nunca, antes disso, o mundo tinha visto uma expansão do gênero da que se deu à nossa nação toda esta parte do continente americano, que se acha a Oeste dos nossos treze Estados primitivos. Nosso triunfo na marcha da nova expansão ficou indissoluvelmente ligado ao sucesso de nosso sistema particular de Governo Federal.

Quando os nossos antepassados se reuniram para chamar à existência esta nação, empreenderam uma tarefa que não tinha um precedente sequer para encorajar. O desenvolvimento da civilização desde os períodos mais remotos parecia estabelecer a verdade destas duas proposições: primeiro, que tinha sido sempre muito difícil assegurar ao mesmo tempo em um Governo a liberdade e a força; segundo, que tinha sido demonstrado, como quase impossível para uma nação, engrandecer sem se desmembrar, ou sem se tornar uma tirania centralizada.

Do sucesso de novos esforços para combinar uma união nacional, forte, real e capaz de reprimir toda a desordem no interior, de salvaguardar fora do País a nossa honra e os nossos interesses, não preciso falar-vos. Esse sucesso foi assinalado e particular importante; mas não se pode negar que foi sem precedente, atendendo-se a que o nosso modo de expansão não teve também precedentes.

A história de Roma e da Grécia sintetiza admiravelmente os dois modos de expansão que foram empregados nos tempos antigos e que tinham sido universalmente admitidos como sendo os dois únicos possíveis até o dia em que começamos nós mesmos a tomar posse, como nação, deste continente. Os Estados gregos realizaram notáveis feitos de colonização; mas, apenas criada, cada colônia tornava-se independente da metrópole e era, anos depois, tão susceptível de se tornar sua inimiga como de ficar sua aliada. O "*self-government*" local, a independência local, eram assegurados, mas unicamente pelo sacrifício de tudo que podia assemelhar-se a uma unidade nacional. O poder e a grandeza nacionais eram sacrificados à liberdade local.

Com Roma, foi exatamente o contrário, o que aconteceu. A Cidade imperial elevou-se à dominação absoluta a princípio de todos os povos da Itália, depois estendeu a sua lei sobre todo o mundo civilizado, por um processo que manteve a nação forte e unida; mas fez isto sem deixar lugar algum para as liberdades locais e para as administrações autônomas. Todas as outras cidades e todas as outras nações tornaram-se súditas de Roma. Em consequência disso, esta grande e magistral raça de guerreiros, governantes, construtores de estradas e administradores imprimiu o seu cunho indelével em toda a vida posterior da nossa raça. Ela deixou, portanto, que uma supercentralização desunisse os elementos vitais do seu Império até que se tornou uma casca vazia de modo que, quando vieram os bárbaros, estes não desuniram senão o que já era sem valor para o Mundo.

O vício inerente a cada um destes sistemas era assaz evidente, e o remédio hoje parece muito simples: mas, quando os próceres da nossa República formularam a princípio a Constituição, sob a qual vivemos, ninguém podia predizer como funcionaria. Eles mesmos começaram quase imediatamente a experiência, acrescentando novos Estados aos treze primitivos. Excelentes espíritos na parte Este de nossa Nação viam com grandes sustos esta expansão inicial do País. Do mesmo modo que durante o período colonial, muitos bravos cidadãos da mãe Pátria consideravam como coisa importante que os peões fossem excluídos do Vale do Ohio no interesse das companhias, também muita gente boa da costa do Atlântico, quando nos tornamos uma nação, sentia graves apreensões e receava ser levada pela extensão do País para as bandas de Oeste.

Não faltou quem sacudisse a cabeça a propósito da formação de novos Estados no fértil Vale do Ohio, que é hoje uma parte do próprio coração do País, e declarasse que iríamos até a destruição da República quando, pela aquisição da Luisiana, acrescentamos à nossa Pátria o que é hoje a metade do seu território.

E nesse sentimento nada havia que não fosse natural. Só se pôde pedir aos que são ousados, aos que veem longe, experimentar o sistema de expansão, porque o País que engrandece é um País que entra em uma grande carreira, e, com a sua grandeza veem necessariamente perigos que aterrorizam a todo mundo, salvo os homens de grande coragem.

Nós nos temos engrandecido retalhando a selvageria em territórios e fabricado com esses territórios novos Estados quando receberam, na qualidade de residentes permanentes um número bastante de indivíduos de nossa própria raça. Sendo uma nação prática, nunca experimentamos impor a seção alguma de no nosso território uma forma não apropriada de Governo, unicamente porque essa forma convinha a outras regiões, que se achavam em condições diferentes.

Do território coberto pela antiga Luisiana, por exemplo, uma só porção recebeu, no fim de alguns anos, o privilégio de se constituir em Estados; enquanto uma outra parte não tem ainda obtido este favor, bem que um século se haja escoado desde a sua aquisição, bem que sem dúvida seja em breve chamada a obtê-lo. Em cada um desses dois casos, temos mostrado o gênio prático da nossa Nação dividindo os métodos segundo as necessidades, não insistindo pela aplicação igual de algum plano abstrato a todas as nossas novas concessões, por mais incongruente que pudesse parecer em certos casos uma tal aplicação.

Nossa população se espalhou, todavia, sobre a maior parte dos territórios, em uma proporção tão considerável, que pudemos, no correr do século XIX, formar Estados sobre Estados, provido cada um de uma completa independência local relativa ao que diz respeito unicamente aos seus próprios interesses domésticos. Essa independência é idêntica à dos treze Estados de origem, ligado todavia cada Estado novo pela mesma fidelidade à União.

Essa maneira de proceder é essencialmente moderna e de origem puramente americana, enquanto que Washington via, durante a sua presidência, novos estados entrarem na União, em pé de completa igualdade com os antigos, cada nação europeia, que possuía colônias, continuava a administrá-las como dependências, e cada mãe Pátria tratava o colono não como um igual governando-se por si mesmo, mas como um súdito.

O sistema de que tivemos a iniciativa foi seguido depois por todas as grandes nações, capazes ao mesmo tempo, de expansão e de autonomia, e agora o mundo inteiro o aceita como processo natural, como a regra. Há cerca de 120 anos esse processo era, não só excepcional, mas, mesmo desconhecido. Tal é, pois, a grande significação histórica do movimento de contínua expansão, de que a aquisição da Luisiana foi a prova mais edificante.

Ficará mesmo assinalada em alto relevo, nos fastos de uma nação, cujos membros foram tomados por um processo de seleção natural entre os indivíduos mais empreendedores das diversas nações da Europa Ocidental, a aquisição do nosso vasto território. Foi, com efeito, não somente a obra dos grandes homens de Estado, aos quais imediatamente a devemos, mas, também, o resultado do caráter agressivo e dominador do nosso povo ousado, a cuja inquieta energia deram esses estadistas uma direção e um fim. E a verdade é que ele tem sempre ido mais longe do que o conduzem...

Temos o direito, o mais legítimo, de nos orgulhar dos altos feitos dos nossos antepassados; mas, seria mostrarmo-nos indignos de ser seus descendentes, se tomássemos o que eles fizeram por desculpa, para ficar deitados e inativos, em lugar de ver nisso o encorajamento para nos elevarmos à altura deles, pelos nossos atos.

Os dias passados foram grandes, porque os homens que viviam, então, tiveram poderosas qualidades; a nós outros, mostrando as mesmas, compete tornar também grandes os novos dias. Devemos ter coragem, resolução, tenacidade, ousadia e fertilidade de recursos. Armemo-nos de virtudes fortes e viris. Saibamos provar que, além de termos a consciência do que somos e do que valemos, respeitamos o direito dos outros.

Em suma, demonstraremos sempre o nosso horror pela crueza, pela brutalidade, pela corrupção, tanto na vida pública como na vida privada. Se nos faltarem algumas dessas qualidades, cairemos miseravelmente; mas, se como eu creio, de nenhuma delas, estamos privados, procuremos levantar no futuro essas qualidades do passado a um nível ainda mais alto, e então no século que se inicia, faremos desta República a Nação mais livre, mais bem constituída, mais justa e mais poderosa de todas que tem surgido até hoje da noite dos tempos.

Notas Biográficas

Theodore Roosevelt, o 26° Presidente dos Estados Unidos, nasceu em Nova York, em 1858, graduou-se, em 1880, na Universidade de Harvard. Em 1882, foi eleito membro da Legislatura do Estado de Nova York, exercendo estas funções até 1884. Em 1889 o Presidente Benjamin Harrison o nomeou membro da Comissão de Serviços Civis dos Estados Unidos.

Em 1895 foi colocado à frente do Comitê de Polícia da Cidade de Nova York. As suas excepcionais qualidades de precisão e de energia, a sua extraordinária capacidade de trabalho lhe valeram o Subsecretariado do Ministério da Marinha do Governo do Presidente William McKinley, nas vésperas da guerra Hispano-americana.

Ao romperem hostilidades Espanha e América do Norte, Roosevelt organizou e dirigiu o 1° Regimento de Cavalaria Voluntária dos Estados Unidos, os "*Rough Riders*", cuja conduta na guerra, que se originou da explosão do Maine, lhe valeu uma extraordinária nomeada em todo o seu País. Depois da campanha de Cuba tornou-se Roosevelt de uma intensa e extensa popularidade nos Estados Unidos, O seu nome circulava, com tanto ou maior sucesso, como os de Dewey ([44]), Hobson ([45]) e outros personagens eminentes, que se evidenciaram no sangrento conflito bélico entre a velha Espanha e a jovem América. E dentro em breve era Roosevelt feito Governador do Estado de Nova York.

---

[44] Dewey (George Dewey): almirante americano conhecido por sua vitória na Batalha de Cavite durante a Guerra Hispano-Americana.

[45] Hobson: durante a Guerra Hispano-Americana era Assistente da Marinha dos Estados Unidos e foi encarregado de afundar o USS Merrimac no porto para bloquear a frota espanhola. A missão fracassou, e Hobson e sua equipe foi capturada. Foi consagrado herói nacional ao receber, em 1933, a Medalha de Honra.

Em 1900, juntamente com McKinley, eleito Presidente, o Partido Republicano sufragou o nome de Roosevelt para Vice-presidente da República Americana, elegendo-o por notável maioria sobre os candidatos democratas. No ano seguinte, em 1901, McKinley sucumbia ao atentado de Czolgoss ([46]), assassinado ao inaugurar um "*certâmen*" internacional em Buffalo, assumindo Roosevelt as rédeas do Governo de sua Pátria.

Foi como chefe de Estado que mais se acentuou a poderosa individualidade do grande norte americano, imprimindo um cunho pessoal à sua ação administrativa, tomando iniciativas grandiosas e sobremodo atrevidas e ousadas, advogando um imperialismo de acordo com as bases do Partido Republicano, dando combate enérgico aos "*trusts*", propugnando pela eficiência militar da nação. Manifestando um assinalado amor pela democracia, intervindo nas questões entre operários e patrões para resolvê-las equitativamente e de acordo com as conquistas liberais da época, procurando extinguir o secular conflito de raças dos Estados Unidos, entre brancos e negros, por tudo isso, muitas vezes afrontando possíveis impopularidades, Roosevelt firmou um conceito de homem de ação e de energia que lhe deram a admiração que lhe consagra hoje o mundo inteiro.

Para dissipar as constantes explosões de odiosidade dos brancos pelos negros, rompendo com inveteradas praxes e consagrados usos, Roosevelt assentou à sua mesa os homens de cor notáveis, o que causou, ao começo, uma grande sensação e talvez um início de reprovação da gente "*yankee*". Um dos mais belos gestos do grande estadista que hoje aporta à capital do Brasil, e que o há de consagrar como benemérito da humanidade, foi o da

---

[46] Leon Frank Czolgosz: anarquista estadunidense de origem polonesa.

Imagem 16 – Roosevelt à Bordo do Van Dyck

Conferência de Portsmouth, por ele promovida, para pôr fim ao colossal duelo de morte em que se empenhavam a Rússia e o Japão.

Deve-se, de fato, a este homem das mais audazes iniciativas, o Tratado de Paz que se seguiu às formidáveis batalhas de Mukden e de Kharbine.

Deixando o Governo da União Americana, ao findar o seu período governamental, passou-o Roosevelt ao seu sucessor, William Howard Taft, que fora seu Secretário da Guerra. Empreendeu, então, o Ex-presidente uma aventurosa viagem pelo continente negro, às mais inóspitas e escaldantes regiões africanas, onde quis se comprazer na arriscada empresa de caça de animais ferozes, que vivem naquela terra ainda não sujeita aos influxos da civilização da nossa raça.

Foi às vésperas da sucessão de Taft que Roosevelt se apresentou novamente ao cenário político norte americano. Despendendo as suas extraordinárias energias em todos os colégios eleitorais, o paladino esforçado da grandeza dos Estados Unidos se multiplicou e se dividiu na propaganda da sua candidatura de combate à do Sr. Taft.

Foi em um desses comícios, em que a sua eloquência, então demolidora, analisava com expressões veementes a obra de seu concorrente, que Roosevelt foi ferido, não se sabe se por um adversário, mas, sem dúvida, por um louco. Não esmoreceu, com este contratempo, a combatividade incansável do ardoroso democrata. E, assim lhe permitiu o seu restabelecimento, estava ele novamente à frente da campanha presidencial, em que a sua dissidência aproveitou aos democratas, com a eleição de Woodrow Wilson para a presidência da República, conseguindo, porém, Roosevelt uma imensa e significativa maioria de votos sobre o candidato que tão tenazmente hostilizara.

Não é só orador vibrante e convincente, abundante e preciso, o Ex-presidente Roosevelt; é ainda um escritor forte, sadio, de uma eloquência sóbria e de conceitos profundos, merecendo sempre as suas produções o exame e a ponderação que suscitam as obras de valor intrínseco e de profícuas revelações originais sobre problemas de interesse geral. Entre os livros com que Theodore Roosevelt há enriquecido as letras pátrias e universais, pois acham-se propagadas as tuas ideias pelo mundo inteiro, estão "*The Naval War of 1812*", "*Hunting Trips of a Ranchman*", "*Life of Thomas H. Benton*", "*Life of Gouverneur Morris*", e, além de outros, as suas últimas publicações, de tão justa notoriedade universal, entre as quais "*A Vida Intensa*" proemina magnificamente. [...]

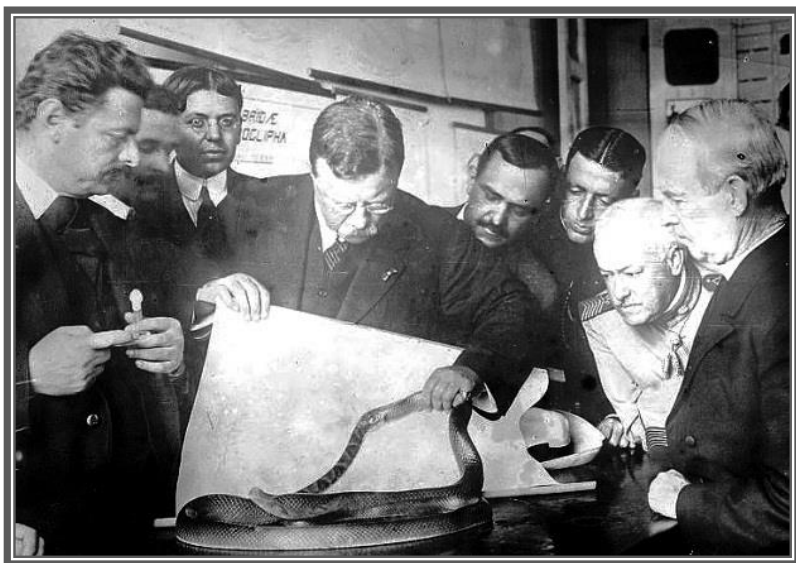



Imagem 17 – Roosevelt no Instituto Butantan, SP

Um Radiograma de Roosevelt

O Sr. Lauro Müller, Ministro das Relações Exteriores, recebeu o seguinte radiograma do Coronel Theodore Roosevelt:

> Muito apreciei seu telegrama, que agradeço, Sinto-me deveras satisfeito, por já me achar no Brasil, e espero ansiosamente o momento de nosso encontro – Theodore Roosevelt.

As Festas na Bahia

O Dr. Lauro Müller, Ministro das Relações Exteriores, recebeu ontem o seguinte telegrama do Dr. J. J. Seabra, Governador do Estado da Bahia:

> Tenho a honra de comunicar a V. Exª que o Sr. Roosevelt foi recebido pelo Governo do Estado com todo carinho e as maiores distinções, rendendo-se-lhe todas as homenagens. Sua família, recebida por um grande número de senhoras, sentiu-se desvanecida com a gentileza do afetuoso acolhimento.

> O eminente estadista americano foi saudado na Câmara Municipal, em sessão soleníssima, pelo Dr. Intendente, e em nome do povo, pelo professor Dr. Frederico de Castro Rebello. Saudei-o em nome do Estado, no banquete do Instituto. Povo por toda a parte aclamou o Sr. Roosevelt, que chegou às 05h00, desembarcando às 08h30. Partiu agora, 14h00, sendo acompanhado até a bordo do "*Van Dyck*" por todo inundo oficial, pessoas do povo e grande número de senhoras. O Sr. Roosevelt significou o seu contentamento e gratidão em elevadas palavras ao meu Governo, à Bahia e ao povo. Aceite V. Exª minhas afetuosas saudações.

A Mocidade

Desejando a Associação Brasileira de Estudantes tomar parte nas manifestações projetadas ao Sr. Roosevelt, em cuja homenagem pretende realizar uma sessão solene, os Srs. Bruno Lima e Renato Almeida têm se entendido com o Itamarati e a Embaixada Americana, no sentido de obterem o apoio necessário para o êxito da ideia. O Sr. Edwin Morgan prometeu ao Secretário Geral envidar esforços para a realização do desejo da Associação, pondo em contato com a mocidade estudiosa o grande estadista que, em breve, hospedaremos. A Associação conferiu ao Sr. Roosevelt o diploma de Associado Honorário, diploma que pretende entregar com solenidade, na presença dos Acadêmicos desta capital. [...]

Uma Opinião do "*Times*"

O correspondente do Times, em Washington, escreveu ao seu jornal, não há muito tempo, isto é, depois que o Sr. Theodore Roosevelt regressou da sua excursão à África, e preparava-se para pleitear a sua reeleição, uma interessante crônica a respeito da influência que o eminente estadista exercia sobre os seus concidadãos.

Disse esse correspondente:

> Sr. Roosevelt representa tudo o que há de vital, tudo o que há de mais desejável, pela maioria do povo para a vida americana.
>
> A sua personalidade servia de apoio à sua política, dando-lhe popularidade; essa política, o tempo e o método de enumerá-la puseram em relevo uma personalidade sempre enfática, como os que atraem as imaginações populares.
>
> A popularidade de Sr. Roosevelt é, na verdade, a melhor justificativa da sua presidência. Significa que os ideais por que combateu são os ideais do País inteiro. Mas, o êxito da sua propaganda não explica inteiramente a sua popularidade.
>
> A influência do político não teria sido robustecida pela influência dessa personalidade de primeira grandeza. Os seus esforços teriam sido qualificados de grotescos, e é muito possível que o tivessem vaiado, se o caráter não tivesse inspirado respeito e carinho.
>
> O Sr. Roosevelt é um homem. Os seus próprios inimigos o reconhecem. Os seus admiradores – e são muitos – vão mais longe. Julgam-no um conjunto de tudo o que de bom tem a Nação Americana.
>
> A sua facilidade de adaptação, a honorabilidade, a limpidez absoluta da sua vida, as rápidas etapas na sua carreira política, cada qual mais feliz do que a anterior, granjearam a estima dos seus concidadãos.
>
> Sorriam, ao verem os seus grandes gestos, mas não supunham que fossem desagradáveis. Ao contrário, não havia quem não encontrasse em Mr. Roosevelt qualquer coisa de atraente.
>
> Para os habitantes do Leste americano, era um "*Harvard man*" [antigo aluno da Universidade de Harvard], e para os alunos de Harvard, o reformador de Nova York. Para os habitantes do Oeste, era um "*rancher*" feliz, um ousado caçador.

Os soldados do Oriente e do Ocidente americanos recordam os seus "*rough-riders*". Os marinheiros não esqueceram que foi ele quem preparou a frota para a vitória de Manilha.

Os literatos e os naturalistas conhecem seus livros sobre história e sobre os "*sports*". Os políticos, que é um homem de grande inteligência; os diplomatas, que soube guiar, com mão firme, os Estados Unidos durante o período da perigosa transição, que se seguiu à guerra com a Espanha; os jornalistas inclinam-se ante a habilidade técnica com que redige as suas mensagens e os seus discursos, com as suas frases lapidárias e a sua força compulsiva.

Se há, por acaso, alguma coisa de superficial nas qualidades de Mr. Roosevelt, nem por isso perdem de valor. Talvez não seja em gênio, se se excetua a sua infinita capacidade de trabalho e de concentração. A sua energia é tão notável, quanto o é a sua facilidade de assimilação.

Na sua presidência desempenhou o seu papel com o entusiasmo de um moço, o senso prático de um estudante e o otimismo de um idealista. E por toda a sua vida corre um sopro de invencível perseverança, de persistência – persistência na sua fé no povo e na sua intenção de ajudá-lo a elevar-se por si mesmo. (O PAIZ, n° 10.605)

O Paiz, n° 10.613 – Rio de Janeiro, RJ
Terça-feira, 28.10.1913

Roosevelt – Sua Chegada à S. Paulo

Manifestações Oficiais e da Sociedade Paulista
✧ Passeios e Visitas ✧
A Conferência na Escola Normal

S. PAULO, 27.10.1913

O trem especial em que se transportou a esta capital o Sr. Theodore Roosevelt chegou à Estação da Luz pela manhã, às 07h30. Ali foi S. Ex. recebido pelo Capitão Lejene, representando o Presidente do Estado, em exercício, Dr. Carlos Guimarães; Dr. Altino Arantes, Ministro do Interior; Sampaio Vidal, Ministro da Justiça e Segurança Públicas; Dr. Paulo Moraes Barros, Ministro da Agricultura; Eloy Chaves, Ministro da Fazenda; Meirelles Reis Filho, Secretário do Presidente; [...]

Em frente à Estação da Luz, formava a 4ª Companhia do Batalhão da Força Policial, que prestou continências ao grande estadista. Após os cumprimentos e apresentações, o Sr. Theodore Roosevelt tomou o automóvel do Estado, seguindo acompanhado por sua comitiva e pelas autoridades que assistiram ao desembarque, para o Palacete do Conde de Prates, situado à Avenida Rio Branco, onde se hospedou. Aí, foi S. Ex. recebido por um crescido número de outras pessoas gradas, contando-se algumas das principais famílias paulistas.

Após ligeiro descanso, realizou o ilustre viajante alguns passeios pela cidade, excursionando pelos principais pontos.

De regresso, e já ao meio dia, S. Ex. almoçou juntamente com a sua comitiva e outras pessoas da nossa melhor sociedade; mostrando-se todos solícitos em patentear ao distinto hóspede a grande satisfação que experimentavam com a sua visita a São Paulo.

Às 13h30, o Ex-presidente dos Estados Unidos se dirigiu ao Palácio do Governo, acompanhado do Coronel Achilles Pederneiras e do Capitão-tenente Nóbre-

ga Moreira, e do Padre Zahm, afim de ali visitar o Dr. Carlos Guimarães, Presidente do Estado. [...]

Depois de curta palestra, foi o Sr. Roosevelt até ao Museu do Ipiranga, sendo aí recebido pelo Diretor do estabelecimento. [...]

O Dr. Rodolpho, Diretor do estabelecimento, recebeu o grande estadista acompanhado do pessoal daquela repartição, prestando-lhe todos os esclarecimentos necessários. Em sua companhia, o Sr. Roosevelt e sua comitiva visitaram todas as dependências do edifício.

Às 16h00, realizou-se, na residência do Sr. Martho Mackenzie, onde S. Ex. deu uma recepção à colônia americana, a que o ilustre ex-chefe de Estado compareceu.

Às 20h30, o Sr. Theodore Roosevelt pronunciava a sua Conferência no edifício da Escola Normal; com uma seleta concorrência. Foi esta a Conferência que, sobre o "*Caráter e a Civilização*", produziu o Sr. Theodore Roosevelt:

> Nós, cidadãos dos diversos governos do Novo Mundo, estamos empenhados em uma dupla tarefa. Fazemos o possível para reter, sem perdas, a civilização de cultura que herdamos dos nossos antepassados, que para aqui vieram do Velho Mundo.
>
> Estamos também empenhados em desenvolver e adaptar essa civilização do Velho Mundo, de modo a expurgá-la de todo o mal que possa estar misturado ao bem que ela contém, a tirar dela novo bem e a ajustá-la às necessidades e oportunidades que possa ter o Hemisfério Ocidental. Ambos os lados desta tarefa apresentam graves dificuldades. O trabalho de conquistar o Novo Continente é incrivelmente árduo. Os homens de civilização superior são dificilmente apropriados para esse fim.

Só homens de tenaz vontade e caráter corajoso e aventureiro podem consegui-lo. O esforço que empregam os pioneiros empenhados nesta ação é tal, que eles tendem a perder alguma coisa da cultura que os seus antepassados do outro lado dos mares adquiriram vagarosamente, através de longos séculos.

É, portanto, do nosso dever, exercer uma guarda constante, para que não percamos uma parte que seja da nossa herança da civilização mundial; e se nos arriscarmos a perder alguma, reavê-la prontamente. Ainda mais; não é pouco o mal que nos legaram nossos antepassados do Velho Mundo; é, para nós, uma obrigação procurarmos remediá-lo.

Demais, as circunstanciais da nossa existência sob as novas condições resultantes da vida em novos continentes, não só nos oferecem maiores oportunidades que aos nossos parentes do Velho Mundo, como também nos expõem a tentações a que, só em menor grau, estão sujeitos os habitantes do Velho Mundo.

Finalmente, temos necessidades a nós peculiares, que devemos tratar de novo modo. Estas necessidades podem, muitas vezes, ser de caráter diametralmente oposto. As necessidades de uma classe podem ser totalmente diferentes das necessidades de outra, ou de todas as classes em outros tempos.

Por exemplo, é um fato curioso que, no nosso Novo Mundo, as condições de esforço demasiadamente penoso do tempo aos pioneiros estão arriscadas a ser sucedidas por perigo maior: o da demasiada facilidade, uma vez que tivermos passado este tempo de formação; o perigo para os filhos é o oposto do que o que ameaçou os pais; no entanto, tão ameaçador é um como o outro.

Do mesmo modo, em cada uma das nossas grandes comunidades industriais modernas, a tensão perigosa nos pobres é, na maior parte, não só totalmente diferente, mas exatamente contrária à não menos perigosa tensão dos ricos; os perigos são

exatamente opostos, não obstante, cada um de per si é um perigo tão sério que, se não for convenientemente atacado, pode acarretar a ruína da nacionalidade.

Nenhuma das comunidades do Velho Mundo está tão isenta como nós dos perigos externos, e o que sucede com estes verifica-se, igualmente, embora em menor grau, com o esforço e o trabalho internos, e não precisamos dizer a nenhum estudante de história que a imunidade do perigo, apesar de desejável, deve despertar-nos o receio do enfraquecimento da fibra.

Por conseguinte, é verdade que, não obstante todas as nossas vantagens e oportunidades há tanto perigo, não de um desastre esmagador, mas de uma decomposição lenta e impossibilidade de adiantamento ao menos no que se refere aos povos das duas Américas, como entre as nações do Velho Mundo.

Não podemos, embalados pelo devaneio, fechar os olhos a este fato evidente e assombroso, se formos verdadeiros para conosco, se tivermos juízo e força viril para aproveitarmos as nossas oportunidades, teremos diante de nós, nas nossas muitas nações, um futuro sem paralelo, entre as nações do velho mundo, cujas oportunidades são necessariamente menores.

Mas, se não formos leais a nós mesmos, se não nos deixarmos cair numa indolência fácil, e fizermos do excitamento vicioso e vão, o nosso ideal provável será que sucumbamos tanto mais lamentavelmente, quanto o sucesso completo e absoluto nos poderia pertencer.

Para evitar isso e conseguir o triunfo, que coroará a nossa obra, se tivermos poder de conquistá-lo, muitas coisas são necessárias: uma, porém, prevalece sobre todas: é o caráter. Traço algum, em qualquer Nação, pode substituir uma forte média de caráter pessoal entre os indivíduos, homens ou mulheres, que compõem a Nação.

Sou um crente no emprego do poder do povo, em sua capacidade coletiva, que é o Governo, na sua maior extensão, para melhorar os interesses gerais; e digo que a habilidade, para cooperar com eficácia, é uma das mais altas provas de força de caráter individual numa Nação.

Mas, esta ação conjunta, este emprego de poderes do Governo, no interesse de todos os cidadãos, nunca poderá suceder, a menos que corresponda a uma alta média de caráter individual.

A ação do Governo pôde suprir e aumentar imensamente a eficiência produtiva do caráter individual; mas nunca poderá substituí-lo, e, se falta o caráter ao cidadão, o sistema de Governo do qual ele é uma unidade proeminente, fatalmente se desagregará.

O caráter, para mim, representa a soma das qualidades, distintas das qualidades intelectuais, que são essenciais à eficácia moral.

Entre estas, estão: resolução, coragem, energia, o domínio de si próprio, combinado com a audácia em tomar uma iniciativa e assumir responsabilidades, um justo cuidado para com os direitos dos outros, junto com uma indomável resolução de sucesso, sejam quais forem os obstáculos e barreiras que tiverem de ser vencidos; estas qualidades e qualidades iguais a estas, são as que nos vem à mente quando dizemos de um homem ou de uma mulher que tem caráter, em oposição a quem possui só inteligência.

Há ainda uma qualidade que, podemos dizê-lo, é tanto intelectual como moral, mas que falta, às vezes, em homens de grande capacidade intelectual e sem a qual não pode haver verdadeiro caráter, quero referir-me ao dom fundamental do senso comum.

Estou longe de desacreditar a inteligência. Associo-me ao mundo inteiro para render-lhe homenagem. Sem ela, e, acima de tudo, sem a sua mais alta

expressão, o gênio, o mundo progrediria muito lentamente e os raios purpúreos da vestimenta cinzenta da nossa vida atual, ficariam tristemente destituídos da sua glória.

No entanto, assim como a força vem antes da beleza, assim também o caráter está acima da inteligência, acima do gênio.

A inteligência é própria para ser utilizada como serva hábil, mas será sempre má senhora, se não for dominada pelo caráter. Isto é verdadeiro em relação ao indivíduo, muito mais verdadeiro o é, tratando da Nação, da agremiação de indivíduos.

Mas, é uma verdade que os homens tendem a perder de vista; as Repúblicas Sul-americanas, Norte e Sul, mostraram várias vezes, no passado, um curioso esquecimento desta verdade.

No meu País, temos uma tendência a fazer sobressair aquele indispensável, mas parcial tipo de vigor intelectual, que se mostra no comercialismo, essencialmente na gestão de negócios, uma espécie de poder intelectual que é absolutamente necessário ao sucesso individual ou nacional, nas condições de hoje, e em todas as circunstâncias mas que se torna um malefício em vez de benefício, se é tomado com um fim, em lugar de ser um instrumento para esse mesmo fim.

Em alguns outros países, as manifestações intelectuais, em vez de se submeterem a essas imposições materiais observadas, tomam um rumo artístico, literário ou filosófico. Aqui também deve haver um movimento intelectual, nesse sentido, se a Nação tem que deixar uma durável e elevada impressão na história; entretanto, deve haver algo mais que esse desenvolvimento, se a Nação tem que cumprir tudo que promete a sua inteligência.

No ponto de vista da grandeza nacional, nem a inteligência que se exprime pelo comercialismo, nem a que se mostra em feitos de arte, pode efetivamente impor-se, se ela não tem a sua base no caráter.

Essa é a lição dada por três dos mais famosos povos da antiguidade. No século terceiro antes da nossa era, o mundo civilizado estava dividido, e sob o domínio, dos romanos, dos gregos e dos fenícios, habitantes de Cartago. Os gregos eram, sem dúvida, o povo mais brilhante que existiu, desde então até hoje, e todos os poetas, artistas filósofos e historiadores curvam-se diante deles como mestres. Eles desenvolveram até ao mais alto grau, nunca depois atingido, a cultura intelectual. Por outro lado, a forma de inteligência, totalmente diferente, que se delineia no desenvolvimento comercial de hoje, nunca foi tão desenvolvida quanto pela rica oligarquia mercante que governava Cartago, enquanto que semelhantes oligarquias tinham dominado Sidon e Tyro.

Miguel Ângelo, Rafael, Dante, Cervantes e Camões, todos os estudantes e filósofos das mais famosas universidades medievais, eram herdeiros espirituais das Repúblicas Helênicas e dos reinos Helênicos; e todos os efeitos dos "*lords*" das finanças e dos capitães da indústria moderna, tendo em consideração os meios que empregavam os antigos, como nunca, para a prosperidade de uma Nação.

Se os homens de fortuna e posição de um País se dão à preguiça e o ao luxo, se fogem ao dever que lhes reclama essa mesma situação de destaque, em benefício popular, se perdem eles o sentimento do patriotismo, e, quer no seu País, quer no estrangeiro, se dão à indolência e ao vício, se este é o caso, nenhum cultivo intelectual, nenhuma perícia em transações financeiras, nada os salvará do desprezo de todos aqueles cujo respeito se impõe, pela sua maior significação.

Certamente, qualquer manifestação de corrupção, no campo da política, como dos negócios, representa uma ofensa tão grave contra a coletividade, que o ofensor deveria ser perseguido como um criminoso; e, quanto maior a sua habilidade e quanto maior o seu sucesso, tanto maior é o mal cometido e tanto mais pesado deve ser o castigo aplicável.

A simples indiferença ou a simples convivência com a corrupção, são práticas quase tão prejudiciais como a prática da própria corrupção.

A honestidade, na sua elevada acepção, é a virtude básica, e sem ela nenhuma outra virtude poderá preencher-lhe a falta.

Precisamos de virtudes positivas e viris; estas virtudes essenciais não devem ser, e em uma comunidade sã, não o são, excepcionais.

Uma República pode progredir mesmo que a média dos seus homens não constitua uma brilhante intelectualidade.

Mas não pode prosperar se os homens se tornarem fracos de espírito e de alma, se temem o trabalho e se cuidam de evitar o que lhes é duro e desagradável; ou se, sendo de temperamento autoritário, procuram ocasiões de se elevarem por meios pouco escrupulosos acima dos seus semelhantes mais fracos e menos afortunados.

Só é um bom cidadão aquele que não teme o trabalho honesto, que não se envergonha de ganhar a vida honradamente, que se pode defender do mal que lhe queiram fazer, mas que despreza o fazer mal a outrem; aquele que compreende que todos temos um dever para com os outros, assim como temos conosco. Estas são as virtudes comuns, ordinárias e de todo o dia, mas são as virtudes essenciais e que devem ser somadas para formar o caráter.

O Estado não pode prosperar, se a média dos seus indivíduos não cuida de si mesmo. Não pode prosperar, se esses indivíduos não compreendem que, além de cuidar de si, eles devem cooperar com as demais células constitutivas do organismo social, com bom senso, honestidade e conhecimento prático das suas obrigações para com a coletividade toda em prol das causas vitais do interesse coletivo. Deve haver idealismo, mas deve também haver eficácia prática, ou então o idealismo se perde.

> Precisamos de corpos sadios e precisamos de espíritos sãos para esses corpos, mas acima do espírito ou do corpo está o caráter, o caráter que se constitui de muitos elementos, dos quais três estão acima de todos – a coragem, a honestidade e o senso comum. Se os homens e as mulheres de nível cominam em um País tem caráter, o futuro da República está assegurado e se aos cidadãos lhes falta a força de solidariedade para o bem comum então não há brilhantismo intelectual, não há prosperidade material, que salvem da destruição o Estado.

Amanhã, às 09h00, seguirá S. Ex., em companhia da sua comitiva para o Butantan a fim de visitar o Instituto Serumtherápico ([47]). À tarde desse dia, visitará S. Ex. a Anglo Brazilian Iron Company, em São Bernardo e à tarde, partirá para Porto Alegre, em trem especial da Sorocabana.

O Palacete Prates foi ricamente ornamentado para servir de hospedagem ao notável estadista. Apresenta um riquíssimo mobiliário e luxuosas ornamentações primorosamente cuidadas. O Sr. Roosevelt o sua comitiva ocupam oito aposentos do vasto edifício. O serviço culinário ficou a cargo da "*Rotisserie Sportsman*". Para a iluminação da fachada, jardim e interior do Palácio foram dispostas 2.500 lâmpadas.

A esposa e sobrinha do festejado homem público, ficarão em S. Paulo, durante a sua excursão pelo Sul. Aqui serão as distintas senhora e senhorita alvo de significativas demonstrações de apreço, sendo-lhes projetadas muitas festas pela sociedade paulista.

[47] Instituto Serumtherápico: o Instituto Butantan foi fundado em 1898 com a finalidade de combater um surto de peste bubônica. O laboratório foi considerado uma instituição autônoma, em fevereiro de 1901, recebendo a denominação de Instituto Serumtherápico.

Os jornais matutinos e vespertinos, noticiando a visita do Ex-presidente Roosevelt, publicam fotografias encimando a sua biografia, descrevendo por fim, minuciosamente, as festas aqui realizadas e projetadas em sua honra. Todos felicitam o grande estadista pela passagem do seu aniversário natalício.

O Dr. Paulo de Frontin, digno Diretor da Central, recebeu, ontem, procedente da Estação da Luz, no Estado de S. Paulo, o seguinte despacho telegráfico, firmado pelo Dr. Carlos Steveson, Chefe da Tração:

> O especial do Coronel Roosevelt chegou à Estação da Luz, às 08h30, sendo a viagem a melhor possível. Os ilustres viajantes estão muito satisfeitos e encarregaram-me de agradecer a V. Exª as atenções que lhes foram dispensadas. Aguardava a chegada do trem o Sr. Luiz Carlos, que cumprimentou o ilustre viajante em vosso nome. Saudações atenciosas.

Tendo descido anteontem de Petrópolis, pelo trem das 15h00, para esta cidade, o grande estadista americano que nos honrou com a sua visita, o aguardavam, àquela hora, na estação da Raiz da Serra os oficiais da Fábrica de pólvora da Estrela. Logo que o comboio parou, dirigiram-se ao vagão especial os Srs. Major José Pacheco de Assis, ajudante, e Tenentes José Travassos da Veiga Cabral, Comandante da Força Permanente e Thestino Ribeiro, secretário, e, em nome do Tenente-coronel José da Veiga Cabral, Diretor daquela fábrica, e em seu nome próprio, cumprimentaram o notável estadista.

O Sr. Theodoro Roosevelt agradeceu vivamente as saudações e mostrou-se extremamente penhorado pela distinção da oficialidade, para com a sua pessoa. (O PAIZ, n° 10.613)

Heroísmo

(Amílcar Armando Botelho de Magalhães)

Para mim, este heroísmo é bem mais nobre e bem mais difícil, demanda muito mais energia e tenacidade do que o heroísmo do momento, de duração efêmera, como o que requer o ataque de uma trincheira inimiga: a primeira é uma temeridade refletida; a segunda, uma temeridade que se incendeia como a pólvora negra, ao calor repentino do entusiasmo contagioso das massas, que arrastam o homem às maiores loucuras.

Lá é o comandante que fascina a massa com o seu entusiasmo viril, aqui a massa que eletriza o comandante, envolvendo-o na onda magnética dos hurras comunicativos...

Rondon

(Amílcar Armando Botelho de Magalhães)

Para responder prematuramente aos que me acoimarem de engrossador, lanço aqui, altiva e tranquilamente, a declaração de que a opinião que formo a respeito do Coronel Rondon, não a adapto a nenhum dos atuais Ministros de Estado, nem ao próprio Sr. Presidente da República. O conjunto de qualidades morais, intelectuais e práticas, reunidas nesse homem, constitui exceção benéfica da natureza.

[...] são dessa têmpera os que influem na sociedade humana e lhe servem de farol nas conquistas da civilização... Todos os grandes homens são vítimas da mediocridade.

(Trecho de uma carta publicada por Amílcar Botelho no jornal "O Republicano", de Cuiabá, em 23.06.1918)

Foz do Apa – Porto Murtinho

Rondon: altura média, testa larga, fisionomia distinta, traços finos, olhos amendoados, queixo delgado. Herói que nasceu soldado e morrerá soldado. Mas herói "sui generis" que, para não matar, nem deixar que se matasse um só homem, preferiu arrostar cem vezes a morte...
(Mehmed Fuad Carim – Embaixador da Turquia no Brasil)

O Ex-Presidente Theodore Roosevelt reporta, no seu diário, a jornada fluvial desde Assunção, Paraguai, até a Foz do Rio Apa a bordo da canhoneira paraguaia "*Adolpho Riquielme*" onde encontrou-se com Rondon e sua equipe:

Roosevelt: Subindo o Rio Paraguai

09.12.1913: Na tarde de **9** de dezembro deixamos a atraente e pitoresca cidade de Assunção para subir o Paraguai. Com generosa cortesia, o Governo paraguaio havia posto à minha disposição a canhoneira-iate do próprio Presidente, vapor fluvial muito confortável, de modo que os primeiros dias de nossa Expedição foram absolutamente agradáveis. O alimento era bom, nossas acomodações asseadas, dormíamos bem, embaixo ou no convés, usualmente sem mosquiteiro. Durante o dia o convés, sob o toldo, era agradável. [...]

10.12.1913: Muito tarde, no segundo dia de nossa viagem, pouco antes da meia noite, chegamos a Concepción. Nesse dia, quando paramos para receber lenha e conseguir provisões – em lugares pitorescos, onde mulheres moradoras em choças cobertas de sapé e de paredes de barro lavavam roupas no Rio, ou cavaleiros maltrapilhos nos miravam, parados na barranca, ou estancieiros morenos e bem trajados estavam em frente de casas cobertas

de telhas – apanhamos muitos peixes. Pertenciam eles a um dos mais temíveis gêneros de peixes que existem no mundo: a piranha ou peixe canibal, que devora o homem quando se dá oportunidade. Mais para o Norte existem espécies de piranhas miúdas que andam em cardumes. [...]

11.12.1913: Na madrugada do terceiro dia, vendo que ainda estávamos atracados ao largo de Concepción, fomos à terra em canoa e perambulamos pelas ruas da bonita e pitoresca cidade antiga que, como Assunção, foi fundada pelos conquistadores, três quartos de século antes dos nossos antepassados ingleses e holandeses desembarcarem onde hoje existem os Estados Unidos. Os jesuítas tomaram então, virtualmente, posse completa do que é hoje o Paraguai, dominando e cristianizando os índios e elevando suas florescentes missões a um apogeu de prosperidade a que nunca atingiram missões em qualquer outra parte. [...]

12.12.1913: Continuamos navegando Rio acima. De quando em quando cruzávamos com outra embarcação – um vapor, ou, com surpresa nossa, um bergantim, talvez, ou escuna. O Paraguai é uma grande artéria comercial. Certa ocasião passamos por uma grande fábrica de carnes em conserva. Casas de estâncias apareciam em ambas as margens, poucas léguas distantes uma das outras, e nós parávamos nos portos de lenha, à margem ocidental. [...]

Às 12h00 do dia **12** chegamos à fronteira brasileira. Durante esse dia passamos por colinas baixas, de forma cônica, próximas ao Rio. Por espaços, touças de palmeiras irrompiam através das restingas de mato baixo e se estendiam por um ou dois quilômetros, orlando as margens do Rio. [...] Paramos em um curtume. O proprietário era um espanhol e o

gerente um "*oriental*", como a si mesmo se chamava, uruguaio descendente de alemães. [...]

Na fronteira brasileira encontramos um vapor de fundo chato, que conduzia o Cel Cândido Mariano da Silva Rondon e outros membros brasileiros da Expedição. O Cel Rondon imediatamente mostrou seu valor, que superava tudo quanto se pudesse desejar. Era evidente que conhecia a fundo seu ofício e era igualmente óbvio que seria um companheiro agradável. Fora colega do Sr. Lauro Müller, na Escola Militar do Brasil. É de sangue índio quase puro, e positivista – os positivistas constituem, realmente, uma forte agremiação no Brasil, como sucede na França e no Chile. [...]

Na comitiva do Cel Rondon estavam o Cap Amílcar de Magalhães, o Ten João Lira, o Ten Joaquim de Mello Filho e o Dr. Eusébio de Oliveira, geólogo. Os vapores pararam. O Cel Rondon e vários de seus oficiais, corretamente uniformizados de branco, vieram a bordo; à tarde visitei-o no seu navio, para trocar ideias sobre nossos planos. [...] O Cel falava francês tão bem como eu; mas é claro que ele e os outros preferissem o português e então Kermit servia de intérprete. (ROOSEVELT, 1944)

Expedição Centenária

03.08.2017: Chegamos a Porto Murtinho, MS, no dia 03.08.2017, por volta das 19h00, e fomos gentilmente recepcionados com um magnífico jantar no Saladeiro Cuê gerenciado pelo Ir:. Antônio Carlos Dias Barreto (Toninho) e sua querida esposa Conceição Aparecida Montanheri. A organização do evento foi patrocinada pela 2° Cia Fron sob a coordenação impecável de seu SCmt Cap Tiago de Lima Ferreira e do 1° Ten Walmir Mathias Teixeira.

Enquanto os amigos expedicionários, o anfitrião e os amigos da 2° Cia Fron conversavam animadamente eu e a D. Conceição confidenciávamos à cabeceira da grande mesa. D. Conceição mesclava nosso bate-papo declamando e cantando para os convidados. Depois de conhecer minha história de vida, da situação da minha esposa, enferma há quase 14 anos, ela pediu para que eu declamasse uma de minhas poesias preferidas – Vento Xucro de Jayme Caetano Braun e depois cantou uma música de sua autoria especialmente dedicada ao seu caro esposo Toninho.

No dia em que eu te conheci
O céu abriu as portas e eu entrei
Um novo sentimento eu conheci
Eu tive tanto medo, mas eu te amei.

Você me deu coragem e eu cresci
Nas nuvens mais distantes flutuei
Você mostrou-me a fonte e eu bebi
Soprou-me as asas e eu então subi.

Sonhando em teus braços eu voei
Eu voei, voei alto como só voa o Condor
Vendo estrelas do prazer do nosso amor.

Junto comigo você também voou
Eu voei entre os astros de mãos dadas com você
Se pus fé nas minha asas foi porque
Você me fez bem mais forte do que sou

Foi em você que eu me descobri
Mas como aconteceu isso eu não sei
Eu tinha um coração batendo aqui
Mas antes de você eu nem notei.

Você é muito mais do que eu pedi
É a força da palavra de um Rei
É a neve que ampara o meu esqui
É o livro onde amar eu aprendi.

Eu sei que em outras vidas eu já te amei
Eu voei, voei alto como só voa o Condor
Vendo estrelas do prazer do nosso amor.

Junto comigo você também voou
Eu voei, entre os astros de mãos dadas com você
Se pus fé nas minha asas foi porque
Você me fez bem mais forte do que sou.

(D. Conceição Aparecida Montanheri)

Com os olhos rasos d'água, gravei a linda declaração em forma de canção que D. Conceição solicitou que eu, um dia, levasse até o leito de minha esposa e tocasse para ela ouvir. A viagem até Porto Murtinho foi altamente recompensada graças à oportunidade de poder conviver, ainda que por breves momentos, com este fantástico casal do Saladeiro Cuê além de poder conhecer as instalações da charmosa pousada às margens do Paraguai.

A partir do século XVI, os espanhóis introduziram, na região, a pecuária que deu origem à indústria do charque que se transformou, a partir do século XIX, em uma das principais atividades econômicas. A indústria do charque ou "*saladeiros*", contava com mais de 20 instalações, construídas às margens do Rio Paraguai com o intuito de facilitar a importação de insumos e a exportação de seus produtos. Os saladeiros aproveitavam além da carne e do couro, o osso, o chifre, a gordura e o casco. O empresário uruguaio José Grosso de Ledesma (Don Pepe) fundou, em 1912, no Barranco Branco, a sua indústria que, em 1917, foi transferida para o local onde atualmente funciona o Hotel Saladeiro Cuê, que era composto de chalés para diretores e operários. A maioria do gado era oriundo da Fazenda São Francisco, do próprio Don Pepe.

O estabelecimento, que funcionou até a década de 1960, processava cerca de 100 reses por dia e empregava mais de 100 indivíduos. A produção atendia ao mercado interno, principalmente Rio de Janeiro e Nordeste, e era exportada, também, para o mercado europeu.

Pernoitamos a bordo da embarcação KEMOSABE ancorada no porto da 2ª Cia Fron.

Por espaços, touças de palmeiras irrompiam através das restingas de mato baixo e se estendiam por um ou dois quilômetros, orlando as margens do Rio.
(ROOSEVELT, 1944)

04.08.2017: Acordei, como de costume, antes do alvorecer, às 05h00. A avifauna promovia uma agradável manhã festiva nas barrancas do Paraguai. Visitei a Agência Fluvial da Marinha, comandada pelo Capitão-Tenente Sandro Silvetri, com a finalidade de solicitar, se possível, o uso de sua rede para reportar nossa jornada.

Fiquei sabendo, então, que a embarcação que tínhamos contratado (KEMOSABE) não estava com a documentação em dia, e, portanto, impedida de seguir viagem. O CT Silvetri autorizou que o 1° Sgt Leonardo Abrantes de Lima Nova nos orientasse na busca de uma nova nau, sendo, depois de muitas tratativas, acordado que seria a Chalana "*Calypso*".

À tarde, visitamos a 2° Cia Fron e depois fomos até a Boca do Rio Apa, apoiados por militares da Companhia de Fronteira. Extensas matas de carandás (Copernicia alba) adornavam as margens majestosamente.

O Carandá é uma palmeira nativa da região do Chaco boliviano e paraguaio, Brasil (MS e MT) e Argentina. Seu belo tronco, que pode atingir até 30 m, de altura é usado na indústria madeireira, suas folhas na alimentação dos animais, cobertura de abrigos e produção de artesanato. Os frutos são usados como isca.

05.08.2017: Mantive minha espartana rotina e antes do Sol nascer fui dar um passeio pela cidade. Porto Murtinho é uma cidade por demais pacata e agradável.

Uma sadia miscigenação gerou um cadinho de finas especiarias dentre as quais as que mais se destacam são a simpatia e a educação de seus ordeiros habitantes. O site da Prefeitura nos informa:

> Estrategicamente localizado na fronteira com o Paraguai, Porto Murtinho foi criado em 1911 e emancipado em 13.06.1912, tendo como cenário principal, a exuberância do Rio Paraguai. Com mais de 100 anos, o município se destaca por ter sido palco de uma série de acontecimentos marcantes na história do nosso País, como a Guerra da Tríplice Aliança e a Revolução de Getúlio Vargas de 1932.
>
> Foi também um dos municípios mais importantes para o desenvolvimento de Mato Grosso do Sul, pois, devido ao Porto de exportações, passou por ciclos econômicos importantes que à época impulsionaram a economia do Estado. As construções arquitetônicas e monumentos históricos espalhados por toda a cidade são verdadeiros museus a céu aberto e se tornaram um dos principais atrativos turísticos. Uma volta pela cidade expõe a riqueza vivida pela população no auge dos ciclos da erva-mate, tanino e charque. [...]

Roosevelt: Porto Murtinho

12.12.1913: Pela tarde, logo após o nascer da lua, paramos para receber lenha em Porto Murtinho, pequena cidade brasileira, onde vivem cerca de 1.200 habitantes. Alguns edifícios eram de alvenaria; uma grande morada particular, com uma torre acastelada, era de pedra; havia casa de comércio e correio, depósitos, um restaurante, salão de bilhares e armazém para o mate, que em grande vulto é produzido na região adjacente. Na maior parte as casas eram baixas, com telhados inclinados em rampa, e havia jardins com altos muros, em cujo interior se viam árvores, muitas das quais olorosas.

Vagueamos em ruas largas e cheias de pó, caminhando em seus estreitos passeios. Era um anoitecer cálido e o cheiro dos trópicos impregnava o ar abafadiço de dezembro. Pelas portas e janelas abertas avistamos vagamente os moradores seminus das casas mais pobres; mulheres e meninas ficavam sentadas fora de suas portas, ao luar. (ROOSEVELT)

Porto Murtinho – Forte Olimpo

Esse caboclo, peregrino por patriotismo, viajante por ideal, desbravador por destino, apaixonado por ofício, pioneiro por temperamento, incansável por dever, estoico por profissão, soldado da paz, a serviço das fronteiras que ajudou a demarcar e do Sertão, que ajudou a revelar, na mais nobre das conquistas e na mais santa das vitórias, Rondon é glória que reúne os mais altos méritos militares aos mais altos méritos civis. (Benjamim Delgado de Carvalho Costallat)

06.08.2017: P. Murtinho – F. Olimpo

Passamos toda manhã envolvidos na transposição do material individual da Kemosabe para a Calypso. Partimos à tarde rumo Norte, deixando para trás a Isla Margarita e Puerto Carmelo Peralta, aproados na direção do Morro Pão de Açúcar (21°26’45,68”S / 57°52’33,48”O), de mais de 500 m de altitude, localizado na Fazenda Porto Conceição, a quase 25 km ao Norte de Porto Murtinho. A região pródiga em belezas naturais possui uma trilha que leva até o cume do morro de onde se tem uma vista privilegiada do Pantanal. Passamos pelo Pão de açúcar ao anoitecer (19h15). O atraso, provocado pela troca de embarcações, forçou a tripulação a navegar à noite e não tivemos a oportunidade de conhecer a cidade de Fuerte Olimpo nem o antigo Fuerte de Borbón (21°02’11,91” S / 57°52’10,75” O). Uma Expedição desta magnitude ficar atrelada a um calendário pré-determinado é um verdadeiro atentado ao bom senso, nas minhas amazônicas jornadas procuro não me amarrar a datas que não podem ou não devam ser cumpridas para não comprometer às pesquisas de campo.

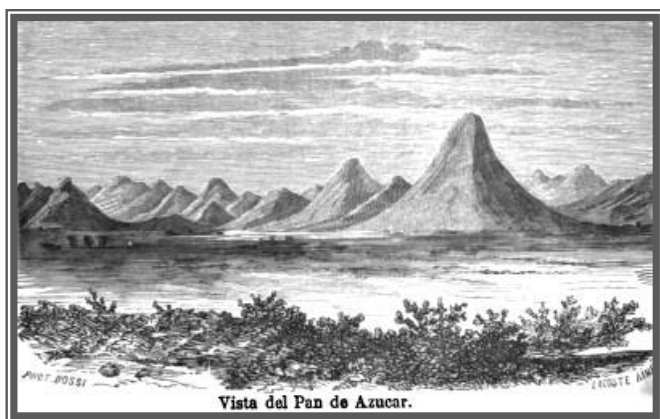



Imagem 20 – Vista del Pan de Azúcar (BOSSI)

Relatos Pretéritos: Pan de Azúcar

Félix de Azara (1781)

XXI

Regreso y muerte del adelantado Don Pedro de Mendoza. Sigue la expedición y descubrimientos con el mismo título y autoridad Don Juan Ayolas [...]

33. [...] Continuaron, y en los 21°22’ de latitud, encontraron en la costa Oriental un cerrito notable en aquella llanura de país, a quien llamaron monte de San Fernando. Hoy le dan los españoles el nombre de pan de azúcar, y los guaranís el de Ytapucúguazú. (AZARA)

Semanario (1850)

Es la segunda vez que las fuerzas nacionales dejan las playas de la Asunción para dirigirse a vindicar al Norte los derechos de la Republica. En 1850, la ocupación del territorio paraguayo por fuerzas brasileras obligó a nuestro gobierno a enviar una pequeña expedición que dio por resultado el desalojo del cerro de Pan de Azúcar [...] (SEMANARIO, 17.12.1850)

Bartolomé Bossi (1862)

A los 21°25’ latitud y 60°14’ de longitud, se levanta el no menos hermoso cerro de Pan de Azúcar, memorable por un hecho de armas muy honroso para los soldados del Brasil, y que merece narrarse por el interés que ofrece.

En el Pan de Azúcar fue atacada por doscientos paraguayos una guardia brasilera de 25 hombres. El combate fue reñido a pesar de la desproporción del número. La pequeña guardia resistió hasta haber quemado su último cartucho; y antes que rendirse, prefirió retirarse y ganar los montes y desiertos.

En esos bosques salvajes fueron sorprendidos esos pocos valientes por los Indios Guaycurús, tribu muy guerrera y audaz que habita esas cercanías. Los barbaros decidieron matar a todos los prisioneros; pero uno de los Indios se opuso al sangriento designio de sus compañeros, tratando de persuadirlos que no solo estaban obligados a conservar sus vidas, sino a acordarles su protección. El orador redujo la ferocidad de sus hermanos hasta inclinarlos a la piedad, y se decidió unánimemente que los prisioneros serían conducidos al través de esos bosques y desiertos hasta la ciudad de Cuyabá.

Después de trabajos penosísimos, y cuando ya se les creía muertos, aparecieron las victimas lloradas rodeadas por los Indios, escolta singular, que había mitigado con sus prolijos cuidados los sufrimientos de aquellos infelices.

El gobierno brasilero pronto siempre á recompensar las acciones generosas, prodigó sus obsequios a los Indios y les colmó de regalos, concediéndole el honroso grado de capitán al iniciador de aquella loable acción á que debían la vida sus súbditos.

Desde entonces le quedó al indio condecorado el título de capitán de papel, que con burlesca ironía le dan en su tribu, entre la cual no es compatible ese honor sino para vasallos de sangre noble. En consecuencia el despacho de capitán brasilero, no es para los indios sino un pedazo de papel sin importancia ni significación, y para su poseedor un título de honor. (BOSSI)

Barão de Melgaço (1870)

Apontamentos Para o Dicionário Corográfico da Província de Mato Grosso Pelo Barão de Melgaço ([48])

Fecho de forros: Há na margem esquerda do Rio Paraguai, entre os paralelos 21°24′ a 21°30′, um grupo de morros do quase duas léguas de extensão ao longo do Rio e uma do largura, separado por um espaço de três léguas de terreno alagadiço das terras altas do Distrito de Miranda. Sobre a oposta margem do Rio existe um morro isolado e no meio do Rio uma ilha pedregosa de 1.300 a 1.500 metros de comprimento, 400 metros de largura e 21 na maior altura. Os dois canais, que forma, são navegáveis; porém o melhor é o de Oeste. Terá umas cinquenta braças [120 metros] de largura. O outro, mais estreito, tem algumas pedras, das quais é preciso resguardar-se, tanto do lado da ilha como do da margem esquerda.

Dos morros da margem direita o mais notável é o "*Pão do Açúcar*". Sua base dista da beira do Rio quase 3 quilômetros. Seu cume tem a altitude de 412 metros acima do Rio, ou 507, acima do mar.

[48] Augusto João Manuel Leverger.

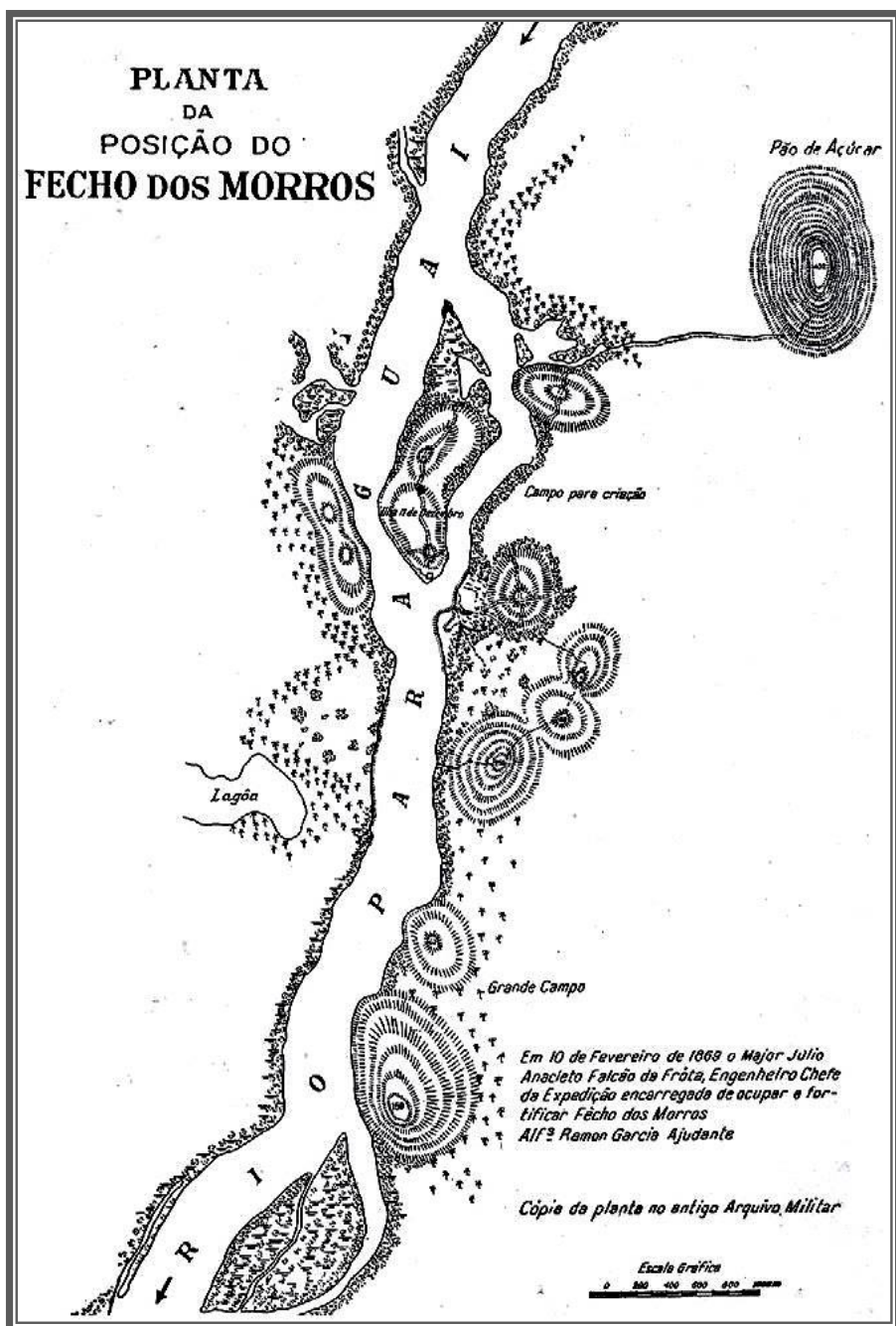



Imagem 21 – Planta do Fecho dos Morros (Mello, 2014)

Dez milhas abaixo do "*Fecho de Morros*" há na margem esquerda um morro isolado, que os Espanhóis chamam Batatilla, com um recife que toma quase metade da largura do Rio.

Esse lugar é por nós conhecido pelo nome de "*Passo da Tarumã*". É onde se faz a passagem do gado vacum e cavalar trocado entre a nossa gente e os índios do Chaco.

Foi neste local, que em 1775, pretendeu o Capitão-general Luiz d'Albuquerque estabelecer o presídio, que veio a fundar-se em Coimbra. Em junho do 1850, colocou-se aí um destacamento, que foi visitado pelo Presidente da Província em setembro, e em outubro expelido pelos paraguaios. (RIHGB – XLVII - II, 1884)

Raul Correia Bandeira de Mello (1935)

A Fortaleza de Coimbra
Breve Estudo Histórico e Geográfico

15 – É oportuno recordar-se que, não obstante decidido o estacionamento militar em Coimbra, sempre se conservou latente e ainda persiste em potencial a ideia do artilhamento do "*Fecho dos Morros*", como um elemento indispensável à integridade do Brasil. Em 1847 o Presidente da Província de Mato Grosso autorizou o Comandante da fronteira do Baixo Paraguai a providenciar sobre a instalação de um destacamento do Exército no "*Pão de Açúcar*", construindo um quartel e algumas lunetas e redentes.

Retornava-se às ideias dos chefes militares que sempre acharam o "*Fecho dos Morros*", inclusive a ilha mediana, uma posição estratégica de 1ª ordem, de vez que constitui verdadeira barragem natural.

Após a ocupação esta posição notabilizou-se, segundo diz Luiz d'Albuquerque, pelo ataque que em 1850 traiçoeiramente lhe levaram os paraguaios por ordem de Carlos Antônio López ([49]). Em número de 400 homens ([50]) inesperadamente agrediram a guarnição, composta de 25 praças do 2° Batalhão de Artilharia a Pé e do Comandante Tenente Francisco Bueno da Silva.

A guarda retirou-se com perda de vidas para a margem direita após tentar a defesa que lhe foi possível. Surge então a infelicíssima ordem do Governo Imperial, de outubro de 1850, determinando ao Presidente Caetano Pinto de Miranda Montenegro que desistisse da ocupação do "*Fecho dos Morros*" afim de que em virtude de reclamação de potência amiga pudesse a questão ser resolvida diplomaticamente e "*à luz de uma discussão pacífica e aprofundada*".

E a ofensa violentamente assacada contra nossa soberania foi esquecida e jamais se tratou do assunto. (BANDEIRA DE MELLO)

MOURA, Carlos Francisco (1975)

As obras foram interrompidas com a sua completa destruição, em 14 de outubro do mesmo ano, por tropas paraguaias e o projeto definitivamente arquivado pelas autoridades brasileiras.

Em verdade, o Governo brasileiro tentou com essa iniciativa resgatar um projeto de 1775, quando o Capitão Ribeiro da Costa, encarregado pelo Governador Luís de Albuquerque de construir o Forte de Coimbra, enganou-se no reconhecimento do local, apesar das instruções do governador:

---

[49] Pai de Francisco Solano López Carrillo.

[50] Os historiadores divergem variando de 200 a 400 militares paraguaios.

> No lugar de aportar no Fecho dos Morros, desembarcou 44 léguas antes, no local denominado estreito de São Francisco Xavier, cuja topografia apresenta alguma semelhança com o primeiro. (MOURA)

Acyr Vaz Guimarães (1990)

Ano do nascimento de N.S.J.C. de 1850, vigésimo nono da Independência e do Império, aos 21 graus e 20 minutos de latitude, 40 léguas ao sul do Forte de Coimbra, em lugar denominado "*Fecho dos Morros*", à margem esquerda do Paraguai, 800 braças a Oeste da mais alta montanha conhecida pela denominação de "*Pão de Açúcar*", sobre a base inferior do Morro de pedra viva mais saliente ao Rio em forma de um colete esférico e sobranceiro ao pequeno monte que jaz na margem oposta, achando-se presente o Comandante Geral desta fronteira, o Capitão do Estado Maior de 1ª classe, Exmo. Sr. J. J. de Carvalho, o Tenente C. F. de Caçadores Francisco Bueno da Silva, o missionário apostólico frei Mariano de Banhaia e todas as praças que fizeram parte da comitiva do mesmo Cmt.

Depois do arvorado o pavilhão nacional, acompanhado de entusiásticos vivas a S. M. Imperador e à integridade do império, foi empossado o novo destacamento de que é Cmt o já referido Ten Francisco B. de Silva e deu-se imediatamente princípio à construção do edifício que tem de servir provisoriamente de Quartel Guarnição Parque de Armas, Casa de Oficiais e Armazém de Artigos Bélicos até que, segundo as ordens do Governo, seja edificado o Forte permanente. E para todo o tempo constar, lavrou-se o presente que assinam o Cmt Geral, o Cmt da Guarnição do novo destacamento, o missionário apostólico e todas as praças presentes aos 29 dias do mês de junho. (GUIMARÃES)

Imagem 22 – Forte Borbón, Paraguai

Após a jornada pelo Rio Paraguai, em agosto, desci o Rio Acre de caiaque, em setembro, e retornei, em outubro, à região para documentar este esplêndido e histórico sítio.

ROOSEVELT: Forte Bourbon (Borbón)

13.12.1913: Pela manhã, muito cedo, paramos em um lugarejo paraguaio, aninhado entre o arvoredo verdejante, no sopé de um grupo de morros baixos, junto à margem do Rio. Sobre um dos morros aparecia um pitoresco forte antigo, de pedras, conhecido como Forte Borbón, nos tempos coloniais da Espanha. Agora flutua sobre ele a bandeira paraguaia e é guarnecido por um punhado de soldados paraguaios. Aí o padre Zahm batizou os dois filhos mais novos de uma vasta família de gente pequena, de pele fina e cabelos louros, cujo pai era paraguaio e a mãe "*oriental*" ou uruguaia.

Nenhum padre estivera no lugarejo de três anos àquela parte, e as crianças tinham respectivamente um e três anos de idade. Serviram de padrinhos o comandante local e um casal de austríacos. Respondendo a uma pergunta, de simples formalidade, sobre se eram ou não católicos, os pais declararam inesperadamente que não. Indagações subsequentes revelaram que o pai se dizia "*livre-pensador católico*" e que a mãe era "*protestante católica*" e tivera como genitora uma protestante, filha de um imigrante da Normandia. Entretanto, ficou esclarecido que os outros filhos tinham sido batizados pelo Bispo de Assunção, e assim o padre Zahm, atendendo às vivas instâncias dos pais, consentiu em continuar a cerimônia. Eram boa gente; embora cada qual desejasse ter a liberdade de pensar do modo que lhe agradasse, também queriam estar filiados e ter seus filhos filiados a alguma religião, de preferência à religião da maioria do seu povo. [...]Almoçamos – o almoço brasileiro das 11h00 – no navio do Cel Rondon. Os jacarés estavam-se tornando mais abundantes. Os feios animais jazem nas praias e nos bancos de lodo como toras de madeira, cabeça levantada, algumas vezes com as fauces escancaradas. São com frequência perigosos para os animais domésticos, são sempre um flagelo para os peixes e é agradável atirar neles. Matei meia dúzia e errei outros muitos – a trepidação do vapor não auxiliava a pontaria. Passamos matas de palmeiras que se estendiam por espaço de léguas, e vastos pantanais onde se viam socós, garças pardas e jaburus, bandos de biguás e mergulhões sobre as praias, e talha-mares e nuvens de lindas andorinhas esvoaçando à nossa frente. Cerca do meio-dia passamos o ponto mais alto do Rio passamos o ponto mais alto do Rio que velhos conquistadores e exploradores espanhóis [...] haviam atingido no decorrer de suas maravilhosas viagens na primeira metade do século XVI [...]. (ROOSEVELT)

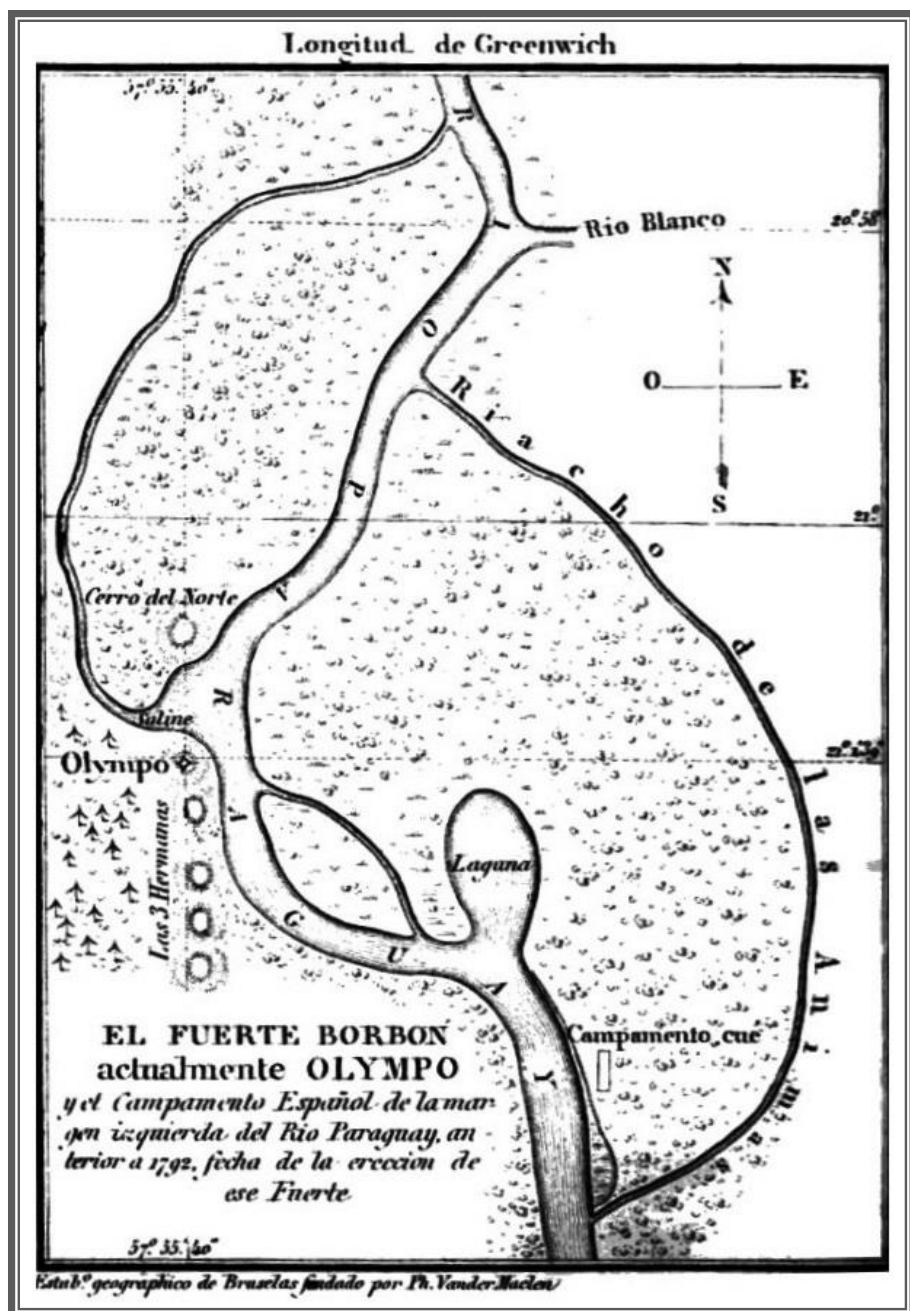



Imagem 23 – Fuerte Olympo

MAGALHÃES: Forte Bourbon (Borbón)

> **13.12.1913**: Durante o trajeto para Corumbá, a mais ampla cordialidade orientou a nossa ação relativamente ao Ex-presidente e sua comitiva. No dia **13** às 09h15, ancoramos ao lado da canhoneira defronte ao Forte Olimpo, onde o Governo do Paraguai mantém uma guarnição militar. Em retribuição à visita que vos foi feita em nome do Sr. Coronel Crisóstomo Machucas, Comandante dessa guarnição, a este fui levar pessoalmente os agradecimentos apresentando-lhe os vossos cumprimentos cordialíssimos, bem como os da Comissão Brasileira sob vossa chefia. (MAGALHÃES, 1916)

Reporta-nos María Teresa Gaona do International Scientific Committee on Cultural Routes (CIIC): sob o título "*El Fuerte de Borbón*" ([51]):

> **Antecedentes**
>
> Por volta de 1750 a 1792, os bandeirantes paulistas e mamelucos, cheios de audácia e armas, marcharam lenta, mas progressivamente para as regiões do Alto Paraguai, Mojos e Chiquitos, forçando a migração da população ali existente para Assunção. O Tribunal de Madri tentou impedir esse avanço através de Tratados de Limites Definitivos. No entanto, o Tratado de 1750 deu ganho de causa às pretensões portuguesas acarretando uma derrota moral para a Espanha. Por isso, o demarcador espanhol Manuel A. Flores, recomendou em seu relatório ao Marquês de Valdelirios que deveria fortalecer militarmente a Província do Paraguai. Como a Coroa Espanhola ignorasse esses apelos, as autoridades coloniais tomaram a iniciativa de estabelecer novas estratégias

[51] Tradução livre do autor.

de defesa em torno de Assunção, através de uma série de Fortins e Fortes cujas construções tiveram curta duração, em decorrência da precariedade dos materiais empregados, da própria estratégia de defesa de fronteiras que exigia uma mudança constante de posição e, mais tarde, com o fim das ameaças. Para salvaguardar as fronteiras do país, especialmente ao Norte, no século XVIII, foi decidido estruturar um sistema defensivo-ofensivo à montante ([52]) do Rio Paraguai para barrar o ataque dos índios Mbya. Em 1763, o Governador Martinez Fontes preparou a defesa do território em ambas as margens do Rio Paraguai. Em 1773, o Governador Don Agustín de Pinedo, não conseguiu materiais ou elementos para a criação de novos Fortes e fundou apenas a Vila Real de Nossa Senhora da Conceição.

No Governo de Melo e Alós, aparecem integrados ao sistema "*Costa-arriba*" as guardas sediadas nas cidades de Kuarepotí, Yguamandiyú e Concepción, bem como a nova prisão de Ypytá. Em 1790, o Governador Joaquín Alós y Brú organiza as milícias em quatro Regimentos: Regimento de Dragões de Quyquyó, Regimento de Dragões de Tapuá; Regimento de Dragões da Cidade de Assunção e Regimento de Dragões de Cavalaria. Aparentemente, o Governador considerou que essa organização não era suficiente e decidiu criar uma série de Fortes no Rio Paraguai até Coimbra.

Em 1791, a Carta Real determinava ao Vice-rei de Buenos Aires que criasse estabelecimentos de defesa nas margens do Paraguai, por meio de guardas de Coimbra à Vila Real de la Concepción. Os Fortes, presídios e cidades que formavam a linha defensiva estavam localizados ao longo do Rio Paraguai e Apa.

---

[52] À montante: "*Costa-arriba*".

Neste Rio, um dos primeiros e mais importantes Fortes foi o Forte de San Carlos. Em 1792, foi fundado o Forte de Borbón, que fazia parte da linha defensiva na margem esquerda do Rio Paraguai, na região do Chaco, no Paraguai.

Fundação do Forte de Borbón

O Governador Joaquín Alós y Brú nomeou, em 27.11.1791, o Tenente-coronel José Antonio Zavala y Delgadillo, Superintendente e Comandante-chefe do Regimento dos Dragões do Paraguai, responsável por uma Expedição encarregada de construir os novos estabelecimentos de defesa da Banda Ocidental do Rio Paraguai. A Expedição subiu o Rio primeiramente até a Latitude 19°58', mas, em decorrência das dificuldades apresentadas pelo terreno, optaram por um sítio na região denominada "*Tres Hermanas*" considerando que as pequenas colinas seriam imunes às inundações do Rio. Em 25.09.1792, as obras do Forte de Borbón, um pouco abaixo do Rio Branco, a 21°01'39" S ([53]), foram concluídas, e José Antonio Zavala y Delgadillo designou José de Isasi como o primeiro Comandante do Forte. A aprovação real desta fundação foi efetivada em 27.02.1793.

Aspectos Históricos do Forte de Borbón

O Forte de Borbón, sob a invocação da Virgem de Dolores, assim nomeado pela a Dinastia Real da Espanha, é um dos Fortes mais importantes da Região Ocidental do Paraguai. Localizado no topo de uma colina foi criado com o objetivo de proteger a Fronteira Norte do Vice-reinado do Rio de Prata contra os ataques dos portugueses de Mato Grosso e as invasões dos índios do Chaco, que nos primeiros anos tinham sido considerados amigos e aliados.

---

[53] 21°01'39" de Latitude Sul: 21°02'11,91" S / 57°52'10.75" O.

Mas, devido aos assaltos constantes e para tomar posse das escassas provisões do Forte foram declarados, a maioria deles, inimigos, punindo culpados e inocentes. A partir da leitura dos documentos do Governador Joaquín Alós y Brú, pode-se deduzir que esta proteção de fronteira visava permitir o acesso ao Peru. Desde a sua fundação esteve subordinado à Real Vila da Concepción e, durante os últimos 18 anos de dominação espanhola, este Forte cumpriu um duplo papel, o de Presídio e o de Fortaleza. Era uma base obrigatória tanto para as campanhas contra os índios Chamacocos e de defesa contra as invasões paulistas e, também, contra a Expedição de Don Lázaro de Rivera, no início do século XIX.

Finalmente, em 1810, quando chegaram à Assunção notícias da Revolução de maio contra os realistas no Paraguai, coincidindo com a da Argentina, o Governador Velasco sufocou essa tentativa e capturou muitos cidadãos que foram enviados para o Forte de Borbón.

Em 24.07.1810, um congresso reunido, em Assunção, ante a iminente invasão dos argentinos solicita aos Comandantes dos Fortes de S. Carlos e Borbón que enviassem armas e soldados para reforçar a defesa da Capital. Mais tarde, o Forte de Borbón é abandonado, talvez por falta de provisões, e o lugar é ocupado pelos Payaguaes, que foram, mais tarde, despejados pelos portugueses, que mais uma vez tentaram invadir o território do Chaco por Fuerte Olimpo e Salinas e foram expulsos, com ajuda dos indígenas, pelas tropas paraguaias que o ocuparam de novo. Poucos dias após a sua nomeação como Ditador Supremo da República do Paraguai, o Dr. Francia nomeou novas autoridades para o Forte. Durante seu Governo, embora não tenha se preocupado com a assinatura de Tratados, Francia defendeu e cuidou com obstinação das fronteiras do Paraguai.

Monitorou constantemente todo o curso do Rio Paraguai, não descuidando dos Fortes, Fortins e de sua guarnição, conseguindo com isso, manter os invasores à distância. Em 1820, o Dr. Francia proibiu a guarnição do Forte de negociar com os portugueses. Em 25.12.1823, o Dr. Francia alterou o nome do Forte de Borbón para Forte Olimpo com a finalidade de demonstrar claramente a independência da Espanha.

Don José León Oliden, cita o Forte Olimpo na descrição da viagem que ele fez ao longo do Rio Paraguai, entre agosto de 1837 e fevereiro de 1838. A Viagem é registrada em carta dirigida ao Dr. Francia que não foi recebida por este.

Em 1840, o Comandante do Forte Olimpo, Manuel Antonio Delgado, em um ofício dirigido aos conselheiros, informou sobre os limites do Paraguai com o Brasil ante as demandas do Cônsul brasileiro Correa Câmara, destacando a importância do mesmo neste aspecto.

O geógrafo E. Mouches, Capitão da Marinha francesa, foi encarregado pelo seu Governo de elaborar um mapa do Paraguai e do Brasil e no relatório apresentado, no dia 06.05.1862, ante a Sociedade Geográfica Francesa, considerou como fronteira entre os dois países o Forte Olimpo, construído pelos espanhóis às margens do Rio Paraguai (231°). [...]

E. Bougarde, em 1889, produziu um Mapa do Paraguai no qual o Forte aparece, sem deixar de mencionar o Tratado da Tríplice Aliança.

Em uma carta enviada ao Dr. Pinilla, Embaixador de Negócios Interinos da Bolívia, e datada de 03.11.1888, defendendo os direitos paraguaios sobre o Chaco consta que o Governador Joaquín de Alós y

Brú, no ano de 1792, decretou o estabelecimento de uma fortaleza na fronteira Norte do território paraguaio, na parte Ocidental do Rio, não apenas para monitorar e conter qualquer avanço ou usurpação do território, mas também para indicar e marcar de forma fixa e permanente que o direito do Rio pertencia ao Paraguai de fato e de direito.

No século XX, o Forte continua sendo citado constantemente, especialmente nos documentos submetidos à delimitação dos limites com a Bolívia, após a Guerra do Chaco, 1932-1935, como um bastião de direitos e defesa do território Chaco. Também aparece em obras como o Mapa Cleto Romero, de 1904; o mapa da Missão Peña – Machaín, de 1930. Em um livro de Geografia do Paraguai, de acordo com Amarilla, em 1928, a escola ao lado do Forte tinha 128 alunos.

Descrição do Forte de Borbón

O projeto desta fortaleza é do famoso Azara, e foi executado pelo Comandante José Antonio Zavala e Delgadillo, por ordem do Governador Alós e Brú. No mesmo ano foi concluído e ocupado por uma guarnição paraguaia, com soldos pagos. Este pagamento fazia parte de um projeto do Governo de criar empregos de acordo com um relatório do tesoureiro do final do século XVIII. O principal objetivo desta base foi a defesa da fronteira Norte.

Uma descrição do engenheiro Julio Ramón de Cesar e um desenho do Forte de "*Bourbon*" mostra a precariedade dos meios tecnológicos. Ele disse a construção era de pau a pique, coberta de palhas que tocam o chão, ideia infeliz do construtor, de acordo com Cesar, sem o menor conhecimento de tais obras.

A fortaleza é formada por um quadrilátero de arquitetura modesta e pequena elevação, cujos ângulos são defendidos por um bastião semicircular com várias seteiras e um abrigo para a sentinela correspondente. A presença de apenas três bastiões ou cotovelos em que os canhões estão localizados atraem a atenção. Dentro do layout retangular havia várias cabanas internas para armazéns, cozinhas, banheiros, alojamentos, prisões e gabinete do Comando.

Em 1801, Don Pedro Antonio de Mier informa ao Governador Intendente Don Lázaro de Rivera que o Forte de Borbón como sistema de defesa deixa muito a desejar porque as fundações estavam totalmente podres, o vento dobra as estacas, como se fossem juncos, os armazéns estavam quase todos derruídos e a guarnição deixava muito a desejar.

Em 23.09.1817, o Dr. Francia ordenou a reforma do aquartelamento, porque se os portugueses fortificaram Coimbra "*yo también*", diz o Dr. Francia me atrevo a fortalecer Bourbon com o emprego de cal, com boas muralhas e baluartes, pois há pedras em abundância na colina.

Com esta decisão, o Forte deixa de ter como muralha, uma estacada de carandás, material precário. Na primeira etapa, deverá ser construído com pedras e cal como cimento, sem que se altere o projeto original. As muralhas do Forte são reparadas bem como os telhados e outras dependências.

As obras foram concluídas, em 1818, de acordo com uma comunicação do então Comandante de Concepción ao Ditador. Em 1823, o Dr. Francia voltou a enviar pedreiros, tijolos e cal para realizar melhorias no Forte. [...]

Na Praça de Armas da Fortaleza havia uma pedra de granito gravada: "*Este Forte Olimpo foi restaurado em 31.08.1856 sob o comando dos cidadãos Marcelino Antonio Coronel e José Manuel Gimenez*". A única notícia que se tem, depois disso, sobre as reparações do Forte Olimpo, é de 1932. As obras ficaram a cargo do Sr. Rodríguez Alcalá que colocou uma placa comemorativa. (GAONA, 2002)

Relatos Pretéritos: Forte Borbón

D. José Leon Oliden (1837-1838)

[...] continuamos Rio baixo, avistando logo em seguida o Forte de Borbón, aonde chegamos duas horas depois. Saudamos a Fortaleza como é de costume com alguns tiros de fuzil, mas não fomos correspondidos. Assim que aportamos apareceu um soldado pelo qual enviei meus cumprimentos ao Comandante pedindo permissão para ir até a Fortaleza cumprimentá-lo.

O soldado retornou com a autorização e me levou até o Comandante do Forte. Este solicitou meu passaporte que lhe apresentei imediatamente. Disse-lhe que tinha algumas cartas particulares para serem entregues à Sua Excelência o Ditador Supremo do Estado, ao que ele respondeu que não podia permitir sem a devida permissão do mesmo. Solicitei então que me permitisse ir a Assunção, entregá-las pessoalmente, e ele respondeu negativamente à esta proposta também. Tendo em vista o insucesso de minhas demandas, despedi-me e retornei à minha embarcação enquanto aguardava a devolução do passaporte.

DESCRIPCION
DE LA
NUEVA PROVINCIA DE OTUQUIS
EN BOLIVIA

SEGUNDA EDICION CORREGIDA Y AUMENTADA
POR
MAURICIO BACH
SECRETARIO DE LA MISMA PROVINCIA
CON PERMISO DEL EMPRESARIO
AÑO DE 1842

BUENOS AIRES
IMPRENTA ARGENTINA, calle de la Universidad, número 37
1843

REIMPRESION PUBLICADA
POR EL
Dr. ANTONIO QUIJARRO
ANTIGUO MINISTRO DE BOLIVIA

Imprenta, Litografía y Encuadernacion de Jacobo Peuser
BUENOS AIRES | LA PLATA
San Martin, 96, 98 y 101 | Calle 10 entre 54 y 55
1885

Imagem 24 – Descripción de la Nueva Provincia

O Forte de Borbón, chamado hoje de Olimpo, é uma excelente Fortificação. Mantém uma centena de homens entre artilheiros e fuzileiros, é um povo bonito, alto e bem conformado, com uma fisionomia expressiva, branco e muito educado, falam guarani e castelhano. Eles me deram de presente erva-mate, da Vila Real de Concepción e folha de tabaco, e eu, em contrapartida, dei-lhes pólvora, palha de milho e outras bagatelas, o que os deixou muito felizes.

O Forte tem doze peças de ferro, mas as pessoas estão maltrapilhas e esfomeadas, porque raramente lhes chegam provisões da Vila Real e ali não têm absolutamente nada, porque não podem se afastar cem passos da Fortaleza sem serem perseguidos pelos índios Guaicurus.

A Fortaleza está localizada a meio quarteirão da margem do Rio em uma colina, e o campo no seu entorno é muito bonito. O Capitão Comandante do Forte é um homem velho que deve ter quase cem anos e que raramente se afasta da cama. Ele tem tanta confiança em seus soldados que não há um único fuzil deixado fora da sala d'armas, exceto aquele que carrega a sentinela postada no portão do Forte.

Alguns sargentos e outros militares vieram até minha canoa conversar, mas não se arriscaram a falar muito, nem de seu Governo nem da situação de seu país, embora eu os provocasse; até que me fizeram ver que havia dois homens mais velhos que o Comandante enviara, para nos observar e ouvir o que falávamos.

Eu notei, entre outras coisas, uma muito estranha – quando o nome do Ditador Supremo era pronunciado, todos retiravam a cobertura, dando uma demonstração cabal do estado de desesperança e submissão em que se encontram.

Chegaram dois homens decentes e idosos, e um deles se aproximou de mim e me perguntou sobre uma determinada família da cidade de Oruro na Bolívia, ao que eu lhe respondi que, por esse nome, conhecera um Sargento-major do exército, e ele me disse que essa era sua família e se retirou.

Não há uma única mulher em Borbón, há 15 anos estes militares estão nesta guarnição e me disseram que o tempo de permanência neste destacamento era de vinte e cinco anos.

Quatro horas depois, o Comandante devolveu meu passaporte, me dizendo que eu podia me retirar o que fiz retrocedendo Rio acima. (OLIDEN)

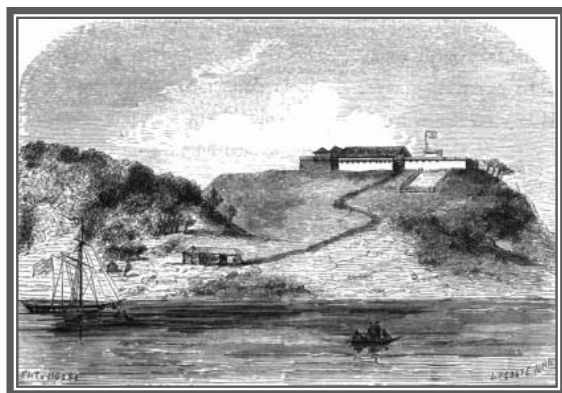



Imagem 25 – Fuerte Borbón (BOSSI)

Bartolomé Bossi (1862)

Sobre la costa del Chaco en la latitud 21°01' Sud, longitud 60°15' Oeste, se halla el Fuerte Olimpo, ocupado por una guarnición paraguaya, ultima guardia de esa Republica en el territorio de su jurisdicción. Ese Fuerte fue construido por los españoles. Los Guaycurús lo atacaron diversas ocasiones y lo tomaron a los Paraguayos, que actualmente y como una justa precaución conservan fondeada una balandra de guerra para refugiarse en caso de un nuevo contraste. Este Fuerte bajo la autoridad española se llamó Fuerte Borbón. El vapor fondea breves momentos para llenar una formalidad de uso. (BOSSI)

Alfred Louis Hubert Ghislain Gray (1862)

Las montañas de Olympo están formadas de seis colinas principales, todas próximas al río. Las tres primeras, que son las más altas, se llaman "*Las Tres Hermanas*"; están después dos más bajas, sobre una de las cuales está edificado el Fuerte, y la sexta, Cerro del Norte, está separada de las precedentes por una bahía en que corre un brazo del río que se separa arriba de la embocadura del Rio Blanco.

El Fuerte Olimpo, a catorce leguas del Pan de Azúcar, está construido con pedazos de la roca que forma esas montañas, unidas entre sí por cimientos de cal. El fuerte es muy conveniente, pero el terreno de la costa cultivado para el alimento de la guarnición, no está al abrigo de las inundaciones. De la parte del Chaco, la vista se ex tiende sobre un vasto campo muy bajo, sembrado de palmeras, y la costa Oriental presenta una sucesión de terrenos bajos, cortados por pequeños ríos que forman gran número de islas y de lagos. La bahía que separa el Cerro del Norte de la colina en que está edificado el fuerte, deja descubiertas, en la estación en que bajan las aguas, playas en que se producen eflorescencias de sal de muy buena calidad. Las montañas de Olimpo, aunque poco abundantes en maderas de buena calidad, suministran el guayacán, y no lejos se encuentra un árbol cuya fruta es una calabaza y que se conoce bajo el nombre guaraní de Ibirá-acá-jyá. (GRAY)

Hino patriótico

(Castro Alves)

Não ouvis como um grito de fogo
Rasga ardente este éter azul?

É a voz da vitória que irrompe
Das montanhas, dos vales do Sul.

Glória! Glória! Brasil. Lá no Prata
O teu povo gigante venceu! ...
Ergue vivo a bandeira nos ares,
Ergue morto a mortalha no céu...

Águia altiva dos Andes descida
Pelos pampas em brasa roçou;
E com a ponta das asas possantes
Mais um povo do mundo apagou! [...]

A Roosevelt
(Rubén Darío)

¡Es con voz de la Biblia, o verso de Walt Whitman,
Que habría que llegar hasta ti, Cazador!
Primitivo y moderno, sencillo y complicado,
Con un algo de Washington y cuatro de Nemrod
Eres los Estados Unidos, eres el futuro invasor
De la América ingenua que tiene sangre indígena,
Que aún reza a Jesucristo y aún habla en español.

Eres soberbio y fuerte ejemplar de tu raza;
Eres culto, eres hábil; te opones a Tolstoy
Y domando caballos, o asesinando tigres,
Eres un Alejandro-Nabucodonosor.
[Eres un profesor de energía,
Como dicen los locos de hoy]
Crees que la vida es incendio,
Que el progreso es erupción;
En donde pones la bala el porvenir pones.
No.

Los Estados Unidos son potentes y grandes.
Cuando ellos se estremecen hay un hondo temblor
Que pasa por las vértebras enormes de los Andes.
Si clamáis, se oye como el rugir del león. […]

Mas la América nuestra, que tenía poetas […]
La América en que dijo el noble Guatemoc:
"Yo no estoy en un lecho de rosas"; esa América
Que tiembla de huracanes y que vive de Amor,
Hombres de ojos sajones y alma bárbara, vive. [...]
Se necesitaría, Roosevelt, ser Dios mismo,
El Riflero terrible y el fuerte Cazador,
Para poder tenernos en vuestras férreas garras.

Y, pues contáis con todo, falta una cosa: ¡Dios!

Imagem 26 – Pão de Açúcar

Imagem 27 – Forte Borbón, Paraguai

Imagem 28 – Forte Borbón, Paraguai

Imagem 29 – Forte Borbón, Paraguai

Forte Olimpo – Forte Coimbra

O distinto engenheiro Ricardo Franco por algum tempo opinou pela sua inutilidade; diversas considerações, porém, fizeram-no modificar o seu parecer e insinuar ao Governador Caetano Pinto a conveniência da continuação do Forte, que o mesmo oficial levou a efeito quase sem dispêndio da Fazenda Real, servindo ele de Arquiteto, de Feitor e de Mestre carpinteiro e pedreiro.
(Barão de Melgaço)

08.08.2017 (Forte Coimbra)

A alvorada magnífica permitia vislumbrar, ao longe, ainda imerso no nevoeiro, o bastião monumental erguido pela férrea determinação de Ricardo Franco. Na chegada ao Forte fomos gentilmente recepcionados pelo Cmt da 3° Cia Fron Cap Glauco Viana Coitinho que nos acompanhou, pela manhã em uma visita ao Forte.

14.12.1913: Forte Coimbra

Magalhães

Às 10h45, continuamos a subir o Rio Paraguai, montando, às 13h55, a pirâmide de base quadrada que, a poucos metros da margem direita, assinala os limites do Brasil com a Bolívia. Às 15h00, paramos junto ao porto de Coimbra. (MAGALHÃES, 1916)

Rondon

A **14** estávamos em frente do legendário Forte de Coimbra; o Sr. Roosevelt não o visitou, nem a famosa Gruta do Inferno, por considerar que o tempo de que dispunha para estar ausente da sua Pátria, mal comportaria a realização do programa anteriormente traçado. (RONDON)

Roosevelt

No decurso do dia seguinte o terreno à margem Oriental se tornara um vasto pantanal escalonado, aqui e ali, de coroas de terras mais altas, cobertas de mata. A manhã estava chuvosa, em contraste com o bom tempo que até então havíamos tido. Passamos portos de lenha e fazendas de gado. O proprietário de uma destas, argentino filho de irlandeses, que ainda falava inglês com o sotaque da terra nativa de seus pais, observou que era a primeira vez que o pavilhão americano aparecia no Alto do Paraguai, pois nossa canhoneira levava-o hasteado no mastro grande. Tendo, ao começo da tarde, alcançado o ponto onde ambas as margens do Rio eram território brasileiro, chegamos ao antigo Forte Coimbra, da época colonial portuguesa. Está situado onde dois escarpados morros se erguem, um de cada lado do Rio ([54]), e defende a garganta fluvial que entre eles passa. Foi tomado pelos paraguaios durante a guerra havida há quase meio século. Alguns canhões modernos foram aí montados e existe uma guarnição de tropa brasileira. O Forte alveja ao alto, na encosta do morro, na qual se encastoa, e sobe, terrapleno após terrapleno, com bastião ([55]), parapeito e muro ameado ([56]). No sopé do morro, na planície ribeirinha, estende-se a antiga vila com suas casas cobertas de folhas de palmeira. Na vila residem algumas centenas de almas – na maioria oficiais, soldados e suas famílias. Tem uma comprida rua. (ROOSEVELT)

---

[54] Local também conhecido como "*Fecho dos Morros*".

[55] Bastião (baluarte): parte saliente de uma fortificação, normalmente de forma um pentagonal, com duas faces formando um ângulo saliente dianteiro, enquanto outras duas, mais curtas, formam flancos reentrantes, que protegem as obras adjacentes.

[56] Ameado: muro que tem a borda superior recortada em forma de ameias.

Para entendermos melhor o contexto que levou o Capitão-general Caetano Pinto de Miranda Montenegro, ao assumir o Governo da Capitania do Mato Grosso, a nomear como Comandante da Fronteira Sul o Tenente-Coronel Ricardo Franco vamos reportar o Capítulo II, da Sexta Parte, do livro "*Um Homem do Dever – Coronel Ricardo Franco de Almeida Serra*" do General Raul Silveira de Mello – o grande memorialista do Forte Coimbra:

SEXTA PARTE

II CAPÍTULO

Ricardo Franco Encontra Fragílima
A Defesa de Coimbra e da Fronteira Sul

A paliçada construída por Matias Ribeiro da Costa, em 1775, era uma obra de emergência. Os outros Comandantes, até 1797, nada mais fizeram do que retocá-la e melhorá-la, sem nada adiantar quanto ao seu valor defensivo. A crosta terrosa do sítio em que fora construída media uns dois palmos de espessura e assentava diretamente na rocha, de tal sorte que as estacas, mal firmadas, podiam ser derrubadas com um murro, como dissera o Major Joaquim José Ferreira. Certa vez, uma pedra, rolando do morro, de encontro ao Presídio, derrubou as estacas que achou pela frente, tal como bola no jogo do boliche. Este fato inquietou o então Comandante, advertindo-o de que tal expediente poderia ser usado de surpresa pelos castelhanos, em plena noite, e até pelos índios, para estabelecerem a desordem na guarnição. Ricardo Franco, ao assumir o comando do Presídio em agosto de 1797, ficou admirado de como essa frágil posição se tivesse mantido, face às possibilidades oferecidas aos índios Guaicurus, senhores da

região, ou aos castelhanos de Assunção, aliados dos Paiaguás, de virem expugná-la e varrerem dali os portugueses. Foram certamente estes considerandos ([57]) e a responsabilidade de que estava investido que levaram Ricardo a formular o projeto de um Forte permanente, de alvenaria de pedra, e de propor a sua construção. Eis como se exprime ele a respeito, no ofício de 02.09.1797, a que me referi no capítulo anterior:

> Ficam patentes os defeitos que oferece esta estacada [...]. Mas, quando ainda os não tivesse, bastaria ser uma débil e estreita estacada de 12 palmos de altura e menos de um de grosso [...].

para que nada de resistência pudesse oferecer à artilharia do inimigo. A obra, porém, que Ricardo Franco desejava levantar, em substituição à velha paliçada, por si só era bastante para aumentar a confiança e o valor dos homens da guarnição contra qualquer investida de inimigos. Não se pode acusar de todo os Capitães-generais de desídia ([58]) ou descaso pela falta de atendimento às necessidades de defesa da Fronteira Sul, reclamadas sem cessar pelos Comandantes de Coimbra e da Povoação de Albuquerque.

É sabido, todavia, que Luís de Albuquerque se interessara, em caráter de preferência, pela construção do Forte do Príncipe da Beira. Ali empenhara enormes somas de dinheiro, muito embora esse local, na margem direita do Guaporé, não mais sofresse contestação dos confrontantes, por estar resguardado pelos Tratados de Limites. Assim, porém, não acontecia a Coimbra e Albuquerque. Estas se achavam na margem Oeste do Rio Paraguai, fora das raias portuguesas.

---

[57] Considerandos: motivos.
[58] Desídia: desleixo.

Não havia direito líquido sobre elas. A partir de 1777, as Comissões Demarcadoras deveriam definir, no terreno, a linha de separação dos territórios das duas metrópoles. Ora, prescrevendo o Tratado de Limites que as raias correriam pelo Rio Paraguai, era necessário que houvesse acordo nas demarcações para que fossem reconhecidas, como portuguesas, as ocupações destes na margem direita do Rio. Todavia, os comissários de limites, durante longos anos de negaças ([59]) e desentendimentos, não conseguiram arrancar do impasse aqueles importantes casos controvertidos. Os Capitães-generais, não obstante sustentarem perante a Corte os direitos subsistentes, e as razões vitais da manutenção de Coimbra e Albuquerque, temiam que o Governo Português, por outros motivos, não menos poderosos, chegasse a negociar a evacuação daquelas posições e entregá-las às autoridades castelhanas. Essa ideia não é gratuita. Ela andou bailando na cabeça dos Governantes Portugueses. Não fosse a resistência tenaz de Luís de Albuquerque, talvez ela tivesse vingado, à custa de compensações de outra ordem de interesses. O Gabinete Português chegou mesmo a prometer à Corte Madrilena, talvez para lograr outras vantagens, talvez por despistamento, que abandonaria aquelas posições.

Fá-lo-ia, no entanto, em duas etapas. Primeiramente, evacuaria a região de Albuquerque para que viesse a servir às ligações fluviais de Chiquitos com Assunção e o Prata. Posteriormente, mediante novo acordo quanto ao tempo, destruiria o Presídio de Coimbra e abandonaria também essa posição. Não padece dúvida a existência desse entendimento luso-castelhano. Azara, em suas cartas, faz menção dele e acusa as autoridades mato-grossenses de não lhe darem cumprimento.

---

[59] Negaças: enganos, logros.

Sincero fosse ou não, o que é fato é que Luís de Albuquerque e seus sucessores não julgaram prudente realizar obras permanentes ou dispendiosas naquela região contestada. Nem a Povoação de Albuquerque nem Coimbra, até 1790 pelo menos, tinham consentimento para construírem obras de alvenaria, na suposição de as terem de abandonar aos castelhanos. Esta assertiva figura na conversação entretida por José Antônio Pinto de Figueiredo, Cmt de Albuquerque, e o piloto Martin Boneo ([60]), no encontro que tiveram no Rio Paraguai em setembro de 1790. Declarou o Sargento-mor português àquele oficial espanhol, que o povoado de Albuquerque tudo produzia bem, e, portanto, no sentido de melhorar-lhe as condições de habitabilidade, propôs construir ali casas duráveis, de tijolo e telhas. A isso lhe respondeu o Capitão-general que tratasse tão só de conservá-lo nas condições em que estava, até que se realizassem as demarcações, pois poderia acontecer que esses terrenos passassem à Espanha e tudo o que ali fizessem ficaria perdido. Coimbra recebera idêntico aviso, afirmou Pinto de Figueiredo. Boneo certificou-se que Figueiredo não adiantara uma informação graciosa, porque, quanto a Coimbra, já antes lho havia dito o Cmt daquele Presídio:

> hay mucha piedra de cal, y se halla buen barro para teja y ladrillo, que no se hacían por prohibición.

---

[60] Martin Boneo e Inácio de Pasos, em 1790, por ordem do Governador do Paraguai, Joaquín de Alós y Brú, comandaram uma Expedição que partiu de Assunção, Paraguai, com a missão de forçar a retirada dos portugueses do Forte de Nova Coimbra. Os castelhanos foram informados de que os portugueses tinham se estabelecido, na mesma margem do Rio Paraguai, na Povoação de Albuquerque. Boneo tentou, então, ir até lá, no que foi impedido pelo Comandante do Forte de Nova Coimbra. Boneo tentou, então, subir o Paraguai, sendo impedido, desta feita, pelo Comandante de Albuquerque. Apesar destes contratempos, Boneo conseguiu obter e levar, até o Governador do Paraguai, informações importantes sobre o efetivo e artilhamento das guarnições dos Fortes portugueses nas regiões por onde passou sua Expedição.

Por estes considerandos ([61]), verifica-se que demoraram as providências dos Capitães-generais para tornar o Presídio de Coimbra uma posição eficiente e capaz de impor-se definitivamente, a exemplo do Príncipe da Beira. Seria, neste caso, o melhor e mais legítimo título do domínio português na margem Ocidental do Rio Paraguai. A ideia e o interesse de melhorar as condições defensivas de Coimbra e Albuquerque só tomaram vulto após a visita de Martin Boneo àquele Presídio. A esse tempo, não mais ocorria temor algum na Frente ([62]) do Guaporé. Aconteceu então que, excluído o ano de 1775, pela primeira vez volveu sua atenção para a Frente Sul o Governo de Vila Bela. Nos primeiros tempos, comandaram Coimbra oficiais de milícia, improvisados, homens dedicados e leais, capazes de todos os sacrifícios, mas grosseiros e sem luzes necessárias para apreciar devidamente uma situação tática e defrontar-se com tropas regulares inimigas. Foi, pois, somente a partir de 1790, sob a perspectiva de um ataque castelhano, que a Expedição Martin Boneo fizera prever, que o Governo de Vila Bela decidiu inscrever na ordem de primeira importância os problemas de segurança da fronteira Sul. O primeiro Comandante à altura da nova situação enviado para ali, foi o Major Joaquim José Ferreira, do Real Corpo de Engenheiros, que ali esteve de 1790 a 1792. Agravando-se, porém, de novo, em 1797, as relações entre as metrópoles, decidiu Caetano Pinto enviar para o Presídio de Coimbra, no comando da Fronteira Sul, o oficial de maior relevo na Capitania, que era Ricardo Franco, então Tenente-Coronel. Foi este grande soldado que impôs, em definitivo, o domínio português na margem Ocidental do Rio Paraguai e assegurou defesa e respeito à Fronteira Sul da Capitania.

---

[61] Considerandos: motivos.
[62] Frente: linha de território contínuo sujeita às ações bélicas.

Caetano Pinto

Nesse encargo o encontrou o novo Capitão-general Caetano Pinto de Miranda Montenegro, ao tomar posse do Governo a 06.11.1796. Naturalmente, colheria informações referentes ao militar, caso não lhe bastasse o que porventura já soubesse a respeito do geógrafo. E como recebesse de Coimbra notícias alarmantes acerca da Expedição do Coronel José Espíndola contra os Guaicurus, e, de Lisboa, recomendação para se manter de sobreaviso, em consequência das inquietações provocadas por Napoleão, resolveu confiar a Ricardo Franco o Comando do Forte de Coimbra. E endossou-lhe, com louvável bom senso, todos os projetos de fortalecimento dos meios defensivos, apesar da penúria que o levou a escrever ao Governador de Goiás a 11.03.1797:

> aqui carece de tudo – ouro, gente, armas e munições, mas a primeira falta é a que se faz mais sensível, porque sem dinheiro só os índios silvestres é que sabem atacar e defender-se.

Sabia que fora transferido de Moxos para o Governo de Assunção D. Lázaro de Ribeira, no tocante a cujas hostilidades, esclareceu João de Albuquerque:

> sujeito que verdadeiramente não faz mistério de inventar chicanas, e engendrar ideias, para nos incomodar, tendo até mesmo correspondido mal à atenção com que foi tratado pelo Comandante e demais oficiais do Forte do Príncipe da Beira. (Carta de 30.09.1791).

Além da abnegação do Tenente-Coronel, não poderia Caetano Pinto, magistrado mal afeito às apreensões guerreiras, dispor de indispensáveis elementos bélicos referidos por ocasião das hostilidades:

> Eu tinha previsto, desde o ano de 1797, mas, com a infelicidade de não terem-me enviado ainda nem da Corte, nem do Pará, nem de São Paulo, nem do Rio de Janeiro, uma única peça de artilharia, uma única espingarda, um único artilheiro, um único cartucho de pólvora, além de outros muitos socorros que desde aquele ano requeri, ou sou tido e reputado por Santo, julgando-se que passo fazer milagres ou aliás sou o pior dos Governadores, pois me expõem a todos os caprichos da fortuna. (FILHO)

SEXTA PARTE

III CAPÍTULO

INICIATIVA, PROJETO E CONSTRUÇÃO DO FORTE

Ricardo Franco conhecia a situação e as condições do velho Presídio. [...] Não ignorava a história da frágil estacada. Sabia também da vida de penúrias e desconforto que levavam os homens daquela guarnição, visto que participara, em 1796, do Governo de sucessão, por morte de João de Albuquerque. Chegando ali a 11.08.1797, em poucos dias de observação, verificou que nada mais se podia esperar da velha paliçada. Estava em lugar baixo, sem comandamento, e sujeita a ser surpreendida e escalada pela retaguarda. O estudo do terreno e do Rio lhe deram a conhecer:

> 1° que era de capital necessidade a construção de um Forte permanente, de boa alvenaria;
>
> 2° que a melhor posição para o Forte seria a uns 130 m à esquerda da estacada, a cavaleiro do saliente do morro. A ponta deste, nesse ponto, avança até a beira do Rio, a moda de promontório, e nela estaca bruscamente, formando alterosa barranca, rochosa e a pique.

O lugar era escarpado e de difícil ajustagem a construções. Todavia, dali se podia enfiar, pela vista e pelo canhão, longo estirão, de uns 10 km Rio abaixo, e de onde se ficava em condições de bater os flancos da posição até muito além do alcance das armas portáteis. O ponto fraco seria a gola do reduto, à retaguarda, que olhava a encosta e o pico do morro. Haveria um recurso: era dar maior vulto à muralha nessa parte e dispô-la de uma linha de seteiras e órgãos de flanqueamento, que responderiam à possibilidade de assaltos de revés ([63]) ou da retaguarda.

O Forte, assim disposto, ligar-se-ia pela vista com o pico do morro, de uns 100 m de elevação, e a 300 m de distância, excelente observatório, de onde se descortinava todo o horizonte. Em longo ofício de 02.09.1797, Ricardo Franco propõe a construção do Forte, faz minuciosa exposição do projeto e submete tudo à consideração do Capitão-general. Eis alguns dizeres desse documento:

> Na adjunta folha, vão unidos três diversos planos, que a escassez do tempo só me permitiu formar um borrão, todos relativos e anexos ao Presídio de Coimbra.
>
> O nº 1 é a planta deste Presídio, em que a sua superfície vai lavada de cor escura, as casas de amarelo, e a estacada que forma o seu recinto, de contíguos e pequenos círculos pretos. O Monte pega com o lado da dita estacada, oposto ao da frente do Rio vai espanejado de tinta da China ([64]). Monte que ficando unido e eminentemente sobranceiro a este Presídio, lhe serve de inaudito padrasto ([65]).
>
> O nº 2 é a seção do mesmo Presídio no seu maior comprimento [...]

[63] Revés: flanco.
[64] Tinta da China: nanquim.
[65] Padrasto: que domina o terreno.

Continua a descrição do projeto, chamando a atenção para o desenho, no qual ele marca, com letras, os sítios e pontos que menciona. A seguir, relaciona o material de que precisa para as construções e acrescenta estas sugestões:

> [...] no caso que V. Exª queira mandar fazer esta obra, para animar estes trabalhadores da guarnição se faz necessário alguma aguardente de cana que todos os dias se dê a provar aos obreiros. Enfim, Senhor, eu julgo esta obra indispensável e só a positiva única e possível segurança deste lugar, que considero como o mais importante dos Estabelecimentos Portugueses do Paraguai; olhado como a mais Austral barreira; aos próximos Espanhóis de Bourbon, de que dista em linha reta vinte e duas léguas. E a rivalidade destes dois vizinhos e diversos estabelecimentos exige que eles se respeitem temam e vigiem reciprocamente; sem que possamos avançar mais para o Sul, nem eles para Norte, enquanto existirem Coimbra e Bourbon.
>
> Além do que Coimbra é a chave que guarda e cobre os Rios Emboteteu, e Taquari, e ainda Paraguai-mirim; entrando todos no grande Paraguai superiormente a este Presídio, e inferiores em igual distância à Povoação de Albuquerque; a qual não serve de obstáculo algum que possa impedir aos Espanhóis, ou seja como inimigos ou sub-reptícia e clandestinamente o penetrar, ver e navegarem pelos dois nossos privativos Rios Mondego e Taquari e ainda pelo Furo do Paraguai-mirim.
>
> As ponderadas vantagens só as tem Coimbra que, sem dúvida, se deve considerar como um passo para a navegação Espanhola pois, apesar da larga inundação das respectivas campanhas, que lateralmente formam as extensas margens do Paraguai, estas alagadas planícies têm suas interpoladas elevações no terreno que veda o passo, e não dão vão aos grandes barcos Espanhóis que só pelo álveo do Paraguai, ou seja no tempo das secas, ou no das águas podem navegar, passando necessariamente

entre o Monte de Coimbra e o que lhe fica na oposta margem: circunstância atendível, e que mostra quanto é preferível a segurança deste lugar ao de Albuquerque; que fortificado como exponho a V. Exª fica muito mais respeitável, e ainda defendido do que a dita Povoação.

O ofício a respeito dele que tenho a honra de juntamente dirigir agora, com este relativo a Coimbra, a respeitável presença de V. Exª evidencia, na combinação de ambos a preferência e atenção que por todas as faces patenteia e merece este Presídio de Coimbra.

Eu já quis dar alguns princípios a esta obra que não deixam de ter alguns defeitos e que só grande despesa e maior Guarnição podem evitar, porém o projeto exposto é o que os pode remediar da mais possível forma. Suspendi porém o dar algum princípio a esta obra temendo nos fizesse ela novidade, ou servisse de algum pretexto aos Espanhóis.

Mormente por dizer o Cabo Batista, que foi a Bourbon levar as cartas de V. Exª que o Padre Perico que ali se acha queria vir até este Presídio a confessar-se com o nosso Capelão. Por todo o expedido, espero as ordens de V. Exª que determinará o que lhe parecer mais justo.

Noutro ofício da mesma data, declara que projeta assentar o Forte na encosta do morro e discute todos os aspectos da defesa do Rio nesse lugar. A seguir, em ofício de 7 de setembro, volta a tratar do projeto do Forte. Diz que o mapa, em borrão, nº 5, representa o terreno contíguo ao Presídio. Passa a descrever a situação deste, o morro adjacente, os canais do Rio, etc.

Descreve o morro fronteiro, diz que é escarpado e inacessível, de aspérrima escarpa e sem assentos para opositores, havendo somente acesso praticável pela parte Norte. O cume é composto de furnas e saltos, havendo nele de espaço a espaço umas pequenas e estreitas assentadas que só podem acomodar pequeno número de ofensores.

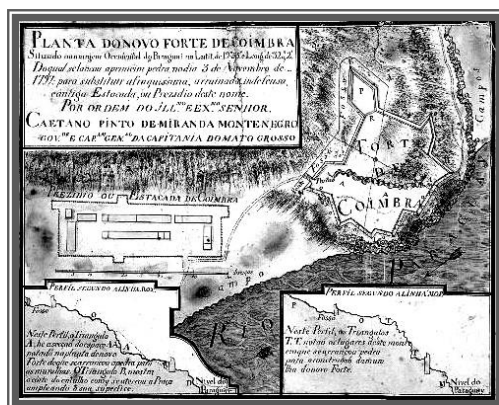



Imagem 30 – Planta do Novo Forte Coimbra (RFAS)

Trata a seguir dos arredores do morro fronteiro, do paul ([66]) que se estende na frente até ao Rio, da Baía que lhe fica ao Norte, dos baixios em roda e da bateria que lá devia ser colocada para cruzar fogos sobre o Rio com os canhões do Forte.

> Este mapa, e os do n° 1 e correspondentes ofícios que faço agora chegar a preclaríssima presença de V. Exª mostram que, se em lugar desta fraquíssima Estacada de Coimbra, se fortificasse com competentes muralhas a ponta do morro, neste lugar se pode contar com um positivo fecho [...]

Ricardo Franco, tendo chegado ao Presídio a 11.08.1778, a 03 de novembro lançou a primeira pedra das muralhas do Forte, como se lê na planta que ele mesmo desenhou. Esperara até aí a aprovação do projeto e a palavra do Governador para dar início às obras. Escolhera aquele dia, por ser o primeiro aniversário da chegada de Caetano Pinto à Vila Bela. Em 22 de dezembro, Ricardo Franco inicia a muralha e

> enquanto não chegou o mestre pedreiro que V. Exª remeteu, eu mesmo fui mestre

declara ele ao Capitão-general.

---

[66] Paul: área plana de abundante vegetação que permanece grande parte do tempo inundada.

Em 01.01.1798, Ricardo Franco cai doente e só convalesce, a 20.02.1798. O impaludismo, de que era fértil a baixada mato-grossense, assaltava frequentemente o incansável lutador. A 06.03.1798, dirige Ricardo Franco longo ofício, 10 folhas de miúda caligrafia, ao Capitão-general. Começa dizendo que chegou ali o Cap Pedro Antônio Miers, Comandante do Forte Bourbon, trazendo-lhe uma carta de D. Lázaro de Ribera, Governador do Paraguai, em resposta a que lhe escrevera a 06.10.1797.

> A dita carta de D. Lázaro não deixa de mostrar a hábil sutileza deste distinto oficial que, sem falar do estabelecimento de Mondego, derramou nela expressões vagas e lisonjeiras.

Informa Ricardo Franco que os oficiais espanhóis foram hospedados no Presídio e, quando saíram, foram observando, do meio do Rio, a nova Fortificação que se mostrava na ponta do morro e dava-lhes a ideia de quanto seria alterosa. Declara, em consequência, que espera que D. Lázaro mande qualquer dia um oficial a tratar com ele a respeito [...] da nova Fortificação. Quando assim acontecer:

> [...] faço conta de responder o seguinte: Que duas forçosas e pungentes razões me obrigam a isso:
>
> 1ª que reedificando-se a Estacada que forma o recinto deste Presídio há sete anos, e achando-se ela na maior parte arruinada e podre, sem que, nos largos campos e terrenos que a cercam e por distância de muitas léguas, haja madeiras próprias para esses consertos, esta dificuldade me suscitou e pôs na ideia daquela nova obra; e também a saúde desta guarnição, porque como a superfície da máxima enchente do Paraguai fica quase de nível com o solo e pavimento deste Presídio, sucede que no dito tempo fica [...] como um receptáculo de víboras, sapos, e outros insetos venenosos além da muita umidade que o cerca. O que o faz sumamente doentio.

2ª e principal razão daquela obra, além da referida, consiste que, resultando das três últimas expedições espanholas contra os Guaicurus, que se tinham acolhido e abrigado nos terrenos que formam o Rio Mondego, ou Emboteteu, o Domínio Português, que estes índios segundo a paz que tinham contraído com os Portugueses, esperando que nós os coadjuvássemos no seu despique ([67]), acharam pelo contrário só uma tácita negativa e repulsa dissuadindo-os dos seus intentos hostis, coibindo-os e embaraçando-os, e ainda com violência, motivo por que veio a maior parte deles a mostrar manifesto alvoroto ([68]) derramando-se entre todos o conceito de que os Portugueses os queriam entregar à vingança dos Espanhóis.

Conceito, segundo eles constantemente contam, lhes é ministrado pelos Guaicurus, do Capitão-general Montenegro, que vive próximo a Bourbon, com paz e aliança com eles, Espanhóis. Com que fez que alguns se retirassem mais para o interior do país e que outros, em magotes ([69]), dessem sinais da sua costumada cantiga pérfida, chegando a ameaçar-nos e a virem algumas e imprevistas vezes arrostar este Presídio, e só a grande vigilância, que houve com reforçadas e armadas patrulhas faria talvez ver, ineficazes os seus denegridos e bárbaros projetos, e que à vista de todo o referido, vendo-me dentro de uma Estacada podre, [...]

índios por vezes, para entrarem, arrancarem alguns paus, tudo me obrigou a urgentíssima precisão da segurança deste Presídio, e da sua diminuta Guarnição, construindo na ponta do morro conjunta a ele um muro de pedra e barro para formar um recinto que lhes fosse menos acessível, e não pudessem queimá-lo, e arrancar-lhe alguns paus.

---

[67] Despique: na sua vingança.
[68] Alvoroto: alvoroço.
[69] Magotes: bandos.

> Assim, Ilm° e Exm° Senhor lanço sobre eles, espanhóis, a causa desta nova Fortificação, e espero talvez até o fim de maio o dito protesto, e se a V. Exª lhe parecer, que esta minha resposta não é coerente, nem correlativa ao estado político e críticas circunstâncias, em que se acha esta Fronteira me faça V. Exª especial graça em insinuar-me o que devo dizer, pois tenho amor próprio, como a minha reputação, inda que afigure para com estes Espanhóis com luzes alheias, muito Superiores a minha fraca instrução.

Em ofício de 02.10.1798, Ricardo Franco informa ao Governador:

> A obra deste Forte estaria mais adiantada a não ser falta de trabalhadores próprios, tendo já assentado o portão principal, e dado princípio ao parapeito, que deve ultimar toda a Tenalha ([70]) que olha para Poente e domina pelo alto do vizinho Monte: já está respeitável; e se ao concluir-se será a necessária e indispensável segurança da guarnição deste Presídio; que encurralada na antiga e fraquíssima estacada corre evidente perigo, pois duas horas não poderiam estas delgadas estacas resistir a um ataque vigoroso de duas peças de maior alcance do que a de curtíssimo porte deste Presídio, ao mesmo passo que no novo Forte; inda ao alcance de mosquete, enquanto se não abatessem as muralhas só por um lado acessíveis se podia ofender e resistir muito.

Continua dizendo que, quando os espanhóis vierem ao presídio, dir-lhes-á que tais obras são feitas por causa dos Guaicurus, com o fim de impedir-lhes as correrias que fazem para cometer roubos e traições. Ricardo Franco, não obstante a carência de operários, trabalhava ativamente na construção do Forte, pois sabia que os castelhanos de Assunção, alarmados do que se passava em Coimbra e Miranda, concertavam medidas para precaver-se delas ou contra-

---

[70] Tenalha: pequena obra de duas faces de uma Fortaleza que forma um ângulo reentrante para o lado do campo.

arrestá-las ([71]). Denota Ricardo Franco certa apreensão, ao informar ao Capitão-general, em ofício de 22.12.1798, da estada de Lázaro de Ribera no Forte de Concepción, ao Norte do Ipané, consoante aviso que lhe trouxeram índios daquelas proximidades. Com o ofício de 05.08.1799, Ricardo Franco envia ao Capitão-general os mapas de efetivos das três guarnições e da população da fronteira. Anexa ainda os seguintes dizeres a respeito das obras e da importância militar do Forte e dos recursos que ele precisa armazenar para torná-lo inexpugnável:

> As obras deste novo Forte de Coimbra, nos passados seis meses, apenas se trabalhou nelas pouco mais de três, pelas friagens chuvosas que ouve, e pela falta de gente pois quando estão fora deste Presídio, duas condutas ficamos na inação, contudo, a muralha que forma seu recinto, está quase fechada, faltando só uma Face Flanco, e parte dessa cortina, tudo de extensão de quinze braças ([72]), pouco dos parapeitos do resto da mais obra, a qual, acomodando e eu atendendo à desigualdade deste monstruoso terreno, tem alguma diferença de configuração da planta que já remeti a V. Exª pelo que devo fazer outra, como na realidade ficar esta Praça, quando se concluir. Esta obra é maior e mais forte do que se pensa, faltando-lhe só sua mais grossa Artilharia, e mantimento dobrado para seis meses: para se fazer respeitável a qualquer atentado dos nossos vizinhos.

Quanto ao ano de 1800, a única notícia que encontrei sobre as obras do Forte é a que consigna RFAS ao Capitão-general em ofício de 31 de maio, pelo qual se vem a conhecer que as construções prosseguiam com as dificuldades tais e tais, que enumera, faltando ainda 40 palmos de muralha, sem falar talvez as da gola, à retaguarda, como se verá a seguir.

---

[71] Contra-arrestá-las: contra-atacá-las.

[72] 15 Braças = 33 m.

Em 1801, ano do ataque de Lázaro de Ribera, parece quase nada se fez. Nenhuma informação encontrei a esse respeito no Arquivo Histórico de Cuiabá. Levando em conta que Ricardo Franco trabalhava sempre com reduzido pessoal obreiro e, às vezes, fazendo ele mesmo o ofício de pedreiro e carpinteiro e, além de lutar com a falta de ferramentas e ferragens, de subsistência, etc., a progressão das obras teria sido lenta e penosa. Dá-nos ideia dessas dificuldades e da assombrosa dedicação e atividade do grande soldado este tópico do ofício de 27.02.1802 de Caetano Pinto ao Ministro do Reino:

> O Tenente-Coronel Ricardo Franco foi quem me propôs esta obra, foi o primeiro que conheceu a sua necessidade, e o que tem continuado até o ponto em que se acha, com a mesma guarnição, e quase sem despesa da Real Fazenda, servindo ele de Arquiteto, de Feitor, de Mestre Pedreiro e Carpinteiro.

O melhor depoimento, porém, quanto à iniciativa das obras, a carência de meios e esforços para sua realização, é o que nos dá, anos depois, um colega, colaborador e sucessor de Ricardo Franco no Comando do Forte:

> [...] logo que foi comandada [a fronteira] pelo Tenente-Coronel Ricardo Franco, que conheceu a inutilidade daquela estacada incapaz de defesa, e toda dominada pela montanha contígua, propôs ao sexto General, Caetano Pinto de Miranda Montenegro, o projeto de novo Forte na extremidade da mesma montanha, que abeira o Rio; porém não permitindo o estado já decadente da Província, empreender esta obra, se resolveu o próprio Comandante fazer o que pudesse com a sua mesma guarnição, e sem despesa da Real Fazenda, mais que em algumas ferramentas, e um pouco de pano de algodão já servido em sacos que conduz do Cuiabá os mantimentos para os soldados fazerem camisas e calças, que consumiam no penoso serviço da pedra e barro

> de que a obra carecia, animando-os igualmente com alguma aguardente e fumo de sua própria algibeira ([73]), sendo mais notável a arte que teve em criar pedreiros e carpinteiros de pessoas que não possuíam tais ofícios. Quanto pode a industriosa necessidade! [...] Esta obra foi começada em novembro de 1797, entrando na sua construção pedra e barro, únicos materiais que o local oferecia; e pelo acima exposto se conhece quanto devia ser lento o seu andamento, de maneira que em 1801 ainda restava a fechar parte do recinto, faltando a cortina da tenalha da montanha, e sem que houvesse cômodo ou habitação alguma no seu recinto. Neste estado se achava o novo Forte, quando os espanhóis em setembro do mesmo ano, empreenderam surpreender o Presídio, pois ainda se ignorava o rompimento entre as duas nações; porém, sendo o Comandante Ricardo avisado pelos Guaicurus dos preparativos de guerra que os espanhóis faziam, imediatamente abandonou a estacada, passando-se com a guarnição, e o diminuto número de petrechos, para o incompleto recinto: esta resolução transtornou completamente os planos do General espanhol D. Lázaro de Ribera, que esperava encontrá-los dentro da estacada, segundo as informações que ele havia obtido pelo Frade Espinoza, que dois meses antes tinha estado de visita em Coimbra, para onde tinha sido enviado como espião, a fim de reconhecer o estado do Forte, a força da guarnição, e se ela existia ([74]) na estacada.

Por este fidedigno testemunho, de quem conviveu e trabalhou com Ricardo Franco na construção do Forte, se vem a saber que, nem mesmo em setembro de 1801, se achava completa a ossatura externa do Forte. Faltava-lhe a gola ou cortina à retaguarda, que seria, nesse tempo, como foi em 1864, o ponto preferido para o assalto. Quanto ao recinto, nada havia nele, nem uma só coberta; nem se havia co-

[73] Sua própria algibeira: seu próprio bolso.
[74] Se ela existia: se encontrava.

meçado a desobstrução da rocha para as construções internas. A guarnição alojava-se ainda no velho Presídio. Foi nos dias 14 e 15 e na manhã de 16.09.1801 que Ricardo Franco, ao saber da aproximação da frota castelhana, mudou, às pressas, o armamento, o material prestante e o pessoal para o interior do Forte. Homens e material, tudo ficou ali ao relento. É o que nos diz o valoroso soldado em sua parte de combate de 1° de outubro:

> esteve toda esta guarnição, nos nove dias de ataque, no maior incômodo, e no meio do terreno, sem casa, sem abrigo...

Incômodos esses agravados

> por causa de um grande vento Norte e não menor tempestade que houve nos dias 23 e 24.

Essas eram as condições materiais do Forte ao ser atacado por Lázaro de Ribera a 16.09.1801. Veremos depois que não menos desfavoráveis – irrisórias até – eram as condições da artilharia, da munição de guerra e de boca e do efetivo da guarnição; apenas sobrava intrepidez no destemido Cmt e nos poucos homens que lhe foram fiéis. Da análise do desenho do Forte tiram-se as seguintes conclusões: é um polígono irregular, atenalhado e redentado ([75]) na frente e à esquerda, e abaluartado ([76]) à direita e à retaguarda. Um pronunciado saliente, como ponta de lança, justapõe os dois baluartes morro acima. Os redentes beiravam o Rio e as rampas rochosas de onde não se podia esperar assalto. Os baluartes, pelo contrário, olhavam as encostas do morro, únicas direções vulneráveis a investidas e assaltos inimigos.

---

[75] Redente: é uma obra de fortificação com duas faces, sem flancos, projetada da linha da murada formando um ângulo saliente voltado para o lado de um possível ataque.

[76] Baluarte: construção situada nas esquinas e avançada em relação à estrutura principal de uma fortificação.

O desenho faz ver um fosso na frente abaluartada. Todavia, esse fosso não chegou a ser construído. Seria difícil cavá-lo na rocha viva, e, em Coimbra não ficou vestígio algum de que ele fosse realizado. Para supri-lo, nessa frente ao menos, as muralhas teriam sido mais altas, variando de 3,30 e 5,50 m de altura. [...] diz Ricardo Franco em sua Memória [...]:

> Tem as suas muralhas dez palmos ([77]) de grosso, e de quinze ([59]) até vinte cinco palmos ([59]) de alto, sobre desigual terreno e áspera subida; pelos dois lados edificados sobre o angulo reto que este monte faz no Paraguai, e uma rocha cortada a prumo, e pelos outros dois mais praticáveis, cercado por um escavado recinto de áspera penedia, na áspera escarpa e descida deste íngreme monte [...].

Em tais condições de local e de penúria de recursos, fez o construtor o que pôde. Adaptou a obra, tática e arquitetonicamente, ao terreno. Objeta-se que o recinto se apresentava, à maneira de um alvo, às vistas do inimigo e aos tiros diretos do canhão. Grave foi esse defeito, inclusive na forma atual do Forte. [...]

Os atiradores, nas seteiras do baluarte posterior, ficavam expostos, pelas costas, aos disparos diretos partidos do Rio ou do morro fronteiro. Para corrigir esses defeitos seria necessário fossem construídos no interior do Forte três planos ou pavimentos providos de anteparos murados, não só para desenfiamento e proteção das comunicações internas, como para cobrirem as barbetas ([78]) e banquetas ([79]) escalonadas em altura. [...]

---

[77] Dez palmos: 2,2 m; Quinze: 3,3 m; Vinte cinco palmos: 5,5 m.

[78] Barbeta ou barbete: é uma plataforma de uma fortificação onde estão instaladas bocas de fogo que disparam por cima do parapeito.

[79] Banquetas: degrau ao longo da parte interna das muralhas, sobre o qual os combatentes atiram contra o inimigo, devidamente protegidos.

Pelo estado atual do Forte, todavia, pode concluir-se que o recinto fora disposto, da frente para a retaguarda, em três pavimentos, ficando os alojamentos do pessoal e a administração no primeiro plano à frente, e, ainda assim, visíveis aos que passavam no Rio. Os outros dois pavimentos, de 2ª e 3ª ordem, estariam protegidos por anteparos de alvenaria, atrás dos quais haveria barbetas e pátios. Numa depressão do segundo plano, à esquerda, vê-se o lugar para o paiol de pólvora a prova de bomba. O portão principal dava para a direita, onde ficaria a ponte sobre o fosso, se este tivesse existido. Outro portão secundário, ao centro da face esquerda, permitia saída para esse lado. Não há indicação de saída pela gola ([80]) do Forte, à retaguarda. [...]

Registro de Ordens do Forte

Tendo em 22 ou 24.08.1801, alguns índios Guaicurus participado, que os Espanhóis vinham em marcha para atacar esta fronteira, fiz os avisos necessários para a Capital, e pedi socorro de gente e mantimento a Cuiabá.

Em 29.08.1801, mandei alguns Guaicurus de confiança até Bourbon para verificar esta notícia, e tardando estes índios mais do que deviam, mandei no dia 12.09.1801, o Cabo Antônio Baptista em duas canoas, e mais três dragões, até os índios Cadiéus, vizinhos de Bourbon, a ver se davam alguma notícia dos outros, ou da guerra que nos tinham anunciado.

Pelas 03h00 desse dia 12 para o dia 13.09.1801, defronte da Boca da Baía Negra, indo as ditas canoas em descuido, navegando pela força da corrente [como de costume de noite], viram as embarcações espanholas, ancoradas; foram logo cercados por

[80] Gola: espaço compreendido entre as extremidades dos lados de um ângulo saliente, nas fortificações.

vinte pequenas canoas espanholas, gritando "*entrega Portugueses*" e que os pôs em algum embaraço, por irem em descuido. O dragão Manoel Correa de Mello deu seis tiros nas ditas canoinhas, que as pôs em desordem, causando-lhes algumas mortes; e as nossas se retiraram. No dia 14.09.1801, chegaram a Coimbra com esta notícia, nesse dia, e no dia 15.09.1801, nos mudamos para o Forte, onde não havia ainda casa alguma, e no Armazém apenas meio saco de farinha, um saco de arroz, e coisa de 5 libras ([81]) de toucinho.

SEXTA PARTE

IV CAPÍTULO

Fundação do Presídio de Miranda e mais Providências de Ricardo Franco na Fronteira Sul

Em ofício de 09.11.1802, Ricardo Franco esclarece:

Em 16 de setembro de 1801, dia da chegada dos espanhóis, mal eles dobraram a ponta da Ilha ([82]) e se expuseram em franquia [...]. Está bem claro que a frota castelhana, assim que ultrapassou a ponta Norte da Ilha do Coração, tomou o dispositivo de combate e abriu fogo contra o Forte. Quanto, porém, a quem coube a iniciativa do rompimento do fogo, subsistia até hoje divergência entre as duas partes de combate e a intimação de Lázaro de Ribera. Este alega que teve "*el honor de contestar el fuego de ese Fuerte*", e Ricardo Franco, pelo contrário, faz entender, numa e noutra parte, que a frota castelhana, vencida a ponta Norte da Ilha, pôs-se em franquia e abriu fogo. Estava eu na firme suposição, pouco antes, de que a abertura de fogo partira da frota castelhana e não de Ricardo Franco.

[81] 5 libras: 2,26 quilos.
[82] Ilha: Ilha do Coração.

E entendi ainda que o dizer de Lázaro de Ribera "*contestar el fuego*" – não significava uma réplica, mas um jogo de palavras, de que ele era fértil, para descartar-se da responsabilidade do rompimento sem prévio sinal, pois que, no ataque paraguaio de 1864, Barrios só desencadeou o canhoneio após a troca de mensagens. Tal suposição, porém, se desvaneceu de todo quando deparei, por último, um apógrafo ([83]) da Biblioteca Nacional, em que se contém o relato principal ([84]) de Ricardo Franco sobre o ataque. Nesse documento, o grande soldado põe em evidência que os primeiros disparos não partiram da frota castelhana, mas dos canhões do Forte.

Registro de Ordens do Forte (R.F.A.S.)

No dia 16.09.1801, a favor de um vento Sul, se viram vir remontando o Paraguai três grandes sumacas espanholas, um grande barco, e vinte e tantas canoas pequenas; e pelas 4 horas da tarde desse dia, tendo entrado pelo canal d'além da Ilha, e vencida a sua ponta de cima, iam navegando o Paraguai, pelo lado oposto a este Forte. Mandei-lhe fazer um tiro com a maior peça que tinha, de calibre 1, e levantar a bandeira, e continuando a navegação lhe mandei fazer segundo; então içou o inimigo a bandeira, e logo uma sumaca, e depois outras duas fizeram fogo aturado até as Ave Marias ([85]). (MELLO)

Continuando com o escritor Virgílio Correia Filho:

No dia 17.09.1801, por volta das oito horas da manhã, depois de içarem a bandeira branca, o Tenente D. José Theodoro Fernandes entregou uma carta a Ricardo Franco com o seguinte teor:

---

[83] Um apógrafo: uma cópia.
[84] Relato principal: Ordens.
[85] Ave Marias: 18h00.

> Ayer a la tarde, tuve el honor de contestar el fuego que V. S. me hizo; y habiendo reconocido en aquellas circunstancias que las fuerzas con que voy inmediatamente atacar ese Fuerte son muy superiores a las de V. S., no puedo menos de vaticinarle el último infortunio; pero, como los vasallos de S. M. Católica saben respetar las leyes de la humanidad, aun en medio de la misma guerra, requiero, por tanto, a V. S. se rinda prontamente a las armas del Rey mi Amo pues de lo contrario el cañón y la espada decidirán la suerte de Coímbra, sufriendo su desgraciada guarnición todas las extremidades de la guerra, de cuyos estragos se verá libre si V. S. conviene con mi propuesta, contestándome categóricamente en el término de una hora. A bordo de la sumaca Nuestra Señora del Carmen, 17.09.1801.
>
> Sor Comandante del Fuerte de Coímbra.
>
> De V. S. su atento y reverente servidor – Lázaro de Ribera.

Não necessitaria Ricardo Franco do prazo marcado para a resposta. Pesando bem as palavras e as consequências, retruca em termos incisivos.

> Ilm° e Exm° Sr.
>
> Tenho a honra de responder categoricamente a V. Exª que a desigualdade de forças sempre foi um estímulo que muito animou os portugueses, por isso mesmo, a não desampararem os seus postos e defendê-los, até as suas extremidades, ou de repelir o inimigo ou sepultar-se debaixo das ruínas dos Fortes que se lhes confiaram: nesta resolução se acham todos os defensores deste presídio ([86]), que têm a honra de ver em frente a excelsa pessoa de V. Exª a quem Deus guarde muitos anos.
>
> Coimbra, 17.09.1801.
>
> Ricardo Franco de Almeida Serra.

[86] Presídio: Praça de guerra.

> Não tinha, na frase, a fanfarronice do agressor, nem os recursos bélicos de que este se achava munido, mas sabia cumprir heroicamente o seu dever. (FILHO)

Voltando com o memorialista do Forte Coimbra – General Raul Silveira de Mello:

> No dia 17.09.1801, pelas 20h00, saíram seis canoas espanholas rio acima, e dobrada a ponta do estirão, fizeram fogo de mosquete em que deram 60 tiros contra canoas que se supôs seriam alguns desertores.
>
> Em 18.09.1801, pelo meio-dia, desaferrando do ponto onde estavam, avançaram a reboque até mais da metade do Rio, e postas as três sumacas em batalha, fizeram um fogo terrível sobre a Praça por mais de três horas; e vendo que a nossa artilharia, pelo seu pequeno calibre e curto alcance não os ofendia, vieram a reboque, encostando-se à margem do Poente do Rio, e descendo até emboscarem pelo campo, que estava alagado, pouco acima da Boca chamada Barrinha, a primeira e segunda já estavam ancoradas, os inimigos todos fardados, e armados de espada e armas, e gente embarcada nas canoas pequenas para desembarque, quando, fazendo-se fogo de mosquete sobre as duas primeiras que avançaram, em uma caíram 5 homens ao Rio, na outra 2 fazendo-se igualmente fogo sobre as mesmas sumacas, que deixou a gente exposta por um movimento de leme mal executado, com o que se retiraram para o meio do Rio. Esta ação durou 4 horas, e de noite se foram ancorar no pouso da noite antecedente.
>
> Dia 19.09.1801, desde as 24h00 do dia antecedente até a tarde deste dia, nos fizeram um fogo constante e vago das 3 sumacas, e findo eles levantaram ferros e desceram o Rio pelo Canal de lá da Ilha que sal-

taram, e vieram a fundear no Canal de cá, de frente da Horta do Paratudo, de onde continuaram o fogo.

Dia 20.09.1801 continuaram o mesmo fogo.

No dia 21.09.1801 continuaram o mesmo fogo contra o portão, saltaram alguns em terra, apesar de estar ainda cheia de lodo, e alguma água da cheia, e principiaram a colher cebolas e couves da horta, e depois a laçar porcos e gado que ali encontraram; nesta diligência os colheu de emboscada o Anspeçada ([87]) de pedestres Joaquim de Souza Buenavides, com 10 pessoas armadas, que deram 10 tiros com os quais ficou um Espanhol morto no lugar, dois mortalmente feridos, que os Castelhanos conduziram às costas, e outros três bem feridos, que foram conduzidos e arrastados pelos braços dos outros.

Em 22.09.1801, fizeram um ativo fogo, advertindo que as peças eram de calibre 8, 6, 4, e 3, e uma sumaca se veio postar na ponta da Ilha, sobre a qual fizemos fogo com a peça de um, suposto que por elevação, porém ativo; ela quis se retirar, o General a mandou ficar no seu posto, começou a fazer água, e querendo passar duas canoas da ponta da Ilha para adiante, com o fogo de mosquete, que se lhe fez, se retiraram. Não se continuando o fogo sobre aquela próxima sumaca, por haverem apenas 23 balas do dito calibre 1, que se guardaram enquanto se não fizeram outras de chumbo, para alguma ocasião em que as ditas sumacas estivessem mais próximas, ou para algum desembarque.

No dia 23.09.1801, não houve fogo, ocuparam-se no conserto da sumaca, e em aterrar o terreno para a descarregarem.

---

[87] Anspeçada: nome que se dava antigamente ao posto militar acima de Soldado e subordinado ao Cabo.

> Em 24.09.1801, finalmente postas as três sumacas em linha atravessando o Rio, e muito próximo do Forte, principiaram pelas três horas da tarde, uma depois das outras, um terrível fogo na frente do portão em que deram 100 tiros até as Ave-Marias, uma sumaca foi postar-se na ponta da Ilha, e as outras duas à margem fronteira a ela, e pelas 20h00, com o grande escuro que fazia, desceram o Rio, foram pousar no lugar do Rebojo, e se retiraram. [...]. (MELLO)

As autoridades, tão logo chegou o pedido de socorro do Tenente-Coronel Ricardo Franco, buscaram, imediatamente, tomar as urgentes e devidas providências.

O Capitão-general Caetano Pinto de Miranda Montenegro determinou ao Mestre de Campo José Peres Falcão das Neves, que selecionasse Oficiais e Praças que deveriam acompanhá-lo em socorro da fronteira, e ao Juiz de Fora Joaquim Ignácio da Silveira Motta que providenciasse gêneros e munições para a Expedição.

Estas medidas estavam em andamento quando chegou, a 16.09.1801, a notícia de que o Forte fora atacado por três embarcações espanholas. Relata-nos o General Raul Silveira de Mello:

Registro de Ordens do Forte (R.F.A.S.)

> Sobre os socorros pedidos, o Ten Francisco Rodrigues, Comandante de Miranda, com 5 canoas com mantimento e 54 pessoas, chegou no dia 02.10.1801 ao lugar do Piúva e de Vila Bela, em 13.11.1801, chegou o Cap de Milícias Francisco José Freitas, e o Quartel Mestre José de Brito Freire, o Cb de Dragões Antonio Pinto da Fonseca e o Anspeçada Paulo Pires do Amaral, conduzindo 2 peças de bronze de calibres 3, e alguns petrechos.

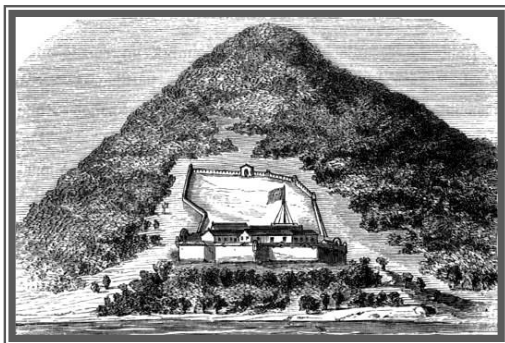



Imagem 31 – Forte Coimbra (Bossi)

O socorro pedido a Cuiabá, com 3 meses de demora e conduzido pelo Ten-Cel Cândido Xavier de Almeida e Souza, chegou no dia 23.11.1801, chegando apenas a Coimbra, dos 300 homens que vinham de reforços, 100 milicianos, além de 50 remeiros de que se compôs a dita Expedição. (MELLO)

Encerrando com Virgílio Correia Filho:

O Tratado de Paz de Badajós, 06.06.1801, certamente homologaria a conquista, como sucedeu no Rio Grande do Sul, em relação aos Sete Povos das Missões. Tal não aconteceu, todavia, mercê da presença do intrépido paladino e de sua atuação militar, enaltecida pelo Capitão-general a Rodrigo de Souza Coutinho.

> Escudado em sua própria construção, resistiu bravamente ao inimigo, apesar de dispor apenas de 37 dragões, 12 pedestres, 60 paisanos, vinte dos quais eram "*Henriques Velhos*" ([88]), que rechaçaram a fúria de mais de 600 atacantes. (FILHO)

[88] Henriques: dois regimentos havia em Pernambuco em que soldados e oficiais todos deviam ser pretos, chamavam-se um dos velhos e outro dos novos Henriques. Brancas eram as fardas com vivos escarlates, o aspecto militar e de impor a disciplina em nada inferior à dos outros regimentos. Nem soldados nem oficiais recebiam soldo, satisfeitos com a honra do serviço, e dava este sentimento seguro penhor da sua fidelidade. (SOUTHEY, Volume VI)

A atitude heroica do Cel Ricardo Franco de Almeida Serra foi uma valiosa contribuição ao espírito valente e soberano do povo brasileiro. Nada mais justo então que hoje, três de agosto, seus discípulos, integrantes do Quadro de Engenheiros Militares, rendam merecida homenagem ao seu ilustre Patrono.

Canção do Quadro de Engenheiros Militares
(Cel QEM Gilberto Gonçalves de Lima)

Para frente, Engenheiros Militares!
Trabalhemos, com toda a união
E a pureza dos tempos escolares,
No fiel cumprimento da missão,

Sempre avante, Engenheiros sem abandono,
Da coragem na defesa
De nossa terra
Inspirado no exemplo do teu Patrono:
Cel Ricardo Franco de Almeida Serra!

Combatentes da tecnologia
Pela Pátria devemos nos impor;
Conjugando saber e valentia,
Nós do QEM: lutaremos sem temor!

Sempre avante, Engenheiros sem abandono,
Da coragem na defesa
De nossa terra
Inspirado no exemplo do teu Patrono:
Cel Ricardo Franco de Almeida Serra!

Certamente, o nobre Engenheiro
Tem no peito a fibra varonil.
É vibrante, veraz e, altaneiro,
Segue honrado, de pé pelo Brasil!

Dos projetos maiores à história
Vem provar a dedicação inteira
De Engenheiros que doam vida e glória
À Força Terrestre brasileira.

Forte Coimbra

Anchieta, Aspilcueta ([89]) e Nóbrega ressurgem unificados nessa personalidade incomparável, única, abençoada, nesse homem que tão alto eleva a nossa raça, a nossa nacionalidade, desmentindo, pelo exemplo, por atos e palavras, o pessimismo ultramontano dos que descreem de nossos destinos... Rondon, ao lado das tarefas de técnico, desdobra, maravilhosamente, as energias de um Santo. E de tribo em tribo, de taba em taba, de maloca em maloca, vai esse homem admirável surgindo, de olhos brilhantes e sorriso nos lábios, estendendo ao silvícola, sobre a palma da mão leal, sementes de fraternidade, germes de progresso, de paz, de harmonia e confiança.
(Álvaro Sá de Castro Menezes)

08.08.2017: Forte Coimbra

À tarde o Cmt da 3° Cia Fron, Cap Glauco Viana Coitinho, guiou-nos até Gruta Ricardo Franco ([90]), anteriormente batizada pelo próprio Ricardo Franco de "*Gruta do Inferno*". O Cap Glauco foi um cicerone à altura discorrendo com desenvoltura sobre as características e histórico do local. A estreita entrada da gruta dá acesso, através de um terreno íngreme, a uma pequena galeria inicial.

A luminosidade natural vai esmaecendo à medida que se penetra na caverna e seria difícil continuar a progressão sem o auxílio da iluminação elétrica ali instalada. Mais adiante, adentramos em um amplo salão, onde se destacam um lago de águas límpidas, um teto deslumbrante do qual pendem formosas estalactites e um solo fértil de onde brotam belas estalagmites.

---

[89] Padre João de Aspilcueta.
[90] Gruta Ricardo Franco: 19°53'15,2" S / 57°47'32,1" O.

Alguns destes conjuntos formam sólidas e torneadas colunas. Do grande salão partem túneis e corredores que conduzem a outras galerias menores.

Relatos Pretéritos: Gruta do Inferno

Capitão Ricardo Franco de A. Serra (1786)
GRUTA DO INFERNO
Diário da Diligência do Reconhecimento do Paraguai desde o Lugar do Marco da Boca do Jauru até Abaixo do Presídio de Nova Coimbra... – Ano de 1786

09.07.1786: [...] logo fomos vendo os montes de Coimbra, a que chegamos no dia **09** de manhã, com 16 léguas de caminho total desde o morrete de Albuquerque. O morro de Coimbra está situado na margem Ocidental do Rio Paraguai, e na margem oposta há outro pouco menor; ambos abeiram no Rio; o que faz chamar, a este estreito passo, fecho dos morros; ambos estão cercados de campos que se alagam nas cheias; o 1° se navega à roda dele em 70 min, e o 2°, que é menor, e do lado de nascente, em 50.

10.07.1786: Em **10**, circundando em canoa este monte, o configuramos: tem meia légua de comprimento de Norte a Sul, a sua grossura maior, que é no meio dele, tem um terço desta distância. A ponta de Norte é baixa, e junto dela há uma pequeníssima lagoa, pouco afastada do Rio, donde nasce um furo que torneando este monte, pelo Oeste, vai sair, formando grande baía, 3 léguas abaixo no Paraguai. Na dita ponta fomos ver uma caverna curiosa que ali há; 45 passos andamos em terreno plano pelo mato do pé do monte, e 145 mais subindo a sua escarpa, que não é muito íngreme, até darmos em dois buracos retangulares, feitos na penha ([91]) viva.

[91] Penha: rocha.

Dependurados por uma destas quebradas, e caindo de pedra em pedra, descemos coisa de duas braças até cairmos em uma abóbada subterrânea de 50 palmos do comprido, e 25 de largo; o seu teto ótima só pedra quebrada com os buracos por que entramos, e por que lhe entra a luz. Desta abobada pendem muitas pirâmides agudíssimas de pedras chamadas Estalactites, formadas por antiquíssimas lapidificações ([92]); algumas são da grossura, na sua base, de um homem, e da sua altura, e outras menores; o chão está coberto de sólidos penedos o de outros sólidos da matéria das mesmas pirâmides, superabundância da sua formação.

A dita abóbada para parte de Sul vai caindo em 45 graus, para o centro deste monte, e formando com o pavimento que para a mesma parte igualmente desce, uma profundidade ou espaço aéreo cheio de mil penedos, cujo fundo se perde na escuridade ([93]); a largura deste espaço em cima é de uma braça, e em baixo parecia de 3 palmos; enfim uma pedra que lançamos gastou 5 segundos em tempo de chegar lá até o fundo. A ponta de Sul deste monte, que é a única parte dele que abeira no Rio, terá 200 braças de largura; no meio desta distância está o Presídio de Nova Coimbra, erigido em 1775. Consiste em uma estacada retangular e flanqueada em recíproca defesa; o lado maior que olha para o Rio tem 45 braças, e o menor 16; na parte de Leste desta ponta, e 64 braças distante do Presídio, há uma mina das pedras denominadas Dondrites; isto é, uma espécie de lajeados arroxeados, em que se vê esculpidas com curiosa delicadeza as mais perfeitas e miudíssimas ramificações de cor negra; de tal forma que dividindo-se cada uma destas pedras em delgadas laminas, em todas elas se vê o mesmo.

---

92 Lapidificações: petrificações.
93 Escuridade: escuridão.

A outra extremidade defronte desta ponta, que dista pouco mais do Presídio, é funestamente célebre pela mortandade de quase 60 Portugueses, do dito Presídio, que aleivosamente despedaçaram, há poucos anos, os Gentios Cavaleiros com título de paz. Ao cume deste monte subimos, onde há uma guarita que vigia e descobre muitas léguas à roda; dele só vimos para qualquer parte, uma extensa e geral alagação que cobria os vastos campos gerais, que vêm desde a boca do Paraguai Mirim, cortando o Paraguai Grande por entre eles, alagação a que se não via fim. A situação geográfica de Coimbra é na Latitude austral de 19°55’, e na Longitude de 320°01’45”; a agulha varia 10° de Norte para Leste; a cheia apenas tinha descido um palmo da sua máxima altura. (RIHGB – XX, 1857)

Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira (1791)

GRUTA DO INFERNO

04.04.1791: A mesma Gruta do Inferno [que assim ouvi chamar a quem a descreveu, o Sargento-mor Ricardo Franco] é outra armadilha, de que creio que até o presente não tem lançado mão o gentio, por não ter dado fé dela. Para examiná-la, a cumprir as soberanas ordens de Sua Majestade, que por V. Exª me foram intimadas, saí daquele Presídio ([94]), pelas 08h30, de **04** de abril, embarcado em canoa ligeira e equipada; e com uma hora e quarto de caminho que fiz, rodeando a dita colina, pela parte do Norte, cheguei ultimamente ao porto de desembarque, de onde gastei ainda um quarto de hora a fazer uma picada ligeira, e andar a distância de boas 19,5 braças entre umas 4,5 de terreno plano e matoso, que andei pela base da colina, e as 14,5 de escarpa, que subi, até a boca da mencionada gruta.

---

[94] Presídio: Forte.

Está situada na contraponta do morro que olha para o Norte; e a interposição de uma grande pedra a divide em duas, ambas retangulares; porém a primeira, que é inferior, tem 11 palmos de comprimento ao rumo de Nascente, e 8 de largura; e a segunda, que é a superior, por onde entrei, tem 10 palmos de comprimento E.O., e 7 de largura. Pelo que mostram ambas elas, ninguém pode ajuizar do que dentro em si é semelhante gruta. O mesmo Sargento-mor Ricardo Franco de Almeida Serra, quando nela entrou, e a descreveu, não a viu em toda quanto é a sua extensão e magnificência.

Pelo que, se alguém até agora tem parecido encarecida a sua descrição, é porque a ninguém ocorreu examiná-la como deve ser, para vir no conhecimento do quanto ela é realmente superior a todo o encarecimento. Não é como a celebrada Gruta das Onças, onde, excetuada a grandeza, nada mais há que ver senão água, entulhos e morcegos: porém, até na grandeza a deixa muito a perder de vista a Gruta do Inferno, digna certamente de um mais apropriado nome que este, posto por quem a viu primeiro, que sem dúvida se horrorizou da sua escuridão e profundidade.

Para ver-lhe o fundo, me conduzi com muito jeito por uma precipitada escarpa à baixo, até dar comigo na profundidade de 190 palmos, sendo aquela escarpa um enormíssimo entulho de pedras abatidas da abobada, que constitui o teto da gruta, por onde está sempre pingando água. Marchavam adiante de mim doze pedestres com outros tantos archotes, que eu providentemente havia mandado fazer, não só para me guiarem os passos ao descer por um tão tenebroso precipício, mas também para iluminaram a gruta, de maneira que pudessem ver à vontade ambos os desenhadores que me acompanhavam, para a figurarem como convinha.

Porém, tão grande se foi ela mostrando, e tão temerosamente escura, que espalhando-se as luzes, apenas via cada qual o precipício de que escapava, se bem que assim mesmo nos conduzimos sem a menor lesão, até chegarmos ao seu verdadeiro fundo.

Eis aqui onde a natureza me tinha preparado o maravilhoso espetáculo, que recompensou dignamente tanto o meu perigo, como o meu trabalho. Porque, olhado à primeira vista o todo, depois de distribuídas as luzes em proporcionadas distâncias, representou-se-me uma mesquita subterrânea, e observadas as suas partes, cada uma delas fazia saltar aos olhos uma diferente perspectiva.

A que do fundo daquele grande salão se oferece à vista do espectador colocado à entrada dela, e a de um magnífico e suntuoso teatro, todo decorado de curiosíssimos estalactites, uns dependurados da abóbada, que constitui o teto, à maneira de outras tantas goteiras fusiformes, curtas ou compridas, grossas ou delgadas, redondas ou compressas, simples, bifurcadas, ramosas, tuberosas, verrugosas; outras saindo do pavimento, à maneira de pilares, colunas, columelas lisas ou caneladas, pavilhões de campo, e um tão grosso, que dois homens o não abarcam.

Ao lado esquerdo da mesma sala se deixa ver, como debruçada sobre ela, uma superbíssima cascata natural, com todas as suas pedras cobertas de incrustações espatosas ([95]) e calcárias, que vivamente representavam alvos borbotões de espuma das águas precipitadas daquela altura. Em outra parte, porém, do mesmo lado parece que a natureza se moldou no gosto da arquitetura gótica.

[95] Espatosas: como o carbonato de cálcio hialino.

Por todo esse lado estão espalhados diversos labirintos, cada um dos quais de per si constitui uma curiosíssima gruta: tem aquela sala a sua linha de direção lançada ao rumo de Leste, que é o mesmo que segue o interior de toda a gruta, com diferença de ser cruzada. Pelo que segue a boca inferior, viu-se que tão somente o salão, incluída uma câmara sua, tinha de comprimento total cinquenta e uma braças. Todo o seu plano, que, aliás, era irregular, se havia então convertido em um lago de água salobra, porém clara, fria e cristalina; e reconheceu-se que pouco ou nenhum curso tinha, por estar represada pela enchente do Rio. (FERREIRA)

Francis de Castelnau (1845)

11.02.1845: Em Cuiabá tínhamos ouvido falar numa gruta muito curiosa existente nas proximidades de Nova Coimbra. Assim, desde que aí chegamos, procuramos obter as informações necessárias para ir conhecê-la.

Disse-nos o comandante que a empresa era inexequível naquela estação, pois a gruta devia estar debaixo d'água. Entretanto, como fossem contraditórias as informações dadas por várias pessoas presentes, tomamos a resolução de, fosse como fosse, fazer na manhã do dia seguinte uma tentativa. O comandante, depois de esgotar todos os meios para nos demover do nosso intento, ofereceu-se para ser ele próprio o nosso guia.

12.02.1845: No dia **12**, às 06h00, já nos achávamos a caminho, montados em pequenos cavalos índios e acompanhados por uma dúzia de soldados. Com essa escolta, marchamos rapidamente em direção ao "*Buraco do Inferno*", nome que dão na zona à caverna que nos ocupa e que não fica mais de meia légua a Nornoroeste de Coimbra.

Chegando a poucas centenas de metros da entrada, deixamos os cavalos e galgamos uma colina de muito difícil acesso e coberta de mata virgem, onde se destacavam muitos cactos espinhosos. A entrada da gruta fica a meia encosta da colina e a um tiro de canhão do Rio. Logo acima dela, uma figueira intrometeu pelas pedras as suas raízes possantes. Este outeiro faz parte da serra que desde a Boca do Rio S. Lourenço ([96]) até o Forte de Coimbra se vê acompanhando a margem direita do Paraguai, a maior ou menor distância. A pedra em que se abre a gruta é um calcário de grande dureza, fétido, sedimentar de grãos salinos, e contendo traços de ferro e de quartzo. Tem cor vermelho-escura e a aparência do grés.

O local era bem conhecido de muitos dos homens que nos acompanhavam. Traziam quase todos fachos que antes de entrar foram logo acesos, enquanto alguns empunhavam armas, para a defesa contra as onças que às vezes procuram refugiar-se na escuridão da gruta, como no-lo atestavam os rastos existentes na areia. Entra-se na gruta por um buraco quadrado que tem pouco mais de um metro de lado. Achamo-nos imediatamente debaixo de uma abóbada muito irregular; o solo nesta parte é muito inclinado, a ponto de ser necessário nos agarrarmos às anfractuosidades das rochas e às pedras que juncam o chão. Tem-se de evitar com cuidado um profundo buraco existente à esquerda da entrada; mais adiante a passagem se alarga, mas o chão se torna muito escorregadio, ao mesmo tempo que o calor e a umidade produzem uma sensação muito incômoda. A uns 30 de profundidade, ou seja mais ou menos ao mesmo nível dos campos que ladeiam o Paraguai, entramos numa galeria espaçosa, alta e decorada de estalactites do mais extravagante aspecto.

---

[96] Rio São Lourenço: Rio Cuiabá.

Estendiam-se estas estalactites em lençóis denteados, umas com a forma de imensos cogumelos, outras direitas e lisas, semelhantes a grandes círios. Aqui eram colunas caneladas e carregadas de enfeites parecidos com os das nossas igrejas medievais; acolá eram lindos pingentes, que faziam lembrar ainda mais a arquitetura elegante e caprichosa destes templos. Segurando sempre nas pedras, em certo lugar passa-se por uma abertura estreita embaixo de uma magnífica cortina de estalactites, que dir-se-ia imitar, em posição invertida, estas imensas pias batismais de alabastro encontradas em muitas velhas catedrais. Do chão escabroso do salão das colunas erguem-se estalagmites, cujos topes ameaçam unir-se às águas da abóbada, as quais, sob a luz dos fachos, brilhavam com todas as cores do arco-íris.

Arrastando-nos sobre enormes blocos de pedra, ou escorregando por cima de superfícies lisas, muitas vezes sem conseguir, no meio da escuridão, encontrar apoio nas pedras que cediam sob o nosso esforço, é que chegamos finalmente a outro salão, ainda maior do que o anterior. Estendia-se aqui à nossa frente uma cortina de estalactites magnificamente recortadas, enquanto por toda parte se erguiam do solo troncos de colunas e mamilos. No fundo, entre gigantescos blocos de tocha, estende-se um lençol de água pura e límpida, onde entraram logo muitos de nossos homens.

Queixaram-se todos do frio que sentiam; mas, conforme verificamos mergulhando na água o termômetro, a temperatura ali era apenas de três graus abaixo da caverna [temperatura da água 23,8º; do ar ambiente 27 graus]. Nunca esquecerei a curiosa cena que representavam os nossos soldados pretos a se debaterem nessas águas subterrâneas, nadando com um dos braços e suspendendo com o outro as tochas acesas.

A completa escuridão que não nos permitia ver senão pequena parte da tenebrosa galeria, os trechos que surgiam à nossa vista iluminados pelo clarão dos archotes, os gritos que ecoavam por aqueles corredores desconhecidos, o ruído que ali ouvíamos, tudo isso evocava os quadros concebidos pela imaginação para representar as regiões infernais.

A profundidade do lago subterrâneo parece ser bastante grande, mas varia muito, obedecendo ao nível das águas no Rio Paraguai, de modo a fazer que estas águas subterrâneas sejam alimentadas por canais subterrâneos provenientes das infiltrações do Rio. Elas continuam por entre as rochas, cobrindo o chão de uma galeria que parece muito extensa, mas cuja entrada é interceptada pela cortina de estalactites, que desce até abaixo do nível da água. Ligadas a esse salão há ainda outras galerias, mas estas se achavam inundadas na ocasião de nossa visita. Há na gruta vários buracos onde nunca ninguém entrou, mas que parece serem bastante fundos, a julgar pelo tempo que gastam as pedras para chegar ao fundo.

A direção geral dessa caverna parece-me Norte e Noroeste. Os guias nos contaram que na água da Lagoa uma vez foi encontrado um pequeno jacaré. Quanto a nós, só vimos dentro da gruta uma perereca, alguns morcegos e muitos mosquitos.

Nesse mesmo dia, às 13h00, deixamos Nova Coimbra. Quase logo abaixo do forte o Rio se divide, formando uma ilha, que deixamos à nossa direita. As margens aqui são muito baixas e quase sem árvores. Campinas se veem de um lado e de outro do Rio Paraguai, que se torna muito mais largo. (CASTELNAU)

João Severiano da Fonseca (1875)

CAPÍTULO III

A Gruta do Inferno

[...] **04.06.1875**: Cerca de 02 quilômetros acima do Forte ficam as celebradas cavernas de que muitos viajantes têm falado, mais ou menos satisfatoriamente; o que não obsta que cada novo visitante goste de narrar por sua vez as surpresas e emoções por que passou e anime-se à buscar descrevê-la.

Desembarcamos, no ponto pouco mais ou menos, mais próximo à gruta, em sítio que revelava o – porto – num claro aberto entre os arbustos ribeirinhos, sarans ([97]), como chamam-lhes os naturais, e um trilho que daí partia serpeiando no macegal.

Até o flanco da montanha é o terreno uma baixada sujeita às inundações. Dali ao Rio mediarão uns quatrocentos metros na largura do terreno.

Gramíneas e cyperaceas, e uma malvacea dos terrenos palustres, o "*algodão do campo*", formam-lhe o tapete botânico; sombreiam-lhe a margem ingazeiros e saraus de diferentes tipos e famílias: na montanha desde o sopé, já vão aparecendo as bauhinias, tão encontradiças no nosso solo, ora arborescentes e vivendo em plena independência, ora crescendo e enroscando-se em moitas, no chão, ora enredando os madeiros dessa esplendida vegetação dos trópicos, já tão minha conhecida, e entretanto sempre nova pelo grande número de vegetais diferentes dos das floras de outros lugares.

[97] Saran: arbusto da família das Euforbiáceas, de cujas sementes é extraído um óleo usado na produção de sabão. Esta vegetação forma grandes aglomerados denominados saranzal.

Imagem 32 – Gameleira Secular (João S. da Fonseca)

Ali ensinaram-me pela primeira vez a "*crendiuba*", o "*cascusdinho*", o "*capotão*", o "*guatambu*" preciosa madeira de lei do mais formoso amarelo; a umburana, notável árvore de grosso tronco, tão verde e tão brando como a haste das pitas ([98]), e cujo epiderma se desprende em folhetas tênues e coriáceas; e o preciosíssimo "*guayaco*" ou "*pau santo*", de delicioso aroma e gratíssimas virtudes. Aí chamou-me a atenção, pelo deslumbrante da coloração escarlate e por um tamanho triplo do comum, uma formosa "*clytoria*" e essa outra curiosa "*borboletacea*" que serviu de tipo ao "*Affonséas*" de Auguste de Saint-Hilaire. As árvores da baixada e as do começo da escarpa do monte serviam de metro às enchentes do Rio, marcando a altura a que tinham chegado as águas com as limosas cintas nos troncos, ou os "*hydrophytos*" que ficaram suspensos nos galhos e que agora se viam já secos.

---

[98] Pitas: fibras das folhas da piteira, planta amarilidácea, de folhas rígidas e carnosas e inflorescências sobre uma haste longa.

Vai a subida do morro por uma boa centena de metros. A entrada da gruta fica-lhe a mais de meia altura. É uma fenda que bem pode passar por portão, com os seus dois metros de alto e quase outro tanto de largura. Declare-se, desde já, que as medidas aqui indicadas são todas de mera estimativa.

Assombra essa entrada uma enorme gameleira secular, cujas imensas raízes, grossas como troncos de palmeiras, penetram no interior da caverna até os seus últimos recessos. Nessa entrada descem-se duas lajes irregulares dispostas em degraus, e encontra-se escavado na rocha um pequeno espaço de quatro a cinco metros sobre dois a três de largo, trancado de penedos, tendo um outro, enorme, por teto, e deixando, entre aqueles, duas aberturas que dão descida à gruta.

Dizem que a da esquerda é a maior e de mais fácil descenso; todavia é ele alguma cousa difícil, sendo necessário fazê-lo de gatinhas, ajundando-se ([99]) ora das asperezas dos blocos soltos e amontoados uns sobre os outros, formando às vezes altos degraus, ora das raízes que os irrompem.

É uma escadaria de mais de trinta metros de altura, isolada das outras paredes laterais da gruta, e deixando entrever, principalmente à esquerda, precipícios, cujo fundo a vista não devassa. Descida essa escada gigante, chega-se à uma escura esplanada, cuja conformação e limites não me foi possível averiguar; e donde, olhando-se para cima, vê-se, no meio dessa escuridão que nos cerca, a porta, clara com a luz do dia, deixando coar uma facha de luz brilhante, que empresta à essa parte da caverna um encanto indizível.

[99] Ajundando-se: apoiando-se.

A escuridão aqui à meio, ali já é tão completa que os olhos custam a acostumar-se a ela; nos outros pontos tão cerrada e profunda, que nada se distingue. Acendidos os lampiões e archotes de que dispúnhamos, mais estupenda nos foi a visão. À luz avermelhada das tochas admiramos a estranha magnificência do labor da natureza: aqui eram colunatas ([100]) de estalactites, torcidas como enormes alfenins ([101]), que desciam de altura que os olhos não divisavam, parecendo sustentar um teto invisível; eram estalagmites que, no chão, semelhavam maravilhosamente rendas, brocados, coxins, sob mil formas surpreendentes. Aos lados, a tênue penumbra deixava entrever caprichosas formações, ora engastando os penedos soltos ora soerguendo-se dentre eles em fantásticas volutas ([102]), Ora entretecendo-se umas com as outras; além, tão compacta a escuridão, que nada era possível distinguir-se.

No alto, via-se a porta, como um pedaço de céu, dando um suave contentamento aos olhos e coração, e permitindo perceber pendentes do teto, como filigranas enormes, as tão caprichosas concreções: no chão, ora pedregoso, ora de finíssima areia branca, poças de água salobra eminentemente carregada de carbonato calcário, essa mesma água que, merejando ([103]) das abóbadas, tinha sido a produtora de tão notáveis maravilhas, dissolvendo as terras, decompondo-se ao contato do ar e perdendo parte do ácido carbônico que a satura; espessando-se pouco a pouco, ficando suspensa às abóbadas ou caindo em grossas gotas cheias daquele sal, as

---

[100] Colunatas: colunas enfileiradas simetricamente para adornar um edifício.
[101] Alfenis: massa de açúcar, seca, muito alva, vendida em forma de flores, animais.
[102] Voluta: ornato em espiral de um capitel de coluna.
[103] Merejando: gotejando.

quais, gradualmente se solidificando e se justapondo, vão "*pari-passu*" crescendo o engrossando de volume, graças à nova "*lympha*" que incessantemente sobre elas desce e às novas gotas que aí cristalizam.

Descemos uns quarenta companheiros; e os primeiros que baixamos gozamos, ainda, de um agradável espetáculo que não foi dado à todos fruir. Era curioso e importante ver, tênue luz dessa penumbra, os retardatários agarrados às asperezas das rochas com uma mão, enquanto na outra sustinham a lanterna ou o archote ainda apagados, descendo a escadaria, pondo em prática todas as leis do equilíbrio para não se despenharem nos abismos, cujas enormes goelas viam negras e medonhas, escancaradas à direita e à esquerda.

Como já o disse, pequenas poças d'água salitrada, rasas e de fina e branca areia, aparecem aqui e ali, entre o pedregal que assoalha o terrapleno. Numa dessas poças encontramos um crânio de jacaré, já muito antigo e gasto pela ação das águas; talvez o de algum descendente do que o ajudante de Coimbra, F. Rodrigues do Prado, aqui encontrou há oitenta anos, já com um braço de menos, que alguma onça lhe roubara.

Contornando para a esquerda as pedras da descida, e olhando-se para cima, vê-se a avantajada altura do precipício que ladeia a escadaria, e que começa com ela, desde a porta. Nesse primeiro piso, que é a antessala de tão maravilhosa estância há várias saídas para outras tantas cavernas, que suponho pequeninas e sem interesse, visto que não tem sido praticadas. Os guias e práticos do local que conduzem os visitantes, encaminham-nos logo para a grande caverna, que denominam salão e nenhuma notícia dão sobre elas; entretanto não é por medo,

visto que têm-se animado à maiores cometimentos, como o da passagem de uma estreita e comprida galeria, mais soterrada que as outras cavernas, com as quais estabelece a comunicação, escuríssima e completamente alagada e quase sem ar, o que impede-lhe o uso da luz artificial. Se fosse o perigo a causa de não serem visitadas, se acabassem em precipícios e abismos, disso restaria memória, a tradição. Um dos nossos companheiros, o Sr. farmacêutico Mello e Oliveira, penetrou alguns passos num desses escuríssimos antros, que ficava quase fronteiro à descida mas não se aventurou além.

Formam as paredes das diferentes grutas vastas concreções estalactiformes manifestadas sob formas as mais curiosas. Aqui e ali caem em panos como formosas cascatas, que a natureza tivesse petrificado, ou como acinzentadas cortinas, com as suas dobras, os seus fofos ([104]) e apanhados, cobrindo em parte as falhas do rochedo – que são as portas que comunicam as diferentes grutas, ou melhor salas.

Não fantasio, nem se julgue que minhas comparações sejam frutos da imaginação ajoviada ([105]) pelas maravilhas que vê: são verdadeiros simulacros de cascatas, são cortinas, colunas, coxins e rendilhados esses processos calcários.

Causam admiração e prazer vê-los; e vendo-os o espírito é obrigado ao recolhimento e à reflexão. Está-se, numa dessas ocasiões em que na frase de Vitor Hugo, qualquer que seja a posição do homem, a alma está de joelhos.

---

[104] Fofo: formação decorativa formada pelas águas.
[105] Ajoviada: assombrada.

Transposta uma dessas cortinas, à direita, e se me não engano, a que recobre a Porta maior, entra-se numa escavação atulhada de penedos irregulares, postos a nu pela desagregação e dissolução das terras, e em seguida no salão, o salão nobre desse estupendo palácio, que, sem dúvida alguma, é um "*espécimen*" de tudo o que há de mais bizarro e caprichoso nas maravilhas da natureza.

Apesar dos inúmeros fogachos que levávamos, não se podia descortinar tudo à satisfação; acendeu-se uma tigelinha de sinais, única que trazíamos, cuja luz brilhantíssima, patenteou-nos, sob novos prismas, esse quadro assombroso.

O clarão das luzes dava um tom irizado indescritível à atmosfera da gruta, variando desde o deslumbrante escarlate do fogo, até o violate e o azul-marinho. Parecia que nas paredes treluziam constelações de rutilantes gemas. Miríades de estrelas de cambiante fulgor caíam em chuvas de fogo, reproduzindo de uma maneira fascinante, e em maravilhosa escala esse fenômeno celeste, tão comum nas nossas noites de verão, das estrelas cadentes; ou antes, parecia que invisíveis fadas abriam inesgotáveis escrínios e despejavam a nossos pés diamantes, rubis, safiras, esmeraldas. Tudo brilhava... e ainda as poças e veios d'água que tínhamos aos pés, e umectavam as pedras do chão, reproduziam e estrelavam os mil fulgores que enchiam os ares.

A princípio, deslumbrado com o brilho da luz da tigelinha, não pude fazer uma ideia perfeita do que se apresentava a meus olhos, e somente, quando coloquei-a longe de mim, ao ouvir as estrepitosas exclamações dos companheiros, é que pude melhor apreciar o espetáculo sobrenatural e indizível que apresentava esse "*palácio de fadas*".

Mas sua duração foi pouca para satisfazer meus desejos: quando apagou-se ainda era brilhante e esplendida a caverna, alumiada à luz de tantos archotes; Mas o deslumbramento e o fulgor de sua fascinadora magnificência tinham-se amortecido de muito.

A maior parte dos companheiros deu-se por satisfeita e voltou; eu e outro, o Sr. João Cândido de Faria, negociante do Rio Grande do Sul, seguindo dois soldados do Forte que quiseram servir-nos de guias, aventuramo-nos a percorrer outras dependências da majestosa caverna.

Passamos à terceira sala, ora subindo, ora descendo as asperezas de uma espécie de muralha de rochedos, de uns três metros de alto. Era a sala por demais irregular e atravancada de penedos que ocultavam socavões lôbregos ([106]), escuros e talvez profundos, e que não pudemos vantajosamente apreciar por dispormos de poucas luzes.

Aí, entre aquela muralha e um grande bloco isolado, à direita, tem começo a galeria de que acima falei, verdadeiro túnel que liga essa sala com outras da direita, isto é, o primeiro grupo de cavernas e o menos conhecido, com o segundo e quase geralmente ignorado.

Tínhamos vindo bem acondicionados para o frio, que diziam ser excessivo na gruta: achamos o contrário e estávamos em junho. Tiramos as roupas pesadas, e eu conservei o colete, não só para conduzir o relógio, como para não me desagasalhar muito o tórax.

Entramos no túnel, que aí seria de uns dois metros de alto e mais de cem de largo, e logo reconhecemos

---

[106] Lôbregos: medonhos.

que seu leito baixava em relação ao solo das outras cavernas. A água, que aí não chegava ao terço inferior da perna, em pouco subiu aos joelhos, e a cada passo que dávamos ia-se elevando até chegar à cintura, pelo que vi-me na necessidade de ir suspendendo e dobrando o colete para evitar que o relógio se molhasse. Não tinha previsto essa emergência... e veio-me então um tal ou qual arrependimento de, pelo menos, não ter-me também livrado daquela peça do traje. Contudo essa inadvertência foi-me de proveito.

Após alguns passos, já caminhávamos curvados para não batermos com as cabeças nas asperezas da parede superior do túnel, tanto ia este baixando na altura ao tempo que a água continuava a subir. Compreendi que o túnel ia soterrando-se cada vez mais: ocorreu-me retroceder, mas pode mais em mim a curiosidade de continuar essa maravilhosa viagem e de conhecer esses segredos do que o receio de perder o relógio.

A passagem tornava-se cada vez mais difícil, abaixando-se mais e mais na altura: mas agora a água decrescia também, o que notei com espanto e muita satisfação; diminuindo tanto, que ocasião houve de só podermos caminhar de rastros, e ainda assim batendo a cada passo com a cabeça nas asperezas da abóbada; e, entretanto, logrei a felicidade de conservar ileso o relógio. Sem dúvida, agora o solo do túnel se elevava também e era o que fazia a angustura do passo.

Graças àquele incidente, pude facilmente estabelecer essas comparações de profundidade, altura e horizontalidade da galeria; mas infelizmente não me é dado rigorizar a sua extensão nem a direção que segue.

Para atender à primeira faltou-me a isenção de ânimo, pela ânsia e mesmo susto, difícil de evitar à quem por aí passa, e mormente pela primeira vez, como eu; para a segunda fora-me necessário uma bússola. Será, porém, de uns trinta metros e segue quase numa linha angular. À meio, mais ou menos, do seu percurso avistam-se as duas aberturas, de entrada e de saída, brancas de uma luz crepuscular, mas ainda assim bastante sensível na espessa escuridão do túnel.

Desse trajeto não é difícil a primeira metade, e faz-se parte dela ainda à luz amortecida dos archotes, amortecida pela deficiência do ar respirável; a segunda, porém, é tão custosa, que somente a vista do claro da saída poderia influir à percorrerem-na de todo e não voltarem atrás os primeiros e intrépidos visitantes. Termina em uma grande sala tão baixa, nos seus três a quatro metros de altura, que, com a lôbrega luz que aí reina, divisa-se suficientemente o abobadado calcário do teto, cheio de pequenas e finas estalactites de moderna formação, que já vão aparecendo entre os restos informes das antigas, devastadas.

É que, sendo raros os curiosos que visitam a gruta, raríssimos são os que transpõem o túnel; e, pois, essa segunda parte da fadárica ([107]) estância é a mais rica e aprimorada de ornato. Notei mais clara esta sala do que as outras, seja por um efeito natural qualquer, seja porque meus olhos já estivessem acostumados à escuridade.

Abundavam os mesmos torsos e volutas, as mesmas colunas, as mesmas cortinas revestindo as entradas das outras salas, intrincado labirinto onde nos vimos quase perdidos.

[107] Fadárica: afanosa.

Havia de mais as novas concreções que do teto pendiam em forma de mil agulhetas e pequeninas pirâmides. A estalagmite afetava em geral a forma de uma alfombra ([108]) que atapetava todo o solo; à esquerda da saída do túnel elevava-se mais, assemelhando-se à um pitoresco canapé, estofado, bastante áspero nos seus coxins de rocha, mas em que sentei-me com gosto por alguns instantes.

Antigos visitantes tinham trazido um fio de "*merlim*" ou barbante grosso, para guiá-los nessa viagem subterrânea. Já no túnel havíamos encontrado e agora víamo-lo estendido sob a água que, aqui, conservava um bom palmo de altura. Sua direção era no prolongamento do túnel à porta fronteira. O "*canapé*" era um índice apreciável para a orientação deste, assim não descurei de notá-lo, bem como sua posição em relação ao fio. Seguimos a sua direção e entramos na primeira sala, tendo antes observado, ou melhor espiado, apenas duas entradas, duas ou três outras salas que com aquela se comunicavam e que pouco diferiam entre si. Aquela para onde o fio se dirigia era a mais extensa de todas as que vi, sem excetuar mesmo o salão, e mais estreita em relação ao tamanho. Mediria uns quatro metros de largo: a largura foi-me impossível de estimar. Parecia um longo corredor, ou antes galeria, cercada de colunadas e de todas essas fantásticas e caprichosas produções da natureza. No chão encontramos imensas raízes de gameleira [ficus doliaria], que suponho da que ensombra a entrada da gruta: e que, sendo assim, indica que essas salas não estão tão afastadas da entrada, como parecem.

Uma circunstância nos privou de continuarmos nossa visita e privou-me do prazer de melhor observar a formosa galeria, que é cheia de socavões e recôn-

---

[108] Alfombra: tapete espesso e muito macio.

ditos de um e outro lado, e dignos sem dúvida da mais detida contemplação: notamos, à princípio descuidados mas depois com algum temor, que o fio tão satisfatoriamente encontrado e no qual depositamos cega confiança, nos traíra, estando partido em vários pedaços, que se moviam, tomando ora uma, ora outra direção, levados pelo movimento da água, que remexíamos andando.

Os soldados tinham-se adiantado e penetrado nos outros recessos, em busca de mais mimosas e delicadas concreções, tais como só aí se encontram. A nós faltou já a vontade de prosseguir: todo nosso fito foi a volta; e mesmo uma espécie de terror nos enfraquecera os ânimos, lembrando-nos de que, segundo nos haviam contado, pouco tempo havia que um oficial de marinha aí se perdera e só ao cabo de longas horas conseguira sair desse dédalo. Buscávamos orientar o fio; embalde ([109])! O que víamos quieto e marcando uma direção, já tinha tido outras, que novo movimento das águas mudara.

Entravamos ora aqui, ora ali, num socavão, numa sala; estranhávamos, não a conhecíamos: voltávamos, passávamos à outras; ou ainda não as tínhamos visto, ou pelo menos tal se nos afigurava: buscávamos outra saída, dávamos noutra caverna que ainda era nova para nós, ou porque realmente assim seria, ou por efeitos do medo, que nos assaltara, de perdermo-nos nesse intrincado labirinto, afastando-nos cada vez mais da saída.

Entramos por vezes na sala do "*canapé*", vimo-lo, reconhecemo-lo e ficamos alegres e como que tranquilos: mas debalde procurávamos a entrada do túnel, apesar de supormo-la bem assinalada: não a encontrávamos, e só novas salas e novos recônditos.

---

[109] Embalde: debalde.

Desanimados voltamos à galeria para esperarmos os soldados, que eram práticos. Já não tínhamos olhos para contemplar as magnificências que nos rodeavam. E talvez que essa parte da gruta seja a mais bela, como é a mais conservada, por não ser tão accessível como as outras, e ter menos sofrido da mão insaciável e devastadora dos curiosos que as visitam.

Já estávamos na gruta havia mais de cinco horas. Era meio-dia e as nossas embarcações deviam sair às 14h00. Chegaram os soldados, e renascida a confiança tratamos da retirada. Mas, em pouco esmorecemos de novo, e desta vez quase de todo, vendo-os, eles os práticos, nossa única esperança, confusos confessarem que não atinavam com o caminho. Ao cabo de não sei que tempo, séculos de ansiedade, sempre esperançados no cordel e sempre ludibriados; já seguindo um troço, já outro que ficava perpendicular ao primeiro; entrando ora aqui, ora ali; entregamo-nos, afinal ao acaso e passamos a revistar todas as salas e buracos mais próximos.

Entramos, uma última vez, na sala do canapé: vimo-lo, reconhecemo-lo de novo; e só a custo os soldados descobriram a boca do túnel, que já muitas vezes tínhamos visto, mas não reconhecido, por parecer-nos mais estreita, mais baixa e sem fundo!

Quase seis horas depois da nossa descida chegávamos à sala da entrada e encontramos os companheiros, já aflitos com a nossa demora. Haviam chamado e gritado por nós, sem que os ouvíssemos; e um deles chegou a disparar os seis tiros do seu revolver junto a boca do túnel, com o mesmo resultado; esquecendo-se de que, querendo fazer-nos bem, podia, com esse modo de avisar, fechar-nos a porta do abismo. (FONSECA)

Cândido M. da Silva Rondon (1903)

03.03.1903: Afinal, beirando o Rio Paraguai, chegamos à tarde ao Forte de Coimbra onde se achava o 25° Batalhão do qual fora Cabo o Ex-presidente Getúlio Vargas.

Aproveitei para visitar a Gruta do Inferno. A entrada da gruta é um simples buraco que dá acesso à antessala de um verdadeiro "*Palácio de conto de Fadas*".

Ensombra-a uma grande figueira de folha larga, Ficus doliaria, cujas raízes penetram pelas frestas e gretas das pedras soltas, semiengastadas no maciço que constitui o Morro do "*Buraco Soturno*" ou "*Gruta do Inferno*". Há aí uma escada que permite descer para a antessala. Vê-se ao lado direito da entrada um segundo buraco por onde é iluminado o compartimento, constituído por grandes pedaços de pedras soltas, atirados desordenadamente aqui e ali e, entre eles, depósitos de carbonato de cálcio, verdadeira argamassa feita por mão inteligente.

Para lá chegar, é necessário passar por dentro d'água, nadando, e com luzes, porque a escuridão é completa. Assim se passa de salão em salão, e há verdadeiro deslumbramento quando a luz se reflete nas estalactites e estalagmites de cristal, raras na antessala.

É um palácio encantado que os séculos construíram, com a concreção sucessiva de cada gota.

Observamos, entretanto, consternados que a selvageria de alguns visitantes, sob pretexto de colecionar minerais, destruíra à alavanca e martelo grande parte das estalactites. Será necessário proteger tão maravilhosa beleza natural contra tais vândalos. (VIVEIROS)

Imagem 33 – Forte Coimbra

Imagem 34 – Forte Coimbra

Imagem 35 – Forte Coimbra

Imagem 36 – Museu do Forte Coimbra

Imagem 37 – Gruta Ricardo Franco

Imagem 38 – Gruta Ricardo Franco

Imagem 39 – Gruta Ricardo Franco

Imagem 40 – Gruta Ricardo Franco

F. Coimbra – Corumbá

Na travessia longa em que os guiava a bússola, se não se levantavam vagalhões, impunham-se montanhas. Era aqui uma floresta densa, além uma catarata, adiante um pantanal escuro, fervilhando em podridão deletéria, exalando hausto letal. Tudo lhes era adverso. Mas à voz enérgica do chefe, cada qual dava conta do que fizera; e desse herói que regressa do deserto, desse civilizador e pacificador, semeador de póvoas ([110]) que serão cidades, plantador de roças que serão lavouras, dirão mais tarde as gerações agradecidas o que disse o poeta ([111]):

Tu cantarás na voz dos sinos, nas charruas,
No esto ([112]) da multidão, no tumultuar das ruas,
No clamor do trabalho e nos hinos da paz!
E, subjugando olvido, através das idades,
Violador de Sertões, plantador de cidades,
Dentro do coração da pátria viverás... (Coelho Neto)

09.08.2017: O jantar oferecido pelo Cmt da 3° Cia Fron, Capitão Glauco Viana Coitinho, aos membros da Expedição Centenária demonstrou, mais uma vez, o apoio e a cortesia com que o Exército Brasileiro nos tem distinguido. Iniciamos às 07h30, depois do café, na Casa de Hóspedes da 3° Cia Fron, nosso deslocamento do Forte Coimbra ao Porto Manga. O amanhecer, no Rio Paraguai, era mágico, a exuberância da flora diversificada ganhava um tom especial realçado pelas flores violetas das inúmeras piúvas ([113]).

---

[110] Póvoas: pequenas povoações.
[111] Olavo Bilac em "*O Caçador de Esmeraldas*".
[112] Esto: fervor.
[113] Piúva (Handroanthus impetiginosus): árvore ornamental conhecida como Ipê-roxo ou pau-d'arco. Sua floração ocorre de maio a agosto período em que perde todas as folhas. As flores, variam do rosa ao lilás e servem de alimento aos insetos polinizadores, aves e macacos.

A fascinante paisagem mergulhava nas águas serenas do Rio refletindo um cenário fantástico que lembrava uma fina renda entretecida pelas mitológicas náiades ou ainda um mimoso ñanditu ([114]) criado pelas mãos das hábeis artesãs paraguaias. A navegação transcorria com muita tranquilidade e conforto, à bordo da "*Calypso*", graças a amabilidade e competência de sua tripulação. Além dos expedicionários originais, Dr. Marc Meyers e Cel Angonese, contávamos nesta etapa com um reforço importante na equipe proporcionado pelo Dr. Timothy Radke e sua querida esposa Judith Radke de San Diego, Califórnia, USA, bem como do Cel José Francisco Mineiro Júnior, pesquisador do Exército.

Às 15h00, cruzamos pela magnífica Ponte Ferroviária Presidente Eurico Gaspar Dutra. A construção da ponte, que teve início no dia 01.10.1938 e foi concluída em nove anos, contou com a participação de 2,1 mil operários. Sua inauguração, no dia 21.09.1947, contou com a presença do General Eurico Gaspar Dutra, então Presidente da República, que emprestou seu nome à obra de arte. A Ponte faz parte da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (FENOB).

A capacidade da ponte foi calculada para trens de 27 toneladas por eixo (TB 27) e é constituída por arcos de distintos vãos, sendo o maior deles o arco sobre o talvegue com um comprimento de 110 m e um tirante de ar ([115]) de 21 m acima do nível normal do Rio Paraguai e de 14 m relativo à maior cheia observada desde 1905, permitindo a passagem de todos os navios que trafegam na Hidrovia do Rio Paraguai.

---

[114] Ñanditu (teia de aranha): bordado muito delicado de origem paraguaia que utiliza motivos geométricos e zoomorfos.

[115] Tirante de ar: vão livre que permite a passagem das embarcações.

Imagem 41 – Ponte Presidente Eurico Gaspar Dutra

O periódico "*O JORNAL*", do Rio de Janeiro, do dia 23.09.1947, publicou:

O Jornal, n° 8.405 – Rio de Janeiro, RJ
Terça-feira, 23.09.1947

Inaugurada sobre o Rio Paraguai a maior Ponte do Continente, que Servirá à Ligação Brasil-Bolívia – 23.09.1947

CORUMBÁ 22 (A. N.) – Um dos espetáculos mais imponentes a que assistimos, na tarde de anteontem, nesta, próspera cidade, foi a espontânea e ruidosa manifestação que o povo corumbaense prestou ao Presidente Eurico Gaspar Dutra, na Praça da Independência. [...]

Ao Longo do Rio Paraguai

A viagem do Presidente da República ao Rio Paraguai, repercute no seio da população deste pedaço do Brasil, onde é gritante o contraste entre a exuberância da natureza e a carência de povoamento, como a confirmação do desejo do primeiro mandatário do País em querer equilibrar a vida econômica de Mato Grosso, restaurando a vitalidade dessa unidade federativa que o viu nascer ([116]). Neste sentido, aliás, foi bastante significativo o gesto do Chefe do Governo, quando, em Corumbá depois de prestar uma homenagem ao herói da retomada da cidade aos paraguaios, fato verificado em 1865, que plantou, sob verdadeiro delírio de aclamações, uma muda de uma grande árvore, que futuramente, se erguerá frondosa e acolhedora, crescendo, na razão direta do progresso mato-grossense hoje anunciado pelo Presidente da República.

Em Porto Esperança

A BORDO DO MONITOR "*PARNAÍBA*", SOBRE O RIO PARAGUAI, 22 (A. N.) – Após oito horas de viagem o "*Parnaíba*" está chegando a Porto Esperança. A Ponte que vai ser inaugurada pelo Presidente Dutra. Estende-se sobre o Rio banhado de Sol, atraindo a curiosidade dos que a divisam. O General Dutra contempla-a através do binóculo do Comandante do navio, tecendo comentários com o Almirante Lobato Aires, que comanda o Distrito Naval com base em Ladário. A Ponte é uma caprichosa obra de engenharia e tem uma grande significação, pois ligando as suas margens em território nacional, aproxima igualmente dois grandes oceanos: o Pacífico e o Atlântico. [...]

[116] O Presidente Eurico Gaspar Dutra nasceu, no dia 18.05.1883, em Cuiabá, Mato Grosso.

O Que é a Ponte

O Chefe de Governo, em ato a que estiveram presentes altas autoridades da República, inaugurou solenemente, a ponte Internacional "*Presidente Eurico Gaspar Dutra*", sobre o Rio Paraguai. [...] Acompanhado dos membros de sua comitiva, o Presidente da República chegou sob aclamações ao local, declarando pouco depois inaugurada a importante obra que deverá desempenhar um grande papel no tráfego internacional do futuro, nesta região, com os trabalhos que se ativam na Estrada de Ferro Brasil-Bolívia, para a ligação transcontinental Santos-África.

A ponte é toda de cimento armado e do tipo mais moderno e de rara beleza. A grande obra possui, no canal do Rio, para, permitir a navegação, 25 m de altura acima do nível das cheias, e para conseguir tal altura foram construídos dois grandes viadutos inclinados sendo um de ascensão e outro de descida.

2.000 Metros de Comprimento

Seu comprimento total é de quase 2.000 m, dos quais 900 constituem o viaduto de acesso do lado do Porto Esperança, com 4 arcos de 90 m e um de 110 m no leito do Rio, sendo mais de 500 m de descida nos patamares da margem direita do Paraguai, onde prosseguirão os trilhos da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil rumo a Corumbá e ligação à E. F. Brasil-Bolívia, consubstanciando o velho sonho dos dois povos irmãos. A FENOB passará, com a inauguração da "*Ponte Presidente Eurico Dutra*", a desempenhar função da maior relevância, cooperando no setor ligado aos transportes nacionais, evidenciando-se do mesmo modo a ação dos nossos homens públicos, no empenho de servir cada vez melhor aos interesses do Brasil. (O JORNAL, n° 8.405)

Imagem 42 – Porto Esperança – Corumbá (DNIT)

09.08.2017: Passamos, às 18h00, pela Ponte Poeta Manoel de Barros ([117]), localizada no Porto Morrinho, que faz a ligação de Corumbá e Ladário ao restante do Mato Grosso do Sul, através da BR-262. A ponte tem 1.890 m de extensão e vão central de 110 m de comprimento. A programação era pernoitar na Foz do Miranda, mas, com pane seca a vista, combinamos ancorar à jusante do Porto Manga (19°15'28,75" S / 57°14'06,05" O), onde poderíamos abastecer.

10.08.2017: Depois do café, percorremos a BR-228 (Estrada Parque) ([118]), uma trilha aberta por Rondon no final do século XIX, das 06h00 às 10h30, um bom exercício aeróbico para uma Expedição extremamente sedentária como a nossa. O Dr. Marc fez questão de levar o crânio de um jacaré morto e os demais expedicionários fotografaram alguns animais ao longo da rodovia. O grupo era barulhento demais assustando a fauna e, no retorno, resolvi ir à frente e, graças a essa medida, avistei um grupo de filhotes de jacaré. Aguardei a equipe chegar e apontei para o Dr. Timothy Radke aonde se encontravam os pequeninos. Na volta da Estrada Boiadeira, o Cmt Elierd, que nos aguardava com a voadeira, comunicou-nos que uma equipe do 17° B Fron (Corumbá) comandada pelo Sgt Langue nos aguardava em Porto Manga para apoiar-nos no deslocamento pela BR. Uma falha na comunicação que acarretou um deslocamento desnecessário de uma viatura militar. Aproveitamos para visitar o posto telegráfico construído por Rondon em palafita que resiste heroicamente até os dias de hoje.

---

[117] Ponte Poeta Manoel de Barros: Lei 4.685, de 15.06.2015 – Diário Oficial do Estado de Mato Grosso do Sul.

[118] Estrada Parque Pantanal (EPP), também conhecida como Estrada da Integração, Estrada Boiadeira ou Estrada da Manga.

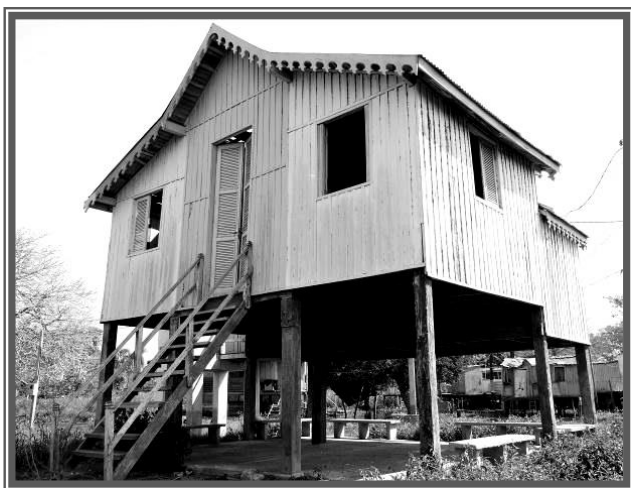



Imagem 43 – Posto Telegráfico – Porto Manga, MS

Partimos para Corumbá, por volta das 11h00, aonde chegamos à noite. O "*Calypso*" ancorou no porto do 17° B Fron e pernoitamos à bordo, a agenda para o dia seguinte era intensa e precisávamos estar descansados para enfrentá-la.

11.08.2017: Após o café fomos apresentados ao Comandante do 17° Batalhão de Fronteira Tenente Coronel Niller André de Campos que nos indicou o Ten Agnaldo José Heleodoro de Arruda para nos levar até o Forte Junqueira (Forte da Pólvora). O seu nome homenageia o então Ministro da Guerra, Dr. João José de Oliveira Junqueira, que foi quem determinou sua construção. O Forte em alvenaria de pedra argamassada, apresenta planta no formato de um polígono octogonal, com seis ângulos salientes e dois reentrantes, e seis canhoneiras. O Ten Heleodoro é outro historiador que também diverge da localização apontada por alguns para o Porto Canuto ([119]).

---

[119] Marco simbólico do fim da Retirada da Laguna, situado às margens do Rio Aquidauana, MS, antes dos retirantes seguirem para Cuiabá.

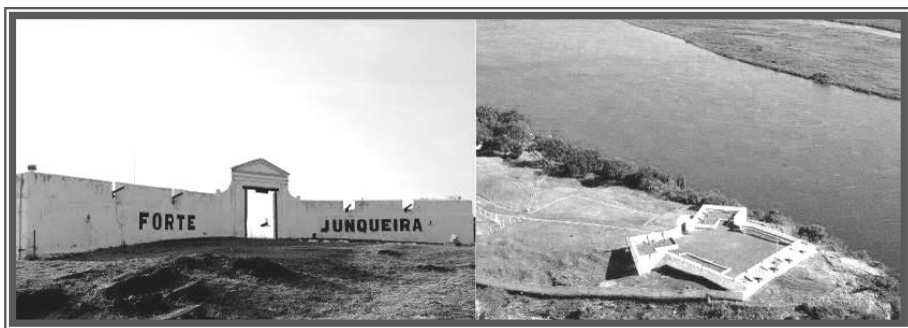



Imagem 44 – Forte Junqueira, MS

Relatos Pretéritos: Forte Junqueira

João Severiano da Fonseca (1880)

Cinco Fortins defendem Corumbá pelo lado do Rio e uma cortina por terra. Concluídos uns na administração do Sr. Conselheiro Tenente-coronel Francisco José Cardoso e outros na do General Hermes, receberam a denominação de S. Francisco e de Junqueira, em honra do Presidente e do Ministro da Guerra, estes os de Conde D'eu, Duque de Caxias e Major Gama, este em homenagem ao, hoje Ten-Cel, o Sr. Dr. Joaquim Gama Lobo d'Eça, o modesto e distinto engenheiro que os planejou. (FONSECA)

Augusto Fausto de Sousa (1885)

Presídio fundado, em 1778, por ordem do Governador Luiz de Albuquerque, na margem direita e acima de Nova Coimbra e em honra ao Governador teve o nome de Albuquerque Velho. Ocupado pelos Paraguaios em 03.01.1865, foi por eles fortificado com trincheiras regulares armadas com 6 canhões, e aí se mantiveram até junho de 1867 e, no dia 13, foi tomada de assalto pelo 1° Btl Provisório comandado pelo Major Antônio Maria Coelho, tendo sido tão enérgica a defesa, que foram mortos todos os oficiais paraguaios e quase todos os soldados, excetuando apenas os 27 prisioneiros, e esses mesmos feridos.

> Esta vitória trouxe o grande resultado da evacuação dos pontos do São Joaquim, Pirapitangas, Urucu e Albuquerque, que com outros anteriormente abandonados constituíam o Distrito Militar do Alto Paraguai. Evadida a posição pelas forças brasileiras por causa do flagelo da bexiga, foi novamente ocupada por paraguaios em 08.07.1867 até abril de 1868, em que de uma vez a abandonaram. Terminada a guerra foram planejadas novas fortificações pelo Major Joaquim da Gama; e segundo comunicações oficiais, compõe-se ela de uma linha contínua com baluartes cobrindo a vila, com proporções para admitir 60 canhões, e o Forte do Limoeiro, à margem do Rio, uma milha abaixo da Vila, cruzando fogos na direção do canal com os Fortins São Francisco, Junqueira, Conde d'Eu, Duque de Caxias e Major Gama, construídos durante as administrações do Coronel Cardoso e Brigadeiro Hermes. A posição é excelente, o porto capaz de receber naus, e as Fortificações bem delineadas; é pena porém, diz o Dr. João Severiano na sua "*Viagem ao Redor do Brasil*", que só se limpe o mato, que nelas cresce, quando se espera a visita do Presidente e autoridades da Província. (RIHGB – XLVIII – II, 1885)

O Ten Heleodoro, nosso dileto historiador, conhece muito bem o contexto histórico em que se processou a construção do Forte Junqueira e dos eventos que se sucederam. O Ten Cel Niller, mais tarde, homenageou-nos com uma emocionante Formatura Matinal.

Estático, visivelmente emocionado, com os olhos a marejar, relembrava os velhos tempos em que tive a honra de envergar, orgulhoso minha segunda pele – a farda verde-oliva. O Comandante fez-me a entrega, como oficial mais antigo da Expedição, de uma bela recordação que, por dever de justiça, repassei, mais tarde, ao Dr. Marc Meyers, mentor da Expedição.

Ministério da Defesa
Exército Brasileiro
BRAÇO FORTE - MÃO AMIGA

17º B Fron apoia Expedição Centenária Roosevelt-Rondon

Publicação: Qua, 16 Ago 2017 09:22:00 -0300

Corumbá (MS) – Nos dias 10 e 11 de
agosto, o 17º Batalhão de Fronteira (17º B Fron) apoiou a
Expedição Centenária Roosevelt-Rondon, que tem como
finalidade con
original em qu
Silva Rondon,
Estados Unid
adentraram os
desbravando
linhas telegráfi

O objetivo do projeto é refazer a rota original realizada nos a
ambientais e coletar resquícios da linha telegráfica const
Rondon. Para tanto foram realizadas palestras no 17º B Fron
Sul (UFMS), além de visitas técnicas acompanhada pela secreta

Imagem 45 – Apoio do 17° B Fron

Ainda na parte da manhã os membros da Expedição fizeram uma apresentação, no 17° B Fron, a respeito dos objetivos, dificuldades e sucessos enfrentados pela Expedição Centenária, em 2014, na complexa navegação do Rio Roosevelt, em 2015, na versátil jornada de Cáceres à Vilhena em que empregamos voadeiras, mulas, viatura além de realizar uma extenuante marcha a pé, bem diferente da etapa que ora realizamos em uma confortável embarcação regional. O almoço foi servido na Casa de Pedra do 17° B Fron, com direito a música ao vivo e uma visão panorâmica do Rio Paraguai e do Pantanal que se estende por uma bela planície aluvial desmedidamente vasta onde se sobressai o "*Morro do Sargento*".

Relato Pretérito: Morro do Sargento

Jose Vieira Couto de Magalhães (1874)

Os tigres não são menos para temer-se, porque, ilhados nos pequenos altos que ficam acima d'água, nem sempre têm os meios de alimentar-se, e, famintos, tornam-se ousados como leões; o leitor o avaliará pelo seguinte, que é também uma recordação da Expedição de Corumbá: estavam na ocasião de retirada dois mil homens acampados em um morrinho, defronte à Vila, cuja explanada seria menos da metade do Morro do Castelo; quer dizer que estava quase todo o espaço ocupado pela força; um tigre ([120]) saltou sobre um 1° Sargento do Primeiro de Voluntários, sacudiu-o sobre o ombro, e fugiu com tal precipitação que, perseguido e morto em menos de meia hora, tinha tido tempo para decepar a cabeça do infeliz Sargento, sugar-lhe todo sangue, e devorar parte do peito. (DE MAGALHÃES)

À tarde fizemos uma visita à Casa de Cultura Luiz de Albuquerque onde tive a oportunidade de me deparar com a histórica placa de bronze que Rondon mandara colocar em homenagem ao Tenente Frederico Bueno Horta Barbosa no passo da "*corixa ([121]) do Saran*", em que ele perecera afogado. Rememoremos:

Alferes-Aluno Frederico B. Horta Barbosa

Nos fastos das Comissões Rondon, basta que se chame "*Horta Barbosa*", para que seja digno de toda a reverência, não só como caráter e competência, como pelos méritos de trabalhador infatigável e inteligente.

---

[120] Um tigre: uma onça.
[121] Canal por onde se escoam as águas dos lagos, brejos ou várzeas.

Imagem 46 – Guerreiro Guaicuru

A sua morte ocorreu em circunstâncias trágicas e há quem a decline como uma demonstração da força do destino e da teoria do fatalismo. A verdade é que foi ele vítima do altruísmo que pregava e praticava, como fervoroso adepto das doutrinas de Augusto Comte. Ofereceu-se para substituir o engenheiro seu colega, escalado para serviços em zona de corixas e pantanais, à margem do Rio Paraguai, com a magnânima preocupação de que esse colega não sabia nadar e correria risco de se afogar. Obtido o consentimento do Chefe para essa troca, marchou ele com a sua turma de soldados ao primeiro clarão do dia; quando, porém, o crepúsculo da tarde começava a apagar a luz do Sol, o destino implacável apagava também a preciosa vida desse destemido e dedicado lutador.

Fazia-se, por essa ocasião, a linha telegráfica que ligou Corumbá, e os trabalhos, normalmente acelerados pela própria orientação de Rondon, haviam tomado uma febre de velocidade proporcional ao "*tour de force*" ([122]) imposto pelo Governo e que foi

[122] "*Tour de force*": grande esforço.

levado a termo: a inauguração da linha em 01.01.1904, para atender a injunções prementes da política internacional. No relatório apresentado pelo Chefe da Comissão, eis como é referido o doloroso acontecimento:

> Por determinação minha, seguira, no dia 01.12.1903, do acampamento à margem direita do Paraguai para o interior, o Alferes-aluno Francisco Bueno Horta Barbosa com uma turma de praças, a fim de completar a distribuição de postes entre as corixas Saran e Areão. Tendo-se dado o extravio, nas águas de uma Baía próximo do Saran, de um dos postes que eram arrastados por meio de carretão, o Alferes-aluno Horta Barbosa deixou aí alguns praças incumbidos de retirar o poste do fundo da Baía, enquanto pessoalmente ia verificar quantas estacas estavam ainda sem poste, prometendo voltar sem demora.
>
> Até escurecer, como não houvesse regressado o Alferes-aluno Horta Barbosa, resolveram os praças ir pernoitar no Capão que lhes servira de pouso no dia anterior e que era o único, nas circunvizinhanças, que não estava submerso. Ao amanhecer do dia seguinte, de novo vieram os praças à citada Baía, não encontrando aí o oficial. Seguiram então até a corixa Saran, que encontraram totalmente cheia, em consequência das copiosas chuvas dos dias anteriores. Próximo à corixa achava-se, apenas com o cabresto, o animal que servira de montaria do oficial. Trouxeram os praças o referido animal até a corixa, examinaram o passo e aí encontraram dentro da água os arreios de uso do oficial. Todas estas circunstâncias lhes causaram as mais sérias apreensões, e como não pudessem passar a corixa, para indagar da turma da frente acerca do paradeiro do oficial, esperaram por ela que, tendo notícia do ocorrido, declarou não o ter visto. Procedendo todos a novo exame do local, nenhum vestígio foi notado de haver o Alferes Horta Barbosa, a pé ou montado, transposto a corixa.

Imagem 47 – Placa de bronze com Inscrição Alusiva

Ficou assentado que de tudo fosse feita comunicação ao Chefe da segunda Seção, Capitão Ávila, que tendo disso conhecimento na noite do dia quatro, enviou, na mesma ocasião, dois Praças e um Guia do Pantanal para, no local indicado, efetuar as necessárias pesquisas, no sentido de descobrir o destino do referido oficial. No dia seguinte, ao meio-dia, tendo já regressado ao acampamento aqueles praças, com a comunicação de terem encontrado, no fundo do passo da corixa Saran, o esqueleto do Alferes Horta Barbosa, cuja identidade foi reconhecida pelo seu vestuário e vários objetos que lhe pertenciam. Expediu o Capitão Ávila um Praça, portador de um ofício em que participava o doloroso acontecimento e, ao mesmo tempo, providenciou no intuito de ser removido o mesmo esqueleto para o acampamento, onde chegou nesse dia à tarde.

> Logo após, foram inumados ([123]) provisoriamente, os restos mortais do prezado companheiro na praça do acampamento. Havia eu partido para o acampamento da primeira Seção e me achava em marcha daí para a estação telegráfica provisória, instalada na Fazenda do Paraíso, quando recebi a triste comunicação do Capitão Ávila. Sem demora, parti para o acampamento da segunda Seção e aí providenciei a remoção do inditoso oficial para Corumbá, em cujo cemitério foi definitivamente inumado.
>
> Chegando a este acampamento, mandei proceder a Inquérito Policial-Militar entre os Praças que faziam parte das turmas sob a chefia do Alferes Horta Barbosa. Desse inquérito, nada resultou que esclarecesse tão lamentável desastre, ficando, entretanto, averiguado que nenhuma culpabilidade havia da parte dos Praças. No passo da corixa do Saran, em que ele perecera afogado, mandei colocar uma placa de bronze com uma inscrição alusiva ao lamentável acontecimento. (MAGALHÃES, 1942)

Depois da Casa de Cultura visitamos o Hotel Galileo que Roosevelt cita textualmente que "*dirigido por um italiano, era tão confortável quanto possível – chão ladrilhado, teto alto, grandes portas e janelas, um pátio descoberto e fresco e banho de chuveiro*".

A seguir fizemos uma breve incursão à Bolívia, onde os Dr. Marc e Timothy compraram algumas garrafas de vinho para abastecer a adega do Calypso. A visão das ruelas imundas não era nada agradável e os bolivianos só nos tratavam com uma afetada e falsa simpatia quando nos propúnhamos a adquirir algum dos seus produtos. À noite, os desbravadores fizeram uma apresentação da Expedição aos alunos da Universidade Federal (UFMS).

---

[123] Inumados: enterrados.

15.12.1913:

Rondon

Havíamos passado, às 14h00, pelo Marco da fronteira boliviana, na margem direita do Paraguai e só 24 horas depois começamos a avistar a cidade de Corumbá, em cujo porto entrou a "*Requielme*" comboiada por grande número de embarcações, cheias de famílias, que tinham saído ao encontro do nosso ilustre hóspede. Ainda a bordo, recebeu o Sr. Roosevelt os cumprimentos do comandante da flotilha de guerra do Brasil no Rio Paraguai, transmitidos por um 1° Tenente da nossa Armada, e em terra foi acolhido pelo Comandante e oficialidade da 13ª RM, pela Câmara Municipal, autoridades federais e estatuais e por toda a população da cidade, que se entregava a manifestações de regozijo por hospedar o eminente homem de Estado. (RONDON)

Roosevelt

À **15** alcançamos Corumbá. Por espaço de 6 a 8 km antes da chegada à margem Ocidental em que está situada a cidade, é o terreno elevado e rochoso, assumindo formas de penhascos. A região adjacente era evidentemente bem povoada. Vimos gaúchos, boiadeiros, cavalgando ao longo da barranqueira. Mulheres lavavam roupas, seus filhos desnudos banhavam-se na praia; disseram-nos que os jacarés raramente se aventuram em lugares movimentados e que os acidentes geralmente ocorriam nos remansos ou estirões solitários do Rio. Vários vapores se adiantaram para nos encontrar e nos acompanhar por uns 20 km, com bandas de música a tocar e os passageiros dando vivas, exatamente como se nos estivéssemos aproximando de alguma cidade das margens do Hudson.

Corumbá, situada numa íngreme encosta de morro, tem ruas largas, calçadas de pedra bruta, algumas das quais ladeadas de belas árvores de flores escarlates e casas bem construídas, muitas delas térreas e algumas de 2 e 3 andares. Fomos homenageados com uma recepção pela Câmara Municipal e nos ofereceram um banquete oficial. O hotel ([124]), dirigido por um italiano, era tão confortável quanto possível – chão ladrilhado, teto alto, grandes portas e janelas, um pátio descoberto e fresco e banho de chuveiro. Corumbá, é claro, ainda é uma cidade da fronteira. Os veículos são carros de bois ou carros puxados por muares; não há carros de praça e tanto os bois quanto os muares são usados para montaria. A água de beber provém de um grande poço central; em torno dele se reúnem os carros-pipas e seu conteúdo distribuído pelas diversas casas. As famílias mostravam a mistura de raças característica do Brasil; uma mulher, depois que seus filhos foram fotografados em trajes caseiros, pediu que voltássemos para fotografá-los em costume domingueiro, no que foi atendida. Em um ano, a via férrea que vem do Rio chegará a Corumbá, e então esta cidade e a região adjacente conhecerão um grande progresso. Neste lugar nos reunimos ao resto da comitiva e muito nos alegramos de os ver. Cherrie e Miller já haviam reunido cerca de 800 espécimes de mamíferos e aves. (ROOSEVELT)

Magalhães

No dia **15**, às 12h50, passávamos pela povoado do Ladário e, às 15h00, estávamos junto às altas barrancas de Corumbá onde, às 16h00, desembarcamos acompanhando a Comissão Americana à terra. (MAGALHÃES, 1916)

---

[124] Hotel: Hotel Galileo.

16.12.1913

Roosevelt

Na manhã seguinte à de nossa chegada a Corumbá, pedi ao Cel Rondon que inspecionasse nosso equipamento, pois sua experiência de viagens na zona tropical fora adquirida em um quarto de século de árduas explorações do Sertão. Fiala reunira nossos alimentos, barracas, utensílios de cozinha e abastecimentos de toda espécie; ele e Sigg, durante a estada em Corumbá, tinham posto em ordem tudo para nossa arrancada. (ROOSEVELT)

Rondon

Esta manhã de **16** ofereceu a Comissão Brasileira à oficialidade do navio Paraguai um almoço de despedida, do qual participou o Sr. Roosevelt e sua comitiva, sendo levantado o brinde de honra à República que, ainda uma vez, se irmanava conosco, tomando parte tão brilhante nas homenagens prestadas ao estadista mais representativo, no momento atual, da política de fraternidade americana. Esse dia permanecemos em Corumbá, verificando os volumes da Comissão Americana e examinando a conveniência e a propriedade dos artigos que ela destinava a serem utilizados no Sertão. (RONDON)

O Comandante Heitor Xavier Pereira da Cunha relata no seu livro o felicíssimo acaso que lhe permitiu "*gozar da honrosa companhia do ilustre e notável estadista e explorador Mr. Theodore Roosevelt*" e a grata oportunidade de reproduzir "*suas palestras e, sem indiscrição, o picaresco* ([125]) *de suas intimidades*".

---

[125] Picaresco: lado cômico.

O Comandante Pereira da Cunha partiu do Rio de Janeiro, no dia 06.09.1913, com destino ao Pantanal para realizar "*um dos sonhos dourados – poder caçar uma onça pintada*" ([126]). Relata Pereira da Cunha:

> Muita vez repeti que esperava não morrer antes de ir a Mato Grosso caçar onças, e quis a minha sorte que não só me fosse dado ir a Mato Grosso tentar a realização de tão ambicionado sonho, como, juntando uma surpresa, tão inesperada quanto agradável, tivesse, ainda a rara felicidade de caçar e conviver aí, durante algum tempo, com o eminente americano Theodore Roosevelt. [...]

CAPITULO II

Corumbá – Jiboia – Ladário – Pantanal – Aves Aquáticas

22.10.1913 a 16.12.1913: A cidade de Corumbá, à margem direita do Paraguai, é construída em grande elevação sobre o Rio, num dos contrafortes da vizinha serra do Urucum. Suas ruas, direitas, de boa largura e mal calçadas, são ladeadas de casas, em muitas das quais o comércio ostenta recursos bastante consideráveis e que vão muito além do que supõe a generalidade dos brasileiros; fábricas de gelo, de cerveja, padarias, hotéis, boas farmácias, livrarias, jornais, casas de ferragens, alfaiatarias, armarinhos e casas de modas, bar, colégios, etc, enfim, todos os elementos componentes de uma verdadeira cidade lá se encontram, formando a parte alta de Corumbá, a mais extensa e onde também estão as casas de morada, quartéis e repartições públicas.

---

[126] CUNHA, Comandante Heitor Xavier Pereira da. Viagens e Caçadas em Mato Grosso: Três Semanas em Companhia de Theodore Roosevelt – Brasil – Rio de Janeiro – Livraria Francisco Alves, 1922.

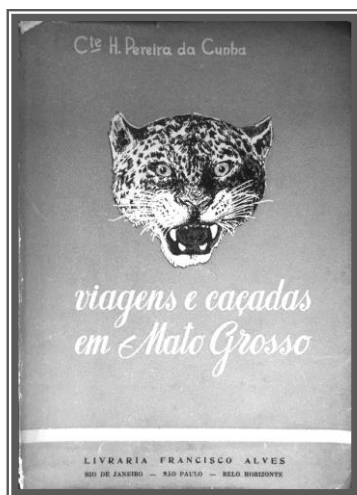



Imagem 48 – Viagens e Caçadas em Mato Grosso

Embaixo, numa faixa estreita e apertada entre o Rio e a encosta abrupta da montanha, está o grosso comércio, representado por casas com capitais que sobem a milhar e mesmo a milhares de contos de réis; são as casas que negociam em borracha, couros e gado, que têm navios e lanchas, e que importam da Europa o que o Sertão troca por seus produtos. Logo ao saltarmos em Corumbá a nossa atenção foi chamada para os condutores de carroças que, todos munidos de aventais de couro terminados em franjas, faziam uma algazarra confusa que era produzida pelo idioma que falavam, – o Guarani; eram quase todos paraguaios e todos falavam essa áspera língua; e, se foi a nossa primeira impressão essa especialização de profissão, não tardamos a verificar que a cidade de Corumbá era, como é, das mais cosmopolitas que possam existir. No hotel, na rua, no bar, nas casas de comércio, por toda parte, enfim, ouvem-se falar todas as línguas nessa longínqua e pequena Babel, e não serei exagerado se, principalmente não entrando em conta com a guarnição da cidade, disser que o português não é o idioma que mais se fala.

Três ou quatro dias após a nossa chegada, ainda alojados em um hotel de Corumbá, resolvemos ir até o lugar denominado Urucum, a três léguas e pouco de distância, a fim de vermos se possível seria aí fixar a nossa residência. Bem cedo montamos a cavalo: eu, o amigo Sebastião Botto, a quem fora recomendado, o meu colega H. e uma francesa com ele vinda da Europa não havia dois meses, e, portanto, na maior ignorância das coisas do nosso país. Se o estrangeiro, em geral, se arreceia ([127]) das feras e das cobras em pleno Rio de Janeiro, é justo conceder que, a respeito de Mato Grosso, suponham eles só encontrar bugres antropófagos e animais ferozes por toda a parte, pois que, mesmo entre nós, o nome de Mato Grosso não dá ideia de coisa muito diferente.

Entre Corumbá e Urucum, mais ou menos a meio caminho, só existe uma choça de pobres bolivianos que aí têm pequena plantação e meia dúzia de cabeças de gado, e, afora isso, a estrada, a princípio descoberta e depois umbrajosa ([128]), corre sempre deserta e silenciosa de vozes humanas. Chegados à roça dos bolivianos, apeamos e tomamos leite, descansamos um pouco, e, de novo a cavalo, seguimos com rumo a Urucum. Mlle. R., apesar de fazer estreia como amazona, seguia na frente, com bastante desembaraço, montando um bom cavalo que, embora manso, era bastante vivo; nós seguía-mos logo após, mas, como era natural, a nossa ordem variava de instante a instante, conforme os caprichos da estrada e da conversa.

Eu não posso ter certeza dos pensamentos que então atravessaram o cérebro daquela estrangeira; mas, apesar da bravura que mostrava como cavaleira, é

[127] Arreceia: tem receio.
[128] Umbrajosa: sombria.

lícito supor que, diante daquele espetáculo novo para ela, na vastidão daquele deserto que por certo nunca vira, em meio daquela mataria, o seu pensamento se voltasse, ao menos de quando em vez, para “*les sauvages, les serpents et les tigres*”; mas, fosse como fosse, não estávamos um quilômetro distante da palhoça que deixáramos, quando, a um grito de Mlle. R., vimos o seu cavalo passando por cima de uma jiboia que atravessava a estrada. Para quem quer que fosse, o caso não deixaria de causar uma certa emoção; mas, considerando o caso especial da nossa companheira de viagem, pode-se bem imaginar a impressão que teria tido; e, de fato, pálida a ponto de assustar-nos bastante, Mlle. R., num momento involuntário, puxava as rédeas do cavalo que, impedido assim de seguir adiante e sapateando no local, estava na iminência de pisar a jiboia, embora todos nós gritássemos que afrouxasse as rédeas, primeiro, senão o único auxílio que lhe poderíamos prestar. Com rara felicidade o cavalo recuou, sem pisar na jiboia nem derrubar a amazona; e eu e o amigo Botto, já então apeados, ambos desarmados como estávamos todos, recorremos ao primeiro projétil usado pelo homem e fornecido pela natureza – a pedra – e iniciamos o bombardeio da jiboia.

Abro aqui um parêntesis para admitir a incredulidade do leitor, mas, para que me não suponham êmulo do Barão de Münchausen, ficam os testemunhos das pessoas que me acompanhavam. Sem conseguirmos dominar o inimigo, continuamos por algum tempo esse bombardeio, mas, a jiboia, ora armando botes para nós e ora se esgueirando, conseguiu entrar num recanto de pedras e gravatás, onde não só difícil seria atingi-la a pedradas, como nos arriscaríamos a alguma surpresa; foi então que, em boa hora, lembrei-me de procurar uma arma com os bolivianos e, montando novamente, para lá galopei.

Dentro em pouco estava de volta com uma arma de dois canos, calibre 16, e, apeando e entrando no mato onde o Botto ficara de sentinela à cobra, a pus fora de combate com um tiro que lhe espatifou a cabeça.

Foi essa a minha estreia cinegética em Mato Grosso, e aqui a registro apenas pela sua originalidade.

Como inúteis fossem os nossos esforços para encontrar morada que nos conviesse em Corumbá, mudamo-nos, e instalamo-nos na freguesia de Ladário, sede da flotilha e, como Corumbá, construída no mesmo contraforte, em terreno calcáreo muito duro, com uma elevação de cerca de cinquenta metros sobre o Rio.

As ruas largas e sem calçamento algum, poeirentas ao Sol e lamacentas à chuva, são flanqueadas de casas esparsas, acanhadas e impropriamente construídas para aquele tórrido clima e sem o menor conforto.

Como Corumbá, o Ladário não possui esgoto, e a água, apanhada do modo mais primitivo na margem do Paraguai, que se incumbe de arrastar de Corumbá tudo quanto lhe despejam, é distribuída pelas casas em originais carroças, e pelo preço de mil réis o barril.

A "*população canina*" da pacata freguesia é por certo maior que a sua população humana; mas não são esses os únicos animais domésticos que perambulam pelas suas acidentadas ruas; porcos, galinhas, cabras, bois e cavalos pascem tranquilamente pela "*urbs*" e aí elegem seus dormitórios; e não raro é que, se deixardes a porta aberta, tenhais a surpresa de encontrar dentro da vossa sala um jumento ou um boi.

Além dos animais domésticos, outros, talvez com a mesma falta de cerimônia, andam pelas ruas, invadem as casas e, sem falar dos mosquitos, esses inseparáveis e importunos companheiros de todos os instantes e capazes de enlouquecer quem deles não se possa defender, as terríveis aranhas caranguejeiras, os lacraus ([129]) e as cobras fazem visitas que nem sempre são muito protocolares. E foi assim que, na primeira noite que dormi no Ladário, em rede, caiu do telhado sobre mim [as casas não têm teto] um lacrau; mas, graças ao mosquiteiro, caindo o lacrau sobre este, não tive de ser despertado por tão incisiva carícia.

De outra feita, à noite, estávamos eu e o meu amigo Nelson encostados aos umbrais da porta de entrada para a sala, enquanto outros colegas, sentados em cadeiras, conversavam, próximo, dentro da sala; súbito ouvimos um alarido e um barulho de arrastar de cadeiras e, com grande surpresa, verificamos que o estranho movimento era motivado pela aparição de uma cobra que, com toda a tranquilidade, passara entre nós, ou por detrás de um de nós, e penetrara na sala.

Contudo, a morada no Ladário poupava-nos o trabalho da viagem obrigatória a Corumbá, dava-nos a liberdade completa de roça, e permitia uma proximidade muito cômoda dos nossos navios, inclusive do meu "*Oyapock*", que já havia deixado a carreira. Como disse, a enchente do Rio Paraguai, em 1912 para 1913, foi das grandes cheias que, de tempos a tempos, cobrem imensas áreas de campo, assolando todo o vale desse Rio e de quase todos os seus afluentes, zona essa que constitui o que se chama o pantanal de Mato Grosso; e como grande tivesse sido esta cheia, em meados de setembro de

[129] Lacraus: escorpiões.

1913, época em que chegamos a Corumbá, muito altas estavam ainda as águas do caudaloso Rio, e cobertos estavam os pantanais.

Em frente ao Ladário, existe uma extensa zona de pantanal, em meio da qual surge isolado o morro do "*Sargento*"; entre esse morro e o Rio Paraguai corre o "*Bracinho*", braço desse Rio, que durante as cheias, liga dois pontos distantes de seu curso, e que, nas épocas normais, só é acessível a embarcações de diminuto calado, comunica com o grande Rio apenas na parte inferior.

Entre o Bracinho e o Paraguai, as águas, baixando pouco a pouco, foram deixando ver, hoje os cimos dos arbustos, amanhã as pontas da macega, e, enfim, quando a água já tinha deixado de dar ao pantanal o aspecto de "*mar*" e o tinha transformado em lodaçal, bandos incontáveis de marrecas, irerês, frangos d'água, carões, curicácas, tabuiaiás ([130]), cabeças-secas, tuiuius, colhereiros, garças, socós e biguás cobriam todo aquele pantanal, fervilhavam naquele charco, e para chegar até essa região, tão rica em caça, bastava atravessar o Rio!

A um tiro que se disparasse, bandos e bandos de irerês e marrecas erguiam o voo e, em verdadeiras nuvens, atordoavam o caçador com o seu ininterrupto assobio.

As garças, voando com lentidão e majestade, muito alto, cruzavam o espaço em longas filas, brancas, alvas, luzidias; e, ao cair da tarde, como se acorressem a um sinal de comando, chegavam elas de todos os pontos do horizonte para, dentro em pouco, cobrir de um lençol branco um longo renque de árvores que margeiam o Bracinho.

---

[130] Tabuiaiá: João grande (Ciconia maguari).

Durante o dia, das alturas do Ladário, via-se o campo coberto de largas manchas brancas, constituídas por colossais bandos de garças; além, uma revoada de enormes tuiuius dava o aspecto de um "*meeting*" de aviação; e, principalmente ao começo, e mesmo durante a noite, os bandos de irerês não interrompiam a música do assobio que lhes dá o nome.

Muita vez, descendo um pouco o Paraguai e entrando pelo Bracinho, gozávamos do belíssimo espetáculo que ofereciam as suas margens, crivadas de todas essas aves aquáticas que, à nossa aproximação, erguendo o voo, nos deixavam boquiabertos perante cena tão bela. Destacavam-se, dentre todos os colhereiros cor de rosa, que voando em bandos compactos sob um Sol brilhante, produziam um efeito cuja descrição não pôde sequer dar uma ideia da enorme beleza.

Infelizmente, por ser recém-chegado, e só ter relações com os colegas, entre os quais não havia caçadores, muito pouco aproveitei, dessa vez, daquela ocasião magnífica e que raro dura mais de quinze dias, no começo e no fim das cheias; ainda assim, dei que fazer à minha Greener, que abateu um grande número de peças. (CUNHA)

Brasileidas I
(*Carlos Alberto Nunes*)

Musa, canta-me a régia poranduba
Das bandeiras, os feitos sublimados
Dos heróis que o Brasil plasmar souberam
Través do Pindorama, demarcando
Nos sertões a conquista e as esperanças.

Dá que em versos eu fixe os fundamentos
Históricos e míticos da pátria
Brasileira, deixando-os perpetuados
Na memória de todos os teus filhos:
A luta dos Titãs, os novos deuses,
As Amazonas varonis e a raça
Que o Gigante de pedra fez do solo
Surgir, robusta e bela, ideias novas
De grandeza forçando à eternidade.

Sobe, imaginação! Abre os arcanos
Das lendas ameríndias, e dos Andes
Me facilita os penetrais augustos.

Deixa ficar meu verso como o rio
Das famosas guerreiras, quando as águas
Aos tálamos da luz solene guia:
Caudal e majestoso. Não menores
Imagens me concede, altos remígios
Aos feitos adequados, porque eu canto
Do Brasil a excelência, na aristía ([131])
Do férreo bandeirante celebrada. [...]

---

[131] Aristía: narrativa sobre as façanhas de um herói, dignas de serem exaltadas.

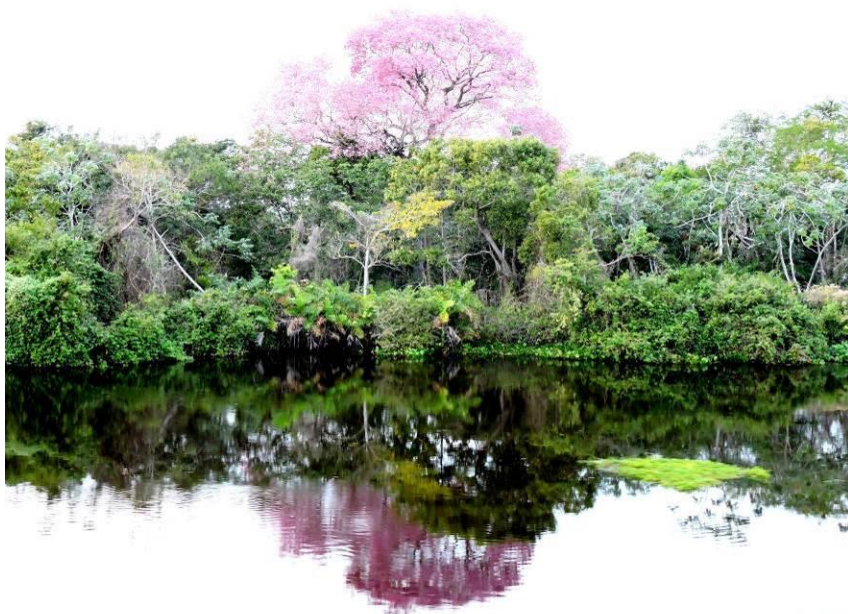



Imagem 49 – Orla do Paraguai

Imagem 50 – Calypso

Imagem 51 – Pescaria no Pantanal (Timothy Radke)

Imagem 52 – 17° B Fron

Imagem 53 – Hotel Galileo

Imagem 54 – Hotel Galileo

Imagem 55 – Hotel Galileo

Imagem 56 – Corumbá

Corumbá – Boca do Rio Cuiabá

O que me fascina é o seu espírito, o seu princípio de amor, a sua violência de amor. Rondon é uma energia de coração. [...] Rondon é um apóstolo. Que lhe importaria vencer o deserto, se, com o deserto, não viessem para nós as almas rudes que o dominam? Que importariam a árvore, a cachoeira, a flecha homicida, a febre se, depois de afrontar o ermo, ele não trouxesse para a civilização os extraviados da selva? A medida de sua obra é a felicidade do homem. O velho mundo, hoje, digladia-se num duelo sem tréguas. Sobre tantos horrores paira, promissor de nova era, o heroísmo de Rondon. (Alcides Castilho Maya)

12.08.2017: Acordei antes do alvorecer e continuei revisando e diagramando o livro "*Descendo o Juruá II*". Ajudei, como sempre, o nosso Mestre Cuca "*Bicudo*" a arrumar a mesa e, logo depois, tomei calma e solitariamente meu café enquanto os demais expedicionários ainda aninhavam-se nos sonolentos braços de Morfeu. A equipe de bordo agiu com perícia e, às 07h00, partimos do Porto do 17° B Fron em direção ao Posto Limoeiro para abastecimento e realizar algumas compras de última hora.

Por volta das 08h30, partimos, finalmente, levando gratas lembranças dos amigos de Corumbá. A bela e moderna cidade, emoldurada pela Serra do Urucum ([132]), apresenta em primeiro plano, às margens do Rio Paraguai, os Casarios do Porto um magnífico patrimônio histórico e cultural de Corumbá.

---

[132] O Maciço do Urucum foi assim denominado em virtude tom avermelhado de suas terras, que lembram a cor do urucum. É a maior formação rochosa do MS, com altitude máxima de 1.065 m. Urucum é detentor de consideráveis reservas minerais, tais como a criptomelana (maior reserva brasileira) e itabirita (3ª maior do Brasil).

Às 09h18, ultrapassou à Boreste do Calypso o Navio-Transporte Fluvial "*Almirante Leverger*" ([133]) da Marinha do Brasil. O "*Almirante Leverger*" tem um comprimento de 44 m, calado de 1,10 m, velocidade cruzeiro de 12 km/h, uma autonomia operacional de 30 dias e pode de operar com um helicóptero. A viagem transcorreu na tranquilidade de sempre com o Pantanal nos presenteando com paisagens exuberantes. Pernoitamos a meio caminho da Boca do Rio Cuiabá.

13.08.2017: Por volta das 08h00, embarcamos na Fênix VI, uma das voadeiras, com a finalidade de realizar uma caminhada. Depois de navegarmos, um bom tempo, procurando um local adequado para ancorar, pois a maioria das trilhas estava totalmente alagada, aportamos, por volta das 09h00, na sede da Fazenda Porto Mangueira. Foi uma caminhada em ritmo bastante lento com o objetivo de observar a flora e a fauna circundante.

Retornamos, por volta das 12h00, depois de executar um exercício físico razoável, mas sem encontrar nenhum animal ao longo da trilha. Em contrapartida ao retornarmos para o Calypso um grande e curioso jaburu ([134]) passou voando pela embarcação e alterou sua rota de modo a nos indicar o local em que pretendia pousar. Era um macho adulto e muito vaidoso, pois mudava, a todo o momento, de posição e postura permitindo que tirássemos belas fotos suas.

---

[133] O "*Almirante Leverger*" tem capacidade de transportar equipamentos e 130 militares componentes da Força de Emprego Rápido. O navio é empregado, prioritariamente, no transporte fluvial, além de executar tarefas de apoio às operações ribeirinhas, atendimentos médicos e odontológicos, assistência cívico social, patrulha fluvial, inspeções navais bem como atividades de Defesa Civil.

[134] Jaburu (Jabiru mycteria): Tuiuiú.

Retornamos ao Calypso satisfeitos com a empreitada. Instalados na nossa sala de estar desfrutamos da temperatura agradável sem que fosse necessário ligar o ar-condicionado. Acampamos na Boca do Cuiabá. A Expedição Centenária não desceu o Rio Paraguai rumo à Fazenda Palmeiras como a Expedição Científica. Vamos reproduzir, então, a experiência dos expedicionários originais de Corumbá até à Fazenda Palmeiras, rio abaixo e depois rumo à Boca do Cuiabá que eles chamam, erroneamente, de S. Lourenço ([135]):

Relatos Pretéritos

17.12.1913

Magalhães

No dia **17**, às 07h20, partia o "*Nyoac*" Rio Paraguai abaixo com destino ao Rio Taquari, em cuja Boca de jusante denominada Riozinho penetramos até o Porto da Fazenda das Palmeiras, atracando no mesmo dia, às 19h00, e aí pernoitando. (MAGALHÃES, 1916)

Pereira da Cunha

Às 16h00, deixamos o Paraguai e entramos no Riozinho, Braço do Rio Taquari, transformado hoje em verdadeiro Rio; e como tivesse naufragado a lancha destinada a subir esse Rio até um dos portos da Fazenda das Palmeiras, tentávamos agora subir com o próprio "*Nyoac*". Bandos enormes de tuiuiús, garças, colhereiros e outras aves orlavam as margens do pitoresco Rio; campos extensos, ainda alagados da cheia, estendiam-se além; os jacarés pululavam por toda a parte.

---

[135] Até o início do século XX, o São Lourenço tinha como afluente o Rio Itiquira. Em 1909, o São Lourenço abriu, definitivamente, o furo do Taigara passando a correr por ele. O Itiquira e o São Lourenço passaram, então, a ser considerados afluentes do Cuiabá.

Dentro em breve o navio transformou-se em corpo de atiradores contra esses animais; apareciam armas de todos os sistemas e calibres, e era uma fuzilaria contínua, ininterrupta, entrecortada de risadas, aplausos, troças e vaias. (CUNHA)

Rondon

Mas, na manhã seguinte, tendo-me apresentado ao Sr. Roosevelt, pronto a embarcar quando ele o desejasse, tomamos o "*Nyoac*" e seguimos para o Taquari, Rio que entra, no Paraguai por vários braços, um dos quais se chama Riozinho. É neste braço que se acha o Porto da Fazenda das Palmeiras, para onde nos dirigimos.

Mas, antes de o atingirmos, às 17h30, avistamos, de bordo, um tamanduá-bandeira que, no seu andar desajeitado, de pequenos pulos, vagueava pelo campo. Era este um dos espécimes da nossa fauna que o Sr. Roosevelt desejava obter para as coleções zoológicas do Museu de História Natural de New York. Mandei parar o navio e saltamos para terra; os cachorros já corriam embaraçando a fuga do esquisito quadrúpede; Kermit, o Dr. Soledade e eu completamos o cerco e o Sr. Roosevelt atirou com a sua Springfield, carabina do tipo das usadas no exército norte-americano, muito precisa e de admirável penetração.

O animal caiu, e nós, animados pelo feliz início que assim tinham as caçadas do nosso hóspede, felicitamo-lo; ele a todos correspondeu com grande satisfação, aliás muito justificada pela beleza do exemplar que acabava de adquirir, digno, na verdade, de fornecer a pele que há de recomendar aos nova-iorquinos admirados, toda a raça dos tamanduás sul-americanos. (RONDON)

Roosevelt

Logo após chegamos a um dos postos avançados da grande estância que estávamos prestes a visitar e atracamos no barranco para o pernoite. Havia ali um embarcadouro, ranchos e currais. Muitos "*peões*" ou gaúchos tinham vindo ao nosso encontro. Depois que caiu a noite, acenderam fogueiras e, sentados junto a elas, cantaram cantigas dolentes, acompanhadas por violões. As labaredas rubras dançavam ao fundo de suas rudes figuras acocoradas longe do fogo, no ponto de encontro entre a sombra e a claridade, fazia calor. Não havia vento. Havia pernilongos, é claro; outros insetos de toda espécie enxameavam em torno de cada luz; mas o navio era confortável e passamos uma noite agradável. (ROOSEVELT)

18.12.1913

Roosevelt

Ao nascer do Sol já nos dirigíamos para a "*Fazenda*" do Sr. Barros. A bagagem seguiu num carro de bois, que fez a viagem em 2 dias; meus objetos chegaram à fazenda um dia depois de mim. Montávamos pequenos e fortes cavalos de campo. A distância era de umas 5 léguas. A região toda era de pantanal, variada com manchas de terreno mais alto; embora estes trechos subam apenas um metro ou pouco mais acima dos alagadiços, eram cobertos de matagal denso, na maior parte palmitais, ou então de outras palmeiras. Por espaço de uma légua cavalgamos pelos alagadiços; de vez em quando cruzávamos baixadas lamacentas, onde os cavalinhos forcejavam para não ficarem atolados. Nosso guia, de pele escura, ia vestido de camisa, calças e avental de couro franjado, levando esporas nos pés descalços; usava uma corda como rédea e tinha dois ou três dedos do pé metidos num pequeno estribo de ferro.

[...] Depois de cinco ou seis horas de viagem através da região pantanosa e de florestas de palmeiras, chegamos à Fazenda que era nosso destino. Na vizinhança havia figueiras gigantescas, isoladas ou em grupos, com densa folhagem verde-escuro. Nas proximidades, brejos recobertos de plantas aquáticas. Campinas alagadas e pastagens meio secas, descampadas ou com manchas de palmares entremeados de árvores dos pântanos, desdobravam-se por todos os quadrantes, por espaço de muitos quilômetros. Existiam cerca de 30 mil cabeças de gado na Fazenda, além das manadas de cavalos e varas de porcos e de uns poucos rebanhos de carneiros e cabras. As edificações da sede da fazenda ficavam num quadrilátero, rodeado por uma cerca baixa de paus em pé. (ROOSEVELT)

19.12.1903

Rondon

Quando o homem e a onça se defrontam não mais esta se preocupa com a matilha: fixa a atenção no principal inimigo, estudando o meio de subjugá-lo. Agora, é preciso ter calma, pontaria firme e resolução: às pernas não se deve pedir, nesses instantes, mais do que a força para sustentarem o corpo imóvel, sem tremores, que comprometeriam a justeza do tiro; e ainda que pudéssemos merecer o epíteto de velocípedes ([136]) como o grande herói de Homero, de nada nos valeria correr, porque se não matarmos, seremos mortos.

O caçador, no entanto não se apressa a atirar; seria muitíssimo perigoso errar o alvo. Ele procura, pois, a melhor posição e o instante mais oportuno para ferir de morte o animal, logo ao primeiro golpe.

---

[136] Velocípedes: que tem pés velozes.

Mas é forçoso estar atento: se a fera entra a agitar a cauda, não há tempo a perder: ou uma bala certeira a fulmina, ou ela parte para o caçador, rápida como uma flecha, em espantosos saltos de felino enraivecido, atirando-se sobre a presa. No último salto, a onça, erguida sobre as patas traseiras, está rente à sua vítima subjuga-a pelos ombros, com as garras poderosíssimas, e com os dentes formidáveis esmigalha-lhe o crânio. As caçadas de onça não são, pois, isentas de perigos, para um homem só e armado de carabina. Por isso, em Mato Grosso, os caçadores prudentes se fazem acompanhar do que lá chamam um "*azagaieiro*", nome derivado de azagaia, ou lança curta, cujo ferro tem na base um travessão, de modo que só até ele pode a choupa ([137]), regularmente comprida, penetrar no corpo do animal.

O azagaieiro está ao lado do caçador; mas se, por qualquer motivo, a onça investe o seu dever é passar, rápido e resoluto, para frente, atraindo sobre si a atenção do animal. Com a azagaia em riste, firme, sem procurar atirar golpes, que seriam infalivelmente rebatidos com uma pancada de braço do felino, espera que este, levantando-se sobre as pernas e jogando a parte dianteira do corpo para o amplexo fatal, venha por si mesmo, espetar-se no ferro, que lhe é apresentado. Assim o agressor, cego de fúria, além de ferido, fica a distância de se não poder utilizar das garras, porque o travessão da lança impede a haste de varar as carnes, no ponto atingido, dando ao homem a certeza de ter a sua arma livre e desembaraçada para novo assalto. A fera cai; mas, ainda cheia de vigor, volta ao ataque, com redobrado ímpeto; fere-se de novo e de novo tomba, e nesta luta porfia até que o atirador possa encontrar ocasião favorável para fulminá-la com um tiro.

[137] Choupa: ponta da lança.

Como se vê, a função do azagaieiro não é matar, mas simplesmente proteger o caçador durante o tempo em que este é obrigado a conservar na mão a espingarda como arma inerte e inutilizável. Contudo, por divertimento ou por bravata há homens que só com a azagaia vão procurar onças, obrigam-nas a aceitar o combate e acabam matando-as. Semelhante façanha tem muito de temerária, e nisto com certeza reside o encanto que nela encontram os que a praticam. Verdade é que, mesmo quando cooperam os dois caçadores, ainda se podem dar graves acedentes.

Relatarei um, ocorrido há tempos, na região em que o Sr. Roosevelt ia caçar.

Certo dia, o criador Cyriaco Rondon notou que, nos campos da sua fazenda, as rezes estavam sendo perseguidas e dizimadas por onça. Mandou, pois, a caçadores procurar o seu rasto, para, seguindo por ele, descobri-la e matá-la. Para tal fim, fazendo-se acompanhar da necessária matilha, saíram dois homens: um caboclo armado de espingarda "*pica-pau*" e um índio Guaicuru, perito azagaieiro. Com facilidade, os cachorros descobriram os rastos do carnívoro, que logo depois estava acuado no interior de pequeno capão de mato.

Tratava-se de uma canguçu que tinha de proteger e defender a sua prole, um casal de oncinhas que se havia refugiado em espessa touceira de gravatá. Os caçadores dirigiram-se para ali e quando procuravam avistá-la, eis que de repente a veem surgir do meio da intrincada vegetação com tal fúria e rapidez, que o Guaicuru não teve tempo de se utilizar da sua arma. Mas, no instante em que ela, levantando-se sobre as patas, ia agarrar o pobre índio pelo ombro, este segurou-lhe os braços possantes e com esforço hercúleo, susteve-a no ar.

O animal, enfurecido, debatia-se desesperadamente e, com as garras dos pés, dilacerava as carnes das coxas e das pernas do seu impávido antagonista.

O companheiro deste aterrorizado com a vista de tal cena, não se animava a socorrê-lo; de longe ouvia o outro gritar-lhe que nada havia a temer, porque a onça estava segura.

Afinal, como a luta se prolongasse, o caboclo acabou recobrando ânimo: aproximou-se e desfechou o tiro da sua espingarda; os grãos de chumbo atingiram a cara e talvez os olhos de fera e ela, com a dor, fez um esforço supremo, conseguindo soltar-se das mãos do índio e fugir para o mato, em cuja espessura desapareceu. O herói desta luta selvagem foi dali transportado a braços para a Fazenda, onde chegou quase morto; mas depois de longo tratamento, conseguiu salvar-se.

Agora, podemos todos compreender quais foram as providências adotadas para poupar-nos o desgosto de ter de lamentar algum desastre nas caçadas do Sr. Roosevelt. Feitos todos os aprestos, na madrugada de **19** de dezembro saímos para o campo.

A turma compunha-se do Chefe americano, do seu filho Kermit, de mim e de dois azagaieiros; não convinha que ela fosse mais numerosa, porque os grupos grandes só servem para espantar as caças. Levávamos é bem de ver, uma boa matilha, dos melhores onceiros que eu conhecia em Mato Grosso e que reuni expressamente para esse fim, fazendo-os vir de lugares distantes.

[...] No entanto, não conseguimos encontrar nesse dia mais do que um tamanduá, do sexo feminino, que foi abatido pelo Sr. Kermit. (RONDON)

20.12.1913

Rondon

Para evitar outras caminhadas improfícuas, mandei no dia seguinte um dos azagaieiros, denominado Miguel Henrique, correr os campos, a ver-se encontrava sinais recentes da presença de onças. O homem voltou com a notícia de haver descoberto rastros da noite precedente, reveladores da passagem de um casal daqueles felinos para um Capão de mato, onde eles tinham o seu refúgio. (RONDON)

21.12.1913

Rondon

Para esse lugar partimos na madrugada e **21** e, pouco depois das 06h00, descobríamos a primeira onça, um belo espécime da nossa temível canguçu, que foi abatida por uma bala certeira da Springfield do Sr. Roosevelt. (RONDON)

22.12.1913

Rondon

No dia imediato tomamos rumo do Taquari Velho e descobrimos a segunda onça, que foi morta pelo Sr. Kermit, a tiro de Winchester. (RONDON)

23.12.1913

Magalhães

A **23**, pelas 11h15, partiu a carreta conduzindo as bagagens e às 14h45 partiu a comitiva da Expedição através dos campos alagados, de regresso ao porto do Riozinho [braço do Rio Taquari] onde reembarcou todo pessoal no paquete "*Nyoac*", que aí aguardava essa chegada. (MAGALHÃES, 1916)

24.12.1913

Pereira Cunha

Às 07h00, deixávamos o Porto do Riozinho, águas abaixo, entrando às 08h20 no Rio Paraguai e por ele subindo em busca de Corumbá. Estávamos na véspera do Natal, esse dia que a humanidade inteira, com ou sem ideia de religião, dedica ao aconchego do lar, às doçuras da família e principalmente às crianças; e nós, todos nós ali reunidos, distantes dos lares e das famílias, tínhamos, insensível, involuntariamente, pensamentos que voltejavam em torno disso.

Ao almoço, Roosevelt, que desde o primeiro dia tinha-me sempre como seu vizinho, encaminhou a conversa para a religião; eu discorri larga e francamente sobre o que penso a respeito: a grande vantagem da sua ação sobre as massas, o apoio para os crentes, o consolo para os que sofrem, e a dificuldade que sentia na adoção de qualquer delas, embora me sentisse perfeitamente equilibrado, pautando meus atos por uma sã moral, fruto principal de qualquer religião bem formada.

Estendi-me ainda sobre o difícil problema de encaminhar os filhos na religião, a escolha que fizera para os meus depois de muito refletir e, após todo o meu discurso, algumas vezes interrompido para discussão de um ou outro ponto, ficamos de pleno acordo, como em geral sucedia com as nossas constantes palestras.

Eu ia terminar nesse dia a minha excursão e deixar, com pesar, tão agradável companhia, mas Roosevelt insistia para que eu continuasse e, de acordo com o Coronel Rondon, tudo ficou arranjado de modo que fosse satisfeita a sua vontade, que bem se casava com a minha.

Realmente, durante os poucos dias dessa primeira parte da excursão, as nossas relações eram cada vez mais estreitas e amistosas, e dir-se-ia que, a cada sessão de prosa, que correspondia, em geral, a cada refeição, mais intenso tornava-se esse sentimento recíproco. Aliás, pouco após a apresentação em que, como sempre, não se trocam mais que palavras banais, a primeira vez que tive ocasião de conversar com o Ex-presidente dos Estados Unidos, na manhã em que partíramos de Corumbá, fácil foi sentir através da sua conversa, do seu olhar, da sua expressão, o homem forte, enérgico, pronto e inteligente.

A inteligência de Roosevelt não é dessas que se percam em especulações filosóficas vazias, sonhos quiméricos de cérebros inúteis que se divertem em tecer palavras em torno de hipóteses, não, Roosevelt, como ele próprio diz, não vê importância alguma nas palavras, uma vez que elas não representam ações ou fatos; ama e defende a liberdade, mas não faz dessa "*palavra*" um ídolo intangível, pois que, para que todos gozem com ordem dessa mesma liberdade, é preciso regularizá-la e não consentir que cada um tome a porção que lhe aprouver; esse é que é o fato real e é isso que tem importância e cunho prático; a palavra liberdade em si nada vale, e utilizá-la sem peias é querer a anarquia.

Roosevelt é o tipo do forte, de energia sã e ação pronta, e a prova era a viagem que ia empreender através do Brasil: descer um Rio desconhecido, e isso com 55 anos de idade. Mas, como ficou dito, e sem acrescentar mais elogios ao meu novo e distinto amigo, uma vez decidido que prolongaria a minha excursão, foi preciso tratar de pôr em ordem o que me pertencia, ver o que era mister adicionar para a nova empresa e preparar-me para saltar no Ladário, onde necessitaria tomar e ordenar providências.

Às 14h00, passamos pela foz do Paraguai Mirim, Braço que liga ao Rio S. Lourenço e célebre na retomada de Corumbá pelo General José Maria Coelho, que por aí desceu de Cuiabá, para retomar Corumbá com tropas por ele organizadas; e, enfim, às 16h00, tomava eu o escaler do meu navio, deixando o "*Nyoac*" seguir para Corumbá. Se o prazer da agradável companhia e o gênero de esporte já constituíam para mim encantos dos quais um bastaria para arrastar-me, calcule-se como não seria intensa a minha alegria, ao juntar-se ainda o ignorado do rumo da excursão que íamos empreender.

Correndo o mais que me era dado, só às 19h00 estava pronto e embarcava na lancha do meu navio, o "*Oyapock*", para apanhar o "*Nyoac*", em Corumbá, quatro milhas de Rio acima. Com ânsia, esperei que o motor da lancha quisesse acabar com um desses caprichos que os motores de explosão reservam para desesperar e muitas vezes matar os homens, se deles depende, como nos aeroplanos, a vida dos mortais; o motor em movimento e embarcado que fui, mal nos tínhamos afastado poucas dezenas de metros do costado do navio; e eis de novo o recalcitrante motor parado, em plena correntada do Rio Paraguai... Oh raiva indizível! Oh desespero! Oh destino cruel e maldito! Já se havia esgotado uma hora de trabalho incessante e inútil e de irritação improfícua; a lancha descia plácida e serena pela tranquila correnteza do Rio, enquanto o "*Nyoac*" ficava cada vez mais distante e suspenderia ferro, às 22h00! Amargurados momentos! Quando passamos a contrabordo pelo meu navio, eu pedi socorro, mas, àquela hora, só estava arriado um pesado bote a dois remos, e foi ele o enviado em nosso auxílio; mas, se a esse bote já era difícil fazer vencer a correnteza, calcula-se o que seria a dar reboque à nossa lancha, aliás bem pequena.

Avançávamos aos centímetros e com esforços incríveis; o tempo corria vertiginoso, e a esperança de apanhar o "*Nyoac*" fugia com a mesma velocidade. Quase às 21h30, conseguimos atingir o monitor "*Pernambuco*" e, aí conseguindo uma outra lancha, no seu motor, também à explosão, embarquei todas as minhas esperanças. Os quarenta minutos de subida do Rio foram, como sempre sucede em circunstâncias análogas, de uma lentidão esmagadora; as luzes dos vapores fundeados em Corumbá não permitiam que eu distinguisse o "*Nyoac*" dentre eles e, assim, só ao termo da atribulada viagem, ou antes, a uns 50 m do navio, consegui verificar que o "*Nyoac*" ainda não tivera deixado o porto; mas era bem tempo. Faltavam cinco minutos para as 22h00, e essa tinha sido a hora fixada para termo da minha espera. O alívio que senti ao saltar a bordo e a satisfação demonstrada por Theodore Roosevelt, ao abraçar-me, fizeram dissipar o mau humor que havia bem explodido contra os motores de explosão, que tantos e tão bons serviços nos prestam... quando funcionam bem.

Às 22h00, deixamos o porto, águas acima; o Paraguai dá aí 3 compridas voltas das quais se avista, por longo tempo, Corumbá, cujo efeito é realmente belo com a sua profusa e intensa iluminação elétrica, cintilante na elevação em que é construída, debruçada sobre o Rio, pitoresca e garbosa como é difícil imaginar a quem nunca tenha visto essa longínqua cidade.

Por detrás dela, ao longe, recortando o céu límpido, avista-se a massa negra da serra do Urucum, que encerra as ricas minas de manganês, a serra de S. Domingos e a de Piraputanga; e, enquanto de um lado tem-se esse espetáculo, do lado esquerdo, apertando o Rio, em que navegávamos, o pantanal imenso, sombrio e triste na escuridão da noite, estende-se sem fim. (CUNHA)

25.12.1913

Pereira da Cunha

O dia seguinte, Natal, foi todo de navegação no Rio Paraguai; a monotonia das margens baixas, alagadiças, despovoadas e tristes, aumentava as tristezas do Natal fora de casa, mas, a conversa animada e o bom humor de alguns souberam vencer ou abafar a melancolia dos outros. À tardinha, para o jantar, o "*salão*" do "*Nyoac*" estava enfeitado com palmeiras e flores agrestes, e assim, não faltou a esse dia a pompa que era possível dar-lhe naquelas condições.

A "*sala de refeições*" desse nosso vaporzinho, bastante ampla para que sejam armadas as redes, quando funciona como dormitório, fica a dois palmos d'água, e finos varões de ferro, largamente espaçados, cercam-no sem nenhum outro anteparo; duas grandes lâmpadas a petróleo, penduradas ao centro, intervaladas no sentido de popa à proa, iluminam essa peça ao rés do chão, perdão, ao rés d'água, cuja ausência de anteparos tanto a refresca quanto permite a franca e livre entrada dos mosquitos, mutucas, mariposas, cascudos e toda a espécie de insetos que os pantanais de Mato Grosso têm por bilhões de bilhões, e que, salamandras aladas, ardem pela luz. Ora, a Roosevelt, sempre meu vizinho à mesa, foi designado um lugar bastante próximo a um desses lampiões, embora mais próximo ainda, bem em frente, tivesse então de ficar este seu modesto vizinho; a cortesia fica bem mesmo quando nos possa trazer algum proveito, e foi assim que não tive dúvidas em aconselhar Roosevelt a tomar outro lugar mais distante do fascinador de insetos. O meu vizinho da esquerda não deve ter ficado muito contente com o conselho que a minha cortesia e boa precisão fizeram o nosso hóspede aceitar, pois que, daí em diante, a ele coube a "*melhor*" porção dos im-

portunos insetos. Roosevelt e eu ficamos um pouco menos atormentados durante o jantar, mas, em compensação, de quando em vez, olhava para o prejudicado vizinho e para o lampião, e exclamava: "*le rusé commandant...*" ([138])

Apesar dos turbilhões de insetos que esvoaçavam em torno dos lampiões, certa noite encontrei o nosso ilustre hóspede, sob uma dessas lâmpadas, muito vermelho, suando por quantos poros tinha, envolvido por uma nuvem de insetos que, sem conta da fidalguia da hospedagem, irreverentemente caiam sobre a cabeça, pescoço, mãos e papéis em que escrevia Roosevelt. Este limitava-se a soprar continuamente o papel em que corria o seu lápis-tinta e, se não fora essa necessidade de desobstrução a sopro, dir-se-ia que aquela avalanche que o envolvia e atormentava não lhe causava o menor transtorno. Ao vê-lo trabalhando assim, não me foi possível deixar de perguntar como podia ele escrever daquela forma; e Roosevelt, interrompendo um momento o seu trabalho, disse-me: "*meu amigo eu tenho um contrato; devo dar tantos artigos até tal época, e é preciso cumprir*". E, como se estivesse escrevendo em sua secretária de Sagamore Hill, continuou, imperturbável, rubro, suando e soprando, a escrever o seu artigo. Roosevelt escreve sempre a lápis-tinta e, intercalando dois "*carbonos*" entre as folhas do bloco de papel, tem sempre duas cópias, além do original; este ele conserva, remete uma das cópias [do primeiro ponto em que isso é possível], guarda a segunda e remete-a de outro lugar. Com tal sistema, diz ele, um, ao menos, há de salvar-se. Mas, ainda que não tenha artigos para escrever, ou mesmo que os tenha, Roosevelt trabalha sempre porque, enquanto viaja, escreve o livro que tem de publicar, e de modo tal que terminada a viagem está terminado o livro. [...]

---

[138] "*Le rusé commandant*": O comandante astuto.

RIO DE JANEIRO

BY THEODORE ROOSEVELT

THE THIRD OF A SERIES OF ARTICLES ON SOUTH AMERICA

WE entered the harbor of Rio at sunrise. There is little use in making comparisons between one place and another, if only for the reason that what we call beauty is composed of a thousand elements, each of which appeals with varying force to the several onlookers. Yet it is hard for me to believe that there is anywhere in the world as beautiful a situation as that of the city of Rio de Janeiro. The great landlocked bay is surrounded near and far by mountains whose outlines are both very lovely and very bold. There are islands, there are promontories, there is a rich tropical vegetation. By far the most conspicuous among the trees are the towering royal palms, which are equally striking near by

they make a European tour—just as it is much to be wished that dwellers on the Eastern coast would, wherever possible, take some trip at least as far west as the Pacific before they cross the Atlantic Ocean. Fortunately the tide of travel has now turned. We are on the eve of seeing full recognition by our people of the varied interest that inheres in a trip to the lands south of us, and of the prime business need of establishing closer commercial relations with these lands.

The major part of South America has witnessed an extraordinary growth, both industrial and political, during the last dozen years. Brazil is one of the countries in which this growth has been particularly evident. Provided only that there is reasonable politi-

everywhere evident. One of the places in which they are most conspicuous is Rio de Janeiro itself.

In all its essentials the city is now merely an unusually good example of one of the world's great capitals. The management of traffic by the police, the work of the street-cleaning department, the electric lighting, the excellent asphalted pavements, the trolley lines, the handsome buildings, public and private—all these things and hundreds of others could be instanced as showing that Rio de Janeiro is as progressive as any one of our great cities in the United States. In some points she is distinctly ahead of us—in the Municipal Theater, for instance, and in much that has been done for beautifying the city. Many of the streets are lined by double rows of the stately royal palms, making the finest of all imaginable colonnades. The long drive along the brave bay front is something quite unique. There are difficult problems and unpleasant problems in Rio, of course,

poor people who live on the hillside above in the little shanties built by themselves on land loaned them almost rent free for the purpose by a religious order. In other places we saw excellent houses which had been put up by the municipality itself for workingmen. In other instances it was the workingmen's organizations which had put up these houses for their own members. In yet other cases, perhaps the most numerous of all, it was the factory owners themselves who had built the houses in order that their operatives might be well lodged.

I spoke above of the automobiles and trolleys. Not the most advanced city of the Western United States is better supplied with both. The street cars, by the way, were originally started here by an American. It was long before the days of the trolley, and the first cars were drawn by mules. He raised the money to start the line by an issue of bonds, and for some reason this issue of bonds became indelibly associated in the

Entre as muitas e realmente admiráveis excursões que o viajante devia fazer no Rio, uma das mais relevantes e valiosas está à porta da cidade. De um lado da entrada do porto se acha uma rocha gigantesca de frmas abruptas, chamada PÃO DE AÇÚCAR, pelo seu feitio. Um cabo aéreo foi instalado ali em oito meses, indo até o cume do PÃO DE AÇÚCAR, passando por cima de outro morro, mais baixo, porém, também abrupto, denominado URCA. Não foi fácil o problema de instalar o cabo aéreo em tal lugar, sendo feito por brasileiros ativos e enérgicos, sem nenhuma ajuda de fora, qualquer que seja. Mais uma prova do modo por que o Brasil de hoje está acordando. É um trabalho de que todos os americanos ficariam orgulhosos de ver executados por seus patrícios em qualquer parte dos Estados Unidos. Do cume do PÃO DE AÇÚCAR uma vista admirável se destaca pelo oceano e a imensa e bela baía. Não há outra cidade do mundo onde se possa obter uma vista igual, especialmente ao pôr do sol; tanto admirável na escuridão, com a iluminação da cidade, quanto de dia, com o sol ardente. [...]

Em suma, constatei que o Rio não precisa temer ser comparado com qualquer capital moderna, de Nova York a Berlim. Eu nunca havia constatado, e duvido que muitas pessoas tenham percebido o extraordinário, o desconcertante progresso alcançado pelo Rio de Janeiro – e pelo Brasil – nestes últimos anos. Um avanço, em grande parte devido à criação da República, um fato digno de chamar a atenção de pessimistas em relação ao governo popular.

was to visit the Bacteriological Institute, a few miles outside of Rio. Its head is a Brazilian, Dr. Cruzes, a man of the class of Pasteur and Gorgas, who in Brazil has headed the fight against those obscure insects and plants and those baleful microscopic organisms which are responsible for the most terrible diseases against which humanity, and especially humanity in the tropics, has to contend. The laboratory was admirable in its equipment, and even more admirable in the manifest spirit and intelligence of its men. Many scores of dread diseases, from cholera and the bubonic plague to yellow fever and malaria, are here studied with the utmost patience and success, and in many cases remedies are finally devised. The part that is being played by Brazil in the great warfare of applied science against the most dangerous foes of man is not generally appreciated abroad, and of itself entitles Brazil to stand abreast of the foremost civilized nations. There was one touch in connection with Dr. Cruzes which so pleased me that I cannot forbear repeating it. Everything about the building in which Dr. Cruzes and his

Rio should take, one of the most remarkable and best worth taking is at the city's very doors. On one side of the entrance to the harbor is a giant rock, a sheer-sided hill called the Sugar Loaf from its shape. An aerial trolley has been arranged during the last eight months to the top of this Sugar Loaf, passing over the top of another hill lower but equally precipitous. It was no small feat to establish this trolley in such a place, and it was done by active, energetic Brazilians, with no outside help of any kind—a further proof of the way in which the Brazil of to-day has awakened. It is the kind of thing that any American would be proud to see performed by his fellow-citizens in any part of the United States. From the top of the Sugar Loaf there is a wonderful view over the ocean and the mighty and beautiful bay. In no other city can such a view be obtained, especially at sunset; and it is as beautiful after dark, when the lights of the city shine, as during daylight.

One day we visited Tijuca Mountain, about an hour's automobile ride from the city. Like most of the mountains surrounding Rio

simple and dignified. The pretty girls with their pretty dresses made a striking spectacle under and among the beautiful trees.

There was one touch at the gardens that illustrates an element of the Brazilian character which it would be well for us more often to imitate. The royal palms are not Brazilian trees, but were brought here over a hundred years ago from the West Indies. The first palm which was then planted, the mother palm, is still erect, and not only does a tablet in front of it commemorate its origin, but opposite it is the statue of the King under whom it was brought hither. The Republic shows both self-confidence and magnanimity by the unhesitating manner in which it commemorates any deed done or service rendered by one of the Emperors. Not only has Dom Pedro's name been kept to designate streets and buildings, but a statue has been erected to him under the auspices of the present President. This is not only a remarkable contrast to what has been done in the French Republic, but to what has at least occasionally been done by ourselves. When Brazil was made a republic, there was no effort whatever to sever the continuity of relations

repair, for its age has merely given it beauty. This aqueduct is open, and a clear stream of water runs along it, delicious and healthy to drink, as the water of Rio invariably is. The path follows the winding buttresses of the mountain slope, bowered in the wonderful luxuriance of the tropical forest. For the most part one walks under a shaded archway, but here and there there are breaks from which one can see far over the ocean and up and down the mountain-side through the teeming luxuriance of the virgin forest. I have never seen, and I have never heard of, so beautiful a walk so close to a great city. There is nothing more beautiful in the most beautiful parts of Italy; and in Italy there is too apt to be some revolting lack of cleanliness to mar even what is most beautiful, whereas around Rio the cleanliness and wholesomeness surpass that of even our northern cities.

One day we went to Petropolis, a town founded by Dom Pedro, high among the mountains some thirty miles from Rio. These mountains are very bold and sheer in outline, with immense cliffs, and are densely covered by the wonderful tropical

Imagem 57 – The Outlook, december 20, 1913

O nosso hóspede mostrava-se seguro do nosso rápido progresso, e, assim, asseverava ter certeza de que, dentro de cinquenta anos, às margens do Paraguai estariam como estão hoje as do Mississipi; dizia que estava farto de ouvir dizer que não havia energias sob os trópicos.

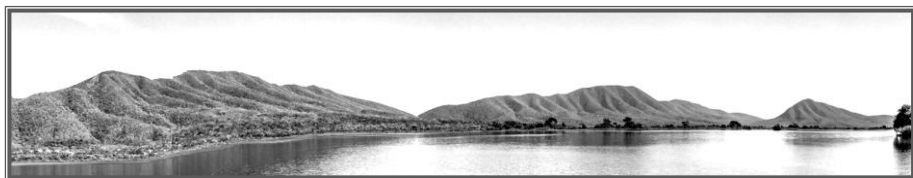
No entanto, tinha encontrado a cidade do Rio de Janeiro, que sabia reformada em curtíssimo prazo, e que era mais bem Iluminada, mais limpa, mais bem calçada e melhor policiada do que Nova York, Paris, Londres, Chicago, ou Berlim, só excetuando esta última quanto ao policiamento; que vira a Avenida Beira-Mar, feita pela mão do homem, e que desafia qualquer outro passeio no mundo; que vira o Instituto Oswaldo Cruz e o colossal resultado da campanha contra o mosquito.

Visitara ainda o Instituto Butantã, onde se entusiasmara diante dos trabalhos e resultados obtidos pelo Dr. Vital Brasil sobre o soro antiofídico, e diante o bem cuidado aparelhamento daquele Instituto, único no mundo, apesar da grande Inglaterra possuir as Índias e aí ser a cobra um verdadeiro flagelo; que vira, finalmente, além de outras coisas, o caminho aéreo do Pão de Açúcar, concebido por brasileiros, construído por operários e engenheiros brasileiros, com capital brasileiro, e que, se fosse em S. Francisco da Califórnia, todo o mundo diria: "*veja o gênio, a audácia dos americanos!*"

Como suspeitasse poder pairar dúvidas em nossos espíritos sobre a sinceridade do que dizia, Roosevelt, cuja sagacidade é extraordinária, acrescentou: "*e isso que lhes estou dizendo não é para ser agradável; já escrevi*".

E, de fato, no número da revista americana "*The Outlook*", publicada a 20 de dezembro desse ano, os maiores elogios são feitos à nossa capital. (CUNHA)

Boca do Cuiabá – Fz S. João

Rondon, esta alma forte que se interna pelo Sertão, na sublime missão de assistir o selvagem, é uma das personalidades brasileiras que mais me impressionam. Rondon dá-me a impressão de uma figura do Evangelho. (Louis Charles Athanaïse Cécile Cerveaux Prospe)

14.08.2017: Ontem, à tarde, uma paisagem magnífica me encantou, desde o Ocidente – a Serra do Amolar. Quando finalmente acampamos na Boca do Cuiabá (17°54’1,83” S / 57°27’39,75” O), fiquei admirando extasiado aquele monumento criado pelo Grande Arquiteto do Universo e cinzelado com esmero invulgar pelas forças da natureza durante milênios.

O Escrínio
(Manoel de Barros)

Estamos por cima de uma pedra branca enorme que o Rio Paraguai, lá embaixo, borda e lambe Já posso ver na semiescuridão os canoeiros que voltam da pescaria.

A Serra do Amolar marca limite Ocidental da planície pantaneira e delineia caprichosamente o contorno sinuoso no Rio Paraguai. A Serra, qual maestro monumental, rege cada Rio da planura infinita que se rende ao compasso de suas escarpas e, com análogo esmero, determina a conformação das Lagoas e Baías. A Serra, com quase 80 km de extensão, imergindo deste extraordinário Oceano Fluvial, tem uma biodiversidade ímpar graças a elevações que chegam a ultrapassar os 1.000 m de altitude, abrigando biomas diversos.

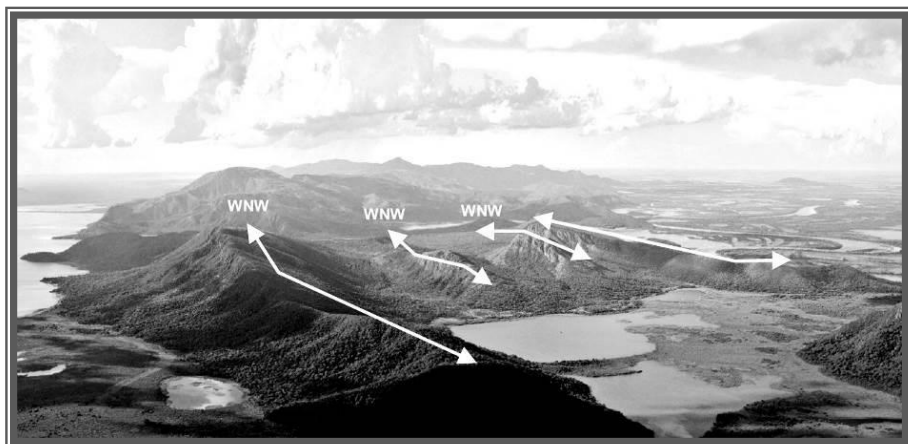



Imagem 58 – Serra do Amolar, MS (Haroldo Palo Jr.)

Hoje, ao acordar antes do raiar do dia, subi ao convés superior para admirar aquela fantástica obra de arte natural que se metamorfoseava a cada instante pincelada pelos resplandecentes raios do Astro Rei que, inimigo das trevas, afugentava a escuridão tingindo aquele ciclópico maciço de variados matizes. A transformação processava-se lenta e preguiçosamente desde o cume até o sopé, como se o Criador quisesse nos apresentar primeiro o topo desafiador para depois nos mostrar as humildes e acessíveis faldas. Em momentos como este me aproximo do Grande Arquiteto e atinjo uma intensa e indescritível paz interior.

Por volta das 08h00, o Dr. Marc Meyers conduziu uma sessão de fotos dos Expedicionários, e, por volta da 09h00, subíamos o Rio Cuiabá, rumo à Fazenda São João. Seguíamos uma rota no sentido NE, deixando a Amolar à nossa popa. Avistamos um urubu jangadeando e devorando uma carcaça de jacaré e veio-me à mente um relato de Roosevelt, também subindo o mesmo Cuiabá: "*um jacaré morto flutuava Rio abaixo com um corvo a devorá-lo*".

Imagem 59 – Urubu jangadeiro (Timothy Radke)

Era impressionante a quantidade de jacarés e capivaras banhando-se ao Sol nas margens do Cuiabá e a avifauna era, agora, igualmente muito mais densa e variada. Aportamos para o pernoite no Porto Zé Viana (17°37’29,8” S / 56°58’03” O).

15.08.2017: Partimos do Porto Zé Viana, às 05h30, e aportamos no Porto Jofre ([139]) (17°21’56,9”S / 56°46’33”O), por volta das 16h00, do lado do Hotel Pantanal Norte, também conhecido como Hotel do Jamil (km 145 da Rodovia Transpantaneira). Com uma infraestrutura invejável o hotel recebe hóspedes de todo o planeta que desejam conhecer a diversidade da fauna e da flora do bioma mais preservado do Brasil.

---

[139] Porto Jofre não é sequer uma vila. Antes da Transpantaneira chegar até ali, era apenas a Fazenda São José, apenas um ponto de referência no caminho de terra que chegaria até Corumbá. Quis o acaso que a estrada terminasse ali, e o lugar entrou nos mapas meio sem querer com o nome de uma outra grande fazenda da região: a Jofre. E por ser um porto de barcos de pesca, um dos poucos pontos habitados na divisa dos dois Estados, o local passou a chamar-se Porto Jofre e a Fazenda São José foi transformada num Hotel Fazenda quase que exclusivamente para pescadores. (Portal Pantanal)

Imagem 60 – Hotel Pantanal Norte

Por estas felizes coincidências a Dona Benedita, esposa do proprietário do Hotel, Sr. Jamil Rodrigues da Costa, trabalhava no 9° BEC, em Cuiabá, MT, quando eu lá servi, como Tenente, nos idos de 1978/79.

Aproveitei a tarde para conhecer as instalações e admirar a fauna que perambula pelas cercanias do Hotel, onde recebem alimentação farta e fácil. Apesar de ter percorrido os mais diversos rincões desta Terra Brasilis aqui encontrei a maior concentração das belas araras azuis (Anodorhynchus hyacinthinus). As capivaras perambulam tranquilamente por um banhado que cerca a pousada, paralelo ao Rio, e que no período de estiagem é alimentado por uma bomba d'água que funciona ininterruptamente bombeando água do Cuiabá.

16.08.2017: Partimos na Fênix VI com destino à Fazenda São João (16°56'42,7" S / 56°37'57,5" O), depois de navegarmos por uns 12 km passamos pela Foz do Rio Itiquira e a 6,5 km adiante pela do Rio São Lourenço.

Reportemos algumas observações do Ex-presidente neste trecho:

> Periquitos e tangarás de cabeça vermelha animavam as árvores sobre nossas cabeças. Uma espécie de casa flutuante, primitiva, estava encostada ao barranco. Numa extremidade dela uma mulher fazia o almoço num pequeno fogão. A tripulação estava em terra. A embarcação era uma das que são verdadeiros armazéns e viajam acima e abaixo pelos Rios, carregadas com o de que mais precisam os habitantes da região, parando nos lugares onde havia fazendas. Eram as únicas casas de comércio que muitos habitantes do interior veem durante anos seguidos. Rodam com a corrente, Rio abaixo e Rio acima são levadas a varejão pelos tripulantes. Às vezes conseguem que algum vapor as reboque. A que encontramos tinha uma parte coberta de zinco; outras a têm cobertas de colmo ou de couro. O Rio ia serpeando pelo vasto pantanal, cortado de restingas e mato. Os dois naturalistas encontravam sempre alguma coisa interessante para contar, de sua experiência passada, sugerida por alguma ave ou animal que se nos deparava. Japins pretos e amarelos, com pequena crista, de duas espécies diferentes, eram vistos pelo Rio. Fazem ninhos em colônias e por elas passamos muitas vezes, ficando os compridos ninhos pendentes de galhos de árvores, diretamente sobre a água.
>
> Cherrie contou haver achado uma dessas colônias construída em torno a uma caixa de marimbondos de vários palmos de diâmetro. Os marimbondos são malignos e irritáveis, e poucos inimigos ousariam aventurar-se a se aproximar de um ninhal que estava sob tão formidável proteção; mas aqueles pássaros nada temiam e em óbvio que não corriam perigo de entrar em conflito com seus perigosos protetores. Vimos um escuro jaburu voando em frente à proa do vapor, emitindo seu canto grave de duas notas. Miller contou que no Orenoco aquelas íbis saqueiam os ninhos das tartarugas do grande Rio. São muito sagazes para achar o ponto em que a tartaruga põe os ovos e, desenterrando-os da areia, quebram as cascas e bebem o conteúdo. (ROOSEVELT)

Aportamos na Fazenda São João, às 11h20 onde tivemos o privilégio de conhecer o Sr. Luís Antônio Fellipe que nos acompanhou em um "*tour*" pela sede da fazenda onde hospedara-se Roosevelt e mostrou-nos o quarto em que teriam ficado Roosevelt e Rondon:

> Roosevelt alojara-se em terra, em um quarto da sala de visitas, e nós, com o nosso "*Nyoac*" atracado à barranca, ficamos alojados a bordo [...]. (CUNHA)

O Luís Antônio enviou-me, mais tarde, como prometera, uma cópia da obra "*Viagens e Caçadas em Mato Grosso: Três Semanas em Companhia de Th. Roosevelt*" de autoria do Comandante Heitor Xavier Pereira da Cunha. De volta ao Porto Jofre, fizemos uma parada para o almoço, por volta das 14h00, na Residência Pantaneira da Camargo Correia (17°03'24,64" S / 56°37'57,4" O). Retornamos ao Rio Cuiabá e por volta das 16h30 notamos uma intensa agitação e uma enorme concentração de voadeiras próximas à margem direita observando uma onça com seu filhote (17°15'26,8" S / 56°34'55,10" O). O Biólogo Rogério Cunha de Paula afirma que estão investigando o:

> uso cevas tanto no Pantanal de Cáceres como na região de Barão de Melgaço e Poconé para facilitar o avistamento de onças. Há alguns anos foram feitas denúncias quanto ao uso de iscas por um empresário estrangeiro que possui pousada na região de Porto Jofre, próximo ao Parque Estadual Estação das Águas. O site da pousada garantia o avistamento do felino e chegava a afirmar que devolveria o pagamento do turista caso não observasse a presença de uma onça. Até hoje não se conseguiu comprovar a denúncia, mas a prática de ceva é apontada por moradores e funcionários de pousadas.

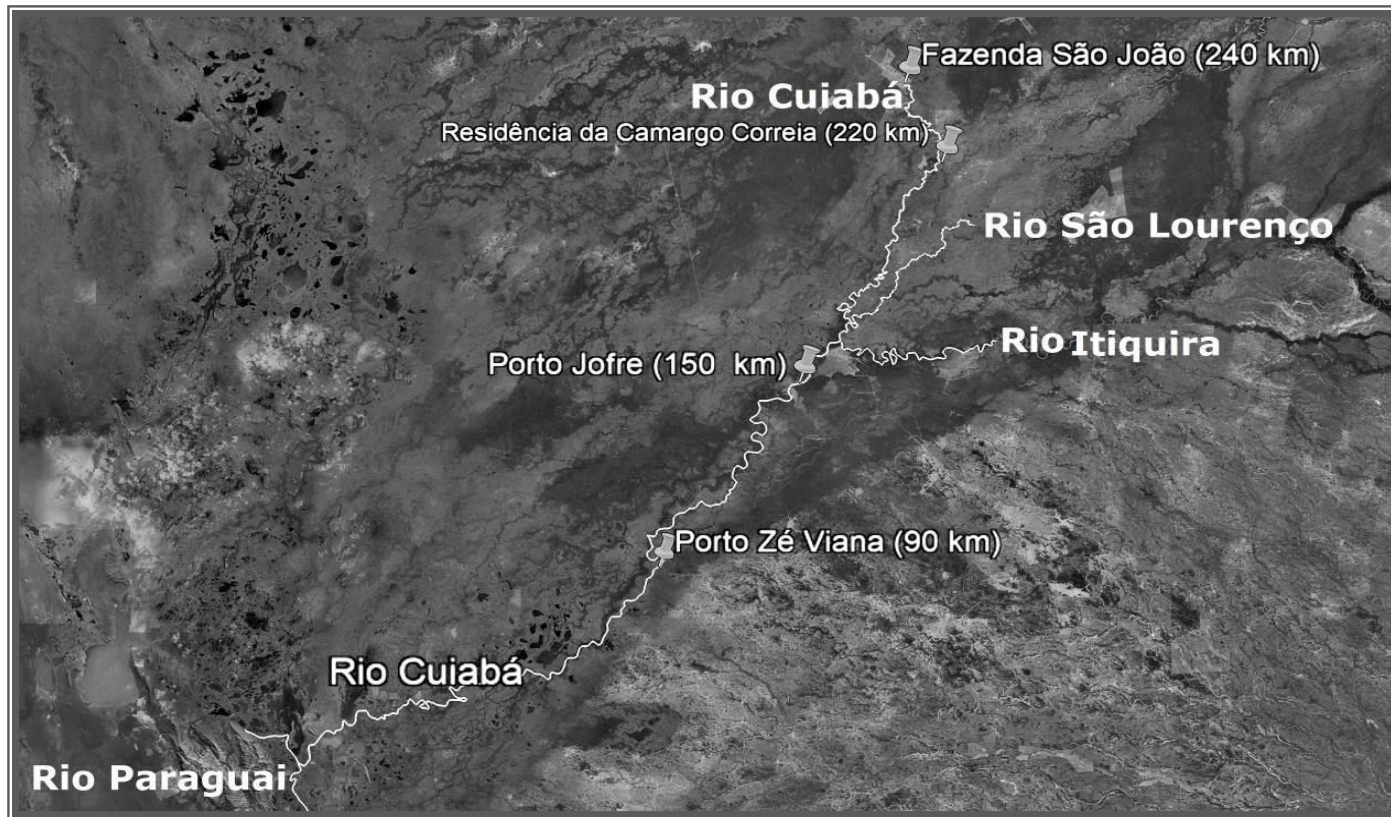



Imagem 61 – Portos Zé Viana, Jofre e Fazenda S. João

26.12.1913

Magalhães

No dia **26**, às 04h00, começamos a viajar em águas do Rio S. Lourenço e às 09h15 minutos encetamos a subida do Rio Cuiabá. (MAGALHÃES, 1916)

27.12.1913

Roosevelt

Paramos então em uma grande fazenda de criação para conseguir leite fresco e carne de vaca. Havia várias construções, ranchos e currais junto à margem do Rio, e 50 ou 60 vacas leiteiras estavam reunidas em um curral. (ROOSEVELT)

Pereira da Cunha

Parávamos em S. José Velho, uma pequena roça em meio daquelas extensões enormes e desabitadas, "*estação*" onde os navios se abastecem de lenha, e onde se encontra, às vezes, um pouco de leite, carne e uma ou outra galinha. (CUNHA)

Magalhães

Às 20h30, paramos defronte ao Aterradinho, pequena habitação à margem esquerda do Rio Cuiabá, onde aguardamos o tempo suficiente para que a chegada da Expedição à fazenda de S. João não se verificasse durante a noite. É muito interessante assinalar que o terreno, justificando perfeitamente o nome dado a esse lugar, é aí constituído por camadas de aterro, superpostas provavelmente pelos primitivos habitantes indígenas dessa zona.

Justificam as hipóteses: a exceção da qualidade e da posição das terras nesse ponto, como em outros semelhantemente constituídos e a descoberta de fragmentos de objetos da cerâmica elementar dos aborígines, fragmentos esses encontrados nas escavações locais. (MAGALHÃES, 1916)

28.12.1913

Rondon

Ao romper do dia **28**, continuamos a subir o Cuiabá; avistamos, à nossa esquerda, uma aldeia de índios Guatós, os "*eternos canoeiros*" de Couto de Magalhães ([140]) e, antes das 09h00, descobrimos o navio "*Mato Grosso*", acompanhado de uma lancha, embarcação em que vinham o Presidente do Estado e pessoas da sua comitiva, desejosos de antecipar os cumprimentos e finezas com que iam acolher o ilustre hóspede do Brasil. Ainda nesse dia os Srs. Roosevelt e Costa Marques, fizeram comigo, uma pequena excursão venatória ([141]). (RONDON)

Roosevelt

Na manhã de **28** chegamos à sede da grande fazenda de São João, do Sr. João da Costa Marques. Nosso anfitrião e seu filho mais novo João, que era Secretário da Agricultura do Estado, sua encantadora esposa, bem como o Presidente de Mato Grosso com vários outros cavalheiros e senhoras tinham descido o Rio para nos cumprimentar. Desceram um Rio, a várias centenas de quilômetros de distância. Como sempre, fomos tratados com generosa e cordialíssima amabilidade.

---

[140] José Vieira Couto de Magalhães. Região e Raças Selvagens do Brasil – Brasil – Rio de Janeiro – Tipografia de Pinheiro e Cia, 1874.

[141] Composição poética cujas personagens são caçadoras.

Alguns quilômetros abaixo da sede da Fazenda a comitiva foi ao nosso encontro em um vapor de roda na popa e uma lancha enfeitada com bandeiras.

A bela casa da fazenda ficava apenas poucos metros afastada da beira do Rio, numa clareira gramada, semeada das nobres árvores que são as palmeiras imperiais. Outras árvores, edifícios de toda espécie, jardins floridos, hortas, campos, currais e pátios de altos muros brancos, ficavam próximos à vivenda.

Um destacamento de polícia do Estado, com banda de música, achava-se formado em frente à casa, e dois mastros haviam sido erguidos, estando um deles já com a bandeira brasileira desfraldada. O pavilhão americano foi hasteado no outro, quando pisei em terra, e a banda tocou os hinos nacionais dos dois países. (ROOSEVELT)

Pereira da Cunha

Às 6 e tanto da manhã seguinte, **28**, deixamos o Aterradinho, e continuamos a subir o Rio com destino à Fazenda de S. João, a cerca de duas horas de, caminho; antes, porém, de a termos atingido, encontramos o vaporzinho "*Mato Grosso*", no qual vinham ao nosso encontro, o Presidente do Estado, comitiva e convidados, mas todos em trajes simples, como convinha, o que muito agradou a Roosevelt, que, perspicaz como é, logo lançou os maliciosos olhos para mim, repetindo: "*le rusé commandant...*"

Comboiados pelo "*Mato Grosso*", chegamos, pouco depois das 8 da manhã, ao barranco da bela fazenda, onde, antes já saltara o Presidente do Estado, que veio a bordo dar as boas-vindas ao visitante ilustre. Logo saltamos todos e, ao pormos pé em terra e ao ser içada a nossa bandeira em um dos mastros para isso preparados, uma banda de

música entoou o hino nacional; todos a isso assistimos parados, de chapéu na mão ou em continência, e, uma vez a cerimônia terminada, dispúnhamo-nos a caminhar quando em outro mastro, sobe a estrelada bandeira "*Yankee*" ao som de uma música desconhecida para os meus ouvidos; fizemos todos o que já havíamos feito para com a nossa bandeira, mas ao terminar a nova cerimônia e ao encaminharmo-nos até a casa da fazenda, perguntei a um dos da comitiva, que música era aquela e se por acaso seria o hino do Estado de Mato Grosso!

O homem olhou-me espantado e respondeu: "*não, Senhor, é o hino norte-americano, e foi coisa que obtivemos com grandes dificuldades; graças a um disco de gramofone é que nos foi possível fazê-lo hoje executar, mas foi uma trabalheira enorme para escrever as partes organizar, enfim, este conjunto*".

Tive dó do homem no qual, pelo carinho com que falava daquele "*tour de force*", se descobria o autor; mas, eu, que conhecia tão bem o belo e imponente hino americano, não podia deixar persistir aquele engano, e, contando antes, como consolo, a história verídica de um nosso navio de guerra que, em um porto do Japão, executou uma música qualquer, com todas as continências e salvas da pragmática na suposição de que fosse o hino japonês, desfiz o engano do pobre homem, cuja explicação tão interessante quanto a "*gafe*".

Naturalmente, o disco do gramofone tinha, indicando uma música ou canção americana – "*american song*" – os homens traduziram a coisa como – Hino americano – e, com entusiasmo e segurança, aplicaram-no ao içar da bandeira... E eu sempre queria saber o que teria pensado Roosevelt a respeito de tal extravagância.

Com o nosso hóspede em “*grand ténue*” ([142]), isto é, de paletó vestido, penetramos na boa e confortável casa da vasta Fazenda de S. João, pertencente ao Sr. João Epifânio da Costa Marques, fazenda com cerca de quarenta léguas quadradas de terras e 40.000 cabeças do gado vacum. (CUNHA)

29.12.1913

Rondon

Mas, no dia imediato, **29** de Dezembro, choveu tanto, que não foi possível tirar partido das caçadas, nem assistir ao rodeio em que deveriam figurar seis mil rezes, tocadas e reunidas por vaqueanos a cavalo. (RONDON)

[142] Grand tênue: grande estilo.

Imagem 62 – Capivaras no Rio Cuiabá

Imagem 63 – Sede da Fazenda São João

Imagem 64 – Quarto de Roosevelt na Fazenda São João

Imagem 65 – Onças no Rio Cuiabá

Fazenda S. João – Descalvados

O meu intuito não foi apenas o de dar uma demonstração de afeto ao General Rondon, de quem me honro de ser amigo. Quis chamar a atenção do grande público francês para a importância da sua obra, quer sob o ponto de vista brasileiro, quer sob o que diz respeita ao conhecimento científico do Universo. Ao mesmo tempo, transmiti à Sociedade Geográfica de França o relatório completo das diversas obras por ele publicadas, com documentos complementares que permitirão apreciar a extensão dos serviços que prestou à causa geral da Humanidade.
(General Maurice Gustave Gamelin)

17.08.2017: Partimos, às 05h30, de Porto Jofre, rumo à Foz do Rio Cuiabá. A viagem transcorreu sem grandes alterações a não ser um ligeiro encalhe em um banco de areia facilmente transposto pela tripulação. Acampamos na Boca do Cuiabá, por volta das 18h00, (17°52'27,5" S / 57°28'51" O) tendo como pano de fundo a majestosa Serra do Amolar.

Única pelo seu tamanho porque está no interior do continente e pela diversidade de domínios da natureza.
(Aziz Ab'Saber)

A Serra do Amolar, além de moldar o Rio Paraguai a seu bel prazer, bloqueia, sufoca a enorme massa líquida da "*planície inundável*" ([143]), dando origem às Baías do Burro e Infinita e a três colossais Lagoas Mandioré, Gaíva e Lagoa Uberaba.

---

[143] Aziz Nacib Ab'Saber em o "*O Pantanal Mato-Grossense e a Teoria dos Refúgios*".

É difícil descrever o que sentimos ao percorrer estes fluídos caminhos, este imenso mosaico aquático que se tinge, que se metamorfoseia a cada dia como se o Patrão Maior do Universo estivesse a ensinar jovens querubins a aperfeiçoar a arte da aquarela.

Pinçando uma das Facetas Aprazíveis do Pantanal
(Ramão Garcia)

O Pantanal é a própria poesia do grande Universo da perplexidade, onde o singular surge e o inalterável acontece.

É como se a garça cantasse a delirante sinfonia do bando.

Quando elas se aconchegam pantaneiramente e o pantaneiro se extasia diante do brilho da pintura especial do quadro de grandeza e todo enlevo com que a natureza presenteia o colibri, no delírio invulgar de sua estática posição junto às flores nos jardins.

É como se o cisne fizesse ouvi-lo na corte, empenhado com sua bela fêmea, no emoldurado postal no passeio do Lago.

No garboso desfile com a amada, um grande elo das próprias origens, numa demonstração viva e cristalina da nobreza.

A arrogância lhe dá ares incontestes de imperialismo.

Natural!

Inclinado mais nesse namoro para ver-se cortejado, do que tentar fazê-lo, esse rolar de amores, aguardando nessa postura real a linda jovem acompanhante a conquistá-lo.

É a nossa dedução da divina tela, no balé dos cisnes nas águas dos Lagos ou das garças no pantanal, ou ainda do colibri, na horizontal, beijando as flores, em instantes indescritíveis, que, pacificamente, é alto-relevo.

Como aprimorá-lo? Como aprimorá-lo?

Para mim e o pantaneiro, é a poesia, patente na nudez cristalina desses inadiáveis instantes, aos olhos da alma e das frases que se coadunam, pela fantasia natural da inspiração, retratando a sensibilidade e a harmonia na condução de uma aquarela, na pintura desse cenário, que a natureza nos deu e orquestração sinfônica que surge nesse inusitado estado, como que adorno primoroso para o quadro que tentamos pintar, ou, ainda, que seja a própria moldura.

Mas o quadro, tentamos proclamá-lo – mas o quadro, tentamos proclamá-lo.

Durante a viagem o Dr. Marc Meyers comentou que Esther de Viveiros, no livro "*Rondon Conta sua Vida*", afirmara que a Expedição, da Foz do Cuiabá, teria descido o Rio Paraguai até Corumbá e, depois, trocado de embarcação rumo à S. Luiz de Cáceres.

Como estava envolvido no planejamento para a "*Descida do Rio Acre*", em setembro, eu não tivera tempo de me preparar adequadamente para esta etapa da Expedição Centenária, consultando os relatos pretéritos dos participantes da Expedição Científica, e prometi ao amigo que me debruçaria sobre o problema tão logo concluísse minhas missões – o que só aconteceria no mês de novembro. Relata Esther de Viveiros:

> Atingimos no dia seguinte ([144]) a confluência do São Lourenço ([145]) com o Paraguai, retomando o rumo que fora abandonado pela visita às duas fazendas. [...] Um dia mais e chegávamos a Corumbá ([146]). Seguimos, então, em um dos pequenos vapores que faziam as linhas Corumbá-São Luís de Cáceres e Corumbá-Cuiabá. (VIVEIROS)

---

[144] Dia seguinte: 02.01.1914.
[145] São Lourenço: Cuiabá.
[146] ???

Os capítulos denominados "*Expedição Científica Roosevelt-Rondon – A, B e C*" do livro de Viveiros foram baseados, também, no original, em inglês, "*Through the Brazilian Wilderness*" de Theodore Roosevelt, que foi editado pela primeira vez em dezembro de 1914. Parece que o equivocado parágrafo em que a autora advoga que a Expedição Científica da Foz do Cuiabá retornou à Corumbá levou em conta apenas um parágrafo, fora de contexto, da obra de Roosevelt sem que a autora tivesse a preocupação de checar sua afirmação com o relato de outros expedicionários.

Vejamos o que dizem eles:

02.01.1914

Roosevelt

> No dia imediato descemos o São Lourenço até sua junção com o Paraguai e mais uma vez começamos a subir este último. [...]

Cinco parágrafos adiante, Roosevelt faz um comentário a respeito da dificuldades de se navegar neste trecho devido ao calado das embarcações:

> A confluência do S. Lourenço e do Paraguai fica a um dia de viagem acima de Corumbá, de onde parte um serviço regular com vapores de pequeno calado para Cuiabá, acima do primeiro entroncamento, e para São Luiz de Cáceres, acima da segunda bifurcação.
>
> Os vapores não têm grande força e a viagem para cada uma dessas pequenas cidades dura uma semana. Há outras ramificações navegáveis. Acima de Cuiabá e Cáceres, as lanchas prosseguem rio acima em vários dias de viagem, exceto durante os períodos de maior estiagem. (ROOSEVELT)

Não apenas Theodore Roosevelt, foi muito claro que a Expedição subiu o Paraguai, a partir da Foz do Cuiabá, mas, também, Rondon, Magalhães e o Comandante Pereira da Cunha:

> ***Rondon***
>
> Depois da trabalhosa e improfícua jornada de 1° de janeiro, descemos o S. Lourenço ([147]) e entramos de novo no Rio Paraguai tomando o rumo de S. Luiz de Cáceres, águas acima. (RONDON)
>
> ***Magalhães***
>
> Efetuadas estas ([148]), regressou o "*Nyoac*" a **02** de janeiro de 1914, descendo o Rio S. Lourenço ([149]) e passando a subir o Rio Paraguai, às 19h15, em demanda de S. Luís de Cáceres, aonde chegamos às 17h30 do dia 05 do mesmo mês. (MAGALHÃES, 1916)
>
> ***Cunha***
>
> Descemos com o "*Nyoac*" até um bom pouso, e, ao clarear do dia seguinte ([150]), começamos a descer o Rio, desta vez com intenção de retornarmos ao Rio Paraguai, pelo qual deveríamos subir ainda muito. Com duas horas de viagem encontramos o Cuiabá, em cuja Foz nos despedimos dos companheiros que, seguindo na lancha, deveriam voltar à Fazenda S. João; algum tempo depois, atracávamos em S. José Velho, donde, depois de alguma demora, largamos águas abaixo até que, depois de navegarmos todo o dia, entramos, às 19h00, no caudaloso Paraguai. (CUNHA)

---

[147] S. Lourenço: Cuiabá.
[148] Estas: estas caçadas.
[149] S. Lourenço: Cuiabá.
[150] Dia seguinte: 02.01.1914.

18 a 20.08.2017: A navegação diuturna foi um desafio para nossos três piloteiros que se revezavam na condução do "*Calypso*" por aquele intrincado dédalo fluvial. Infelizmente a navegação noturna privou-nos de poder admirar e documentar grande parte das paisagens únicas daquele colossal paraíso das águas e berço de uma das mais ricas faunas do planeta, tanto em variedade como em quantidade.

Na madrugada de 20.08.2017, passamos por Descalvados e, embarcados na "*Fênix VI*", O Dr. Marc, eu e os Coronéis Francisco e Angonese fomos visitar suas instalações. Ao percorrermos as instalações históricas sentimos uma compulsão quase incontrolável de adentrar nas históricas instalações, onde tinham pernoitado há cem anos o Ex-presidente Roosevelt e o então Coronel Rondon, mas não tínhamos autorização e isto caracterizaria invasão de propriedade privada.

Minha educação familiar não me permitiria tal atitude. A formação recebida na caserna apenas reforçava aquilo que aprendera de meus pais, como dizia o então Capitão Wantuil Ferreira de Camargo, comandante da 2ª Companhia do Curso Básico da Academia Militar das Agulhas Negras – "*Aqui não corrigimos Defeitos, apenas aprimoramos Virtudes*".

Aqueles que tiveram o privilégio de dar os primeiros passos no caminho da honra e do dever com seus progenitores sabem do que estou falando. Sou do tempo em que a palavra de um Homem valia mais do que qualquer documento oficial e que um compromisso assumido era honrado a qualquer custo. Devemos cumprir aquilo que determina o respeito ao nosso próximo em qualquer circunstância, principalmente quando não estamos sendo vigiados ou observados.

Só adentramos às Centenárias instalações depois que o caseiro Jéferson acordou e nos acompanhou na visita. Vamos dedicar o próximo capítulo somente aos Descalvados e por isso mesmo me abstenho de me alongar mais sobre o tema.

Relatos Pretéritos

03 a 04.01.1914

Rondon

Nesta época do ano, o pantanal, invadido pelas águas que se estendem a perder de vista, terras a dentro, coleando por entre os firmes coroados de verdura, apresenta-se como um lago imenso de superfície serena em que se espelham as belíssimas palmas dos carandás e dos acuris ([151]), de fuste esbelto lançado para o alto.

A vida de toda aquela dilatada região concentra-se nesses encantadores refúgios, emergidos do seio da portentosa inundação: na espessura dos seus arvoredos, vagueia o jaguar famulento ([152]), bramindo sob o aguilhão do desejo sexual, que o faz, mais do que nunca, temeroso, enquanto pelas ramadas, saltam os grotescos bugios ou pousam os negros bandos de biguás, em contraste com as garças de penas alvíssimas.

O romper do dia, tingindo o céu as terras e o longuíssimo lençol d'água de mil cores cambiantes, pondo nuns lugares sombras profundas e noutros claridades resplandecentes, debruando a brancura

[151] O Acuri (Scheelea phalerata) é uma palmeira da família Arecaceae também conhecido como Bacuri, Auacuri , Cabeçudo , Coqueiro-acuri , Guacuri e Ganguri.

[152] Famulento: esfomeado.

láctea de uma nuvem com a vermelhidão mordente de uma brasa, marchetando d'ouro as ondas esmeraldinas da folhagem, arrebata-nos a imaginação e atira-nos para fora do círculo em que vivemos fechados pelo jogo regular dos sentidos e da reflexão. O Sr. Roosevelt extasiava-se diante do maravilhoso espetáculo e declara-nos que nunca em sua vida experimentara emoção igual à que sentia vendo aqueles quadros da natureza da nossa Pátria. (RONDON)

Pereira da Cunha

03.01.1914: No dia seguinte soube que, durante a noite, havíamos parado no lugar denominado Acurizal, onde recebemos o Tenente Vieira de Mello, comandante do destacamento que acompanharia a Expedição, oficial que, além de trazer os cronômetros da Comissão, trouxera também uma carta para mim. Tratava-se, nada mais nada menos, do meu regresso ao Ladário, para assumir o comando da nossa Força Naval, regresso que deveria ser urgente e, se possível, feito na condução que era portadora da carta.

Ora, já tendo a lancha regressado à Corumbá, havia dois dias, e não havendo meio de transporte para mim, só me restava um recurso, continuar a viagem até S. Luiz de Cáceres, agora nosso ponto de destino. Assim fiz, e agora subindo o Rio entre suas margens chatas, baixas, ladeadas sempre de renques de "*aguapés*", tínhamos a impressão, quase de navegar em uma vereda ([153]) fluída através de uma baixa campina, pois, já tínhamos deixado por nosso bombordo, na margem direita, as montanhas que formam os fundos das grandes Baías de

[153] Vereda: trilha.

Mandioré ([154]) e de Guaíba, esta tão vasta talvez como a nossa Guanabara, e onde, ao longe, se avistava um dos marcos divisórios dos nossos limites com a Bolívia.

Pelas 15h00 ou 16h00, o nosso "*Nyoac*" atracou à barranca para limpar fogos; a temperatura desse dia, das mais altas que suportamos, era talvez de mais de 40 graus centígrados à sombra, e o Sol, causticante como fogo, elevava essa temperatura a muito mais de 60 graus! Como o navio atracasse, todos nós pensamos em aproveitar a ocasião para caçar; eu, porém, refletidamente considerando a ardência do Sol e a quase nenhuma probabilidade de êxito, deixei-me ficar a bordo, "*gozando do fresco*" que nos proporcionava o abrigo da coberta. Quase todos saltaram, e até mesmo o louro e vermelho comandante do navio, resolvendo nesse dia cultuar Santo Humberto ([155]), saltou com o Dr. Soledade.

Roosevelt, mal transpôs a prancha que se lançava para o barranco, desistiu e achou que mais valia seguir o bom exemplo do "*rusé commandant*". Cerca de cinco minutos depois, o robusto Dr. Soledade com a roupa encharcada de suor, e o Comandante do navio transformado em lagosta cozida, regressaram exaustos e abatidos pelo Sol realmente insuportável. Todos regressaram, enfim, salvo Kermit que, ao que parecia, não sofria as influências da canícula. Já ali estávamos, havia mais de uma hora, e, como estivessem limpos os fogos, e Kermit não aparecesse, fizemos apitar o navio para prevenir de que estávamos prontos.

---

[154] Mandioré: lagoa de 25 km de comprimento por 10,5 km de largura com uma área de 152 km² dos quais 90 pertencem à Bolívia (município de Puerto Quijarro) e 62 ao Brasil (município de Corumbá).
[155] Santo Humberto: patrono dos caçadores.

O nosso sinal foi compreendido, e não tardou que víssemos aparecer no barranco o infatigável companheiro, tal como se tivesse saído de um banho, tão encharcadas de suor estavam as suas roupas. Quando Kermit apareceu nós estávamos sentados à mesa do lanche, e qual não foi a nossa surpresa vendo que, desprezando a prancha, o nosso Kermit atirou-se ao Rio para galgar o navio. Vencendo a distância, aliás curta, que nos separava de terra, o nosso bom companheiro, agora encharcado d'água, sentou-se fleumaticamente à mesa, fez lanche em nossa companhia, e só depois disso foi mudar a roupa. A viagem, nesse trecho de Rio, talvez se tornasse monótona se não fosse a agradável palestra dos bons companheiros, tranquila, porém, não poderia ela ser, porque, como se não bastassem os mosquitos, bandos de mutucas [enormes moscas ouro-negras de ferrão acerado ([156])] perseguiram-nos terríveis e importunos, sem nos dar um instante de sossego, e já era com impaciência e ânsia que esperávamos a hora dos mosquitos, isto é, a noite, único remédio contra as terríveis mutucas. Os fotógrafos não tinham agora muito que fazer, ainda assim, e talvez por isso, conseguiram uma fotografia original. Roosevelt não se conformava com a dormida em rede, e nem mesmo dela se utilizava para repousar ou ler durante o dia, mas, lá uma vez, ou por não ter à mão uma cadeira, ou porque quisesse ensaiar, deitou-se a ler, e foi quanto bastou para ser apanhado pelas objetivas. Outra vez, estando o Ex-presidente dos Estados Unidos, de agulha em punho, a remendar as calças, corri para a minha "*Goerz*" ([157]), mas não fui bastante feliz para ter essa interessante prova fotográfica das habilidades do notável estadista.

---

[156] Acerado: aguçado.

[157] A C. P. Goerz, fundada em 1886, por Carl Paul Goerz, produzia instrumentos matemáticos, e a partir de 1887, câmeras fotográficas.

Durante as refeições as nossas palestras continuavam sempre e, certa ocasião, dizendo o nosso hóspede que não dava importância alguma à questão de tarifas, que tanta celeuma sempre levantava, objetei-lhe que, de fato, isso visava os interesses internacionais, o meu interlocutor, porém, que havia julgado a questão sob um ponto de vista mais geral, respondeu-me com esta pergunta:

> "*acredita que a Inglaterra livre cambista, e a Alemanha protecionista, teriam deixado de atingir o ponto em que estão, se tivessem trocado os sistemas!*".

E, continuando no seu ponto de vista, Roosevelt acrescentou:

> "*há uma série de questões teoricamente muito importantes, que apaixonam as massas e até os dirigentes, que são mesmo, às vezes, causa de lutas desastradas, e que, na prática, não têm a menor importância, isto é, que a adoção do método preconizado por um ou por outro é de resultado perfeitamente idêntico. O direito de voto às mulheres, por exemplo, é uma questão que tem sido muito debatida em toda a parte, pois bem, nos Estados Unidos, nós temos Estados em que as mulheres têm os mesmos direitos políticos do que o homem, ao passo que, em outros Estados, esses direitos não são a elas extensivos. Ora, não pode haver um melhor campo de observação do que esse, oferecido dentro de um mesmo país, de uma mesma raça e sob a influência, portanto, dos mesmos hábitos e costumes. Pois bem: quer num, quer noutro caso, as mulheres que sabem ter e manter um lar e o fazem igualmente com qualquer dos dois sistemas, ao passo que as transviadas da missão de mães de família, que não sabem e não querem ser procriadoras e educadoras de seus filhos, também não mudam de propósito, quer tenham, quer não tenham os direitos políticos, do homem*". "*Um dos problemas mais sérios que eu vejo*", dizia Roosevelt, "*é o do capital; e uma das coisas que eu mais admiro em nosso país é a ausência de anarquistas*". [...]

Retorqui-lhe dizendo que julgava a inexistência de anarquistas no Brasil proveniente do que imputavam como um dos nossos principais defeitos, isto é, a nossa desmedida liberalidade ou nenhuma ideia de economia. Com o nosso sistema de gastar tudo, sem pensarmos em juntar reservas, e com a nossa natural generosidade, o capital subdivide-se, espalha-se, e desaparecem a fome e as necessidades prementes, que são os alicerces do anarquismo.

Se, em vez disso, fosse a índole do povo a causadora desse fenômeno que, com justa razão, entusiasmava Roosevelt, os maus elementos, uma vez importados, germinariam e progrediriam; entretanto, a planta ruim, transportada para o nosso solo bom e fértil, logo se transforma, pois que não mais mergulha as suas raízes na dura necessidade, lugar, aliás, onde florescem os grandes capitães.

De pleno acordo, deixamos a mesa de jantar.

04.01.1914: Só no dia seguinte, cedo, antes das 6 da manhã, nos encontrávamos, ao enfrentar com o nosso "*Nyoac*" um aldeamento de Guatós, esses grandes canoeiros e caçadores.

Um velho e um rapazinho, cada um em sua canoa, correram para o navio assim que o viram parado, e aquele, já viciado pela civilização, e já também conhecedor e escravo desse grande flagelo que é o álcool, pedia instantemente que recebêssemos um remo em troca de meia garrafa de cachaça. Mas, seguindo adiante, deixamos sem cachaça o inconsolável Guató, destinado, como a sua grande tribo, a rápido desaparecimento.

Esses índios são grandes caçadores de onças, e, em tais caçadas, adotam um processo que tem tanto de original quanto de ardiloso e arrojado: aproveitando

que o pantanal cheio transforme alguns capões de mato em ilhas, o nosso Guató observa em qual destes terá ficado uma onça ciosa de amores ou de combates, e, conforme a época, de um outro capão julgado próprio, o ardiloso Guató provoca o animal ao combate, ou o atrai aos desejos, imitando o urro que for conveniente; a mulher do índio acompanha-o na perigosa empresa, e quando a onça, iludida pelo arremedo do índio, procura a nado ganhar o capão de onde a chamam, o casal de índios lança-se na canoa ao encontro da fera, e o vasto e deserto pantanal é testemunho desse combate em que, o índio armado de zagaia e a índia de espingarda, ou flecha, nem sempre levam de vencida o nosso valente felino, que tem na água quase que a mesma assombrosa agilidade com que em terra faz prodígios.

Já deixamos para bem longe o pequeno aldeamento de Guatós, subimos sempre, e agora, quase sem aguapés em suas margens, o Rio corre entre imensas campinas cobertas de macega alta onde, de longe em longe, rareiam pequenas ilhas de vegetação mais alta, ou pequenos capões.

Nessas vastas planícies abunda o nosso belo galheiro, o cervo, e já viramos, distante, o majestoso galopar desse garboso animal; no dia seguinte, porém, tão próximos apareceram três desses cervos que, sem refletir na maldade e só ouvindo o instinto de caçador, corri ao meu mosquetão Mauser e alvejei o mais belo exemplar.

O nosso vaporzinho trepidava bastante, o que muito dificultou a precisão do tiro, e, por isso ou porque tivesse mal visado, o caso é que, infelizmente, errei o tiro, e os três cervos, galopando velozes e soberbos, desapareceram na campina imensa. (CUNHA)

Relatos Pretéritos: Descalvados

Barão de Melgaço (1870)

Descalvado: Pequeno monte, cujo cume é destituído de terra vegetal; termina a cordilheira, que margeia pela esquerda o Alto Paraguai até à Latitude de 16°42’. Coisa de 8 ou 10 quilômetros abaixo, existiu na oposta margem um destacamento, que impropriamente chamou-se também do Descalvado. Agora há aí o primeiro saladeiro que formou-se na Província [1875]. (RIHGB - XLVII - II, 1884)

Rondon (04.01.1914)

Nesta tarde de **04** de janeiro, fundeávamos no porto da Fazenda do Descalvado, atual propriedade do Sr. Farquahr, que a adquiriu do Sindicato Belga “*Produits Cibils*” há, pouco mais ou menos, dois anos. O seu primeiro proprietário formou-a com o auxílio dos índios Bororos da Campanha, e nos seus campos, de mais de 200 léguas quadradas ([158]), existiram cerca de 600 mil rezes, das quais, dizem, algumas vieram tocadas da Fazenda Nacional de Caiçara. Aliás, arrebanhar gado de propriedade do Governo constitui profissão, não só rendosa, mas sobretudo pacífica, de brasileiros e até de bolivianos, difícil, só era tirar alguns bois de estabelecimentos particulares porque a isso se dava o nome de roubo e quem o praticava era chamado ladrão e como tal tratado.

Por morte do opulento proprietário, os seus herdeiros venderam o Descalvado, como coisa de somenos valor, à firma comercial Cibils & Cia., da República Argentina, e essa firma revendeu-o ao já aludido Sindicato, do qual fez parte o Rei Leopoldo. Os belgas exploraram os rebanhos da enorme fazenda

---

[158] 200 léguas quadradas: 4.662 km^2.

durante 30 anos, matando sem método nem escolha, todas as rezes que vinham no rodeio; ainda assim, não conseguiram extinguir a criação: reduziram-na a menos de 100 mil cabeças. Os novos proprietários projetam continuar a indústria da fabricação do extrato líquido de carne, que era dos belgas; mas, por enquanto, estão repovoando os campos. Aí, o Sr. Roosevelt teve carinhosa recepção dos seus patrícios, o administrador do estabelecimento e um cowboy do Texas, encarregado de superintender o serviço dos campeiros, quase todos de nacionalidade paraguaia. (RONDON)

Pereira da Cunha (04.01.1914)

Antes das 16h00 desse mesmo dia **04**, atracávamos ao trapiche de madeira da enorme fazenda "*Descalvados*" ([159]), na margem direita do Paraguai, com mais de duzentas léguas quadradas, e sessenta mil cabeças de gado. Apesar do fundo dessa fazenda ser linha de limite com a Bolívia, pertence ela ao estrangeiro – a "*Brazil Land Cattle and Packing Company*", – que, por sua vez, a comprou de uma companhia belga, que aí fabricava extrato de carne.

Esse colosso possuía quinhentas mil cabeças de gado, mas, os Belgas, no afã de fabricar o seu produto, estúpida e criminosamente, abatiam tudo quanto repontava o rodeio, sem olharem sexo nem idade, juntava-se a isto o roubo que, constantemente, praticavam na fronteira da Bolívia, e que, segundo nos informaram o administrador e outras pessoas, chegava a ser de mil cabeças por mês; pois, ainda assim, após trinta anos de domínio belga e manutenção de tal "*regímen*", a nova companhia encontrou sessenta mil cabeças, que não serão facilmente dizimadas, pois que, além de não

[159] Descalvados: 16°43'59.05" S / 57°44'57.05" O.

prosseguirem na matança estúpida, mantêm os novos proprietários, segundo ouvimos, uma polícia ativa e numerosa, e capaz de evitar a continuação dos roubos. Nessa colossal fazenda vimos pilhas de couros de onça, na maioria mortas pelos índios Guatós, mas, outras pilhas de couros seguiam-se às de couros de onça, e eram essas fornecidas pelos cervos, cuja matança bárbara e destruidora vai a mais de mil animais por ano! (CUNHA)

Roosevelt (04.01.1914)

Uma tarde paramos na sede ou Quartel General de uma das fazendas longínquas da "*Brasil Land an Cattle Company*", do sindicato Farquahar, sob a direção de Murdo Mackenzie – não temos nos Estados Unidos cidadão melhor, nem mais competente criador de gado do que ele. Naquela fazenda existiam umas 70 mil cabeças de gado. Fomos cordialmente recebidos por Mclean, administrador da Fazenda, e por seu auxiliar Ramsey, um meu velho amigo do Texas.

Entre os outros auxiliares, todos igualmente cordiais, havia vários belgas e franceses. Os trabalhadores eram paraguaios e brasileiros e, em pequeno número, índios – um grupo de homens destemidos, sempre armados e sabendo como usar suas armas, porque há frequentes conflitos com ladrões de gado, que vêm através da fronteira boliviana, e a Fazenda tem de se proteger por si mesma. Esses vaqueiros eram do tipo a que já nos habituáramos: homens magros, de pele tisnada, mal-encarados, chapéus quebrados na testa, camisa e calça surradas, aventais de couro franjado e pesadas esporas nos pés descalços. São cavaleiros e laçadores magníficos e não temem homens nem feras. Notei um vaqueiro índio, de pé, na atitude exata de um Shilluk do Nilo Branco, com a sola de um pé apoiada na outra per-

na, acima do joelho. Aquela região oferece extraordinárias possibilidades para a criação de gado.

Na fazenda, havia curtume, matadouro, seção de enlatamento, capela e edificações de várias espécies e com todos os graus de conforto para as 30 ou 40 famílias que tinham o local como seu Quartel General. A bela casa branca, de dois andares, erguia-se entre limoeiros e flamboyants na beira do Rio. Havia toda sorte de bichos domesticados em torno da casa. O mais interessante era um veadinho malhado que gostava de ser acariciado. Meia dúzia de mutuns de espécies várias passeavam pelas salas; havia também papagaios de diferentes espécies e, logo fora da casa, quatro ou cinco garças, com as asas não aparadas, deixavam que nos aproximássemos até poucos palmos de distância, voando então graciosamente para longe; mas voltavam pouco depois ao mesmo lugar. Entre elas notavam-se pequenas e grandes garças brancas e também as de cor arroxeada e pérola, com a cabeça em parte preta e o bico multicor, que voam com um rápido voo picado, em vez do usual bater de asas compassado das garças.

No depósito, notavam-se dúzias de peles de onças, pumas, gatos bravos, jaguatiricas, e uma pele do grande lobo vermelho de dentes miúdos. Eram todas trazidas pelos vaqueiros e índios amigos, pagando-se-lhes determinado preço por cada uma, pois devastavam o gado. As onças matavam cavalos e vacas adultas, mas não os touros. Os pumas matavam novilhos. Os outros animais vitimavam ocasionalmente algum bezerro novo, mas ordinariamente só atacavam carneiros, leitões e galinhas. Havia um couro de onça preta; o melanismo é muito mais comum entre os jaguares do que entre os pumas; não obstante, Miller vira um puma preto morto por um índio.

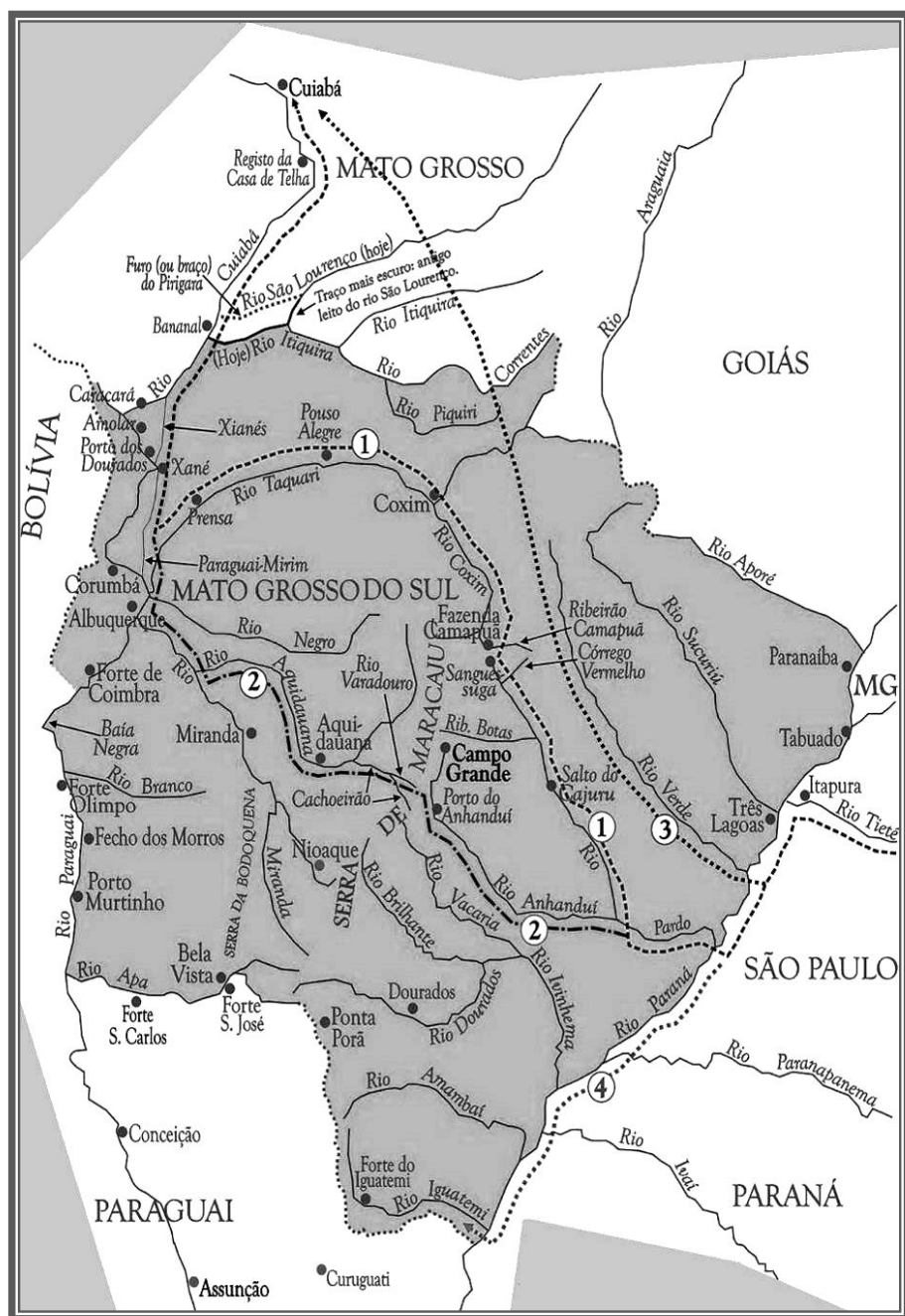



Imagem 66 – Mapa do MS – Rios Cuiabá e S. Lourenço

Imagem 67 – Serra do Amolar

Imagem 68 – Dédalo Pantaneiro

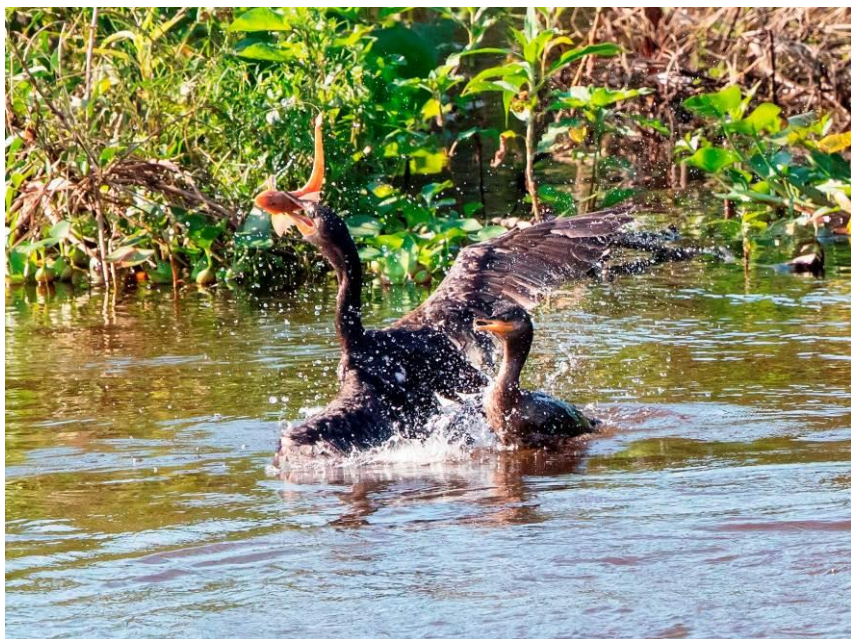



Imagem 69 – Biguás no Rio Paraguai (Timothy Radke)

Imagem 70 – Descalvados

Descalvados

Vamos repercutir o excelente capítulo intitulado "*Descalvados: uma Fábrica na Fronteira Oeste*" da lavra do professor Domingos Sávio da Cunha Garcia retirado da obra "*Território e Negócios na 'Era dos Impérios': Os Belgas na Fronteira Oeste do Brasil*" editado pela Fundação Alexandre de Gusmão em 2009, para que se possa ter uma real ideia da história daquele formidável empreendimento plantado nos ermos dos sem fim pantaneiros.

Descalvados: uma Fábrica na Fronteira Oeste

> O período que se abriu após a Guerra do Paraguai foi marcado pelas dificuldades criadas pela destruição provocadas pela guerra, que atingiu principalmente a população pobre de Mato Grosso. [...]
>
> Assim que a guerra terminou, no entanto, novas possibilidades econômicas se abriram para a Província, estimuladas por diversos fatores. A região beneficiava-se do aumento da demanda de produtos de origem primária no comércio internacional. [...]
>
> No plano comercial, a reabertura da navegação do Rio Paraguai e a consequente retomada do fluxo de mercadorias que havia se iniciado antes da guerra, também permitiram o rápido desenvolvimento de alguns setores da economia da Província.
>
> Entre esses setores estava a pecuária, que se beneficiou do prolongamento em direção a Mato Grosso do seu crescimento na região do Prata, bem como de um processo inicial de industrialização de derivados de carne bovina que se desenvolvia naquela região e que se destinava ao mercado internacional.

Esse processo incentivou o desenvolvimento de charqueadas e fazendas de criação de gado semelhantes àquelas que se espalhavam pela região platina e que encontrou em Mato Grosso as facilidades proporcionadas pela existência de grandes áreas ainda não ocupadas e propícias para a criação de gado de forma extensiva. O desenvolvimento dessas atividades não atraía apenas o capital interno. Elas abriam novas oportunidades para o capital estrangeiro, que já operava no comércio e na extração da borracha em Mato Grosso e que passou a ter na pecuária mais uma possibilidade de investimentos, associando interesses locais ligados ao comércio de gado e a produção de carne e seus derivados.

Dessa convergência de fatores irá surgir Descalvados, que se transformará no maior empreendimento agroindustrial de Mato Grosso naquele período, tornando-se também uma referência da presença estrangeira na fronteira oeste do Brasil entre as décadas de 1880 e 1910. O início desse empreendimento liga-se ao desenvolvimento da pecuária ao longo do século XIX em Mato Grosso, em grandes fazendas de criação de gado.

Entre essas fazendas, a que mais se destacava era a fazenda Jacobina, localizada a cerca de seis léguas de Vila Maria, atual Cáceres, na estrada que ligava essa cidade a Cuiabá. Jacobina foi fundada por portugueses ainda no período colonial e desenvolveu-se como centro de criação de gado e produção de alimentos.

No início do século XIX Jacobina já era a mais importante fazenda da Província e seu proprietário foi progressivamente adquirindo mais e mais terras, a ponto de dizer aos integrantes da Expedição Langsdorf que possuía mais terras que o Rei de Portugal.

Quando morreu o seu fundador, Leonardo Soares de Souza, a fazenda Jacobina passou à sua filha única e herdeira, Maria Josepha de Jesus Leite, que havia se casado, no ano de 1813, com o Coronel de milícias de Portugal, João Pereira Leite, então servindo no Comando do Distrito Militar de Vila Maria. Desse casamento nasceram 10 filhos, antes que João Pereira Leite e sua sogra falecessem, no ano de 1833.

A partir daí a administração da Fazenda Jacobina e dos negócios da família passaram às mãos de Maria Josepha e, principalmente, de seu segundo filho, João Carlos Pereira Leite, conhecido como "Major João Carlos Pereira Leite", que progressivamente ascendeu à chefia da família, assim permanecendo até sua morte, em 1880.

As terras da Jacobina se estendiam em um vasto território, desde as regiões altas do Oeste de Mato Grosso até o Pantanal Norte, na fronteira com a Bolívia, ultrapassando o Rio Paraguai no sentido Leste-oeste.

A parte das terras da fazenda Jacobina que ficava na margem direita do Rio Paraguai, até a fronteira natural com a Bolívia, no Pantanal Norte, era formada por campos, entremeados por pequenos capões de mata fechada. Nessa região o Major João Carlos Pereira Leite tomou posse de um conjunto de sesmarias onde teve grande desenvolvimento a criação de gado, que aí se espalhou rapidamente.

Dessas sesmarias, a mais importante foi aquela a que se deu o nome de "*Fazenda do Cambará*", que centralizava a criação de gado na parte da antiga Jacobina. No início da década de 60 do século XIX, já havia mais de 20 mil cabeças de gado na fazenda do Cambará.

Mais ao Sul dessa Fazenda, também na margem direita do Rio Paraguai, havia uma região de terras altas chamada "*Escalvado*", onde, ainda no período colonial, costumeiramente se instalava uma Fortificação Militar para impedir o avanço dos espanhóis, em direção à Vila Maria e Vila Bella.

Essa região alta foi progressivamente mudando o nome para Descalvados [provavelmente "*do Escalva-do*" e depois "*D'Escalvado*", antes de Descalvados], assim que foi sendo ocupada pelo Major João Carlos Pereira Leite, como uma das suas sesmarias de criação de gado.

Durante a Guerra do Paraguai o Major João Carlos Pereira Leite participou das tentativas de expulsão dos paraguaios do Sul de Mato Grosso. Mas seu principal feito durante a guerra foi impedir a passagem pela fazenda Jacobina de pedestres vindos de Cuiabá, no período vivendo grande epidemia de varíola, contraída por soldados que haviam participado da primeira tentativa de expulsão dos paraguaios de Corumbá. Essa sua decisão teria evitado que a epidemia se alastrasse por Vila Maria e pela região Oeste de Mato Grosso.

Terminada a Guerra do Paraguai, afluiu para Mato Grosso importante leva de argentinos, uruguaios e europeus, principalmente aqueles que atuavam como fornecedores das tropas e que haviam acumulado certo montante de capital na atividade comercial.

Entre esses estrangeiros estava o argentino Rafael Del Sar que comprou, em 1876, a sesmaria de Descalvados do Major João Carlos Pereira Leite e montou nela uma charqueada rudimentar, seguindo o modelo daquelas que se desenvolviam em grande número na região platina.

A venda da sesmaria de Descalvados para Rafael Del Sar e a sua transformação em uma charqueada foi um bom negócio para o Major João Carlos Pereira Leite. Ele passou a ter um mercado próximo para seu gado, sem precisar levá-lo em longas caminhadas para ser vendido na região de Uberaba, na Província de Minas Gerais, como fazia até aquele momento. Por outro lado, para Rafael Del Sar a vantagem estava na matéria prima, próxima e barata.

Ao mesmo tempo em que fornecia o gado que Rafael Del Sar abatia na sua charqueada em Descalvados, o major João Carlos Pereira Leite procurava desenvolver a sua criação de gado, importando para isso cavalos do Paraguai. Essa importação era necessária para suprir as suas fazendas na região, naquele período já infestada por uma doença que atacava o rebanho cavalar, dizimando-o e impedindo que o gado fosse manejado, o que, com o tempo, tornava-o bravio e de difícil abate. Rafael Del Sar também importava cavalos e utensílios utilizados nas Charqueadas de Descalvados.

O Major João Carlos Pereira Leite morreu em outubro de 1880 e seus bens foram a leilão, em hasta pública. A totalidade de suas terras, localizadas na margem direita do Rio Paraguai, foi arrematada por um uruguaio, Jaime Cibils Buxareo. Junto com essas terras, Buxareo também comprou a charqueada de Descalvados, pertencente a Rafael Del Sar. Falemos um pouco de Buxareo e suas atividades.

Jaime Cibils Buxareo era uruguaio, descendente de famílias de imigrantes catalães, que vieram para o Uruguai na primeira metade do século XIX. Da união de duas dessas famílias, os Cibils e os Buxareo, resultou o casamento de Jaime Cibils e Plácida Buxareo.

Jaime Cibils construiu fortuna em Montevidéu, dedicando-se a atividades mercantis nas áreas de saladeira, bancária e armadora, vindo a morrer muito rico, em 1888. De seu casamento resultaram 13 filhos, dos quais Jaime Cibils Buxareo era o primogênito.

Jaime Cibils Buxareo acompanhou o pai em suas atividades mercantis e se casou em 1862 com Florentina de las Carreras Moore, passando a viver em Buenos Aires. Ele havia dedicado largo período de seu trabalho às atividades de Saladeria no Uruguai, atividades que tiveram grande desenvolvimento naquele país ao longo da primeira metade do século XIX, quando o Uruguai tornou-se grande fornecedor de charque para o Brasil e para Cuba. Por volta dos anos 70 do século XIX, somente duas empresas produziam carnes conservadas e extrato de carne no Uruguai: "*The Liebig's Company Extract of Meat*" e "*La Trinidad*".

Nas décadas de 70 e 80 começaram a aparecer as novas tecnologias de conservação de carne, por resfriamento ou congelamento, abrindo novas possibilidades de exportação para o mercado europeu. Mas até esse momento era dominante a Saladeria, dedicada à produção de charque. Entre as grandes empresas desse setor estava o Saladeiro de Jaime Cibils, que havia inclusive expandido as suas atividades, adquirindo novas instalações nas cercanias de Montevidéu e ampliando-as.

O fim da escravidão ensejava perspectivas negativas em relação às exportações para o Brasil e para Cuba o que levou Jaime Cibils e seu filho a procurarem novas possibilidades de expansão de suas atividades. Tinham como objetivo não só diversificar e modernizar a produção, mas também buscar alternativa para o fornecimento do gado a ser abatido em regiões

mais afastadas de Montevidéu, reforçando o tráfico de mercadorias pelo porto da capital uruguaia, naquele momento já sofrendo forte concorrência do porto de Buenos Aires, mais moderno e em franco desenvolvimento.

Agindo nessa direção, construíram uma fábrica de extrato de carne, charque e derivados bovinos em Salto, às margens do Rio Uruguai, em 1875, a partir de um antigo Saladeiro. Essa fábrica já adotava modernos métodos de produção que era em grande parte destinada à exportação. Jaime Cibils havia feito a opção pela produção por métodos que não utilizassem o congelamento da carne. Na direção de sua nova unidade de produção estava o químico francês Dr. Emilio Soulez.

A partir daí Jaime Cibils procurou novos centros fornecedores de gado, que garantissem a qualidade adequada para o produto que queria fabricar. Necessitava de gado mais magro e mais rústico. É então que surge a possibilidade de arrematar as terras do Major João Carlos Pereira Leite, em Mato Grosso, que, em 1881, iriam a leilão em hasta pública.

O conhecimento desse leilão por Jaime Cibils e seu filho, Jaime Cibils Buxareo, demonstra a intensa circulação de informações, de possibilidades de negócios e de transações comerciais que existia nesse período, entre a então Província de Mato Grosso e os países da região do Prata, que estava entrando em rápido desenvolvimento econômico.

Esse processo era facilitado pela crescente presença de estrangeiros nas atividades comerciais de Mato Grosso, que também experimentou grande incremento no período posterior à Guerra do Paraguai, como observamos.

Jaime Cibils Buxareo se dirige então para Mato Grosso acompanhado do químico Dr. Emilio Soulez, na perspectiva de participar do leilão das terras do Major João Carlos Pereira Leite. O empreendimento que haveria de iniciar em Mato Grosso era de retorno arriscado, mas, segundo Jaime Cibils Buxareo, o capital investido poderia ser recompensado com um produto de boa qualidade, que encontraria mercado na Europa.

A viagem de Jaime Cibils Buxareo até Cáceres [que então se chamava Vila Maria], o arremate das terras do espólio do Major João Carlos Pereira Leite, o reconhecimento que empreendeu dos campos da Fazenda do Cambará, onde Descalvados era uma das sesmarias, bem como os planos que começou a fazer para o seu novo empreendimento, estão em um diário que escreveu durante a sua viagem e primeira estadia em Mato Grosso.

Jaime Cibils Buxareo comprou a fazenda do Cambará por 557.572$800 réis [quinhentos e cinquenta e sete contos, quinhentos e setenta e dois mil e oitocentos réis], com uma entrada de 150.012$800, devendo o restante ser pago em letras vencíveis em seis, doze, dezesseis, dezoito, vinte e quatro, vinte e oito e quarenta meses.

Nesse valor estavam incluídas as terras de todas as sesmarias do Major João Carlos Pereira Leite, situadas à margem direita do Rio Paraguai, entre o Rio Jauru, ao Norte, e a lagoa Uberaba ao Sul.

Estavam incluídas também, suas benfeitorias, bem como todo o gado, animais cavalares e animais de criação. O gado foi calculado por Buxareo como tendo entre 150 e 180 mil cabeças. A venda foi efetuada em 11.10.1881. A sesmaria de Descalvados, então, já pertencente ao argentino

Rafael Del Sar, também foi comprada por Jaime Cibils Buxareo pelo valor de 65 contos de réis, pagos pela sesmaria e pelas benfeitorias, equipamentos e instalações da Charqueada. Em seu diário Buxareo diz que o valor pago a Rafael Del Sar já fazia parte do total pago pela Fazenda do Cambará. No entanto a escritura de compra e venda firmada entre eles diz que o valor foi pago à vista ao próprio Del Sar.

Para intermediar a transação e acompanhar o pagamento das prestações, bem como para requerer os autos de medição das terras que havia comprado, junto ao Governo da Província de Mato Grosso, Jaime Cibils Buxareo contratou o desembargador Firmo José de Matos, comerciante de terras em Corumbá, a quem estabeleceu procuração para esse fim.

Em seguida Jaime Cibils Buxareo começou a examinar o melhor local para instalar a sua fábrica de extrato de carne. A opção da margem da lagoa Uberaba, localizada no estremo Sul da fazenda do Cambará, tinha a vantagem de ser um local onde o leito do Rio Paraguai era mais profundo, o que permitiria a atracação de embarcações de maior calado, semelhantes àquelas que se deslocavam pelo Rio Paraguai até Corumbá.

Com isso não seria necessário fazer o transbordo das mercadorias o que reduziria bastante o tempo de viagem até Montevidéu ou Buenos Aires. A outra opção seria a Sesmaria de Descalvados, onde estava localizada a Charqueada construída por Rafael Del Sar, localizada no centro da Fazenda do Cambará, local que permitiria o acesso mais rápido aos rebanhos de gado de todas as demais sesmarias. Após analisar as duas opções, Buxareo decidiu montar a sua fábrica de extrato de carne onde estava a antiga charqueada de Rafael Del Sar.

A partir desse momento toda a antiga fazenda do Cambará passou rapidamente a se chamar Descalvados, porque foi na Sesmaria desse nome que passou a funcionar a sede do novo empreendimento de Jaime Cibils Buxareo. Sua dimensão, de cerca de um milhão de hectares, se encarregaria de consolidar seu nome como o equivalente ao conjunto das sesmarias, conjunto algumas vezes chamado de "*domínios do Descalvados*".

Após tomar essa decisão, Buxareo passou a se dedicar à organização do funcionamento da fazenda e da fábrica, da força de trabalho e da administração de seu novo empreendimento. De fato começou a reorganizar toda a estrutura de funcionamento e administração de Descalvados, preparando aquela rústica Charqueada e fazenda para que funcionasse como uma moderna fábrica, como um grande empreendimento capitalista.

Uma das preocupações de Buxareo era com a questão da legalização das terras de Descalvados, até aquele momento, não efetivada. O Major João Carlos Pereira Leite havia feito a medição de forma esparsa, salteando as sesmarias, de tal forma que foram medidas somente aquelas que não eram atingidas pelas enchentes do Pantanal, ficando as demais sesmarias sem medir. Isso somente seria revelado mais tarde, quando Jaime Cibils Buxareo pediu o reconhecimento dos títulos da totalidade das sesmarias que possuía, reunindo toda a área da antiga Fazenda do Cambará.

Essa situação acabou criando embaraços para Buxareo, como veremos. No entanto Buxareo sabia dessa situação, visto que havia percorrido os campos de Descalvados e calculado a área das terras que estava comprando.

Outro problema detectado por Jaime Cibils Buxareo, ainda em relação às terras da antiga Fazenda do Cambará, foi que essas terras continuavam em direção ao Oeste, do outro lado do Corixo Grande, cruzando a fronteira do Brasil com a Bolívia e adentrando em território boliviano. No território boliviano havia duas sesmarias que pertenciam à Fazenda do Cambará: Salinas e Santa Fé.

Aqui é necessário fazer um curto comentário. O fato de que existiam duas sesmarias em território da Bolívia, que tinham pertencido ao Major João Carlos Pereira Leite, indicava o tamanho das terras daquele membro da antiga oligarquia agrária mato-grossense. Por outro lado, e é isso que mais nos interessa, indica a ausência de demarcação de limites entre os territórios do Brasil e da Bolívia, apesar do acordo para fixação desses limites ter sido ajustado em 1867, ainda durante o período da Guerra do Paraguai. Mais de 15 anos haviam se passado e os limites não tinham sido demarcados. Isso fazia com que os proprietários brasileiros [e talvez bolivianos, de outro lado] movimentassem os limites de suas terras para o lado, em direção ao território vizinho, na expectativa de que essas terras fossem reconhecidas como suas e, portanto, pertencentes ao Brasil, quando essa região da fronteira fosse demarcada. Com isso, na prática, estariam expandindo o território do Brasil. Como veremos, essa situação irá perdurar até o início do século XX, quando explodirá a Questão do Acre, com todas as consequências dela advindas.

Para Buxareo, no entanto, criou-se uma situação em que as terras de Descalvados eram recortadas pela fronteira do Brasil com a Bolívia. Essa situação viria lhe trazer dissabores, com constantes invasões de ladrões de gado, provenientes do território boliviano.

Para resolver os problemas imediatos que essa situação criou, Jaime Cibils Buxareo logo tratou de entrar em contato com as autoridades bolivianas, com quem discutiu a situação do trânsito de animais de um lado para outro da fronteira, questão importante para seu empreendimento, que dependia fundamentalmente do gado como matéria prima.

Buxareo definiu também que Descalvados seria uma fábrica de carnes conservadas, incorporando os últimos avanços tecnológicos. A fábrica seria movida por máquinas a vapor, que acionariam carpintarias, bombas de água e ferraria, possuindo ainda um ancoradouro próprio.

Quanto à organização da força de trabalho da fábrica e da criação de gado, Buxareo procurou separar as atividades mais rústicas das mais sofisticadas. As primeiras eram confiadas aos peões brasileiros e de outras nacionalidades que viviam na região. As atividades mais sofisticadas seriam confiadas a um administrador contratado em Montevidéu e a membros de sua família.

Da mesma forma, procurou estabelecer uma rotina de trabalho mais coerente com a nova situação da empresa, mais metódica e evitando os vícios mais comuns entre os peões, como a embriaguez. Estabeleceu também um novo mecanismo de fornecimento para os peões e uma nova forma de pagamentos.

Descalvados foi então reconstruída e reorganizada. O rústico Saladeiro de Rafael Del Sar foi transformado em pouco tempo no moderno estabelecimento industrial de Jaime Cibils Buxareo, encravado no Pantanal norte da Província de Mato Grosso, próximo à fronteira com a Bolívia.

O principal produto fabricado em Descalvados era o extrato de carne, segundo a técnica já adotada na Europa pelos anglo-belgas da Liebig, que também possuíam uma fábrica no Uruguai. Além do caldo de carne, a fábrica de Descalvados também passou a produzir derivados do gado, como línguas e couro, que após serem devidamente preparados e acondicionados também eram exportados. A localização de Descalvados, distante do litoral, longe dos centros fornecedores de produtos manufaturados, obrigou Jaime Cibils Buxareo a estruturar a fábrica de modo a operá-la com a maior autônoma possível, sem depender em larga escala de fornecedores que estavam localizados no litoral, no Prata, ou mesmo na Europa. Levando em consideração essas características, a fábrica contava com todas as máquinas destinadas ao abate do gado e a imediata transformação da carne em caldo, bem como para o aproveitamento de seus derivados e subprodutos, principalmente o couro. Além disso, produzia a própria embalagem que era utilizada no envio dos produtos ao mercado consumidor europeu. Matéria publicitária, veiculada no Rio de Janeiro, em 1891, descrevia assim a fábrica de Descalvados:

A PEDIDOS

Breve notícia sobre a grande propriedade do Descalvado, no Estado de Mato Grosso.

> É quase desconhecido por nós o Estado do Mato Grosso, cujas extraordinárias riquezas naturais estão ainda por explorar. Dotado do feracíssimo solo, cuja seiva alimenta as mais alterosas florestas, de campos criadores extensíssimos e férteis, de abundância de água e de Rios navegáveis, possui ainda ricas jazidas de carvão e de ferro, toda a sorte de minerais preciosos e cristais que oferecem remuneração segura e generosa ao trabalho inteligente em qualquer ramo da indústria, e da agricultura.

Diario de Noticias

Anno VIII—Num. 2,105 | RIO DE JANEIRO — Quinta-feira 9 de Abril de 1891 | Numero avulso 40 réis

A PEDIDOS

Breve noticia sobre a grande propriedade do Descalvado, no Estado de Matto-Grosso.

E' quasi desconhecido por nós o Estado do Matto-Grosso, cujas extraordinarias riquezas naturaes estão ainda por explorar. Dotado de feracissimo sólo, cuja seiva alimenta as mais alterosas florestas, de campos criadores extensissimos e ferteis, de abundancia de agua e de rios navegaveis, possue

Imagem 71 – Diário de Notícias n° 2.105, 09.04.1891

Só falta o trabalhador adstrito ao solo, a que tenha ligado o seu interesse e a estabilidade do seu futuro, para que a terra produza, e se aproveitem tantos elementos de riqueza, asseguradores de prosperidade imediata e do infalível progresso; só falta que o encurtamento das distâncias por meio da construção das vias aceleradas e do melhoramento da navegação, venha pôr termo a esse quase exílio secular, que tem oprimido e esterilizado tão bela parte do território brasileiro, tolhendo-lhe as conquistas do progresso e conservando-a estacionária, quando andam a caminho da riqueza os demais Estados, seus irmãos.

Ainda bem que a picareta protetora, desbravando a estrada, que tem de aproximar da Capital Federal e dos portos consumidores esse torrão abençoado, já se avizinha, de Goiás, e dentro em pouco há de ferir a terra virgem, de cujo seio há de brotar a abundância e o bem estar das gerações que a povoarem. Será, então, disputada a posse do solo valorizado em progressão ascendente e maravilhosa, como vimos acontecer em outros Estados, e serão remunerados a largo juro os adiantamentos atuais sobre o futuro da sua agricultura e da sua indústria.

Sem o propósito de uma demonstração, que daria a este trabalho um desenvolvimento inoportuno, limitar-nos-emos a breve notícia de uma parte do Estado, ocupada pelo seu mais importante estabelecimento, hoje limitado à exploração, em larga escala, de uma só indústria; mas podendo explorar e desenvolver outras várias com os extraordinários recursos naturais que contém, e com os variados e poderosos elementos de que dispõe.

Referimo-nos ao extenso domínio e feitoria do Descalvado, propriedade do grande industrial sr. Jayme Cibils Buxaréo, cuja atividade incansável e inteligente labor ali criou um estabelecimento maravilhoso, onde trabalham máquinas possantes e moderníssimas, e onde se exerce a sua direção, produzindo fecundíssimos resultados, de que tira a mais farta remuneração. Por muitas vezes o distinto industrial registrou já o seu nome entre os beneméritos dos "*certâmens*" internacionais, recebendo prêmios conferidos à superioridade dos produtos e à inteligência do trabalho.

Não têm valido para entibiar-lhe o ânimo nem a distância, nem desconhecimento do país em prol do cujo progresso há tantos anos luta. Os seguintes dados fornecem aproximada ideia dos terrenos e fábricas que formam o colossal domínio do – Descalvado, – cujas riquezas mal se podem calcular precisamente, e cuja grande extensão, se não percorre facilmente.

SITUAÇÃO

Situado no Estado do Mato Grosso, entre as Latitudes 16° e 17°50′ S e Longitude 57°25′ e 59°30′ a Oeste de Greenwich, a propriedade do Descalvado é limitada: a Leste, pelo Rio Paraguai, ao Sul pelos Lagos da Gaiva e Uberaba, a Oeste pela Corixa Grande que a separa da Bolívia, o ao Norte pela Fazenda Nacional da Caissára e pelo Rio Jauru. As cidades mais próximas são Corumbá, 350 milhas abaixo e Villa Maria ou S. Luiz de Cáceres, 125 milhas acima do seu território.

SUPERFÍCIE

A propriedade do – Descalvado – conta 350 léguas quadradas de superfície e tem cultivadas onze estâncias ou sesmarias, duas das quais em território da Bolívia. Foram medidas essas sesmarias, cada uma das quais tem uma légua de frente o três de fundos, representando uma área de 150 milhas, não tendo sido levados em conta os banhados intercalados, conto é de lei, e tendo sido a medição aprovada pelo Governo.

Sendo contíguas as sesmarias, que formam uma elipse ou quase círculo, há no centro delas vastos campos de terras devolutas pertencentes ao Estado, e sobre as quais tem preferência legal o proprietário das sesmarias, ao qual somente aproveitam. Em épocas periódicas inundam-se esses campos, e o gado neles encontrado só tem refúgio nas terras altas que os cercam, e que pertencem ao domínio do – Descalvado.

Na sua maior extensão a superfície do solo cobre-se de uma camada plana do aluviões, quase sempre de primeira ordem e variando raramente até a areia pura; e há por toda a parte espalhadas colinas calcárias ou do grés, povoadas de abundantes matas. Duas dessas colinas estão encostadas à grande fábrica do estabelecimento, uma pelo lado do Norte e outra pelo lado do Sul.

Há uma longa facha de terra denominada – Cordilheira – coberta de matas, que atravessa a parte Noroeste dos campos, e nestes se sucedem alternativamente os bosques e as clareiras. Os campos nada sofrem na estação da seca, porque é constante a vegetação, e a própria flora abundante e variada em todo o ano.

PROPRIEDADE

É inatacável a propriedade do Sr. Jayme Cibils Buxaréo, que a houve por compra feita em praça judicial dos herdeiros de João Carlos Pereira leite e de alguns de seus parentes em 1882, tendo

adquirido na mesma ocasião a grande Charqueada de Del Sar, que se juntou ao domínio do – Descalvado.

CLIMA

É tropical o clima, chegando o calor às vezes a 40° centígrados no verão e temperado em seis meses no ano, baixando consideravelmente a temperatura de abril a julho, em que se sente frio. Não há geadas e, segundo atesta o viajante C. H. Krabbe, que fez minuciosa descrição de sua passagem por aquelas regiões, o clima é "*maravilhosamente saudável*" [wonderfully healthy], não havendo ali nem mesmo as febres intermitentes ou palustres, que são comuns na parte Norte de Mato Grosso.

POPULAÇÃO

É escassa a população e de boa índole. A indígena se compõe dos índios Bororós, que são mansos e se prestam de boa mente ao trabalho, mediante módica retribuição. Em épocas certas do ano procuram trabalho no Descalvado os índios Chiquitanos, habitantes indígenas da Bolívia, das antigas missões dos jesuítas, e que são homens fortes e aptos para os mais rudes trabalhos, que aceitam sem repugnância.

MADEIRAS

É rico o domínio de todas as qualidades de madeira, inclusive as de lei; abundando o angico, a aroeira, a piúva e congêneres nas densas maltas do "*plateau*" e colinas; espalhando-se por todo o domínio as qualidades próprias para a construção de ranchos, cercas, etc, e para lenha.

ÁGUA

Limitado pelos Rios Paraguai e Jauru a Leste e ao Norte, todo o domínio do – Descalvado – é abundante de nascentes. Nos Pontos mais baixos, as chuvas formam banhados, que secam depressa, beneficiando os campos por meio dessa rega periódica e demorada.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO

A grande propriedade comunica-se com S. Luiz de Cáceres a Corumbá por meio de pequenos vapores que fazem a navegação do Paraguai. A comunicação com Montevidéu é feita pelos vapores do Lloyd Brasileiro, que vão ter agora duas viagens por mês, não só do Uruguai como do Rio de Janeiro para Corumbá. Situada a grande fábrica do estabelecimento à margem do Paraguai, não há despesas para o embarque fácil de seus produtos e são relativamente pequenos os fretes exigidos. O estabelecimento possui um vapor que faz o transporte dos produtos, diminuindo-se assim a verba dispendida com os fretes pagos aos vapores do Lloyd.

GADO

O principal valor do domínio do – Descalvado – está representado na grande quantidade de gado que existe em seus campos ubérrimos; não foi possível ainda precisar-lhe o número, apesar das tentativas feitas, com sacrifício de grande número de cavalos.

Dependo isso da divisão dos campos em cercados onde se pudesse encerrar o gado dividido em tropas manejáveis. A opinião, porém, dos que o trabalham consecutivamente e o apartam para as matanças, e a opinião do capataz dos campos, que os percorre em todas as direções e a longas distâncias é que excede de 300.000 cabeças o número atual dos bois apropriados ao corte. Sejam, porém, 250.000 cabeças, é certo que a tal respeito afirma o Sr. Krabbe em sua notícia escrita em outubro de 1888 que do gado existente nos campos do – Descalvado – se poderiam abater sistematicamente em cada ano de 50 a 60 mil cabeças, sem diminuir o "*stock*".

Calculada, pois, a existência, então, de 250.000 cabeças e avaliada a procriação na razão mínima de 30%, teríamos em outubro de 1889 o extraordinário número de 325.000 cabeças e o de 400.000 em outubro de 1890, salvos os claros abertos pela matança nesses dois anos.

CAVALOS

Depende em muito de boa cavalhada o progresso da indústria de criação; tem havido, entretanto, falta dela; depois que a epizootia, denominada – peste das cadeiras, – dizimou grande número dos cavalos primitivamente adquiridos pelo proprietário do Descalvado.

Hoje está evitado o mal, e iniciada a criação dos utilíssimos animais, graças à intervenção da ciência, a que recorreu o ativo industrial. Aconselhou o distinto médico do Rio de Janeiro, Dr. Lacerda, o emprego do arseniato de soda, e isso bastou para salvar 90% dos cavalos atacados de tão pernicioso mal.

Os que existem em número superior a 600, além de 200 jumentos, sete garanhões, e muitos potros, são tratados a milho comprado pelo estabelecimento, que possui excelentes terras para o cultivo do tão útil cereal, bem como para qualquer outro e para café, e engordam facilmente nos excelentes campos, que percorrem em todas as direções.

ARAMADOS

O estabelecimento possui lá grande extensão de campos divididos por cercas de arame, que permitem encurralar o gado para ser cuidado convenientemente; são, porém, insuficientes os cercados existentes, e indispensável a construção doe muitos outros, pois compensam a despesa as vantagens que deles se tiram. Há cerca de 40 léguas lineares de cercados construídos que podem conter perto de 44 mil cabeças de gado, sendo os principais em Cerro Boiada, Presidente, Intermédio, Cangiqueiro, Paratudal, Carandazal, Sucuri, S. Bento, Jauru e Florida.

EDIFÍCIOS

O estabelecimento possui, na sua parte principal, uma excelente casa para morada, com dependência que serve de escritório, e casas próprias para residência do administrador, do capataz dos campos

e dos operários com suas famílias. Tem, além disso, uma padaria em casa apropriada, um galpão para couros, um outro maior, coberto de ferro galvanizado, de 40x130 jardas para o trabalho de matança, um outro de 40x40 jardas ocupado por oficinas, e uma igreja recentemente construída. O cais é ligado ao depósito, oficinas e fábricas por "*tramways*" ([160]). No Cambará, Tremedal, Jauru, etc, há casas cobertas de telhas e em 40 ou 50 outros lugares, há outras menores para peões e operários.

MAQUINISMOS

No galpão para oficinas está a máquina a vapor, que põe em movimento uma grande serra vertical para cortar toros de madeira; duas outras circulares com suas banquetas; um grande torno de metal completo; máquinas e pedras para amolar e separar a ferramenta, que é completa, dispondo as oficinas de forjas e todo o necessário para o trabalho a que se destinam.

Em um dos compartimentos há prensas para a extração de peotonal vegetal; e na parte externa do galpão há currais para o gado que tem de ser abatido, e que são construídos segundo o plano geralmente seguido nas charqueadas, terminando em um corredor, que é percorrido por vagões sobre trilhos.

O serviço de matança nada deixa a desejar. Há um plano entijolado para o escoamento do sangue; pilhetas para o envenenamento dos couros, e o necessário para a separação dos intestinos dos animais e à direita ganchos e estendedores para a carne retalhada. Há em um plano inclinado três grandes caldeiras, servidas por um vagão sobre trilhos que lhes leva o sebo. Há uma pequena máquina a vapor que faz passar a carne desembaraçada dos nervos e das partes inúteis, por cilindros, de onde sai tirado por elevadores, que depositam em seis grandes caldeiras, onde é cozida.

---

[160] Tramways: trilhos.

Há pilhetas de evaporação, bombas centrifugas para elevar o caldo concentrado em filtros acima dos evaporadores. Há uma oficina de funileiro, onde se fabricam as embalagens de folhas para o extrato de carne destinado à exportação; há outra de tonoaria para as tintas e barris destinados às línguas e outros produtos para a exportação. Fornalhas, caldeiras horizontais, tubos a vapor, cozinhadores de carne, de geradores, e bombas suplementares que trazem a água do Rio a reservatórios de ferro, e postes e varais para a seca dos couros completam os elementos de que dispõe a grande fábrica, a mais importante daquele Estado.

VALOR DA PROPRIEDADE

O referido Sr. Krabble, de Buenos Aires, interessado na compra da propriedade para a formação de uma sociedade entre seus amigos Buenos Aires, Londres e Antuérpia avaliou as máquinas e edifícios em 546.000 pesos em ouro, que correspondem 1.100:000$ e o gado a 8$ por cabeça, moeda nacional; custaram, entretanto, os primeiros mais de" 800.000 pesos: que e é o preço médio do gado, hoje muito aumentado em número, 10$ por cabeça, o que eleva a soma a cerca de 4.000:000$ de nossa moeda.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Os produtos do estabelecimento tem sido premiados com sete diplomas de honra, uma estrela, doze medalhas de ouro e cinco de prata. Crescem eles todos os anos, indo em ascendência progressiva à exportação, que de hoje se faz também em grande escala de produtos suínos: tendo tomado esta indústria extraordinário aumento.

Do prospecto consta a demonstração das rendas extraordinárias, não incluídos, contudo, os novos elementos que vão contribuir para o alargamento do campo industrial; multiplicando-se as forças da mais importante fazenda e feitoria desta parte da América.

> Sem mesmo a criação de novas industrias, basta que se façam as fainas com o gado invernado, para que cresçam de 25%, os resultados atuais, crescendo mais o valor do território com o estabelecimento da ferro-carril de S. Luiz de Cáceres ao Catalão, que permite o transporte do gado em pé aos mercados dos Estados convizinhos; e mais crescendo depois com a aproximação da estrada de ferro Mogiana, que caminha em busca de Mato Grosso.
>
> Montado como se acha o estabelecimento com todos os maquinismos necessários, – não pesará sobre ele a influência do câmbio para satisfação de encomendas feitas fora do país; e antes reverterá ela em favor de suas rendas, com o pagamento que receberá em ouro pelos seus produtos exportados.
>
> Não há mais prometedora nem mais brilhante perspectiva para o capital empreendedor; assim como não há mais patriótica empresa, que essa do progresso assegurado de tão importante Estado.
>
> Assim o compreende a praça do Rio de Janeiro, onde vai ser lançada à fecunda ideia da incorporação da Companhia Fomento Industrial e Agrícola do Estado do Mato Grosso.
>
> Capital Federal; 28 de janeiro de 1891.
>
> Orozimbo Muniz Barreto.

Jaime Cibils Buxareo já tinha construído reputação internacional para os produtos da marca Cibils, a partir das fábricas de sua família no Uruguai. Dessa forma não deve ter sido difícil exportar para a Europa os produtos da fábrica de Descalvados.

Toda a produção de extratos de carne, de caldos, de língua salgada e de couros era destinada à exportação para a Europa, onde os produtos de Descalvados também passaram a ter boa aceitação e receberam diversos prêmios em exposições das quais participaram ao longo da década de 1880. Sobre isso, a matéria publicitária a que nos referimos acima dizia:

> Os produtos do estabelecimento tem sido premiados com sete diplomas de honra, uma estrela, doze medalhas de ouro e cinco de prata. Crescem eles todos os anos, indo em ascendência progressiva à exportação, que hoje se faz também em grande escala de produtos suínos, tendo tomado essa indústria extraordinário aumento.

Além da produção de extrato de carne, caldos, língua salgada e couro, que eram exportados, havia em Descalvados uma fábrica de sebo e de sabão, produtos que eram vendidos no mercado da própria Província de Mato Grosso.

Apesar da boa aceitação de seus produtos no mercado europeu, a rentabilidade de Descalvados, frente ao volume de capital investido, deve ter ficado abaixo das expectativas de Buxareo. Em 1885 Jaime Cibils Buxareo pediu ao Governo de Mato Grosso a isenção dos impostos de exportação cobrados sobre os produtos de Descalvados pelo período de 15 anos. Argumentava que os saladeiros argentinos e uruguaios, seus concorrentes, tinham apoio de seus governos, além de estarem situados em regiões mais próximas dos mercados consumidores, o que barateava o transporte e reduzia os custos.

A argumentação de Buxareo era verdadeira somente em parte. Como vimos, um dos fatores que o levaram a investir em Mato Grosso era a necessidade de buscar um novo tipo de matéria prima, um gado mais rústico, adequado à produção de extrato de carne, assim como o fornecimento mais seguro e barato dessa matéria prima.

Evidente estava que, ao adentrar fundo no interior do continente sul-americano, o problema dos custos de transporte estaria colocado, como contrapartida negativa para os benefícios que o preço e o tipo de gado ofereciam.

A localização geográfica de Descalvados devia pesar na disputa que seus produtos travavam com aqueles produzidos em outras regiões, mais próximas do litoral. Descalvados, localizada a cerca de três mil quilômetros de Buenos Aires por via fluvial, levava grande desvantagem nessa disputa.

Ao buscar a redução dos impostos cobrados sobre os produtos exportados, Buxareo procurava aumentar a rentabilidade sobre o capital investido e ter um retorno compensador.

Os impostos cobrados sobre os produtos exportados por Descalvados, notadamente o extrato de carne, estavam fixados em dez por cento. O Presidente de Mato Grosso, Galdino Pimentel, posicionou-se favoravelmente às pretensões de Buxareo, argumentando que Descalvados era uma indústria sem similar na Província, que estava exportando para a Europa onde era conhecida, e que deveria ser protegida. No entanto, a Assembleia Provincial de Mato Grosso manteve a taxação. Dois anos depois Jaime Cibils Buxareo tentou novamente a redução dos impostos cobrados sobre os produtos exportados por Descalvados. O presidente da Província então, coronel Raphael de Mello Rego, também se posicionou favorável ao peticionário com argumentos semelhantes aos de seu antecessor, sugerindo que se não acabasse com o imposto, pelo menos que este fosse reduzido de dez para cinco por cento. No entanto, mais uma vez Buxareo não foi atendido.

O não atendimento das reivindicações de Jaime Cibils Buxareo deve ser entendido como parte das limitações fiscais do Estado brasileiro do período, com o imposto sobre exportação sendo a mais importante fonte de receita das províncias. Não cobrá-lo sobre determinados produtos que tinham importância no volume total exportado pela Província

de Mato Grosso, significava não apenas abrir mão de recursos que poderiam fazer falta para a minguada receita provincial, como também abrir um precedente para que outros ramos do setor exportador fizessem a mesma reivindicação.

Em outra frente de atuação, Jaime Cibils Buxareo vinha tentando obter os títulos de posse das terras de Descalvados. Havia entrado com esse pedido junto ao Governo imperial que, em 1885, pediu informações sobre Descalvados ao Governo provincial. Após consultar a Câmara Municipal de Cáceres, município onde estava localizada Descalvados, o presidente da Província [o então coronel Floriano Peixoto] se posicionou de forma favorável às pretensões de Buxareo.

O Governo imperial, no entanto, engavetou o pedido, deixando Buxareo sem resposta. Essa ausência de resposta pode ter sido proposital, sinalizando uma contemporização do Governo do Império com a situação peculiar de Buxareo. Sendo estrangeiro, ele possuía um impedimento legal para ter acesso a terras públicas na região de fronteira. Caso respondesse negativamente ao pedido feito por Buxareo, entretanto, o Governo central colocaria em questão os investimentos que este havia feito em sua fábrica de Descalvados.

Buxareo fez um novo pedido ao Governo imperial em 1889, quando uma nova informação foi passada ao Governo central. A mudança de regime, com a proclamação da República, fez com que o pedido, dessa feita, fosse analisado por Francisco Glicério, ministro da Agricultura do Governo Provisório, que decidiu indeferi-lo. Apesar de não dizer as razões do indeferimento no ofício em que comunicava sua decisão, Glicério dizia em decisão para caso semelhante que se baseou na Lei de Terras.

Mais importante que as razões do indeferimento, no entanto, é observar a estratégia embutida no requerimento de Buxareo, mostrando que as terras públicas estavam sendo apropriadas em larga escala, em uma região de fronteira, onde o Estado não tinha condições de exercer o seu papel fiscalizador e organizador, até porque essa situação servia em primeiro lugar aos interesses da oligarquia agrária mato-grossense, a principal beneficiária desse processo. Jaime Cibils Buxareo pedia ao Governo central a concessão de títulos de posse somente sobre 435600 hectares de terras, quando a área total de Descalvados ultrapassava a um milhão de hectares, conforme suas anotações e conforme observamos. Buxareo utilizava o mesmo mecanismo usado pela oligarquia agrária mato-grossense, pedindo uma coisa e fazendo outra [...]

Dessa forma Buxareo repetiu o método utilizado pelo Major João Carlos Pereira Leite, fundador da antiga fazenda do Cambará, de requerer a posse de sesmarias de forma salteada, pedindo os títulos das terras altas e se apossando das sesmarias intermediárias, em geral localizadas nas terras baixas do Pantanal, alagáveis durante o verão. Enquanto Jaime Cibils Buxareo procurava aumentar a rentabilidade de seu empreendimento em Descalvados pela via da redução de impostos e tentava legalizar as terras que ocupava, a proclamação da República abria um novo período na política brasileira trazendo consequências para a fronteira Oeste. (CUNHA GARCIA)

Imagem 72 – Descalvados

Imagem 73 – Descalvados

Imagem 74 – Tripulação do Calypso, Cáceres, MT

Imagem 75 – Catedral e Marco do Jauru

Descalvados – Cáceres

E é pela grande Pátria que o General Rondon tem sempre vivido a vida mais cheia, mais forte que já se viveu... É o Bandeirante por excelência, mas um Bandeirante que não é impelido pela ânsia de riqueza, de conquista, de domínio. Não destrói, constrói; não afugenta, atrai... Indiferente às pedrarias que faíscam e fazem faiscar a cobiça nas almas, segue Rondon impavidamente a grande tarefa de levar a civilização às selvas e trazer os silvícolas à civilização. Dá todos os dias ao mundo lições de sociologia prática. É um dos mais altos catedráticos do Universo. Não se limita a ensinar os selvagens, mas também os civilizados.
Das suas lições podem os incultos tirar certos ensinamentos e outros ensinamentos podem tirar os sábios...
(Alexandre Correia Teles de Araújo e Albuquerque)

20.08.2017: Partimos, por volta das 09h10, da Fazenda Descalvados, a toda velocidade, e o motor de 50 Hp da "*Fênix VI*" permitiu-nos abordar a "*Calypso*", que continuara seu curso Rio acima, antes do almoço. A tripulação não conhecia esta região do Rio Paraguai à montante da Foz do Rio Cuiabá e, em virtude disso, a progressão era bastante lenta (de 2,5 a 4,0 nós).

Três vezes encalhamos nos bancos de areia, na terceira vez, um solicito "*habiloc*" (habitante local) veio auxiliar-nos a desencalhar a "*Calypso*" e antes de partir orientou o Comandante Geraldo de Andrade qual a rota a seguir. A sinalização realizada pela Marinha do Brasil não facilitava. O trabalho de balizamento dos 1.905 km do Rio Paraguai de Cáceres a Porto Murtinho realizado pela Marinha do Brasil, consta da fiscalização das mais de 300 balizas periodicamente, mas todo este trabalho é comprometido seriamente pela intensa dinâmica do escoamento fluvial e o transporte de sedimentos.

Por volta das 16h00, uma Embarcação Tática de Grupo – a "*Jauru*" (Guardian 25), do 2° Batalhão de Fronteira (2° B Fron), atracou a contrabordo da "*Calypso*". As Guardian 25 estão sendo empregadas na fiscalização das fronteiras e operações ribeirinhas. Dotadas de dois potentes motores Mercury Optimax de 200 Hp, podem atingir até 80 km/h, e graças a um tanque central de combustível de 602 litros, tem uma autonomia de dez horas de navegação. A Guardian é artilhada na proa com uma metralhadora .50; na popa, um lança granadas de 40 mm e a Boreste e Bombordo duas metralhadoras MAG 7,62 mm e tem capacidade de transportar 12 militares armados e equipados. O Subtenente Valdecir Freitas de Oliveira, adjunto de Comando ([161]) do 2° B Fron, tinha como missão nos conduzir, à bordo da Guardian, até a posição original do Marco do Jauru. Retornamos à Calypso para o jantar para o qual foi convidada a tripulação da "*Jauru*". O Subtenente Valdecir retornou à cidade deixando conosco um prático para pilotar a "*Calypso*" com mais tranquilidade, à noite, até Cáceres onde aportamos de madrugada.

Marco do Jauru

O Marco do Jauru foi erguido com a finalidade de demarcar a Fronteira Territorial, estabelecida pelo Tratado de Madri, entre os domínios espanhóis e portugueses na América do Sul. Atualmente o Marco encontra-se na Praça Barão do Rio Branco em frente à Catedral de São Luís, em Cáceres.

---

[161] A criação do cargo de Adjunto de Comando [Adj Cmdo] tem como um dos objetivos distinguir o subtenente ou o primeiro-sargento que apresente destacada liderança, reconhecida competência profissional e ilibada conduta pessoal. A ideia foi concebida com a finalidade de valorizar a carreira do graduado. (www.eb.mil.br)

Relatos Pretéritos: Marco do Jauru

05.01.1914

Pereira da Cunha

Passamos a Foz do Rio Jauru, antiga divisa do domínio espanhol, perto daí existia um marco de mármore e cantaria, felizmente ainda hoje conservado, pois que ornamenta a Praça Principal de São Luiz de Cáceres. Nesse mesmo Rio Jauru avistamos sobre a barranca da margem direita e junto à Foz, um barracão de zinco, antigo depósito de cargas destinadas ao Rio Guaporé, e de borracha vinda desse mesmo Rio. Esse entreposto sofreu as consequências da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, visto como o escoamento da borracha e o aprovisionamento dos seringais do Guaporé são hoje feitos com o aproveitamento de tal estrada. [...]

A Cáceres antiga ainda nos oferece à vista a imponente ruína da grande igreja, e, na Praça Principal, o artístico e histórico marco ([162]), a que já fiz referência, todo de mármore, assente em base de alvenaria, encimado pela cruz de Malta, e apresentando, nas quatro faces, inscrições que transcrevo, sem a menor alteração, por ter achado o assunto deveras interessante: Face Oeste [Sob as armas de Espanha, a seguinte inscrição, em letras maiúsculas de imprensa] – Sub Ferdinando VI. Hispanie Rege Catholico; Face Este [Sob as armas Portuguesas, a seguinte inscrição] - Sub Joanne V Lusitanorum Rege Fidelíssimo; Face Norte — Ex Pactis Finium regun-

[162] No dia 02.02.1883, o então Tenente-Coronel Antônio Maria Coelho, transportou o Marco para o Largo da Matriz (hoje Praça Barão do Rio Branco), em frente à Catedral de São Luís, em Cáceres. Em maio 2009, uma equipe multidisciplinar, liderada pelo Historiador e Sargento do Exército Sandro Miguel da Silva Paula, foi determinada a localização do sítio original do Marco, situado a 544 m da Foz do Jauru.

dorum Convenctis Madritz Idibus Januarii MDCCL; Face Sul – Justitia et Pax Osculatae Suns. E fica-se pasmo ao pensar no esforço, na soma colossal de energia e de trabalho destinados ao transporte daquelas, talvez, 15 toneladas, em época tão remota, com tão deficientes meios de transportes, através de tão rudes, longos e penosos caminhos, pois que, pela era ([163]) nele inserida, deveria esse marco ter vindo pelo Amazonas e, depois talvez e provavelmente, pelo Madeira, Guaporé, e Jauru, a menos que tivesse subido o Tapajós e o Arinos, atravessado por terra as muitas léguas que separam este Rio das cabeceiras do Paraguai, e por ele descido até o Jauru. Mas, seja como for, e ainda mesmo que tivesse subido ao Jauru pelo Prata, Paraná e Paraguai, é mister render homenagem à máscula energia dos nossos avoengos, infatigáveis lutadores, cuja fibra, igualando em rijeza ao caráter, era capaz até de construir o célebre Forte Príncipe da Beira! (CUNHA)

21.08.2017

Esse encontro foi importante porque permitiu compreender os sentidos da revitalização, um século após a passagem da Expedição Roosevelt-Rondon, dos trajetos percorridos por eles e suas relações [tanto ontem, quanto hoje], com as populações indígenas amazônicas
(Professoras Socorro Araújo e Olga Castrillon)

De manhã visitamos o Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres/IHGC, a Secretaria Municipal de Indústria, Comércio e Turismo (SICMATUR), prédio que abrigou a residência do patologista norte-americano Alexander Daveron e o Museu Municipal de Cáceres.

---

[163] Era: data.

Foram doze anos no exercício do magistério, nos quais sempre atendeu a seus alunos a qualquer tempo, fosse através da internet ou pessoalmente, no contraturno, nos finais de semana e nos feriados. Graças a essa disponibilidade, atenção e carinho, partiu, dos próprios discentes, a solicitação de aulas às vésperas das provas e, segundo as palavras do Coronel HIRAM, "pedido de aluno sempre foi e será uma ordem". E assim ele cumpriu essa rotina durante doze anos, que, de acordo com a manifestação e o sentimento do insigne Mestre, foram: de muito sucesso e grande recompensa pessoal, para mim não era sacrifício, mas um gratificante dever.
(Genessi Sá Junior – Cel Cmt do CMPA)

Os expedicionários deslocaram-se para o 2° B Fron para o almoço e no Corpo da Guarda nosso ônibus foi parado para que eu, como oficial mais antigo, recebesse as apresentações de praxe, dispensei as mesmas e nos dirigimos para o rancho. No refeitório dos Oficiais, o Oficial de dia veio até mim, demonstrando profunda tristeza, e disse que tinha se preparado especialmente para aquela apresentação, no princípio não entendi o porquê de tamanha deferência do jovem Aspirante para com a minha pessoa até que olhei para o nome gravado no seu biriba – SASSO. O Aspirante da Arma de Infantaria Nícolas Sasso de Vargas foi meu aluno no Colégio Militar de Porto Alegre e, onde, graças ao GADU, tenho mantido um laço de amizade muito profundo com meus ex-alunos e seus familiares.

À tarde fomos até o Núcleo de Documentação de História Escrita e Oral (NUDHEO) da UNEMAT onde repassamos uma série de documentos digitalizados sobre a Expedição Centenária Roosevelt-Rondon.

À noite participamos de um jantar, no Círculo Militar de Cáceres, que contou com a presença do Excelentíssimo Sr Gen Bda Fernando Dias Herzer, Comandante da 13ª Bda Inf Mtz e comitiva, integrantes do 2º Batalhão de Fronteira e professores da Universidade do Estado de Mato Grosso.

22.08.2017

Por volta das 08h30, adentrávamos novamente no aquartelamento do 2° B F Fron com a finalidade de realizar mais uma palestra, desta feita no auditório do Batalhão para seus Quadros. Novamente nosso ônibus foi parado no Corpo da guarda e lá estava o Asp Sasso me aguardando. Não podia, nem queria me furtar à apresentação do querido amigo e foi com viva emoção e lágrimas nos olhos que cumpri aquela rotina que deveria ser apenas uma formalidade regulamentar. Foi sem dúvida o momento mais emocionante de toda Expedição. Obrigado Sasso.

Relatos Pretéritos

04.01.1914

Pereira da Cunha

Antes das 18h00, deixamos "*Descalvados*" e, como de costume, pouco depois das 21h00 fui deitar-me. Há um grupo que faz dormitório, em um espaço livre, que fica em cima, na tolda do navio, avante, entre os primeiros camarotes e a roda do leme. Durante o dia é aí que sempre estamos todos, mas, à noite, uns de um bordo e outros de outro, vão armando as suas camas ou redes, sempre cedo e sempre na mesma ordem: a Boreste, e mais para a proa, dorme, em cama, Padre Zham; logo depois,

também em cama, durmo eu, e, mais para ré e mais próximo da antepara dos camarotes, em rede, dorme Kermit, mas, ao longo de toda a antepara desses camarotes, voltado para a proa, existe um banco, e sobre ele há pilhas de pesadas malas, cuja firmeza não é grande, pois que assentam em muito estreita base.

Desde Descalvados, o Rio, alargando muito, fazendo inúmeras ilhas, torna-se extremamente baixo, cheio de bancos movediços e canais caprichosamente inconstantes; as suas margens são agora sempre orladas de vegetação alta, as montanhas aparecem e sucedem-se, e os pantanais desapareceram.

Navegávamos nessa zona de bancos e baixios, e o sono já a todos tinha ganho, quando, pelas 22h30, estando o navio a toda força, sente-se um violento choque e somos atirados para vante, infelizmente, porém, não éramos somente nós, seres vivos, que estávamos animados de movimento relativo; a velocidade restante – restava – também para as malas que estavam empilhadas sobre o banco e, ao forte choque, degringolam ([164]) elas e desabam sobre Kermit e sobre mim, a rede, afastando-se ao embate de uma das malas, salvou Kermit e, graças ainda a um dos punhos dessa rede, a mala que vinha em cheio sobre mim raspa-me apenas a cabeça e cai pesadamente sobre o meu travesseiro, vergando os pés da cama de ferro.

O choque fora devido a ter o navio batido em um banco de talude a pique, de sorte que, não encalhando, logo seguimos viagem, parando esta mesma noite em Barranco Vermelho, onde demoramos duas horas recebendo lenha. (PEREIRA DA CUNHA)

---

[164] Degringolam: rolaram.

EXPEDIÇÃO CENTENÁRIA ROOSEVELT-RONDON

Publicação: Qua, 30 Ago 2017 09:41:00 -0300

Cárcers (MT) – No período de 20 a 22 de agosto, o 2° Batalhão de Fronteira recebeu e apoiou a Expedição Centenária Roosevelt-Rondon, que tem como finalidade comemorar o centenário da expedição original em que o então Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon acompanhado pelo ex-presidente dos EUA Theodore Roosevelt, adentraram os sertões do Brasil de forma pioneira, coletando espécimes da nossa fauna e flora, abrindo caminhos, lançando linhas telegráficas e projetando nosso país no cenário internacional.

Jornal CORREIO CACERENSE

Pagina inicial | Utimas notícias | Expediente | High Society | Galeria

Comitiva centenária Rondon visitou instituições de Cáceres

Assessoria

Os associados do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres/IHGC e professores dos Cursos de História e Letras da UNEMAT/Cáceres receberam, na última segunda feira, 21, a visita da comitiva de militares, professores e exploradores brasileiros e norte-americanos que percorrem a terceira fase da Expedição Centenária Roosevelt-Rondon.

JORNAL Bastid

FIQUE POR DENTRO DO QUE ROLA EM TANGARÁ E REGIÃO

quinta-feira, 24 de agosto de 2017

Grupo que refaz a rota da expedição Roosevelt -Rondon passa por Cáceres

O Núcleo de Documentação de História Escrita e Oral (Nudheo) da Unemat em Cáceres recebeu nesta segunda-feira (21) uma série de documentos digitalizados sobre a expedição centenária de Roosevelt – Rondon. Os documentos foram entregues pelos militares, professores e exploradores que nesta semana passaram por Cáceres, refazendo a terceira fase da expedição.

A professora do curso de História, Socorro Araújo, salientou que os documentos compartilhados serão muito úteis como fonte de pesquisa de estudantes e pesquisadores e estarão disponíveis para consulta no Nudheo.

Durante as atividades ocorrida no 2° Batalhão de Fronteira, o comandante da unidade, coronel Ricardo Kleber Lopes Coelho, conferiu a Medalha do Sesquincentenário do conflito da Tríplice Aliança a Universidade do Estado de Mato Grosso e ao Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres.

Imagem 76 – 2° B Fron, Visita ao IHGC e Nudheo

Cáceres, Sábado, 18 de Novembro de 2017

Jornal Oeste
Seu portal de notícias do Oeste de Mato Grosso

Notícias / Educação

24/08/2017 - 08:53 | Atualizado em 24/08/2017 - 08:55

Grupo que refaz a rota da Rondon passa por Cáceres

Por Lygia Lima – Assessoria Unemat

Assessoria

O Núcleo de Documentação de História Escrita e Oral (Nudheo) da Unemat em Cáceres recebeu nesta segunda-feira (21) uma série de documentos digitalizados sobre a expedição centenária de Roosevelt – Rondon. Os documentos foram entregues pelos militares, professores e exploradores que nesta semana passaram por Cáceres, refazendo a terceira fase da expedição.

A professora do curso de História, Socorro Araújo, salientou que os documentos compartilhados serão muito úteis como fonte de pesquisa de estudantes e pesquisadores e estarão disponíveis para consulta no Nudheo.

Durante as atividades ocorrida no 2º Batalhão de Fronteira, o comandante da unidade, coronel Ricardo Kleber Lopes Coelho, conferiu a Medalha do Sesquincentenário do conflito da Tríplice Aliança a Universidade do Estado de Mato Grosso e ao Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres.

Participam da comitiva o professor da Universidade da Califórnia, M pertencentes ao Clube de exploradores de Nova York, Timothy Ra Radke , os militares: cel. Hiram Reis e Silva, do Comando Militar caiaque, 12 mil km de rios da Amazônia, cel. Ivan Carlos GindriAr Porto Alegre, cel. Francisco José Mineiro Junior, do Centro de Est Militar do Exército e membro efetivo do Instituto Histórico e Ge Sul/IHGMS e sub-tenente Valdecir Freitas de Oliveira, adjunto de Fronteira (BFron).

UNEMAT 40
Universidade do Estado de Mato Grosso

A Unemat ▾ Pró-reitorias ▾ Áreas ▾ Graduação ▾ Pós-Graduação ▾ Câmpus ▾ Serviços ▾ Vestibular Concurso

PESQUISA

Nudheo recebe documentação de militares que refazem a rota da expedição Roosevelt -Rondon

22/08/2017 16:30:23
por Lygia Lima

O Núcleo de Documentação de História Escrita e Oral (Nudheo) da Unemat em Cáceres recebeu nesta segunda-feira (21) uma série de documentos digitalizados sobre a expedição centenária de Roosevelt - Rondon. Os documentos foram entregues pelos militares, professores e exploradores que nesta semana passaram por Cáceres, refazendo a terceira fase da expedição.

Imagem 77 – Jornal Oeste e Unemat

05.01.1914

Rondon

Prosseguindo a viagem, chegamos, na tarde do dia **5**, à cidade de S. Luiz de Cáceres, cuja população, bem como a oficialidade do 5° Batalhão de Engenharia, prestou as costumadas homenagens ao nosso hospede. (RONDON)

Pereira da Cunha

Às 04h00, novo encalhe vem surpreender-nos, desta vez, porém, sem choque violento, mas, por esse mesmo motivo, tendo o navio entrado muito pelo suave declive do banco, só após duas horas de rude e constante trabalho foi possível safá-lo e continuar a viagem para Cáceres, em pleno dia **5**. [...]

Às 17h00 desse dia **5**, chegamos a Cáceres, velhíssima marginante do extenso Paraguai e escala forçada da outrora Capital da Província, a velha e abandonada cidade de Mato Grosso. Ao longo de todo o alto barranco em que repousa a velha cidade apinhava-se quase toda a sua população. As girandolas ([165]) de foguetes, indispensáveis e clássicos nos acontecimentos do nosso interior, subiam anunciando a nossa chegada, e o "*Nyoac*", atracando à ladeira de barro que, à guisa de cais e escadaria, dá acesso ao barranco, aí encontrou a oficialidade da guarnição de Cáceres e representantes da Câmara, que vieram trazer as boas-vindas a Roosevelt, não tendo sido esquecida a banda de música, companheira inseparável dos foguetes.

---

[165] Girândolas: roda ou travessão onde são postos foguetes para serem queimados ao mesmo tempo.

Desembarcamos e seguimos através de algumas ruas da vetusta S. Luiz, e, apesar da falta de calçamento e estreiteza das mesmas, da casaria baixa e do pequeno movimento da cidade, logo nos sentimos presos pelo "*nacionalismo*" que aí se respirava, pelo cunho característico de cidade brasileira do interior, pela lhaneza ([166]) de sua boa gente. Uma das coisas interessantes que me despertaram a atenção na cidade a que acabávamos de aportar, foram as venezianas, são feitas de sarrafos de madeira, estreitos e cruzados em diagonal, formando pequenos paralelogramos, e quis eu ver nessa insignificância uma reminiscência espanhola, oriunda, por sua vez, da influência mourisca do "*moucharabieh*" ([167]). Quem, pelas estreitas vielas, foi ao cais de Bulah, aos mercados, ou enfim, já viu o velho Cairo, não pode deixar de ser tomado por esse sentimento de aproximação entre o artístico "*moucharabieh*" e as interessantes venezianas da nossa longínqua cidade patrícia, mas, não são apenas as originais persianas que despertam a nossa atenção. [...]

Acompanhamos Roosevelt até a casa do Tenente Lyra, um dos membros da Expedição que aí a aguardava, e dispersamo-nos pela cidade, uns percorrendo suas ruas, outros comprando mais uma ou outra coisa que lhes faltava para a investida do Sertão, pois estavam no último mercado onde seria possível prover-nos, e essa praça ultrapassou de muito a nossa expectativa, pelos grandes recursos comerciais de que dispõe, apesar do extremo afastamento dos centros comerciais e chamados civilizados.

---

[166] Lhaneza: singeleza.

[167] Moucharabieh: gelosia geralmente de madeira que cobre toda a extensão de uma janela, protegendo o interior do aposento da luz e permitindo que se observe o exterior sem ser visto.

Roosevelt, na célebre caçada de 1° de janeiro, tendo sido diversas vezes obrigado a nadar, teve, em consequência, parado o seu relógio, velho companheiro da guerra de Cuba que ele muito estimava, e, como não houvesse tempo para fazer funcionar de novo tal relógio, estava eu, depois de ter feito alguns passeios, em uma casa de negócio, com Kermit, onde este escolhia um relógio novo para seu ilustre pai, quando recebi um chamado urgente do Coronel Rondon.

Rápido em atendê-lo, fui à casa em que se hospedara Roosevelt, e aí encontrando o nosso Coronel, dele recebi uma missão diplomática originada por uma interpretação errônea de um seu telegrama, que o deixava um tanto tolhido ([168]) junto de Roosevelt. Para satisfazer o justo desejo do nosso hóspede, que, como já dissemos, não estava preparado para solenidades e pompas, Rondon telegrafou para Cáceres pedindo que o não constrangessem com recepções e banquetes, para o que ele não estava preparado, e, tendo sido tal recomendação atendida demasiado ao pé da letra, soube Rondon, já bastante tarde, que não havia jantar algum para Roosevelt... nem para nós.

Foi nessas circunstâncias que me chamou o nosso chefe, para que eu manobrasse de modo tal que houvesse jantar para todos a bordo do nosso salvador "*Nyoac*", e para que Roosevelt fosse prevenido com bastante diplomacia, afim de evitar qualquer mau efeito. "*Le rusé Commandant*" saiu-se perfeitamente da sua missão, mas, à sobremesa do nosso mágico jantar, tomando a taça de champanhe e um ar de grande seriedade, ofereci, nos termos vulgares usados nessas ocasiões, aquele jantar a Roosevelt, em nome do Intendente de Cáceres...

---

[168] Tolhido: embaraçado.

No meio das risadas que despertou o inesperado oferecimento, cuja malícia sou forçado a confessar, o nosso distinto hóspede, tomando esse mesmo ar de solenidade oficial, entrou a responder-me com a chapa do costume, chapa tão batida que Kermit auxiliava a sua emissão intercalando frases já suas velhas conhecidas.

Tiveram assim pleno sucesso o jantar e as pilhérias, e, como estivéssemos em tão boa disposição de ânimo, Roosevelt, que tem o grande mérito da franqueza e não esconde as suas "*gaffes*", contou-nos o que lhe sucedera, naquela tarde, relativamente ao disparate de uma sua observação.

A banda de música, que havia figurado na nossa recepção, tinha-nos acompanhado e, por algum tempo, tocado em frente à casa de Roosevelt, o mestre de tal banda de música, regendo-a e tocando com desembaraço, era um homem de estatura regular, sólidos músculos, tez fortemente bronzeada, pouco bigode, nenhuma barba, olhos negros e cabelos também negros, escorridos, bem lisos e luzidios.

Ora, se bem descrevi o tipo do mestre da banda, todos viram nele um nosso bugre ou um mestiço com forte dose de sangue de índio, e Roosevelt, grande observador, logo notando esse fato, começou a refletir sobre a tão perfeita adaptação, se o homem era bugre, ou sobre a nenhuma influência da sua origem, se fosse mestiço.

Justamente curioso com aquele caso observado em larga escala no tão distinto Coronel Rondon, Roosevelt chamou o mestre da banda e, interrogando-o por meio de um intérprete, soube que aquele homem de tez brônzea, olhos negros e cabelos escorridos, era pura e simplesmente italiano. (PEREIRA DA CUNHA)

06.01.1914

Pereira da Cunha

No dia seguinte, passeando durante a manhã pelas tranquilas ruas de Cáceres, deparei com um edifício em construção, de grandes proporções e magnífica aparência, e, indagando qual seria o destino, soube, com vivo prazer e não sem algum espanto, que era destinado a uma grande escola pública, que estava sendo edificada sob os moldes paulistas, e que uma missão de professores, também paulistas contratada pelo Estado, estava espalhada por algumas das principais cidades, tendo sido Cáceres contemplada nesse número. Fui bastante feliz por ter ensejo de travar conhecimento com o jovem educador que aí se achava e, com ele visitando as antigas escolas, tive conhecimento do progresso obtido aí e em outras cidades de Mato Grosso. Roosevelt que, como homem inteligente e experimentado estadista, liga uma grande importância ao magno problema da instrução, teve palavras muito elogiosas para com o professor, a quem apresentei e, à página 127 ([169]) do seu interessante livro, cita com elogio o fato que ali fica exposto e que tanto me satisfez. (CUNHA)

[169] Página 127: Mas ali mesmo em Cáceres o espírito do novo Brasil já ia penetrando; fora construído um belo edifício público para grupo escolar. Fomos apresentados ao diretor, um homem esforçado que realiza excelente obra, um dos muitos professores trazidos nos últimos anos para Mato Grosso, de São Paulo, centro do novo movimento educacional que muitíssimo fará em benefício do Brasil. ROOSEVELT

Bibliografia

AB'SABER, Aziz Nacib. **O Pantanal Mato-Grossense e a Teoria dos Refúgios** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Brasileira de Geografia – IBGE, n° 50, 1988.

AZARA, Félix de. **Descripción e Historia del Paraguay y del Río de la Plata** – Espanha – Madri – Imp. de Sanchiz, 1847.

BAKER, Samuel White. **La Vuelta al Mundo** – Espanha – Madri – Imprenta y Libreria de Gaspar y Roig, 1867.

BANDEIRA DE MELLO, Raul Correia. **A Fortaleza de Coimbra** - Breve Estudo Histórico e Geográfico – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro – Tomo XL, 1° Semestre, 1935.

BOLETIM GEOGRÁFICO N° 187. **A Obra de Rondon (Ivan Lins)** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Boletim Geográfico Volume XXIV, n° 187, Julho-agosto de 1965.

BOSSI, Bartolomé. **Viage pintoresco por los rios Parana, Paraguay, San Lorenzo, Cuyaba y el Arino...** – França – Paris – Dupray de la Mahérie, 1863.

CASTELNAU, Francis de. **Expedição às Regiões Centrais da América do Sul** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1949.

COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. **Ensaio de Antropologia: Região e Raças Selvagens** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, Tomo 36, 2ª Parte, 1873.

CUNHA GARCIA, Domingos Sávio Da**. Território e Negócios na "Era dos Impérios": Os Belgas na Fronteira Oeste do Brasil – Descalvados: uma Fábrica na Fronteira Oeste** – Brasil – Brasília, DF – Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

CUNHA, Comandante Heitor Xavier Pereira da. **Viagens e Caçadas em Mato Grosso: Três Semanas em Companhia de Th. Roosevelt** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Livraria Francisco Alves, 1922.

DE MAGALHÃES, José Vieira Couto. **Região e Raças Selvagens do Brasil** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia de Pinheiro e Cia, 1874.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, N° 2.105. **A Pedido** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diário de Notícias, n° 2.105, 09.04.1891

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Descrição da Gruta do Inferno, no morro da Nova Coimbra sobre o Paraguai** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – Tomo IV, 1842.

FILHO, Virgílio Alves Correia. **Ricardo Franco de Almeida Serra** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil – Volume 243 – Departamento de Imprensa Nacional, abril-junho 1959.

FON FON, N° 594. **Roosevelt** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Fon Fon, n° 594, 31.01.1914.

FON FON, N° 608. **Roosevelt** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Fon Fon, n° 608, 09.05.1914.

FON FON, N° 609. **Roosevelt** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Fon Fon, n° 609, 16.05.1914.

FONSECA, João Severiano da. **Viagem ao redor do Brasil 1875-1878 (Tomo I)** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia de Pinheiro & C., 1880-1881.

GAONA, María Teresa. **El patrimonio intangible y otros aspectos relativos a los itinerarios culturales: congreso internacional del Comité Internacional de Itinerarios Culturales [CIIC] de ICOMOSEl – Fuerte de Borbón (páginas – 429 a 438)** – Espanha – Madri – Gobierno de Navarra, Institución Príncipe de Viana, 2002.

GARCIA. Ramão – **Raízes Despertando** – Brasil – Porto Alegre, RS – Editora Age,

GRAY, Alfred Louis Hubert Ghislain Marbais du. **La República Del Paraguay** – França – Paris – Imprenta de José Jacquin, 1862.

GUIMARÃES, Acyr Vaz. **Mato Grosso do Sul, sua Evolução Histórica** – Brasil – Campo Grande, MS – Editora UCDB, 1999.

MAGALHÃES, Amílcar A. Botelho de. **Anexo n° 5 – Relatório Apresentado ao Sr. Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon – Chefe da Comissão Brasileira** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Papelaria Macedo, 1916.

MAGALHÃES, Amílcar A. Botelho de. **Impressões da Comissão Rondon** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1942.

MELLO, Raul Silveira de. **História do Forte de Coimbra** – Brasil – Campo Grande, MS – IHGMS, 2014.

MELLO, Raul Silveira de. **Um Homem do Dever - Cel Ricardo Franco de Almeida Serra** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Biblioteca do Exército (Bibliex), 1964.

MOURA, Carlos Francisco. **O Forte de Coimbra** – Brasil – Cuiabá, MT – Edições UEMT, 1975.

O JORNAL, n° 8.405. **A Maior Ponte do Continente** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Jornal n° 8.405, 23.09.1947.

O PAIZ, n° 10.594. **A Vinda do Sr. Roosevelt** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Paiz, n° 12.594, 09.12.1913.

O PAIZ, n° 10.602. **Roosevelt - A Sua Próxima Chegada a Esta Capital** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Paiz, n° 10.602, 17.10.1913.

O PAIZ, n° 10.604. **Roosevelt - A Sua Visita ao Brasil** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Paiz, n° 10.604, 19.10.1913.

O PAIZ, n° 10.605. **Roosevelt - A Sua Chegada Hoje ao Rio de Janeiro - Welcome Sir Theodore Roosevelt** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Paiz, n° 10.605, 20.10.1913.

O PAIZ, n° 10.606. **Salve Theodore Roosevelt** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Paiz, n° 10.606, 21.10.1913.

O PAIZ, n° 10.613. Roosevelt - **A Sua Chegada Hoje ao Rio de Janeiro - Welcome Sir Thedor Roosevelt** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Paiz, n° 10.613, 28.10.1913.

O PAIZ, n° 10.662. **Roosevelt** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Paiz, n° 12.662, 16.12.1913.

OLIDEN, Don José León. **Descripción de la Nueva Provincia de Otuquis en Bolivia** – Argentina – Buenos Aires – Imprenta Argentina, 1843.

PINHEIRO FERREIRA, Aluízio. **Estrada de Ferro Madeira-Mamoré** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Observador Econômico, n° 91, 27.08.1943.

RIHGB XLVII – II, 1884. **Apontamentos Para o Dicionário Corográfico da Província de Mato Grosso pelo Barão de Melgaço** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – RIHGB, Tomo XLVII, Parte II, 1884.

RIHGB – XLVIII – II, 1885. **Fortificações no Brasil –, Augusto Fausto de Sousa** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – RIHGB, Tomo XLVIII, Parte II, 1885.

RIHGB – XX, 1857. **Diligência do Reconhecimento do Paraguai desde o lugar do Marco da Boca do Jauru até Abaixo do Presídio de Nova Coimbra...** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Volume XX, 1857.

RONDON, Cândido Mariano da Silva**. Conferências Realizadas nos dias 5, 7 e 9 de Outubro de 1915 pelo Sr. Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon no Teatro Phenix do Rio de Janeiro Sobre os Trabalhos da Expedição Roosevelt-Rondon e da Comissão Telegráfica** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Tipografia do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C., 1916.

ROOSEVELT, Theodore. **Através do Sertão do Brasil** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Companhia Editora Nacional, 1944.

SENADO FEDERAL – V. 8. **Missão Rondon: apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas sob a direção do Coronel de Engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon, de 1907 a 1915** – Brasil – Brasília, DF – Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

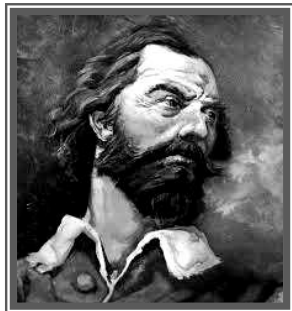
SEMANÁRIO, 17.12.1850. Paraguai Assunção, 1850.

SIQUEIRA, Joaquim da Costa. **Compêndio Histórico Cronológico das Notícias de Cuiabá, Repartição da Capitania de Mato Grosso desde o Princípio do ano de 1778 até o fim do Ano de 1817** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil – Tomo XIII – 1° Trimestre de 1850 – Tipografia de João Ignácio da Silva, 1872.

SOUTHEY, Robert. **História do Brasil – 1750 a 1808** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Livraria Garnier – Volume VI, 1862.

VIVEIROS, Esther de. **Rondon Conta sua Vida** – Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Livraria São José, 1958.

EXPEDIÇÃO
RONDON
ROOSEVELT
1914 - 2014
100 ANOS
RONDÔNIA

Brasileidas II
(Carlos Alberto Nunes)

[...] Muito peregrinou Raposo invicto,
Por todo o Tapuirama, correntezas
Em seu curso transpondo inumeráveis.

Longe os fortes paulistas arrebata,
Léguas grandes à Pátria incorporando.

Na direção do ocaso os lindes pátrios
Afastou, sempre à frente de seus homens,
Desde a Serra do Mar, desde a corrente
Sagrada do Anhembi, por toda a costa
Que o grande abalador bramando açoita.

Já dos Andes retorna; já, nas águas
Do grande mar de dentro, as Amazonas
Belicosas procura, que tão grande
Terror sabiam despertar em todas
As tribos aguerridas do Mar Doce.

Loucas! Pois intentaram revoltar-se
Contra o poder dos Andes, como os nobres
Titãs, vindo por isso a ser entregues
Aos deuses catatônicos. Mas a glória
Das Amazonas não baixou nas águas
Que lhes tragou o império; em fascinantes
Visões revive agora, inseparável
Da do maior dos sertanistas pátrios,
E eternizada neste canto que há de
Ser ouvido por todo o Pindorama. [...]

Dali, Paixão passou a servir no Acampamento Geral da Construção onde, foi promovido a graduação de Sargento, graças aos seus relevantes serviços. Concluindo seu tempo de serviço nas fileiras do Exército, reengajou no 5° Batalhão de Engenharia, continuando a contribuir com sua invulgar capacidade de trabalho e liderança à Comissão de Linhas Telegráficas e, mais tarde, à Expedição Científica Roosevelt-Rondon. O Sargento Paixão sempre demonstrou aos seus superiores, pares e subordinados uma inexcedível boa vontade no desempenho de suas funções e, como disse Rondon: "*servindo de exemplo aos seus camaradas, pelo espírito de disciplina que imprimia a todos os seus atos, e sobretudo pela moralidade de sua vida de Soldado e de Homem*".

O Sargento Paixão foi covardemente assassinado por um dos camaradas que vinha furtando, sistematicamente, os escassos víveres destinados a suprir a todos os membros da Expedição.

Coronel Hiram Reis e Silva
(Pesquisador Militar)